



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**PAULA VIRGÍNIA PINHEIRO BATISTA**

**ARQUIVO DE SI E DO CEARÁ: A COLEÇÃO E A ESCRITA DE GUILHERME  
STUDART (1892-1938)**

**FORTALEZA**

**2014**

PAULA VIRGÍNIA PINHEIRO BATISTA

ARQUIVO DE SI E DO CEARÁ: A COLEÇÃO E A ESCRITA DE GUILHERME  
STUDART (1892-1938)

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará (UFC), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- B337a Batista, Paula Virgínia Pinheiro.  
Arquivo de si e do Ceará : a coleção e a escrita de Guilherme Studart (1892-1938) / Paula Virgínia Pinheiro Batista. – 2014.  
253 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2014.  
Área de Concentração: História social.  
Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.
- 1.Studart,Guilherme Studart,Barão de,1856-1938 – Autoria. 2.Studart,Guilherme Studart,Barão de,1856-1938 – Arquivos. 3.Studart,Guilherme Studart,Barão de,1856-1938 – Livros e leitura.  
4.Bibliofilia. I. Título.

---

CDD 981.310074

PAULA VIRGÍNIA PINHEIRO BATISTA

ARQUIVO DE SI E DO CEARÁ: A COLEÇÃO E A ESCRITA DE GUILHERME  
STUDART (1892-1938)

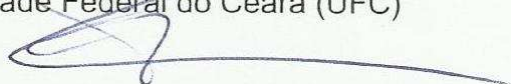
Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará (UFC), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada em: 11 / 08 / 2014.

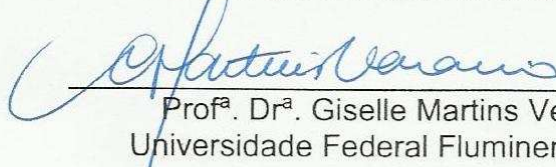
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



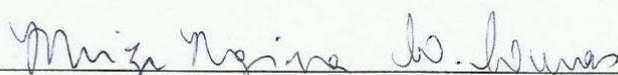
Prof. Dr. Paulo Knauss  
Universidade Federal Fluminense (UFF)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Giselle Martins Venâncio  
Universidade Federal Fluminense (UFF)



Prof. Dr. Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Meize Regina de Lucena Lucas  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## DEDICATÓRIA

*A Ricardo, meu esposo, que me estimulou a executar esse trabalho todos os dias desses quarenta e oito meses.*

## AGRADECIMENTOS

Este espaço se destina ao reconhecimento daqueles que acompanharam e contribuíram para a execução desse trabalho. Sou grata aos muitos leitores, ou não, da tese, que me apoiaram na tentativa de conhecer e compreender o processo de construção de um intelectual como Guilherme Studart. Agradeço a todos e a todas.

Agradeço ao Instituto do Ceará, seus sócios e funcionários, que viabilizaram a pesquisa ao permitirem o acesso ao “Arquivo Barão de Studart”, disponibilizando-o em formato digital.

Aos professores Giselle Venâncio e Gisafran Jucá, incentivadores deste trabalho e idealizadores do projeto de organização do “Arquivo Barão de Studart” (2006), sem o qual esta pesquisa não teria sido realizada. Meu eterno reconhecimento pela dedicação à profissão de historiador.

Ao meu orientador Régis Lopes, pela inspiração na busca pelo conhecimento com serenidade. Muito obrigada! Os grandes mestres não indicam o caminho de Damasco, levam os discípulos ao seu encontro. Encontrei minha Damasco nas nossas conversas.

À turma “pulo do gato”: Ana Paula, Allyson, André, Darlan, Jaison, Joelma, Raimundo, Wagner e Tyrone, pelos interessantes debates travados dentro e fora da sala de aula.

Aos membros da banca de qualificação, professores Meize Lucas, Giselle Venâncio e Antônio Luiz, pela aula maravilhosa e o encontro frutífero que renderam muitas páginas deste trabalho. Agradeço a leitura crítica e as excelentes dicas.

À professora Kênia Rios, por inspirar voos cada vez mais altos.

Agradeço à Ana Karine Garcia, que generosamente cedeu fontes preciosas de seu trabalho para compor essa tese.

À Ana Carla Sabino, pela leitura atinada de partes deste trabalho e pelos estímulos constantes à realização do mesmo, com empréstimos de livros, revistas, fontes etc.

À Ana Karolina, pela pesquisa realizada na Sociedade de São Vicente de

Paulo, instituição que guarda parte da biblioteca do Barão de Studart, mas, que devido ao estado de conservação, impediram-me de consultar o material pessoalmente.

À Ana Amélia, Aline e César, amigos e interlocutores constantes desse trabalho. Agradeço a amizade conquistada e os inúmeros “encontros digestivos”.

À Ana Sara e Ana Isabel, por tornarem a vida acadêmica mais colorida.

Ao Humberto, pelo constante diálogo e a amizade extremosa.

Ao Renato Carlos, pelas preciosas fontes garimpadas no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro, uma prova de que a vida acadêmica pode ser vivida com gentileza.

À minha mãe Francisca, pelo amor e apoio incondicional.

Ao Ricardo, Alan e Lívia, por me fazerem feliz em “horinhas de descuido”.

À minha “pequena-grande” família, por me lembrar que a vida não é feita só de papéis e livros, mas de afagos, afetos e muito barulho.

Sou grata à FUNCAP, que me concedeu uma bolsa de pesquisa durante a execução deste trabalho, possibilitando dedicação exclusiva a ele, embora também tenha proporcionado “golpes” de desassossego com suas notas de esclarecimentos, cortes de orçamentos e atrasos de pagamentos.

### **Por guardar-se o que quer guardar**

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro  
Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

*Antônio Cícero*



## RESUMO

Guilherme Studart, que construiu sua representação como intelectual e erudito, escreveu obras de referência para a História do Ceará, sendo, em parte, reconhecido por seus pares devido à formação da “Coleção Studart”. Dessa forma, sua trajetória está atrelada à constituição do seu acervo. O objetivo deste trabalho é analisar seu arquivo privado, refletindo sobre os modos de aquisição da coleção e sobre a constituição da memória do proprietário da coleção sobre si mesmo. Buscamos também investigar aspectos concernentes à produção, circulação e recepção de autores e livros na cidade de Fortaleza a partir de instituições de saber e do intercâmbio epistolar promovido por Guilherme Studart nessas associações. Esses aspectos podem ser percebidos nas correspondências trocadas entre Guilherme Studart e diversos intelectuais que comentam sobre as dificuldades de escrita, publicação e circulação de suas obras, além de relatarem suas “apropriações” de autores e livros em âmbito nacional e internacional.

**Palavras-chave:** Arquivo pessoal. Coleção. Autoria.

## ABSTRACT

Guilherme Studart, that made his representation as an intellectual and learned person, wrote works of reference for the historiography of Ceará, and was recognized by his compeers, partly due to the formation of the "Studart Collection". Thus, his history is linked to the constitution of his heritage. The aim of this paper is to analyze his personal archive, thinking about the means of acquisition and about the formation of the memory of its owner about himself. Also, we investigate the means of production, printing, circulation and reception of writers and books in Fortaleza, based on knowledge institutions and on the correspondence exchange promoted by Studart in those institutions. In those correspondence, several intellectuals comment on the difficulties of writing, publication and circulation of their works, and report its "appropriation" of national and international writers and books.

**Keywords:** Personal archive. Collection. Authorship.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

### FIGURAS

- FIGURA 1 – Cartão de visitas do Barão de Studart .....44  
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional
- FIGURA 2 – Inauguração do Instituto Pasteur .....49  
Fonte: Acervo do Instituto do Ceará.
- FIGURA 3 – Membros do Centro Literário (1894).....52  
Fonte: Acervo Nirez
- FIGURA 4 – Cadernos da Coleção Studart.....89  
Fonte: Acervo do Instituto do Ceará
- FIGURA 5 – Caderno de correspondência da Coleção Studart .....91  
Fonte: Acervo do Instituto do Ceará.
- FIGURA 6 – Guilherme Studart em seu gabinete. ....99  
Fonte: Acervo do Instituto do Ceará
- FIGURA 7 – Dedicatória de Capistrano de Abreu ..... 116  
Fonte: Acervo do Instituto do Ceará.
- FIGURA 8 – Livro de João Brígido impresso na Tipografia Studart ..... 130  
Fonte: Acervo do Instituto do Ceará.
- FIGURA 9 – Fundadores do Centro Médico Cearense ..... 142  
Fonte: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. Ed. Fac-Sím.  
Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011, p. 368.
- FIGURA 10 – Revistas da Sociedade de São Vicente de Paulo..... 145  
Fonte: Acervo da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará
- FIGURA 11 – Guilherme Studart no seu Gabinete de estudos. .... 162  
Fonte: Acervo do Instituto do Ceará

FIGURA 12 – Guilherme Studart e intelectuais cearenses ..... 163  
Fonte: Acervo do Instituto do Ceará

FIGURA 13 – Barão de Studart no Cemitério São João Batista.....227  
Fonte: Acervo do Instituto do Ceará

## **QUADROS**

QUADRO 1 – Tabela de instituições cearenses que tiveram Guilherme Studart como sócio..... 124

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará.

CCA – Correspondência de Capistrano de Abreu.

CMC – Centro Médico Cearense.

DBBC – Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense.

IC – Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

RAC – Revista da Academia Cearense.

RIC – Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

RIHGB – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

RCCSSVPC – Revista do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo  
no Ceará.

SSVP – Sociedade de São Vicente de Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1 ESCRITA CORDIAL</b> .....	21
1.1 O PAI DOS POBRES .....	21
1.2 O FILHO DE DEUS .....	33
1.3 O IRMÃO DOS LETRADOS.....	48
<b>CAPÍTULO 2 UM BARÃO NO CEARÁ</b> .....	67
2.1 O LEITOR.....	67
2.2 O COLECIONADOR.....	84
2.3 O AUTOR .....	99
2.4 O PROPRIETÁRIO.....	110
2.5 O EDITOR .....	123
<b>CAPÍTULO 3 (AUTO)BIOGRAFIAS: PUBLICAR PARA (CO)MEMORAR</b> .....	151
3.1 O INVENTARIANTE .....	151
3.2 O SENTIDO DA VIDA .....	165
3.3 O DIREITO DE SER BIOGRAFADO .....	182
3.4 COMEMORAR O CEARÁ .....	203
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	221
<b>FONTES</b> .....	228
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	241
<b>ANEXOS</b> .....	249
ANEXO A – TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART .....	250
ANEXO B – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO DOCUMENTOS .....	265
ANEXO C – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO CORRESPONDÊNCIA.....	273

## INTRODUÇÃO

Numa série de viagens realizadas por países europeus entre 1884 e 1914, Guilherme Studart começou a coletar material para seu arquivo. Em 1892, foi publicado o primeiro volume do catálogo do arquivo, intitulado *Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a história do Ceará, que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*. O segundo volume, publicado quatro anos depois, informava ao leitor que seu proprietário inseriu também na *Coleção Studart* seu arquivo pessoal: correspondências pessoais, diplomas, fotografias e recortes de jornais, uma prática de colecionamento de si com intenção autobiográfica.

Em 1892, Studart publicou ainda seu primeiro livro, *Notas para a história do Ceará*, por meio de uma editora portuguesa (Recreio), no qual transcreveu 173 documentos da sua coleção retratando o período da administração colonial no Ceará de 1751 a 1799. A obra é um indicativo da forma como Studart lidava com textos e documentos antigos: a transcrição na íntegra de documentos ou de trechos de documentos, entremeada com comentários para a elaboração de uma escrita descritiva. Com a localização, identificação e aquisição da documentação existente sobre o Ceará em diversos arquivos estrangeiros, Studart acreditava que possuía provas materiais para corrigir os enganos e omissões dos antecessores, evitando críticas e dando publicidade aos documentos encontrados: “porque o conhecimento dele dispensa-me de muita explicação para com o leitor”.<sup>1</sup>

A cada página do livro, o leitor é apresentado a um novo documento que altera datas e fatos apresentados, anteriormente, nos escritos de autores da historiografia cearense, como João Brígido, Pedro Théberge, Tristão de Alencar Araripe e outros. A transcrição dos documentos é uma das estratégias usadas por Guilherme Studart para ser reconhecido como autor de história, visto que, ao publicar a documentação consultada nos arquivos e declarar-se proprietário da mesma, ele determina a sua produção como obra de referência para estudiosos do tema, ocupando um lugar como pesquisador e colecionador de documentos.

O catálogo da Coleção Studart, a *Relação dos manuscritos, originais e*

---

<sup>1</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 76.

*cópias sobre a história do Ceará, que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*, informa-nos que o acervo foi dividido em volumes encadernados reunindo cerca de 2.266 documentos. Depois de 1896, Studart continuou adquirindo novas peças para sua coleção, mas não publicou outros catálogos. No seu testamento,<sup>2</sup> ele doou seu acervo para várias instituições, dentre elas o Instituto do Ceará, a Biblioteca Pública do Ceará, a Sociedade de São Vicente de Paulo e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Contudo, em 1943, os herdeiros decidiram confiar apenas ao Instituto do Ceará o acervo do presidente perpétuo da instituição (composto por livros, notas, documentos e trabalhos inéditos).<sup>3</sup>

Na década de 1950, a *Coleção Studart* foi reestruturada e dividida em duas séries. A primeira, denominada “Documentos”, é composta por fontes escritas referentes à história do Ceará, como relatórios de presidente de província, ofícios expedidos e recebidos, estatutos de diversas associações, cartas-patentes, provisões, dentre outros, sendo formada por 38 volumes encadernados com o título “Coleção Studart – Documentos”, acompanhados do timbre do Instituto do Ceará. Os volumes cumprem uma ordem associativa e temática, totalizando aproximadamente 16.000 documentos. A segunda série, denominada “Correspondências”, é constituída da correspondência passiva e ativa de Guilherme Studart, além de fotografias, recortes de jornais, convites, panfletos, diplomas, cartões-postais e outros, formada por 18 volumes encadernados com o título “Arquivo Particular do Barão de Studart” e ordenados cronologicamente, geralmente com a indicação do ano na lombar de cada volume. O arquivo particular, aquele que compõe a segunda série, possui um recorte temporal de 1878 até 1936, formando um total de 5.094 documentos, sendo 4.037 cartas.

O Instituto do Ceará empreendeu alguns projetos para organizar o arquivo de Guilherme Studart. O primeiro ocorreu na década de 1950, sob os auspícios de Raimundo Girão, membro da instituição que coordenou um projeto de reencardenação dos volumes e iniciou a publicação do inventário do acervo nas páginas da *Revista do Instituto do Ceará*. Entretanto, somente em julho de 2005, o

---

<sup>2</sup> O testamento de Studart é uma das peças anexadas ao Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano de 1938 – Arquivo Público do Estado do Ceará.

<sup>3</sup> Sobre a doação da Coleção Studart, ver as atas das sessões realizadas no ano de 1943. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1943, p. 307. A historicidade do acervo será analisada no 2º capítulo.

Instituto do Ceará começou a desempacotar a “Coleção Studart”, comentada por inúmeros historiadores do IC, mas desconhecida a sua localização no prédio até que uma reforma em 2004 revelasse os volumes armazenados nas estantes cerradas do primeiro andar do casarão Jeremias Arruda, onde está instalado o Instituto do Ceará. Em 2006, durante a presidência de Manoel Eduardo Pinheiro Campos, realizou-se o “Projeto de digitalização e disponibilização do acervo documental do Instituto do Ceará”, contemplado pela Lei Rounet e com patrocínio do Ministério da Cultura. Particpei como bolsista do projeto que teve a orientação do professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá (membro do Instituto do Ceará e professor de História da Universidade Estadual do Ceará). Em 2007, o Instituto do Ceará inaugurou o “Memorial Barão de Studart”, um projeto produzido por uma equipe multidisciplinar, contando com a participação de arquitetos, museógrafos, historiadores, geógrafos, sociólogos e antropólogos, professores e alunos da Universidade Federal do Ceará (UFC). Meu interesse pelo acervo surgiu desde a minha participação na catalogação do arquivo de Guilherme Studart (2006), um material rico pela quantidade e variedade, além de ser inédito e de caráter pessoal. Em 2012, o Instituto empreendeu mais um novo projeto em torno da figura de Guilherme Studart, “Resgate digitalizado do acervo documental do Instituto do Ceará” em parceria com o Ministério da Cultura, através da Lei Rounet, do qual particpei como consultora na área de história, cujo objetivo era publicar um Livro Álbum, *Arquivos do Barão de Studart*, com textos, legendas e reproduções inéditas de documentos históricos colecionados por Studart.

Nesse sentido, o objetivo central da tese não é analisar temas históricos a partir do arquivo, e sim tratar o arquivo como objeto do conhecimento histórico. Como ressalta Manoel Luiz Salgado Guimarães:

O arquivo, condição indispensável para o trabalho do historiador, veio a ser problematizado e pensado a partir de sua historicidade, reconhecendo-se seu lugar como artefato e construção histórica, cuja arqueologia é parte do entendimento dos processos que configuram formas e possibilidades de escrita da história. De suporte de uma verdade reificada ou prova incontestada de eventos do passado, os arquivos passaram a ser questionados em sua historicidade e em sua forma de reunir e coletar indícios do passado.<sup>4</sup>

---



Aqui, nossa análise evidenciou o arquivo particular, pois o estudo da correspondência passiva oferecia indícios sobre a inserção e o reconhecimento de Studart no campo intelectual com base nas trocas estabelecidas entre ele e diversos intelectuais localizados em vários estados brasileiros.

Segundo Roger Chartier, “para ‘erigir-se como autor’, escrever não é suficiente; é preciso mais, fazer circular as suas obras entre o público, por meio da impressão”.<sup>5</sup> As cartas do acervo também registram a circularidade da produção de Studart no universo letrado, já que o autor usava a correspondência para presentear amigos com suas obras e permutar livros com instituições culturais ou redações de periódicos, com o propósito de ser reconhecido e legitimado pelo público como um autor de História do Ceará, assim como fizeram outros intelectuais brasileiros que usavam o epistolário para divulgar sua produção, como Afonso de Taunay,<sup>6</sup> Oliveira Viana<sup>7</sup> e Mário de Andrade.<sup>8</sup>

O epistolário de Guilherme Studart é um rastro dos acordos e conflitos que fazem a existência de redes de trocas intelectuais. De acordo com a historiadora Ângela de Castro Gomes, as epístolas constituem uma “escrita de si” que integram um conjunto de modalidades que se convencionou chamar de “produção de si”, englobando desde uma escrita autobiográfica até a constituição de uma memória de si a partir da reunião de objetos que transformam “o espaço privado da casa, do escritório etc., em um ‘teatro da memória’”.<sup>9</sup> Studart produziu seu “teatro da memória” ao acumular livros, fotografias, documentos, convites, cartas e outros objetos que remetem à cultura letrada, produzindo uma representação do proprietário como um homem erudito, especialista em documentos antigos.

O historiador Manoel Luiz Salgado Guimarães, ao investigar a atuação de

---

<sup>4</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e erudição. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdei Lopes (orgs.). *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011a, p. 44.

<sup>5</sup> CHARTIER, Roger. *A Ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999a, p. 45.

<sup>6</sup> ARAÚJO, Karina Anhezini. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, vol. 1, nº 32, p. 51-70, 2003.

<sup>7</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Viana (1883-1951)*. 2003. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> AMARAL, Aracy. *Correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. São Paulo: EDUSP, 2001.

<sup>9</sup> GOMES, Ângela de Castro. Introdução. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 11.

um erudito português chamado João Pedro Ribeiro, professor de diplomática da Universidade de Coimbra, membro da Academia Real de Ciências de Lisboa e responsável pela elaboração de um inventário circunstanciado da documentação existente nos arquivos portugueses, identifica que o projeto erudito de submeter a documentação do reino português a um novo olhar implicava num saber especializado, cujos procedimentos de erudição operaram uma “fusão entre o saber antiquário e o saber do historiador”.<sup>10</sup> Essa fusão estimula o surgimento de uma perícia específica, herdeira da tradição antiquária, mas empreendida pela cultura das Luzes que faz surgir especialistas treinados para localizar, identificar, reunir e catalogar documentos que servirão à escrita da história. Nessa perspectiva, a tese estuda como o manuseio da documentação e a experiência adquirida pela pesquisa nos arquivos fizeram de Guilherme Studart um especialista dos eventos do passado cearense.

A tese foi elaborada a partir da análise do arquivo privado, das obras, jornais, revistas e fotografias com o objetivo de refletir sobre a trajetória de Studart, identificando os diferentes papéis desempenhados por ele. Para atingir esse objetivo, dividimos o trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “Escrita Cordial”, propomos discutir a autopromoção de Studart como homem caridoso, sábio, abnegado e dedicado ao Ceará, representações presentes em sua correspondência e que foram guardadas no seu arquivo pessoal. Assim, refletimos sobre a aquisição do baronato concedido pela Igreja Católica, em 1900, como uma forma de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido na Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará. Além disso, analisamos a sua correspondência a partir das temáticas mais recorrentes no acervo, os principais correspondentes, a periodicidade, o lugar social ocupado por aqueles que escrevem e recebem cartas de Studart, os valores compartilhados nas cartas, sem deixar de pensar sobre aquilo que foi armazenado e no que pode ter sido descartado, já que no acervo não aparecem críticas explícitas ao proprietário.

No segundo capítulo, denominado “Um Barão no Ceará”, discutiremos a construção de Guilherme Studart como letrado, a partir do seu acervo de

---

<sup>10</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e Erudição. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeí Lopes de. *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 50-51.

documentos sobre a história do Ceará, considerando diversas etapas dessa construção, desde a pesquisa de documentos em arquivos do exterior, a criação e manutenção da *Coleção Studart*, a participação em agremiações e a publicação de documentos em revistas editadas e impressas por ele na tipografia Studart até a autopromoção dele nos seus livros e em suas cartas, refletindo sobre suas leituras em bibliotecas públicas e particulares. Também mapeamos o circuito de correspondentes de Studart e a rede de significados gerada a partir dessa troca de confidências.

Graduado em Medicina pela Faculdade da Bahia, Studart não se restringiu apenas ao campo de sua formação profissional, pois se dedicou aos estudos históricos, geográficos, linguísticos, religiosos e outros. Publicando obras em diversas áreas e atuando como médico, filantropo e historiador, Studart se inseriu no campo intelectual brasileiro, sendo reconhecido como intelectual erudito pelos pares a partir da divulgação da sua coleção de documentos no circuito da cultura letrada brasileira.

Studart tornou-se diretor de diversos periódicos de divulgação científica, literária e filosófica que marcaram um lugar na produção “local” e “nacional”. Dentre esses periódicos estão a *Revista do Instituto do Ceará* (RIC), a *Revista da Academia Cearense* (RAC), o *Ceará Médico*, o *Norte Médico* e a *Revista do Conselho Central Metropolitano da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará* (RCCMSSVP). A maioria dessas publicações era dirigida pelo Barão de Studart e impressa na tipografia Studart, pelo menos enquanto esta esteve funcionando no período de 1895 a 1904.<sup>11</sup> Esses escritos circulavam no Brasil, como percebemos pela correspondência trocada entre Guilherme Studart e uma série de intelectuais e instituições espalhadas pelo país. A publicação desses periódicos indica sua tentativa de tornar conhecida a história do povo cearense, apresentando resumos cronológicos, documentos inéditos, biografias e descrições geográficas, sempre com a preocupação de corrigir os antecessores e firmar datas memoráveis do passado cearense.

Assim, o objetivo desse segundo capítulo foi analisar as propostas de transmissão do conhecimento da história adotadas por esse pesquisador e seu

---

<sup>11</sup>Apenas o *Ceará Médico* e o *Norte Médico* não foram impressas nas oficinas Studart, já que foram lançadas em 1913.

círculo de convivência, principalmente com relação à divulgação da história do Ceará por meio de obras monumentais.

No terceiro capítulo, intitulado “(Auto)biografias: publicar para (co)memorar”, fazemos uma reflexão sobre a prática escrituraria de Guilherme Studart, vislumbrando suas escolhas de temas, fontes, estilo narrativo e a presença constante de um narrador em primeira pessoa que privilegia a fala testemunhal nos eventos narrados. A partir dos temas de suas obras, consideramos o estabelecimento de um sentido para a história do Ceará com a construção de seus heróis e fatos memoráveis. Para isso, o Ceará precisava eleger aqueles que deveriam estar no panteão cívico, imortalizados pela escrita, cujas biografias foram reunidas no *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense* de autoria de Guilherme Studart. A obra elege 1.098 cearenses notáveis para servirem de exemplo, como modelos de conduta, moral e cidadania, sugerindo mais uma vez a função da escrita histórica como ato de civismo pedagógico. Para a escrita da obra, muitos correspondentes colaboraram, enviando suas próprias notas biográficas.

Nesse capítulo, também investigamos a definição de marcos cronológicos, a seleção de temas, a coleta e publicação de documentos no intuito de marcar no tempo os principais fatos históricos do Ceará. Guilherme Studart empreendeu a promoção de diversas festas para estabelecer marcos cívicos, como o Tricentenário do Ceará, comemorado em 1903, e os centenários da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador em 1924.

Segundo Fernando Catroga, essas comemorações cívicas são compostas por mitos de origem (ou de refundação), símbolos, heróis (individuais e coletivos) e ritos.<sup>12</sup> No Ceará, o mito de origem está relacionado a Martim Soares Moreno, considerado o “fundador” de Fortaleza. Para constituir uma memória desses personagens, o Barão de Studart promoveu e organizou diversas festas cívicas, guardando, em seu arquivo pessoal,<sup>13</sup> alguns registros da sua participação na organização dessas comemorações.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC/ Museu do Ceará, 2005, p. 7.

<sup>13</sup> O arquivo pessoal de Guilherme Studart foi digitalizado e disponibilizado em dois DVDs, produto do projeto “Resgate digitalizado do acervo documental do Instituto do Ceará”, além da publicação de um livro álbum, *Arquivos do Barão de Studart*. Os documentos originais encontram-se sob a guarda do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), em Fortaleza-CE.

Assim, os três capítulos articulam questões sobre os modos pelos quais o ato de constituir um arquivo de si e do Ceará faz parte da trajetória de um intelectual que procurou ter reconhecimento “nacional” sobre o “local”.<sup>15</sup> Diferente do que ocorreu em Minas Gerais,<sup>16</sup> por exemplo, não será um arquivo público a base para a defesa da existência de uma “História do Ceará”. Será a *Coleção Studart* uma espécie de “mito fundador” da investigação científica. Então, pode-se afirmar que as problemáticas da presente tese relacionam-se com a construção de um acervo “local” (e particular) que tenta se fazer presente como parte de um acervo “nacional” (e público). Em outras palavras: o objetivo foi tratar o arquivo como objeto de pesquisa, problematizando a historicidade dos modos pelos quais um arquivo é valorizado.

---

<sup>14</sup> No século XIX, os intelectuais brasileiros passaram a estudar o passado da nação para criar formas legítimas de vivenciar a memória histórica da sociedade, já que “fazer história da pátria era antes de tudo um exercício de exaltação. Essa lógica comemorativa se efetivou com a produção de monumentos, medalhas, hinos, lemas, símbolos e uniformes”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 104. Assim, esses ritos comemorativos desempenham funções instituidoras de sociabilidades intelectuais, como no caso dos centenários organizados pelo Barão de Studart, embora não tenha se enraizado no imaginário popular.

<sup>15</sup> Para Régis Lopes, havia uma tentativa de explicar as diferenças regionais das províncias mantendo a unidade nacional, pois “o particular era fundamental. Era de cada singular que saía a matéria-prima. Sem singular, não seria possível dar vida a uma escrita que pretendia fornecer aos brasileiros uma explicação sobre a complexidade de um país com dimensões além do normal. Somente geral, a escrita deixaria de ser história. Somente específica, a escrita seria apenas uma crônica. O particular, além de ser singularidade, deveria ser uma parte, e o todo teria como suposto a aversão a qualquer tipo de fragmentação. Seria preciso abraçar o ideal da síntese, por uma questão epistemológica e política: as províncias do Império deveriam permanecer unidas, como se fizessem parte de um todo”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O fato e a fábula: o Ceará na escrita da história*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 15.

<sup>16</sup> Valdeci Lopes de Araújo e Bruno Franco Medeiros analisam como a criação do Arquivo Público Mineiro e a atuação do diretor José Pedro Xavier da Veiga reunindo documentos sobre Minas Gerais orientaram a formação histórica de Minas Gerais e consagraram um modelo de tipo corográfico como pré-requisito para a construção de uma história geral do Brasil, pois “reunir uma massa imensa de informação que, em suas partes isoladas, não possuem significado geral, mas que reunidas no Arquivo produzem a imagem e a sensação de unidade”. ARAÚJO, Valdeci Lopes de; MEDEIROS, Bruno Franco. A história de Minas como história do Brasil: o papel do APM no confronto entre as perspectivas universalista e corográfica em que se dividiu a historiografia brasileira clássica. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Dossiê História e Arquivística. Ano XLIII, nº 1 (janeiro-julho de 2007). Belo Horizonte: Rona Editora, 2007, p. 32.

# CAPÍTULO 1

## ESCRITA CORDIAL

### 1.1 O PAI DOS POBRES

A escrivaninha de madeira, com nove gavetas e quatro portas, acondicionava pilhas de papéis no gabinete de estudos de Guilherme Studart. Ali ele folheava documentos, lia, estudava e consultava a sua correspondência, verificando a lista das cartas recebidas e a responder. Para atender à demanda, Studart despendia horas do seu dia decifrando a caligrafia de alguns, relendo a escrita de outros, refletindo sobre as queixas e os pedidos de tantos outros, como indica o grande volume do seu epistolário com mais de quatro mil cartas.

Em uma tarde de 1921, por exemplo, Studart recebeu um pacote contendo cinco cartas: uma delas, assinada por Alcides Mendes, pede um emprego em qualquer escritório da cidade e, em troca, oferece fotografias originais da deposição de Clarindo de Queiroz para compor o acervo de Studart; outra é enviada por Tereza Horta que, estando com um prédio em construção e sabendo que Studart tinha uns gradis num prédio de sua propriedade, na Rua Tristão Gonçalves, solicita que o remetente ceda seis laços de quadril; Leopoldina Machado de A. Sá, inquilina de Studart há 14 anos, escreve pedindo-lhe que não haja aumento no seu aluguel, mesmo depois da instalação do gás, que ela alega não ter pedido; na carta de Camila Monteiro, a remetente informa que faleceu uma velhinha chamada Anastácia Florinda e acrescenta um pedido de dinheiro para o enterro, além da emissão do atestado de óbito. E por fim, uma carta deve ter chamado mais a sua atenção, devido ao prestígio do remetente em comparação com os demais. Tratava-se de uma correspondência assinada pelo Padre Cícero Romão Batista. Na carta, o padre comunicava-lhe que enviaria os apontamentos sobre os “maniçobais” da Serra do Araripe e pedia ao destinatário que recorresse às suas “altas relações” a fim de defender a agricultura contra as invasões de gado no interior do Ceará.

Os inúmeros pedidos, informes e agradecimentos presentes na

correspondência passiva de Guilherme Studart nos possibilitam acessar uma rede de negociações e laços de solidariedade. Ao analisar essa correspondência, é preciso considerar diversos aspectos, como “o conteúdo das cartas, as condições de sua redação e leitura, as circunstâncias das trocas e sua conformidade (ou não) com as convenções”.<sup>17</sup>

Colecionador e preocupado com o registro da sua trajetória, Studart gostava de guardar as cartas recebidas, independentemente do conteúdo delas. Assim, armazenou em seu arquivo pessoal 4.037 cartas. As temáticas são diversificadas e as circunstâncias as mais variadas, evidenciando assim a multiplicidade das suas relações. Os temas tratados nos apontam para essa multiplicidade de relações estabelecidas pelo Barão de Studart no período de 1878 a 1938, recorte das epístolas guardadas no acervo. Dessa variedade, destacamos inicialmente aquelas que nos causaram estranhamento pelos pedidos, pelos temas abordados e pela tessitura de laços marcados por “redes de proteção”, tendo Studart assumido o papel de “padrinho” de uma série de anônimos que de outra maneira não teriam seus registros armazenados e preservados em um arquivo.

As cartas trazem pedidos de emprego, dinheiro, remédios, roupas, sapatos, alimentos, passagens de trens, enfim, uma série de solicitações que envolvem o Barão de Studart numa complexa rede de solidariedade, em que se sobressai a lógica do favor, marcada pelas relações de apadrinhamento. Essa multiplicidade de pedidos se aproxima dos bilhetes e pedidos enviados pelos romeiros ao Padre Cícero. Os pedidos e os pedintes constituíram redes de ajuda mútua, em que “o que se vê na variedade desse vai-e-vem de papéis é a formação de circuitos para a transmissão de solidariedade que, em geral, estavam submetidas aos compromissos do apadrinhamento”.<sup>18</sup>

Segundo Régis Lopes, isso possibilitou que o Padre Cícero ganhasse consistência tanto na qualidade de santo quanto no papel de padrinho. Apesar de não haver uma aura de sacralidade envolvendo os pedidos enviados ao Barão de Studart, tal como havia nos pedidos dos romeiros, ele também se constituiu como

---

<sup>17</sup> DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). *Destinos das letras: história e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 67.

<sup>18</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Papel Passado: cartas entre os devotos e o Padre Cícero*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 22.

um protetor e benfeitor dos pobres a partir dessa rede de relações pessoais em que a intimidade é transformada em mecanismo de proteção.

Os pedidos mais recorrentes são de dinheiro, para “esmola”, “fechar um negócio”, “comprar passagem para Amazônia”, “pagar o colégio”, “manter o filho no seminário”, “pagar despesas necessárias ao nascimento de uma criança”, “comprar roupas de trabalho”, “publicar livros e jornais”, “realizar festa na Igreja”, ou “pagar aluguel”:

Mais uma vez recorro a um coração de bondades infinitas implorando o vosso patrocínio. Naquele dia tinha ido não falar-vos com relação ao meu irmão, como também pedir socorro porque queria satisfazer o dono da casa ao menos com a metade do aluguel e disse-lhe que esperasse, tinha mandado implorar a um coração fidedigno que não me deixara sem conforto, mas chegando aí, tinha outra pessoa, acanhei-me.<sup>19</sup>

O apelo feito ao Barão pode ser entendido a partir da sua atuação na Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP), promovendo assistência aos pobres e formando “laços de caridade”. A Sociedade era uma organização de solidariedade e assistência social que envolvia Studart com os ricos e os pobres numa complexa teia de trocas e serviços mútuos.

O lema da SSVP (Enlacemos o mundo numa rede de caridade) resume, de forma categórica, a atuação de Studart como vicentino, uma vez que sua correspondência registra o modo como ele constrói essa “rede de caridade” a partir da cidade de Fortaleza.

A remetente Edinéa Mesquita, em 17 de abril de 1920, por exemplo, pede um auxílio ao destinatário, pois é “viúva com 5 filhos e um deles está doente”.<sup>20</sup> O pedido também podia ser intermediado por terceiros, mas mantinha o apelo à caridade do destinatário, como na carta enviada por Maria Cecília Pompeu: “venho por meio desta, confiada mais uma vez na generosidade de V. Ex.<sup>a</sup>, pedir um óbolo para auxiliar a Sr.<sup>a</sup> Joana Batista, viúva, muito pobre e carecida de recursos”.<sup>21</sup> Já a Irmã Maria Luíza, ao saber da necessidade de vestidos e fardas de duas meninas,

---

<sup>19</sup> Carta de Edinéa Mesquita de 17 de abril de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>20</sup> Carta de Maria Cecília Pompeu de 28 de dezembro de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>21</sup> Carta de Maria Cecília Pompeu de 28 de dezembro de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.



também decide fazer uma carta: “imediatamente como uma inspiração divina”<sup>22</sup> resolveu escrever para Studart acreditando que seria logo atendida. Outra viúva também teve seu apelo de auxílio financeiro encaminhado para o Barão de Studart por intermédio do amigo Antônio Bezerra: a viúva de Luís Procópio.<sup>23</sup> As mulheres são maioria nas solicitações de dinheiro. Esperança Maria, por exemplo, assim escreveu:

Já que não posso falar-vos pessoalmente, venho cuidar por meio desta cartinha, pedir-vos dois grandiosos favores. Em primeiro lugar para o Senhor escrever uma carta ao meu neto Cícero Moreira pedindo a ele para mandar 300\$ para Gualterina comprar uma máquina Singer; e pagar o que deve, pois já estamos devendo mais de 100\$ e sem termos recurso algum para pagar. Desde aqueles 100\$ que lhe mandou, não mandou mais nada. Então o Senhor escrevendo para ele é mais fácil de ser atendido. Desde já ficar-vos-ei gratamente agradecida. Agora o outro pedido que venho fazer, é para ver se o Senhor pode arranjar um emprego para meu neto que chegou agora do sertão. Desde já ficar-vos-ei gratamente reconhecida, e não me esquecerei nunca de rezar pelo Senhor.<sup>24</sup>

Essa carta nos fala do “poder” da palavra escrita pelo Barão de Studart, já que, segundo a remetente, um pedido escrito por ele será atendido facilmente, em vez de uma súplica feita por uma avó ao seu neto. A escrita de Studart, em princípio, assegura o atendimento do pedido pela autoridade conquistada por ele no seu universo epistolar. A escrita não é usada aqui apenas como uma forma de comunicar-se com o outro, mas como uma forma de reconhecimento do lugar do outro, como uma pessoa que tem reputação, prestígio e influência junto a várias pessoas e grupos. A credibilidade e o renome de Studart fizeram-no ser procurado por vários correspondentes que acreditavam na influência exercida por ele no atendimento a pedidos, principalmente de emprego, donativos e dinheiro. Nas relações de ajuda mútua, um preterido se vale de um protetor. Studart é protetor, benfeitor e mediador de vários tipos de pedidos.

Guilherme Studart procurava responder, de diversas formas, aos favores pedidos. Isso pode ser comprovado a partir do seu acervo epistolar, repleto de cartas de agradecimento por algum benefício alcançado. As cartas nos revelam uma

---

<sup>22</sup> Carta de Maria Luíza de 27 de fevereiro de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>23</sup> Carta de Antônio Bezerra de 6 de março de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>24</sup> Carta de Esperança Maria da Glória sem data – Acervo do Instituto do Ceará.

diversificada teia de relações de compadrio, entremeada por trocas de favores.

Raphael Archaní Garcia, no dia 19 de dezembro de 1910, pede a proteção para o filho que vai fazer um curso na cidade de Fortaleza, desejando que o filho seja “colocado em algum emprego público”.<sup>25</sup> Francisco Soares também escreve para pedir uma colocação para o filho no comércio ou em uma farmácia, e aproveita para acrescentar uma descrição do pretendente à vaga: “ele não é mau e no colégio se portou bem, tem muito gosto pelos estudos; porém eu é que não posso mandar estudar por falta de meios, e como ele já está homem precisa ganhar a vida”.<sup>26</sup>

O homem público, principalmente quando exerce uma função no poder executivo, é constantemente procurado por diversos pedintes. Um caso emblemático é a série de cartas endereçadas aos presidentes da República. Getúlio Vargas recebia pedidos como esse:

É a desesperadora necessidade de que me acho possuído, que me faz vir mui respeitosa e humildemente a Vossa Excelência, suplicar, se digne fazer-me uma misericórdia, afim de que eu obtenha um emprego [...] para que assim eu possa novamente, com o produto adquirido pelo meu trabalho sustentar o meu lar.<sup>27</sup>

Muitos dos pedidos endereçados a Studart também indicam essa prática envolvendo laços de apadrinhamento, como foi o caso de Mozart Pinto. Em 21 de agosto de 1922, ele agradece por Guilherme ter se manifestado a favor de sua colocação na administração estatal junto ao Presidente do Estado do Ceará. Assim como Mozart, Eusébio de Souza pediu a Studart para intermediar junto ao presidente do Estado, Justiniano de Serpa, a sua remoção para a comarca de Aracati, embora Serpa já tivesse oferecido a comarca de Itapipoca para ele.<sup>28</sup> F. de Assis Braga escreveu diretamente para Justiniano de Serpa, em 10 de maio de 1922, agradecendo a intervenção do Barão de Studart, padrinho de sua esposa, no regresso de sua família ao Ceará.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> Carta de Raphael Archaní Garcia de 19 de dezembro de 1910 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>26</sup> Carta de Francisco Soares Bueno de 29 de março de 1914 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>27</sup> FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil*. O imaginário popular. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 31.

<sup>28</sup> Carta de Eusébio de Souza de 12 de setembro de 1921 – Arquivo do Instituto do Ceará.

<sup>29</sup> F. de Assis Braga envia uma cópia da carta escrita a Justiniano de Serpa para Guilherme Studart, que faz parte da Coleção Studart, depositada no acervo do Instituto do Ceará.

A proteção de um “padrinho” poderia definir o destino do “protegido”. Por isso os correspondentes confiam tal encargo ao destinatário, acreditando no seu prestígio em determinados círculos sociais e políticos. As redes de compadrios implicam num pacto de ajuda mútua. Um protetor também pode precisar de proteção:

Esta ser-lhe-á entregue por meu filho, Dr. José Sombra, que vai rever o Rio de Janeiro e aí ou em S. Paulo estabelecer-se. Muito me custa a separação; quanto mais velho se vai ficando, mais doem esses transe; mas, a ele jovem, com a alma cheia de crença e de aspiração, apraz buscar numa grande Capital o que lhe não pode dar a vida pouco interessante e estreita num Estado pobre e pequeno. Receio, entretanto, que vá ganhar desilusões tão somente; educado no meio da nossa família, que tem o culto do dever e da honra, dotado de rija enfiatura moral, ignorante dos modernos processos para a conquista das posições temo muito que se não coloque. Para ele peço toda sua amizade. Sei bem quanto o meu amigo vale na sociedade Carioca e quanto vale seu patrocínio. Faça pelo meu José o que quieria que eu fizesse por um seu filho.<sup>30</sup>

Essa carta de Guilherme Studart revela um campo de influência pessoal onde sobressai a figura do padrinho. Ao pedir proteção para o filho, Studart usa da amizade conquistada no campo intelectual com o secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Max Fleiuss, para se beneficiar da influência do amigo. A imagem da relação filial indicada por Studart na carta nos aponta para um tipo de relação que lembra o “aconchego familiar”, onde “o pai tem consciência dos deveres e responsabilidades para com o filho, o filho é submisso ou complacente na sua posição filial”.<sup>31</sup> Essa condição de dependência foi chamada, posteriormente, de “paternalismo”, “clientelismo”, “patriarcalismo”, recebendo uma série de classificações que procuravam definir um ambiente caracterizado pela falta de carreiras abertas a talentos e que obrigava as pessoas a se submeterem a cadeias de influências para se estabelecerem profissionalmente, prescindindo de protetores.

De pedinte a protetor, Studart pode assumir qualquer um dos papéis, embora a figura de protetor se destaque no seu arquivo devido à maior quantidade

---

<sup>30</sup> Carta de Guilherme Studart de 6 de outubro de 1908 – Arquivo Privado de Max Fleiuss depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

<sup>31</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998, p. 30.

de cartas passivas. Dessa forma, muitos correspondentes usavam da amizade com Studart para solicitar benefícios das mais variadas naturezas. Uma das formas que poderiam garantir a doação do dinheiro seria juntar ao pedido a justificativa, ou seja, o destino do dinheiro, como foi explicitado na carta de Rosa:

Meu compadre: com esta são duas vezes que me valho do valioso préstimo do Sr.– é para o mesmo fim, a comunhão, não pode ser naquele tempo, com os vinte mil réis as coisas muito caras, não chegou para os sapatos; comprei fazenda e forro; e guardei; desde segunda-feira peço a um sapateiro e outro, todos me dizem que não podem, me lembrei de meu compadre que não pode reparar o meu pedido, mandando-me com que compre, ela está pronta, de tudo; é um pedido justo e é muito de meu gosto que essa primeira comunhão de minha filha seja em tenção (sic.) de seu padrinho, pois foi quem prometeu-a.<sup>32</sup>

Os afilhados não só pedem dinheiro para a realização dos sacramentos, como batizado, comunhão, crisma e casamento, mas também solicitam a intervenção de Studart na obtenção de emprego, aumento de salário, remoção de cargos, enfim, uma série de benefícios pessoais. Às vezes, o pedido era para um socorro imediato ou para atender à própria subsistência, como podemos observar na carta enviada pelo poeta cearense Carlos Gondim:

Ainda uma vez (e Deus queira que seja a última) bato a porta de V. Ex.<sup>a</sup>, porque desgraçadamente o poeta é uma criatura manietada pelo – *res augusta domi*, e V. Ex.<sup>a</sup>, é um homem superior, e como tal amigo dos intelectuais alvejados pelas setas do destino. Por este motivo, V. Ex.<sup>a</sup> me desculpará, servindo-me mais uma vez com o que possível for.<sup>33</sup>

“Um homem superior”. Essas são as palavras usadas por Carlos Gondim para definir o Barão de Studart, muito diferente dos termos usados por este na carta enviada a Max Fleiuss, onde se dirige a ele como “meu amigo”. A diferença das expressões em cada caso mostra a diversidade das redes de compadrio. Existem trocas de favores entre iguais, como foi o caso envolvendo Studart e Fleiuss, ou o recurso à deferência marcante na relação envolvendo protetor e protegido, como foi o caso de Carlos Gondim. Esses homens estavam ligados por redes de compadrio,

---

<sup>32</sup> Carta de Rosa sem data – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>33</sup> Carta de Carlos Gondim de 12 de junho de 1917 [Grifos do autor] – Acervo do Instituto do Ceará.

portanto havia uma hierarquia imposta nos termos.

As cartas revelam uma imensa teia de necessitados que escrevem para pedir auxílios, benefícios e doações de dinheiro. A maioria dos pobres endereça seus escritos ao “caridoso” Barão de Studart, presidente do conselho central da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP). O contato com o povo carente provinha também da sua atuação como médico, frequentando abarracamentos, colônias e hospitais para tratar dos doentes. Contudo, sobressai sua atuação como vicentino, pois a Sociedade de São Vicente de Paulo tinha como ideal “imitar a caridade de Cristo, e, a fim de respeitar e honrar o pobre, ver nele, segundo preceito evangélico, a pessoa mesma de Cristo”.<sup>34</sup> Com esse espírito, a agremiação dava assistência aos pobres por meio de doações de gêneros alimentícios, vestimentas e dinheiro. Para isso, foi criada em 24 de maio de 1895 a “Despensa dos Pobres”, situada na Rua Formosa nº 48, próximo à residência de Studart, com o objetivo de socorrer as famílias pobres da capital.

Como presidente do conselho central da SSVP no Ceará e de outras agremiações, Studart recebia doações e repassava a verba, sob sua guarda, às associações, por isso assumiu a gestão do dinheiro pertencente à SSVP, à Cruz Vermelha e ao Centro Médico Cearense. No seu testamento, ele prestou esclarecimentos sobre o destino dado ao dinheiro pertencente às instituições beneficentes que dirigia.<sup>35</sup>

As doações em dinheiro são constantes em sua correspondência, e essas são destinadas a pessoas, conforme citado, mas também a instituições, como a Liga das senhoras católicas de Fortaleza, que recebeu do Barão de Studart a quantia de 150\$000 réis em 4 de setembro de 1917,<sup>36</sup> ou a própria SSVP, que recebeu 25\$000 réis em 8 de julho do mesmo ano. Mas de onde vinha o dinheiro para as doações? A resposta pode estar na circular enviada pela Sociedade de São Vicente de Paulo, assinada conjuntamente por Guilherme Studart, Hermelino Sobral Macayba, Dr.

---

<sup>34</sup> SUCUPIRA, Luis. O Barão de Studart membro ilustre da Sociedade de S. Vicente de Paulo. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo especial: 1º Centenário de Nascimento do Barão de Studart. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 111.

<sup>35</sup> De acordo com o testamento, a verba estava “depositada no London Bank, no Banco São José e na Casa Frota e Gentil”, devendo ser repassada para as instituições depois da sua morte. Além disso, Studart também declara no testamento uma doação em dinheiro destinada à Sociedade de São Vicente de Paulo do Ceará no valor de dois contos de réis - Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano de 1938 – Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

<sup>36</sup> Carta de Amélia Barroso Salgado de 4 de setembro de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

Epaminondas da Frota, José Meneleu de Pontes e Marcos Apolínio da Silva, dirigida à sociedade fortalezense: eles escrevem para “implorar o benefício da incansável caridade da população desta cidade para arrecadar qualquer donativo, a fim de garantir alguma coisa que recorde aos pobrezinhos essa época de vivas alegrias chamada Natal”.<sup>37</sup> Os pedidos de doações eram dirigidos aos confrades vicentinos e às famílias abastadas da cidade, que doavam dinheiro, roupas e alimentos para as famílias pobres, cuja mediação era feita pela SSVV.

Os pedidos de doações também podiam ser encaminhados a particulares e famílias ricas de outros estados, como lemos na carta endereçada ao cearense Domingos Jaguaribe, residente em São Paulo:

Não lhe é estranho também que no Ceará trabalha a dezenas de anos a Sociedade de São Vicente de Paulo, de que faço parte, de que faz parte o desembargador Paulino Nogueira. São 27 conselhos e 152 conferências, mantendo de tudo cerca de 4.000 pessoas, mulheres e meninos na sua quase totalidade. Não sabemos mais donde haver recursos e teremos de assistir a terríveis dramas da miséria se as chuvas nos faltarem. São Paulo é terra rica; diga essas nossas apreensões, essas nossas dificuldades aos amigos que V. tem aí, aos Penteados, aos Prates, aos Prados e a tantos outros homens dinheirosos (sic.); seja a nossa Providência tocando o coração dos ricos em favor da pobreza Cearense; preste mais esse serviço aos conterrâneos que tanto já lhe devem.<sup>38</sup>

A mediação de Jaguaribe junto às famílias ricas de São Paulo, solicitada por Studart para a arrecadação de recursos aos pobres cearenses tem como argumento a possibilidade de uma repetição das “cenas de 1878”, diante da situação de calamidade dos sertões com a falta de chuvas em 1907. A estratégia usada pelo Barão parecia eficaz, já que usava como justificativa a imagem do flagelo da seca numa tentativa de legitimar seu pedido, que foi prontamente atendido como muitos outros que usavam o mesmo argumento: apelavam por donativos usando os problemas causados pela seca. O estabelecimento de uma “rede de caridade” entre o Barão, as famílias assistidas pela SSVV e as famílias abastadas do Brasil e do exterior forma um circuito de solidariedade e proteção que constrói uma

---

<sup>37</sup> Circular da SSVV de 8 de dezembro de 1901 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>38</sup> Carta de Guilherme Studart sem data – Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. A carta, provavelmente, é de 1907, já que Studart refere-se no início da mesma ao recebimento do livro *Gli Eredi di Caramuru* de Domingos Jaguaribe, lançado nesse ano.

representação de Studart como um homem caridoso, sendo apontado como “pai da pobreza”,<sup>39</sup> “anjo da caridade”<sup>40</sup> e “santo moderno”<sup>41</sup> pelos seus correspondentes e pedintes.

O contato com os pobres provinha também de inquilinos. Studart era proprietário de casas em diversos pontos da capital, como na praça Caio Prado, na Rua Tristão Gonçalves, na Rua 25 de Março, na Rua Visconde do Rio Branco, na Rua General José Clarindo, dentre outras. No seu testamento há cerca de 38 casas e 13 terrenos. Todos os imóveis são numerados e descritos de forma minuciosa, como o 13º: “uma casinha de taipa encravada em 200 palmos de terreno no Boulevard Dom Manoel dando para o Boulevard Duque de Caxias tudo no valor de um conto e quinhentos réis”; ou o 14º, formado por “quatro casas de taipa, com frente de tijolo, juntas de portas e janela, sita as areias à Rua Barão do Rio Branco, lado par, contíguas a chácara, que pertenceu à viúva Gualter”.<sup>42</sup>

Proprietário de tantos imóveis, sua correspondência está repleta de registros sobre as negociações envolvendo proprietário e inquilinos. Euclides Ayres, por exemplo, comunica a devolução da chave da casa e agradece pelo período no qual ele foi inquilino de Studart. Já Maria Luiza R. de Azevedo escreve de Soure, em 4 de agosto de 1896, para pedir que Studart reveja a escolha do inquilino de nome Severo, pois este já causou vários prejuízos anteriormente. João Sousa escreve em 21 de julho de 1896 para pedir-lhe que dê a preferência a uma senhora no aluguel de uma casa.

Sua atividade junto aos vicentinos e às famílias assistidas pela instituição e sua proximidade com os pobres por meio da sua prática médica tornaram-no “amado e querido pelos pobres da cidade de Fortaleza”.<sup>43</sup> “Pagava os estudos de um

---

<sup>39</sup> Em carta de Antônio Cyrillo Freire para E. J. Brochado de 3 de julho de 1892, aquele escreve uma carta de recomendação para Studart e destaca suas virtudes: “Se bem que muito moço ainda, este amigo exerce na nossa sociedade, que o idolatra, benéfica influência por seu caráter inquebrantável, inteligência esclarecida, amor ao trabalho e, sobretudo, pela abnegação e desinteresse com que se emprega no exercício da sua nobre profissão de médico, sendo por isso conhecido como – pai da pobreza”.

<sup>40</sup> GOMES, Misael. Discursos na sessão fúnebre. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ramos & Puchain, 1938, p. 27.

<sup>41</sup> SUCUPIRA, Luis. O Barão de Studart membro ilustre da Sociedade de S. Vicente de Paulo. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 119.

<sup>42</sup> Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano de 1938 – Arquivo Público do Estado do Ceará.

<sup>43</sup> PAIVA, J. Barão de Studart – Atleta da Fé e Missionário da Caridade. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 244.

estudante pobre no seminário de Fortaleza”, organizava “festividades para os pobres”, realizava o “bazar dos pobres”, enfim, procurava participar ativamente das ações dos vicentinos nas confrarias de todo o estado, e principalmente na capital.

A rede de caridade vicentina era enlaçada por vários fios que podiam se entrecruzar. Aquele que doava também pode pedir, invertendo a lógica da solidariedade, como fez Domingos Jaguaribe ao dirigir esta carta a Studart:

Esperando da generosidade de V. S. que não levará a mal, que tendo nós sido encarregados pela Comissão de Socorros do Ceará, a fim de angariar donativos para acudir milhares de família reduzidas à extrema penúria com as destruições de suas casas pelas inundações do Rio Jaguaribe, vem os abaixo-assinados pedir vosso auxílio, por pequeno que seja, que será enviado ao “Estado de São Paulo”, que já prestou ao Ceará o seu apoio na seca de 1915.<sup>44</sup>

O pedido de donativos foi dirigido ao Barão de Studart, que outrora já havia solicitado donativos a Jaguaribe. Dessa forma, entendemos essa rede de caridade a partir de uma reciprocidade entre seus membros, pois eles se ajudavam nas campanhas assistencialistas empreendidas por um ou por outro com o objetivo de angariar recursos para doações aos pobres, mas também com intuito de promover suas associações caritativas e os membros responsáveis por tais campanhas.

A correspondência passiva de Guilherme Studart registra uma infinidade de relações estabelecidas por ele a partir da tessitura de diversas redes de “sociabilidade”, “caridade” ou de “compadrio”. Aqui salientamos o uso dessas redes para beneficiar os remetentes com auxílios, favores e dinheiro, ou para consolidar a imagem do Barão de Studart como um homem caridoso, generoso e benevolente.

Na multiplicidade de relações estabelecidas pelo Barão de Studart está a sua atuação como vicentino. A rede de caridade na qual ele se faz benfeitor não está isolada do campo letrado, faz parte dos modos como ele se constrói como um letrado de visibilidade, controlando sua memória e construindo uma representação como autor e colecionador da História do Ceará. A ele interessava fazer-se como intelectual católico e, também, como católico intelectual. O acervo das suas cartas é um indício do modo pelo qual um letrado caridoso foi se construindo e construindo

---

<sup>44</sup> Carta de Domingos Jaguaribe de 27 de março de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.



sua memória póstuma.

## 1.2 O FILHO DE DEUS

*A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.<sup>45</sup>*

A fé, a esperança e a caridade (ou amor, como aparece em algumas traduções bíblicas) são as três virtudes teológicas presentes no *Catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana*<sup>46</sup> que orientam o agir moral do cristão católico. Esses preceitos norteiam os fiéis para serem capazes de viver e agir como filhos de Deus. De acordo com a Igreja, a maior das virtudes teológicas é a caridade. Exaltada pelo apóstolo São Paulo na carta dirigida aos Coríntios, a caridade é descrita como uma forma de praticar o mandamento cristão: o amor ao próximo. Sob a égide dessa virtude nasceram diversas associações caritativas, beneficentes e filantrópicas por todo o mundo, como a Associação Beneficente de Saúde São Sebastião, Associação das Senhoras de Caridade, Sociedade de Beneficência Amparo das Famílias, ou ainda a Sociedade de São Vicente de Paulo fundada em 1833 por Frederico Ozanam e outros estudantes parisienses, cujo objetivo precípua era praticar a caridade e socorrer os pobres.

Os vicentinos eram uma associação beneficente, caritativa e de assistência social formada exclusivamente por homens,<sup>47</sup> cuja finalidade era a “prática da caridade cristã, em seus múltiplos aspectos de ajuda ao próximo, buscando não apenas aliviar o sofrimento e mitigar a miséria, mas também descobrir

---

<sup>45</sup> 1 Cor 13, 4-7.

<sup>46</sup> *Catecismo da Igreja Católica*. 5ª ed. São Paulo: Editora Vozes; Edições Paulinas; Edições Loyola; Editora Ave-Maria, 1993.

<sup>47</sup> A Sociedade São Vicente de Paulo não permitia a participação de mulheres no seu quadro, mas mantinha junto a sua associação as Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo que congregava apenas mulheres. Com as reformas propostas no Concílio Vaticano II, as mulheres puderam participar diretamente da congregação vicentina como membros da Sociedade São Vicente de Paulo, inclusive ocupando cargos de presidência.

as situações que a geram”.<sup>48</sup> Para cumprir esse objetivo, os vicentinos tinham um programa prático constituído pela distribuição dos recursos angariados em forma de vales, roupas, sapatos, mantimentos, abrigo, emprego e dinheiro; a realização de visitas aos pobres, enfermos e encarcerados; o investimento na educação e alfabetização das crianças pobres a partir da fundação de escolas, financiamento dos estudos de alunos e distribuição de livros; a conversão dos assistidos à religião católica, estimulando-os à participação nos sacramentos da Igreja. Enfim, os vicentinos “excluía” a teoria de suas reuniões e realizavam assembleias “práticas”, resumidas nas palavras de Studart quando afirmou, em assembleia geral dos vicentinos, que “o homem prático sobrepuja ao simples ideólogo”.<sup>49</sup> Nas assembleias gerais, os delegados vicentinos revelavam aos outros membros as famílias a quem eles pretendiam ajudar ou adotar. Os métodos que utilizariam para tal fim constituíam-se de oferta de socorro aos pobres por meio de doações, além de apoio paternal e espiritual, principalmente espiritual, visto que um dos objetivos da sociedade era a conversão dos assistidos ao catolicismo.

Guilherme Studart tornou-se vicentino aos vinte anos, quando era estudante de medicina em Salvador, participando da fundação da 1ª Conferência vicentina na Bahia em 1876. Em 1883, ele incorporou-se à conferência de Fortaleza, sendo eleito presidente do Conselho Central do Ceará em 8 de junho de 1889, permanecendo no cargo por 42 anos, até 22 de novembro de 1931. Na longa gestão de Studart à frente dos vicentinos cearenses, a SSVP ganhou um grande volume de adesões por todo o estado do Ceará e prestígio diante do conselho superior nacional e francês, conquistando em 1912 uma sede própria em um prédio situado à Rua Jaime Benévolo, nº 51. Além de fazer a publicação de uma revista mensal de circulação nacional, mantinha também abrigos e escolas para as famílias assistidas.

De acordo com o *Guia prático das conferências de S. Vicente de Paulo*, publicado pela tipografia Studart em 1896, a mais importante de todas as obras de caridade da sociedade vicentina é a visita aos pobres. Guilherme Studart visitava as famílias adotadas pela congregação. J. Paiva recorda o Barão de Studart ao entrar em uma choupana e “colocar sua altiva e nobre cartola sobre grosseiro tamborete, e

---

<sup>48</sup> *Estatutos da Sociedade São Vicente de Paulo*. Fortaleza: Tipografia Minerva, Art. 2º, 1916.

<sup>49</sup> STUDART, Guilherme. *Do jornalismo católico e sua necessidade nos tempos presentes*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1905, p. 5.

sentar-se sobre outros bancos, numa cadeira rota ou um velho baú, cobertos até quase o chão com o seu comprido fraque, a conversar com uma pobre velhinha envergonhada”.<sup>50</sup> A figura de um Barão conversando com uma velhinha é emblemática, pois representa a relação entre o benemérito e o beneficiado. O Barão de Studart emerge nessa representação feita por Paiva como um homem “superior”, capaz de acolher e proteger os desfavorecidos.

Contudo, só recebia a proteção dos vicentinos aqueles que fossem dignos de merecê-la. Assim, aqui também se impõe a “lógica do merecimento”.<sup>51</sup> Ao realizar a primeira visita em um domicílio, os delegados vicentinos encarregados das visitas às famílias seguiam regras de conduta que definiam como deveriam se portar, o que dizer e como seriam os encontros posteriores. Os delegados que faziam a investigação sobre a família assistida deveriam descobrir se o casal era casado, se os membros da família eram batizados, se haviam feito a comunhão, quem tomava conta das crianças, se estas frequentavam escola, se sabiam algum ofício, se exercitavam a religião católica, como orientavam as crianças etc. A partir dessa investigação, resolviam adotar ou não a família para enviar-lhes socorros periódicos e acompanhar os meninos, maiores de 6 ou 7 anos, na escola e no catecismo. Havia, então, casos de famílias suspeitas de desmerecer o benefício vicentino, como vemos na carta de 11 de julho de 1888, em que Sampaio relata a Studart um caso:

Fui visitar com os confrades visitantes a 5 famílias e a 2 das quais não consenti entregar os cartões até que leve o que vi ao conhecimento da conferência na 1ª sessão. Uma delas, Deus me perdoe, me pareceu chefe de um conventinho [prostíbulo] em cujo mantém uma filha, que confessou seu crime diante da mãe, por estratégia que empreguei na ocasião.<sup>52</sup>

Os vicentinos se recusavam a ajudar aqueles que não se comportavam segundo seus preceitos. Se o pai ou a mãe de uma família não se encaixasse nas regras, retiravam as crianças (meninos e meninas) de seus lares para realocá-los em famílias católicas, principalmente nos casos de denúncia de maus tratos ou

---

<sup>50</sup> PAIVA, J. Barão de Studart – Atleta da Fé e Missionário da Caridade. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 247-248.

<sup>51</sup> A lógica do merecimento era uma crença que conectava a dor à culpa, pois “o sofrimento era provavelmente devido à culpa moral de alguém, sendo o sofredor o culpado mais provável”. THOMAS, Keith. *Religião e declínio da magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 518.

<sup>52</sup> Carta de A. Sampaio de 11 de julho de 1888 – Acervo do Instituto do Ceará.

exploração sexual, como no caso acima relatado. Por várias vezes, meninas nessa situação eram adotadas por famílias abastadas da cidade por intercessão dos vicentinos, geralmente para realizarem serviços domésticos para a família que as acolhia.

Mas não eram apenas as famílias assistidas que deveriam seguir uma conduta regrada por princípios cristãos. Os membros da SSVP também deveriam trilhar os caminhos da retidão cristã. Um caso relatado nas cartas é de um confrade envolvido em jogos de azar. O presidente do conselho das conferências da Sociedade de S. Vicente da Vila de Pacoty, José de Lima Ferreira, escreveu para Studart pedindo-lhe conselhos de como deveria proceder para afastar um confrade que era “jogador de profissão”.<sup>53</sup> Jogos de azar, alcoolismo, promiscuidade, “vagabundice” e “mendicidade” eram constantemente condenados pelos vicentinos em reuniões, conferências, assembleias e circulares distribuídos para os membros da associação. Por duas vezes, Studart abordou o tema do alcoolismo em conferências, primeiro na Sociedade Artística Cearense, em 14 de junho de 1914, e depois no Círculo dos Operários S. José em Fortaleza, em 4 de junho de 1916, sendo as duas publicadas em folhetos pelo próprio autor.<sup>54</sup>

Guilherme Studart, como presidente do Conselho Central da SSVP, também era vigiado, sendo repreendido em uma carta de 4 de janeiro de 1901 por um remetente não identificado:

Ainda persiste em ficar viúvo? A minha teoria é a de S. Paulo, que você bem conhece “casar é melhor que se abrasar”. Quem não puder ser viúvo casto, case-se quanto antes e não sirvam de pretexto os filhos nem para o casamento nem para a viuvez porque há só uma causa enunciada é a salvação. Meu amigo é melhor casar que desenhora a memória da mulher que se pranteia, abraçando outra mulher que não seja a legítima.<sup>55</sup>

A censura feita a Studart segue o *Catecismo da Igreja Católica*,<sup>56</sup> que orienta seus fiéis a se guiarem pelos sacramentos da Igreja, como o Batismo, a

---

<sup>53</sup> Carta de José de Lima Ferreira de 23 de dezembro de 1925 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>54</sup> STUDART, Guilherme. *Allocução proferida no círculo Católico de Fortaleza*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1915.

<sup>55</sup> Carta de remetente não identificado de 4 de janeiro de 1901 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>56</sup> *Catecismo da Igreja Católica*. 5ª ed. São Paulo: Editora Vozes; Edições Paulinas; Edições Loyola; Editora Ave-Maria, 1993, p. 295.

Crisma (ou Confirmação), a Eucaristia, a Confissão (ou Penitência), a Unção dos Enfermos, a Ordem e o Matrimônio. Os sacramentos atingem todas as etapas da vida natural e espiritual, indo do Batismo à Unção dos enfermos, alcançando vários momentos importantes da vida como a Ordenação e o Matrimônio, que exigem uma vida casta ou voltada para a gestação da vida, com a geração dos filhos. Studart, como católico, deveria praticar esses sacramentos, mas pela carta citada acima, vimos que ele não se casou novamente como era recomendado. Mesmo assim, ele declara em seu testamento a existência de outros filhos ou enteados ao recomendar aos filhos de sua primeira união que “vivam na mais estreita e duradora harmonia e completa união entre si e com seus irmãos José, Severiano e Dolores, que criei e eduquei com amor, zelo e vigilância de pai. A todos filhos e enteados, abençoo do fundo de minha alma”.<sup>57</sup>

Em uma carta dirigida ao Barão de Studart, presidente do Conselho Central Metropolitano do Ceará, o Padre Rodolfo Ferreira da Cunha denuncia que o presidente de uma conferência vicentina em Fortaleza converteu-se ao protestantismo:

Para seu governo, trago-lhe uma triste e dolorosa notícia: o presidente da conferência do Bom Jesus dos Aflitos, Cel. João Benício F. Lima, está declarado protestante, fazendo em sua casa de negócios, terrível propaganda contra a eucaristia, o culto das imagens, etc. Tem frequentado muitas vezes o culto dos protestantes, com o Inspetor da Alfândega que o perverteu. Envio-lhe uma carta dele, em que, entre outras coisas nega a presença real. Tem entretanto, conservado uma posição bifronte, acendendo uma vela a Deus e outra ao Diabo. Vai à missa, preside a conferência, fala em se confessar, confessa a virgindade de Maria, etc. Já fiz o que podia, doente como ando, e nada consegui. Julgo o caso perdido.<sup>58</sup>

Em anexo, o padre acrescenta uma carta do próprio acusado, João Benício, na qual agradece pelo recebimento dos conselhos do padre, de um livrinho de orações e dos votos a Maria para livrá-lo dos protestantes. Além disso, ele comenta que acredita na salvação das almas, mas, no final da sua carta, insinua que

---

<sup>57</sup> Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano de 1938 – Arquivo Público do Estado do Ceará.

<sup>58</sup> Carta de Pe. Rodolfo Ferreira da Cunha sem data – Acervo do Instituto do Ceará.

“se fosse padre não iria permitir as festas de santos”.<sup>59</sup> Também tece comentários sobre Maria, sobre os santos e sobre a eucaristia, condenando o culto dos católicos. Por fim, comunica que irá devolver o livro por tratar-se de uma devassa da vida privada dos seus semelhantes.

Por essas e outras correspondências dimensionamos a diversidade de questões que envolviam os membros das confrarias com as famílias socorridas e que eram frequentemente solucionadas por Studart. Como presidente da SSVP e diretor da revista do conselho central da SSVP no Ceará, Studart também era responsável pela administração, prestação de contas, aquisição de recursos e redistribuição dos mesmos para as conferências, além de transformar-se no “conselheiro superior” para questões morais e espirituais que envolviam os membros da associação.

Com uma atuação tão intensa na SSVP, assumindo inclusive a presidência da associação por 42 anos, Studart guardou uma volumosa correspondência sobre o cotidiano da entidade em seu acervo pessoal. As cartas tratam dos mais diversos assuntos relacionados à administração, às finanças e à publicação do material da sociedade vicentina, cujos temas mais recorrentes são as eleições, assembleias, as visitas aos pobres, doentes e presos, festas para angariar recursos, impressão, venda e compra de manuais e revistas vicentinas. Enfim, todo o aparato logístico e prático dos vicentinos era relatado nessa correspondência.

Como vicentino, o Barão de Studart era doador, protetor e “padrinho” de inúmeros “necessitados” e “desamparados”. Essa representação de homem caridoso está registrada através de numerosos pedidos de ajuda enviados a ele, como o de Rosa Pacheco:

Peço-lhe por Deus não se aborreça comigo. Como lhe faço estas só Deus sabe, é num momento de extrema angústia, exausta de sofrer e coberta de cruel necessidade junto com minhas pobres irmãs, que chego a vir a sua presença suplicar a sua caridade evangélica. Tomo-o nesta hora como um S. Vicente de Paulo, e espero que o Sr. “seja para nós o que foi S. Vicente p.<sup>a</sup> os seus pobres e protegidos”. Peço-lhe pelo amor de Deus tenha compaixão de 4 pobres filhos desventurados, sem pai, sem mãe, que se vêm num canto de mundo entregues a um destino implacável das esmolas das

---

<sup>59</sup> Carta de João Benício F. Lima ao Padre Rodolpho Ferreira da Cunha sem data – Acervo do Instituto do Ceará.

conferências de S. Vicente de Paulo, eu venho lhe pedir por amor de Deus nos mande uma esmola. Vivemos de trabalhos – a três meses não temos costuras, estes últimos tempos, estás vendo que faço de licor pó de arroz elixir dentifricinado (sic.) tenho vendido q me possa dar-nos um pão, e o que sofremos Exm<sup>o</sup>. Sr. Barão só Deus sabe!! É coberta de dor, de vergonha q. lhe falo não é por soberba, Deus sabe já somos tão humilhados, mas pode compreender como é tão duro este papel, mas tenho confiança no Sr., e sei que não é capaz de zombar, nem de expor as nossas desventuras. Dos meses recebo às vezes cada vez, às vezes de dois meses 20\$, mas a três meses nem real. Fico nos pés da S.S. virgem suplicando não lhe deixe negar o que lhe peço. Ainda uma vez lhe peço não se aborreça comigo, e não me negue o que lhe peço por Deus.<sup>60</sup>

O tom suplicante da remetente denuncia a urgência do pedido, pois a esmola pedida é para comida. Mas, por duas vezes, ela se desculpa pela solicitação e pede a Studart que não “se aborreça” com sua súplica. A razão poderia estar no seguinte: os vicentinos evitavam distribuir dinheiro diretamente aos socorridos, pois a distribuição dos donativos era feita a partir de vales periódicos, entregues pessoalmente pelos delegados que assistiam aquela família. A socorrida Rosa Pacheco quebra o preceito vicentino para pedir mais esmola, além daquela que já recebia periodicamente, pois ela afirma na carta que vive de “esmolas das conferências”. Contudo, para justificar seu pedido, faz um relato sofrido da sua vida e da sua família, afirmando que o dinheiro de seu trabalho não dá para comprar nem o pão, tentando convencer Studart a fazer a doação.

Studart era procurado constantemente por homens e mulheres carentes que lhe escreviam para pedir esmolas. De acordo com o *Guia prático das conferências de S. Vicente de Paulo*, a esmola é um dever cristão e um sinal de obediência a Deus.<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> Carta de Rosa Pacheco para Guilherme Studart sem data – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>61</sup> Segundo a análise de Cláudia Viscardi, há quatro correntes interpretativas que buscam investigar as razões que levariam os indivíduos à prática da caridade e da cooperação mútua: a primeira explica a prática como resultado de incentivos por parte do Estado com vistas à garantia do controle social; a segunda explica o comportamento doador e cooperativo do homem a partir de parâmetros da psicologia social; a terceira explica que o doador é motivado a expandir ao máximo seus ganhos pessoais obtendo, como resultado imediato de sua doação, a aprovação social e a gratidão do receptor; a quarta corrente explica essa prática a partir das teorias da reciprocidade, que defendem o pertencimento a um grupo como uma forma de garantir a sobrevivência. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880). *Topoi*. Rio de Janeiro. V. 9, nº.16, p. 117-136, jan-jun. 2008. Para impor obediência à lei, era preciso controlar a maioria das pessoas, principalmente pela religião. Esse postulado não dá conta da relação entre protegidos e protetores, pois a troca existente nesse tipo de relação implica numa reciprocidade entre os envolvidos. A reciprocidade requer confiança mútua, além do reconhecimento social do poder de quem doou e a



A proteção se dava não só com doações de roupas, mantimentos, dinheiro, emprego e abrigo, mas também com o incentivo à educação e à prática religiosa. A sociedade vicentina mantinha escolas ou financiava os estudos de seus protegidos. Ao levar as crianças para a escola e para o catecismo, os vicentinos acreditavam que assim iriam “preservá-los da vagabundice, fonte de relações perniciosas”.<sup>62</sup> Para manter o aluno na escola e convencer os pais disso, os membros da conferência pagavam um salário aos pais, evitando que o menino exercesse um trabalho assíduo, além de encaminhar as crianças para a aprendizagem de um ofício e indicá-los para o trabalho numa oficina de meio período. Muitos associados pagavam os estudos de crianças pobres em escolas de Fortaleza, como relata Galvão em carta dirigida a Studart, pedindo que essa conduta “seja copiada por quem puder”.<sup>63</sup> Junior Sá Sampaio pede uma forma de financiar os estudos eclesiásticos de um parente chamado Alzio Nogueira Sampaio.<sup>64</sup> Joaquim Jemi informa que realizou um curso de civildade denominado “Pátria e Dever”, e que no decorrer do mesmo curso teve a ideia de formar uma escola, pois descobriu alguns talentos entre os alunos. Ele pede ao destinatário que escolha um estudante e financie os estudos dele.<sup>65</sup>

Outros escrevem para pedir a Studart que interceda para a conquista de uma vaga em estabelecimentos educacionais cearenses sob a direção de religiosos católicos. Um exemplo disso é José Germiniano Gondim, que pediu para Studart interceder junto ao diretor do Colégio Santa Clara para que receba suas três filhas, pois deseja muito colocá-las num lugar fora de perigo, por compreender que as aulas públicas não oferecem “honra e dignidade” e usa, como justificativa, o fato de “ser irmão em São Vicente”.<sup>66</sup> Às vezes, a vaga era conquistada. D. Maurício afirma a Studart que reservou o “lugar nº 8 no Mosteiro de Santa Cruz para o menino do Waldemar Leite Barbosa”.<sup>67</sup>

---

gratidão e obediência de quem recebeu. A sociedade vicentina atendia aos pobres, mas estes também construíram estratégias, junto aos seus protetores visando à sua sobrevivência, em busca de amparo e proteção social por meio da caridade, já que o Estado não atendia a essas demandas sociais.

<sup>62</sup> *Guia Prático das Conferências de Sociedade de São Vicente de Paulo*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, p. 27.

<sup>63</sup> Carta de I. C. Galvão de dezembro de 1899 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>64</sup> Carta de Junior Sá B. Sampaio de 29 de fevereiro de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>65</sup> Carta de Joaquim Jemi de 28 de dezembro de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>66</sup> Carta de José Germiniano Gondim de 6 de janeiro de 1922 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>67</sup> Carta de D. Maurício, O. S. B., de 18 de fevereiro de 1903 – Acervo do Instituto do Ceará.

Os vicentinos não só cuidavam de manter as crianças na escola, mas também estabeleciam e sustentavam essas instituições de ensino nos mais diversos lugares. O estabelecimento e a manutenção dos alunos e das escolas eram controlados pelo conselho central. A execução dos projetos escolares era informada diretamente ao presidente, como fez José Pinheiro em carta de 4 de junho de 1917: “no dia 1º também do corrente foi inaugurada uma escola pública noturna nesta cidade a qual funcionará no Paço da Câmara Municipal. A matrícula já atingiu a 30. Está sob os cuidados especiais dos irmãos de S. Vicente de Paulo”.<sup>68</sup> Mas Studart também era cobrado acerca do conhecimento das estatísticas vicentinas: D. Manuel da Silva Gomes, arcebispo da capital na época, escreveu para solicitar o número de escolas mantidas pelas conferências e o número de alunos que as frequentavam, para divulgação na imprensa católica.<sup>69</sup>

Os delegados vicentinos defendiam que os alunos deveriam ser aplicados, cuidadosos, serviçais, zelosos e principalmente abster-se de lutas sociais, uma estratégia usada pelos delegados para afastar o risco dos jovens trabalhadores se filiarem a “sociedades de camaradagem”, como eles classificavam. Em 23 de julho de 1905, na sede da SSVP, Studart pronunciou um discurso enérgico contra o avanço do anarquismo e seus congêneres no Brasil, no qual queixou-se da propagação dessas ideias nas oficinas e praças públicas da cidade de Fortaleza através da imprensa e da divulgação de livros, segundo ele, lidos por “burgueses” e “proletários”.<sup>70</sup>

De acordo com Studart, o preço ínfimo e o acesso fácil aos jornais revolucionários, chamados por ele de “imprensa ruim”, contribuíam para propagar essas ideias contrárias à “Pátria” e à “Religião”.

O ímpeto de Studart em defesa da ordem se apoia nas ações da ofensiva conservadora de grupos católicos que “demonizaram ideias revolucionárias” e vigiaram o veículo condutor dessas ideias, ou seja, os livros e os jornais. Segundo o estudo do historiador Rodrigo Patto Sá Motta, os livros “foram peça importante na propaganda comunista e, também, na contrapropaganda deslançada pelas forças

---

<sup>68</sup> Carta de José Pinheiro de 4 de junho de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>69</sup> Carta de D. Manuel da Silva Gomes de 6 de julho de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>70</sup> STUDART, Guilherme. *Do jornalismo católico e sua necessidade nos tempos presentes*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1905, p. 14.

defensoras da ordem”.<sup>71</sup> Embora o estudo de Rodrigo Patto esteja imerso nos anos 1930, a censura e a repressão aos livros ditos “revolucionários” propagava-se, obviamente, em círculos conservadores em décadas anteriores.

O discurso de Studart de 1905 era um combate às ideias revolucionárias, apresentando a estratégia usada pelos anarquistas de difundir seu pensamento pela imprensa e propondo, em contrapartida, estimular a propaganda católica no Ceará por meio da *Revista do Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo*, da qual era editor. Para ele, a revista não tinha grande circulação devido ao número reduzido de assinaturas e à falta de colaboração dos confrades. Ao finalizar seu discurso, o presidente convoca seus confrades vicentinos a fazer caridade pela imprensa: “e vós, principalmente, legionários Vicentinos protegei a filha, não a bastarda, a filha legítima de Guttemberg e de Schoeffer, divulgai a boa imprensa. Um óbolo, meu senhores, para a Revista do Conselho”.<sup>72</sup>

Ao defender a revista vicentina e lamentar a ausência de um jornal católico na cidade de Fortaleza diante do bispo Diocesano e de várias figuras eminentes do clero cearense, Studart aponta o jornalismo como um meio eficaz de propagar a religião e pacificar os trabalhadores, numa estratégia usada para afastá-los dos movimentos revolucionários do período, que além de lutarem por questões práticas, apregoavam ações políticas e antirreligiosas.

Quase uma década depois do discurso de Studart, surgiria em Fortaleza o *Correio do Ceará*, lançado como órgão da imprensa religiosa pela Diocese de Fortaleza em 1915 e substituído pelo jornal *Nordeste* em 1922. Além desses veículos, a ofensiva católica fundou outro órgão de propagação: o Círculo Católico de Fortaleza, fundado em 1913, tendo Guilherme Studart como membro da Diretoria e segundo presidente da agremiação. Funcionava no mesmo prédio da Sociedade de São Vicente de Paulo até 1924, quando mudou-se para sede própria.<sup>73</sup> A criação do círculo estava imersa no contexto da Ação Social Católica, que visava à

---

<sup>71</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Política, Nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e América nos Séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 136.

<sup>72</sup> STUDART, Guilherme. *Do jornalismo católico e sua necessidade nos tempos presentes*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1905, p. 16.

<sup>73</sup> Sobre a atuação do Círculo Católico de Fortaleza, consultar: SANTOS, Jovelina. *Círculos Operários no Ceará: “Instruindo, educando, orientando, moralizando” (1915-1963)*. Fortaleza: Edições NUDOC / Expressão Gráfica e Editora, 2007.

moralização das classes e à pacificação social através da propaganda da moral cristã. Ao assumir a presidência do Círculo Católico de Fortaleza, Studart anunciou:

Escasseia-me o tempo, fogem-me as energias, absorvem-me tantos compromissos, a que estou indissolavelmente ligado e que naturalmente me tornam cansado e inábil, e quiseste colocar-me num posto como este de tanta vigilância, atenção e esforço! Mas as vossas deliberações são soberanas e aqui estou à vossa frente, empenhado neste programa de saneamento moral, de revigoração religioso, de difusão dos sãos princípios e grandes ideias que é o alvo do Círculo Católico.<sup>74</sup>

Sua confissão de cansaço nos leva a pensar numa rede de colaboradores que auxiliavam seu trabalho nas diversas associações que atuava, mas as fontes não indicam rastros deles. Tudo indica que Studart guardou e fez registros principalmente de sua própria atuação. A atuação dos outros aparece indiretamente: quando percorremos a correspondência dirigida a ele e encontramos cartas acerca da administração da SSVP com pedidos de agregação, estabelecimento de escolas, criação de bibliotecas junto às conferências, instituição de cooperativas para auxiliar os custos com enterros, arrecadação de dinheiro para a revista do Conselho Central Metropolitano da SSVP, além de diálogos estabelecidos com os confrades a partir das alocações e dos relatórios pronunciados e publicados na revista da instituição com temas sobre religião, moral e educação cívica.

Com atividade intensa na SSVP e na comunidade católica cearense e em onze anos como presidente do Conselho Central Metropolitano do Ceará, o reconhecimento de sua atividade viria com a concessão do título de Barão pela Santa Sé, assinada pelo Papa Leão XIII, em 22 de janeiro de 1900, mediante pedido de intercessão do bispo diocesano do Ceará, D. Joaquim José Vieira, ao bispo da Bahia, D. Jerônimo, que dirigiu o pedido ao papa. O documento do Vaticano firmava o seguinte:

A integridade de vida e costumes, o amor da religião aliado ao da cultura e singulares merecimentos que te recomendam à causa católica, comprovados pela opinião abalizada do antístite de São Salvador, no Brasil, persuadem-nos a te oferecer um título especial

---

<sup>74</sup> STUDART, Guilherme. *Allocução proferida no Círculo Católico de Fortaleza pelo presidente eleito Barão de Studart*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1915, p. 3.

de honra e de nobreza, qual prêmio do bem que praticaste e penhor de nossa boa-vontade. (...) te fazemos e declaramos Barão por estas letras, com a nossa autoridade, sem todavia competir a teus descendentes este título, por direito de transmissão.<sup>75</sup>

Ao receber o título de Barão, Guilherme Studart passava a gozar de todos os privilégios e prerrogativas do título católico, usando-o em documentos, diplomas e papéis pessoais, como em seus cartões de visita, decorados com a miniatura do símbolo heráldico que dava direito à baronia, impresso no centro o título “Barão de Studart” (ver figura 1).

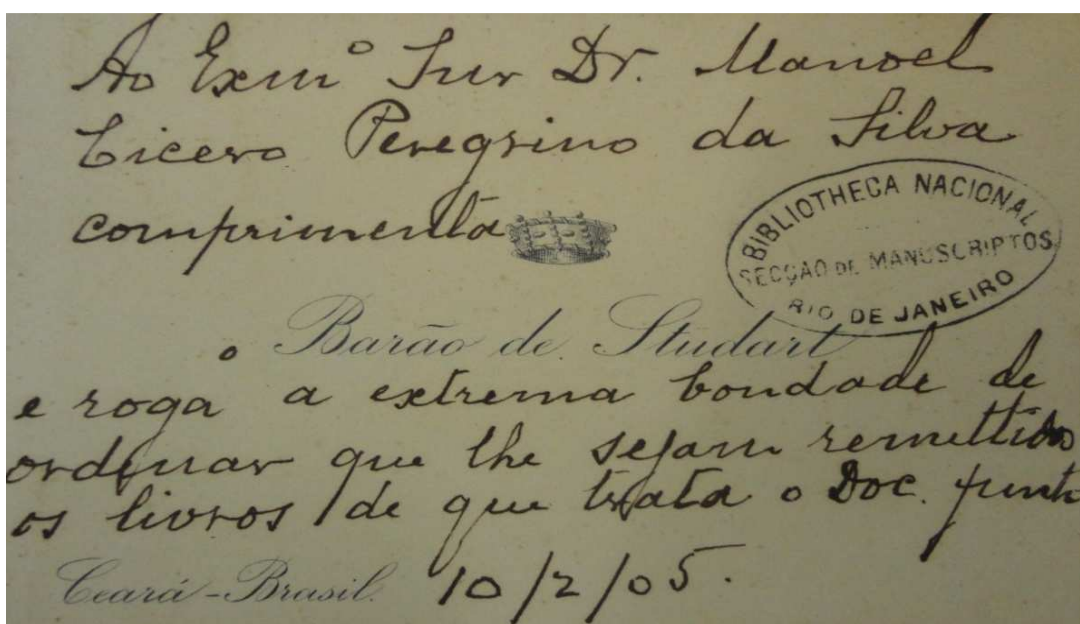


Figura 1 – Cartão de visitas do Barão de Studart – Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

Com a divulgação do Breve de Sua Santidade, o Papa Leão XIII, em jornais da capital cearense como *A República*, e, de outras cidades, como o *Jornal do Comércio* e *Jornal do Brasil*, Studart recebeu diversas cartas congratulando-o pelo baronato. Para tornar visível seu título, Studart resolveu reunir, em um folheto, as cartas congratulatórias recebidas logo após o anúncio, no período de março a abril de 1900. A publicação, intitulada apenas como *Barão de Studart*, tem na primeira página o Breve em latim e, em seguida, apresenta uma notícia publicada no

<sup>75</sup> STUDART, Luís. Apontamentos para a biografia do Barão de Studart. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 76.

jornal *A República*, de Fortaleza, na qual é descrita em detalhes a cena do momento em que Studart recebeu o título de “joelhos” e com “lágrimas nos olhos” pelas mãos do bispo diocesano D. Joaquim José Vieira.

Segundo o bispo D. Joaquim, sua intenção para com o agraciado era “realçar os méritos reais do benemérito cidadão, quer como homem de letras, pai de família extremoso, médico humanitário, e sobretudo como Presidente do Conselho Central das conferências de S. Vicente de Paulo deste Estado.”<sup>76</sup> As palavras do bispo são evidentes quanto às razões que o levaram a solicitar o título, realçando, acima de tudo, a atuação de Studart na presidência das conferências vicentinas: em uma década à frente da SSVP, Studart elevou os dados estatísticos da instituição em todos os quesitos. Comparando os relatórios anuais da SSVP, apresentados em 1890 e 1900, têm-se um aumento no número de conferências de 56 para 76; um salto de membros ativos de 1.115 para 1.872; uma ampliação das famílias socorridas de 333 para 816, além de um aumento da arrecadação de donativos de 11:771\$929 para 38:728\$000.<sup>77</sup> Os dados positivos ocasionaram o reconhecimento da sua atuação à frente da Sociedade Vicentina e a disposição do bispo para solicitar o título ao papa.

A repercussão e o reconhecimento do baronato estão registrados nas 115 cartas dirigidas a Studart, repletas de elogios e felicitações que o distinguiam como um homem caridoso e merecedor da honraria pela sua atuação junto aos vicentinos, como já foi mencionado. Essas cartas foram estampadas em um folheto impresso com o título *Barão de Studart*, do qual destacamos a carta do poeta cearense Álvaro Martins:

Alenta o vosso espírito, além, e muito acima dos títulos, que vos dão os vossos merecimentos, essa fecunda virtude que exalça (sic.) um nobre coração onde Deus espelha supremos dons. Sois um justo, um santo. Beijo a vossa mão de Mestre e de amigo, e como vosso discípulo rogo a Deus pela longevidade de tão preciosa criatura, cujo coração aberto aos grandes, como aos humildes, reflete em grau supremo a essência das mais supremas e eternas virtudes.<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> Guilherme Studart reuniu as cartas de congratulações recebidas pelo seu baronato em um folheto de 44 páginas sem referências de impressão, somente com uma capa com o seguinte título: *Barão de Studart*. Assim, vamos nos referir a este folheto da seguinte forma: *Barão de Studart*, 1900, p. 2.

<sup>77</sup> Os dados foram colhidos no *Relatório Anual da Sociedade de São Vicente de Paulo*, de 1890 e 1900 – Acervo da Sociedade de São Vicente de Paulo, no Ceará.

<sup>78</sup> Carta de Álvaro Martins de 12 de março de 1900 – Acervo do Instituto do Ceará.

Os elogios, o tom laudatório e a deferência marcam os escritos da maioria dos remetentes reproduzidos nesse folheto: desde confrades vicentinos como João Dias e Conde Diniz Cordeiro, amigos íntimos como Manoelito e Silva, primas como Maroca e Mathilde, até figuras renomadas no meio intelectual, como Tristão de Alencar Araripe, Antônio da Cunha Barboza, Belizário Fernandes da Silva Távora, Henrique Samico, Francisco A. Gomes de Mattos, Barão de Vasconcellos, Justiniano de Serpa, Barão Homem de Melo, J. Arthur Montenegro e Pedro Accioly Gomes de Mattos.

Alguns ressaltam os serviços prestados à causa católica e o encorajamento do trabalho desempenhado pelos vicentinos, outros realçam as qualidades e virtudes do portador do título como sendo merecedor do prêmio. O Conde Diniz Cordeiro escreveu para lamentar que o título foi concedido somente depois da morte da esposa de Studart, contudo procura animar o amigo ao informar que “meu título – Conde – é também de S. Santidade! Mais um laço nos unirá.”<sup>79</sup>

O confrade Pedro Souza Pinto também escreve para Studart afirmando que ele é digno das homenagens “pelos inolvidáveis e relevantes serviços que V. Ex<sup>a</sup>. tem feito em prol da Humanidade, da Pátria e da Religião”.<sup>80</sup> Os preceitos apontados por Pedro Souza são os mesmos defendidos por Studart no seu testamento, escrito em 1927: “conto que meus filhos jamais se afastarão de seus ensinamentos. Religião e Pátria, jamais eles esqueçam, deverá ser a sua divisa e o seu norte”.<sup>81</sup> A Religião e a Pátria são princípios que marcam a trajetória de Studart como militante da sua crença e guardião do “patrimônio” da sua terra natal, pois constantemente ressaltava seu catolicismo e patriotismo.

A militância católica de Studart o levaria a atuar de forma mais ampla pela Igreja por meio da imprensa católica, com a publicação de artigos em torno de temas caros, como a separação da igreja do Estado brasileiro, em 1889, e a luta contra a maçonaria. Participou, também, da instauração do Partido Católico no Ceará, patrocinador da imprensa católica. Articulista do jornal *A verdade*, participou da realização de congressos católicos nacionais, foi membro honorário do Círculo

---

<sup>79</sup> Carta do Conde Diniz Cordeiro de 10 de março de 1900 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>80</sup> Carta de Pedro Souza Pinto de 8 de março de 1900 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>81</sup> Inventário Barão de Studart, processo nº 154/13, ano 1938. [Grifos do autor] – Arquivo Público do Estado do Ceará.

Católico de Fortaleza, no qual proferiu várias conferências sobre temas ligados à moral cristã, tendo inclusive sido eleito o primeiro presidente e proferido a primeira conferência, em 30 de junho de 1915. Enfim, sua militância católica não se restringiu somente à atuação na SSVP. A atividade de Guilherme Studart nas conferências vicentinas no Ceará e sua militância católica por meio de publicações consolidaram uma representação dele como intelectual católico cearense.

O intuito aqui não foi analisar a ação da SSVP ou do círculo Católico do Ceará sob a gestão do Barão de Studart, mas refletir sobre a construção de Guilherme Studart como um intelectual de visibilidade a partir da sua atuação como católico, tendo em vista que a sua *performance* garantiu sua nomeação para o baronato em 1900, como já foi visto.

Um dos dispositivos de visibilidade é a própria correspondência, pois circulava em diversos grupos sociais, proporcionando prestígio ao detentor dessas trocas epistolares. Essas cartas apresentam uma tensão existente entre a memória institucional da Sociedade de São Vicente de Paulo e a memória pessoal de Guilherme Studart, já que no arquivo há cartas dirigidas para Studart com pedidos pessoais e outras direcionadas para o Presidente do Conselho Central da SSVP no Ceará.

De acordo com Fernando Catroga, “a memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais etc.) em permanente construção”.<sup>82</sup> A identidade do “eu” se dá nessa complexa rede de coparticipação. Studart misturou em seu arquivo pessoal memórias institucionais e a memória de si. Para ele, a instituição fazia parte da sua própria trajetória. Dessa forma, ele funde as duas memórias em seu arquivo, no intuito de preservar “tudo” sobre si.

Essa coexistência de memórias embaraça a seleção de um único campo de atuação, pois não é adequado separar o Barão vicentino do intelectual do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras ou do médico da Santa Casa de Misericórdia e do Centro Médico Cearense. Eles coabitam em um ser marcado pela multiplicidade de performances sociais. A necessidade de ser visto, lido e comentado dominou suas ações nos mais diversos campos de atuação.

---

<sup>82</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 16.



### 1.3 O IRMÃO DOS LETRADOS

*Este lugar deixado em branco ou escondido pela análise que exorbitou a relação de um sujeito individual com seu objeto, é uma instituição do saber.*<sup>83</sup>

Guilherme Studart estudou Catecismo da religião cristã, Primeiras Letras, Gramática, Francês, Latim, Inglês, História, Geografia, Aritmética, Álgebra, Geometria, Filosofia, Retórica, Música, Dança e Ginástica no Ateneu Cearense, situado na Praça Pedro II, ao lado da Câmara Municipal de Fortaleza, entre os anos de 1863 e 1868. Formado em medicina pela Faculdade da Bahia e eleito Barão pela Igreja Católica por causa da sua atuação na associação vicentina, Studart fez-se um erudito, um homem de letras.

Uma das estratégias mais usadas pelos intelectuais para o reconhecimento entre os pares é tecer redes de relações pessoais a partir da fundação de sociedades ou “repúblicas das letras”. Para isso, Studart tornou-se membro de mais de cinquenta instituições científicas, literárias ou filantrópicas do Brasil e do exterior, com destaque para as seguintes associações: Instituto do Ceará; membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dos seus congêneres estaduais como os de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Pará, Maranhão, Piauí, Espírito Santo, Santa Catarina, Paraíba, Minas Gerais e Sergipe, Societé Académique d’Histoire Internacional de Paris, Academia Americana de História da Venezuela, Academia de História de Buenos Aires, sócio fundador da 1ª e 2ª fase da Academia Cearense de Letras, Academia Mineira de Letras, da Academia Pernambucana de Letras, da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, do Centro de Letras do Paraná, do Centro Literário do Ceará, da Iracema Literária, da Bohêmia Literária, diretor do Gabinete Cearense de Leitura, Gabinete de Leitura de Aracati, do Gabinete de Leitura Camocinense, do Gabinete Viçosense de Leitura, membro

---

<sup>83</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006, p. 69.

correspondente do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, do Grêmio Literário Recreativo da Paraíba, membro correspondente da Sociedade de Estudos Paraenses, da Sociedade de Ciência médica de Lisboa, da British Medical Association de Londres, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, presidente do Centro Médico Cearense, presidente do Instituto Pasteur do Ceará (figura 2), presidente do Conselho Metropolitano da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará, membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da Societé de Geographie de Paris, da Societé de Geographie de Havre, da Societé Bibliographique de Paris, da Arcádia América, membro honorário da Academia Anchieta de Curitiba, da Academia Anchieta de Friburgo, diretor Honorário da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, professor emérito da Faculdade de Filosofia e Letras do Rio de Janeiro, diretor da Colônia Cristina, sócio-fundador da Sociedade Cearense Libertadora, sócio-fundador do Centro Abolicionista 25 de dezembro, presidente do Círculo Católico Cearense, membro da Patriotic League of Briton Overseas em Fortaleza, da Sociedade Capistrano de Abreu, do Grêmio Literário e Cívico do Colégio Militar de Fortaleza, dentre outras.



Figura 2 – Inauguração do Instituto Pasteur – Acervo do Instituto do Ceará.

Num momento de disputas políticas, com a implantação do regime republicano no país e a formação de um projeto que objetivava reformular a identidade nacional, a sedução pela criação, participação e manutenção de espaços de sociabilidade repletos de republicanismos é partilhada por vários intelectuais brasileiros. O lugar institucional cria legitimidades para o discurso, como salientou Michel de Certeau.<sup>84</sup> São as condições de produção do discurso que o definem como legítimo em um campo do saber. As associações oferecem ao intelectual um lugar de produção, divulgação e veiculação do conhecimento elaborado por ele e pelo grupo constituindo um “singular coletivo”.

Nesse furor associativo uma marca do período de transição do século XIX para o XX, no qual despontaram inúmeras agremiações em diversos campos, como o cultural, literário, religioso, científico e operário, entre outros. Criou-se um universo social propício ao surgimento de redes de sociabilidades espalhadas pelo país. Imbuído desse clima, Studart fundou e cultivou diversas sociedades no Ceará em campos de atuação diferentes, como as já citadas: Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), Academia Cearense, Centro Literário, Boêmia Literária, Iracema Literária, Centro Médico Cearense, Sociedade de São Vicente de Paulo, Círculo Católico Cearense. Studart torna-se, assim, o sustentáculo dessas corporações, a ponto de dirigir suas publicações, presidir sessões e reunir os sócios na sua residência.

Seu empenho em manter tantas instituições no Ceará pode ser compreendido a partir das suas tentativas de se constituir como porta-voz do Ceará. Ele queria ser reconhecido como aquele que fala do e sobre o Ceará. Para assumir essa posição, foi necessário ser acreditado e legitimado pelos pares intelectuais reunidos em grupos particulares.

De acordo com Michel de Certeau,<sup>85</sup> o discurso histórico depende da instituição em função da qual ele se organiza. Sendo assim, para dar autoridade ao seu discurso era preciso legitimar as instituições das quais fazia parte. Seria preciso fazê-las prosperar entre as congêneres, compartilhando práticas usadas por outros grupos, como a redução dos sócios a número marcado, a fixação de um local para

---

<sup>84</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006, p. 66.

<sup>85</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006.

as reuniões e a criação de uma revista. Esses requisitos foram apontados por Studart em discurso de 13 de outubro de 1895, ao assumir a presidência do Centro Literário. Segundo ele, eram medidas já empreendidas no Instituto do Ceará e na Academia de Letras para a manutenção e permanência dessas instituições.

Para Studart, as associações intelectuais eram vitais para o progresso e a moralização da sociedade, como revelou em relatório do movimento do Centro Literário, apresentado em 1896 aos sócios da agremiação nos seguintes termos: “holocaustava-me no altar da ideia, que há longos anos me seduz, e pela qual há muito me bato – a organização e difusão das associações como escolas de moralização, como um dos elementos primordiais do progresso humano”.<sup>86</sup>

Como presidente do Centro Literário, Guilherme Studart pode ser visto (figura 3) entre os membros da instituição. Na ocasião, apresentou um relatório do movimento intelectual e material do grêmio, no qual assinala e explica as razões de algumas mudanças adotadas por ele: as estratégias usadas em outras instituições para legitimar-se e revelar-se na “república das letras”.<sup>87</sup> Segundo Studart, o estabelecimento de um limite no número de sócios valoriza a instituição e diminui as intrigas entre os membros. Fixar o local das reuniões dá respeitabilidade, regulariza os serviços e garante a funcionalidade. E a publicação de uma revista dá seriedade ao trabalho desenvolvido no grêmio. Os pilares apontados para o Centro Literário já eram adotados em outras instituições que contavam com a participação de Studart e demonstravam o objetivo traçado por ele na criação dessas agremiações: inserir-se no circuito letrado a partir do domínio do *habitus de um campo*.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> STUDART, Guilherme. *Relatório do Movimento do Centro Literário*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, p. 4.

<sup>87</sup> Expressão usada por Guilherme Studart no *Relatório do Movimento do Centro Literário* de 1896, p. 9

<sup>88</sup> De acordo com Pierre Bourdieu, o *habitus* “preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos à consciência transcendental: é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo”. BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996, p. 144.



*Figura 3 – Membros do Centro Literário (1894) – Acervo Nirez.*

Para se inserir no campo letrado, era preciso compartilhar as leis do meio, que tem “suas próprias hierarquias, suas normas centralizadoras, seu tipo de recrutamento psicossocial”.<sup>89</sup> Uma dessas regras era participar de uma associação e manter intercâmbio com as congêneres de forma a obter legitimidade e visibilidade entre os pares. Isso porque esses lugares de convivência geravam redes de influência e laços de convivência. Conhecedor das regras do mundo letrado, Studart tornou-se sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1886. À medida que foram sendo criados os institutos estaduais, foi se associando a cada um deles na categoria de sócio-correspondente, passando em seguida a sócio-honorário e sócio-benemérito em alguns casos.

Studart foi eleito sócio-correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco em 1886, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia em 1898, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em 1902, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1902, do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba em 1905, do Instituto Histórico e Geográfico Fluminense em 1910, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe em 1912, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte em 1912, Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas em 1917, Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo em 1916, Instituto Histórico e Geográfico Piauiense em 1920, Instituto Histórico e Geográfico do Pará em 1925 e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão em 1926.

---

<sup>89</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006, p. 73.

Ao estabelecer contatos com os institutos estaduais, Studart também angariava membros para o rol de sócios-correspondentes do Instituto do Ceará. Em seu arquivo, há um imenso volume de cartas de aceite dos eleitos ao título, como a enviada por Domingos Jaguaribe, membro do IHGSP e do IHGB, que escreve para agradecer por sua eleição para o Instituto do Ceará. Outro que também escreve para agradecer a distinção recebida pelo Instituto do Ceará (o título de sócio-correspondente) é Alfredo de Carvalho, membro do IAHGPE e do IGHB. Segundo Carvalho, seu desvanecimento é maior porque sabe do “escrúpulo que prende a admissão de sócios”.<sup>90</sup> Já o professor Nelson Coelho de Sena, membro fundador do IHGMG, agradece à sua eleição como sócio: a “distinção em muito superior ao nada que valho, no mundo das letras, arquivo-a, por isso mesmo, com a mais repassada gratidão, em meu escrínio afetivo”.<sup>91</sup>

A modéstia apresentada pelo mineiro Nelson Coelho nos assinala uma questão importante: o valor de um letrado no mundo das letras, ou seja, seu reconhecimento entre os pares. Como já foi dito, uma das instâncias legitimadoras era a instituição e seus próprios membros. Assim, Studart procurava tecer laços com letrados de vários lugares para se legitimar no campo letrado.

Para ser sócio correspondente do Instituto do Ceará, o candidato deveria seguir os mesmos passos dos candidatos a sócio-efetivo, ou seja, submeter um trabalho ou uma memória à avaliação de uma comissão e, se eleito fosse, pagar uma joia<sup>92</sup> e apresentar à instituição uma fotografia sua e os seus dados biográficos. Os candidatos deveriam ser apresentados por uma comissão composta por três sócios-efetivos. Entretanto, na maioria dos casos, eram convidados a fazer parte da agremiação por um único membro: Guilherme Studart. Em uma carta enviada ao filho Renato Studart, ele escreve: “procura entrar em relações com alguns tipos representativos das letras em Assunção e manda-me o nome de algum historiador, de algum geógrafo que mereça ser por mim apresentado para sócio-correspondente do Instituto do Ceará”.<sup>93</sup>

O candidato escolhido para ser sócio-correspondente do Instituto do

---

<sup>90</sup> Carta de Alfredo de Carvalho de 28 de fevereiro de 1907 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>91</sup> Carta de Nelson Coelho de Sena de 25 de março de 1907 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>92</sup> Joia era o prêmio em dinheiro que se pagava ao ser admitido numa associação, estabelecida nos estatutos da mesma.

<sup>93</sup> Carta de Guilherme Studart de 23 de janeiro de 1925 - Acervo do Instituto do Ceará.

Ceará era informado por meio de um ofício, geralmente assinado por Guilherme Studart. O ofício deveria ser acompanhado do diploma de sócio, do estatuto e de um exemplar da última revista, mas, às vezes, isso não acontecia. Informa Xavier da Cunha a Studart em carta de 24 de fevereiro de 1911: “aproveito a ocasião para lembrar a V. Ex<sup>a</sup> que de tão invejável distinção não recebi ainda o “diploma”, e que muito estimaria possuí-lo”. Outro que reclama o diploma é A. Morales de Los Rios, que escreve para agradecer as últimas linhas escritas sobre ele pelo Barão de Studart na revista do Ceará e dizer que “há muito tempo fui eleito sócio-correspondente do Instituto, mas que nunca recebi o título nem o estatuto, e não sei a quantas anda”.<sup>94</sup> Já Francisco Rodrigues da Fraga Carneiro solicita a remessa do diploma com urgência.<sup>95</sup> Alberto F. Rodrigues se questiona sobre quando receberá o diploma de membro do Instituto do Ceará.<sup>96</sup>

As relações com os representantes desses institutos davam-se por meio de cartas e ofícios usados como instrumento de apresentação, troca de informações, consulta de documentos, permuta de livros e periódicos, indicação de sócio, organização de encontros etc. A análise da formação de um intelectual combinada com o estudo da correspondência privada nos faz vislumbrar o trabalho do historiador na sua prática cotidiana, desde a leitura de obras referenciais, passando pela investigação das fontes, até o processo de elaboração do texto final e sua publicização. Podemos, então, estudar historicamente os discursos desses intelectuais a partir das correspondências, concebidas aqui como “laboratório da obra”.<sup>97</sup>

A atuação em uma instituição intelectual implicava a participação em reuniões, na escrita de textos e na organização de eventos comemorativos. Guilherme Studart, como um “letrado-modelo”, procurava participar de forma ativa das associações e frequentava sessões institucionais mesmo fora do estado, mantendo redes de correspondência com várias instituições para efetivar esse intercâmbio intelectual. Ao retornar de uma das visitas feita ao IHGB no Rio de

---

<sup>94</sup> Carta de A. Morales de los Rios de 4 de julho de 1922 - Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>95</sup> Carta de Francisco Rodrigues da Fraga Carneiro de 25 de agosto de 1917 - Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>96</sup> Carta de Alberto Rodrigues de 12 de maio de 1924 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>97</sup> Sobre o conceito de correspondência como Laboratório da Obra cf: TRESBICH, Michel. *Correspondances d'intellectuels: le cas des lettrés d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947)*. Disponível em: <[www.cnrs.fr/Trebitsch/cahiers\\_20.html](http://www.cnrs.fr/Trebitsch/cahiers_20.html)>. Acessado em 20 out. 2006.

Janeiro, Studart escreveu uma longa carta para Max Fleiuss, em 7 de dezembro de 1907, na qual procura estreitar os laços com o Instituto Histórico Nacional e com o secretário perpétuo da instituição.<sup>98</sup>

Sob a impressão grandiosa e boa do Rio de Janeiro, um Caleidoscópio a que ninguém resiste e com que todo mundo se deleita. Doces recordações do Rio intelectual e artístico, do Rio único no mundo pelas suas belezas naturais, do Rio transformando a todos os respeitos me prendem e me cativam. E eu fui de uma rara felicidade nessa terra hospitaleira... Poderei esquecer jamais o Instituto Histórico com seu Secretário Perpétuo tão trabalhador, tão amável, tão cavalheiro. E esse Vieira Fazenda, biblioteca viva, ambulante, tão erudito e profundo conhecedor dos homens e dos Pastos Fluminenses? E esses dedicados e inteligentes rapazes que tendo a frente o indefeso Lafayette colaboram para o brilho da mais importante e simpática associação de letras e ciências de que se orgulha o País? E esses investigadores, como eu, do passado da nossa história que fazem dos salões do Instituto o campo de suas operações, o teatro de suas fadigas patrióticas? Não, não é possível esquecê-los, antes não canso de lamentar ter sido tão curto o tempo em que tive a ventura de os conhecer e admirar; mas não há que fugir à fria realidade: centenas e centenas de léguas me separam do caro amigo e compadre Max Fleiuss; a distância todavia, não diminuirá nossas mútuas simpatias, não afrouxará os laços que nos prendem.<sup>99</sup>

O tom laudatório da carta é uma marca dessas associações intelectuais que valorizam a erudição e a oratória dos seus membros. Na carta, Studart se insere num grupo: aquele dos investigadores do passado da nossa história que, para fortalecer o vínculo, cria uma rede de intercâmbio entre o IHGB e os institutos estaduais, em que trocam cartas, documentos, livros, revistas, favores; forma uma rede com uma identidade (investigadores do passado), certo grau de poder (concedem benefícios aos membros) e prestígio social (reconhecimento dos pares e da sociedade).

Para manter o convívio com os sócios do IHGB, Studart repetiria outras vezes a visita à cidade do Rio de Janeiro. Na sessão realizada em 16 de julho de 1920, Studart fez uma visita ao IHGB. Na ocasião, Max Fleiuss, secretário perpétuo da instituição, pediu a todos os presentes que se consignasse na ata “um voto de

---

<sup>98</sup> O Barão de Studart estava presente em algumas das sessões do IHGB, como as de 28.9.1914; 12.10.1914; 21.10.1914; 16.7.1920; 17.8.1920; 29.9.1920, dentre outras.

<sup>99</sup> Carta de Guilherme Studart para Max Fleiuss de 7 de dezembro de 1907 – Arquivo Privado de Max Fleiuss depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.



regozijo por se achar presente o sr. Barão de Studart, eminente historiador pátrio e dedicadíssimo consócio”.<sup>100</sup> O voto, aprovado pelos presentes, é uma prova do reconhecimento de Studart entre os “investigadores do passado da nossa história”, ou seja, os pares intelectuais que constituíam o campo historiográfico brasileiro naquele momento. Fica evidente a sua participação ativa nesses espaços de sociabilidade, tecendo amizades e relações associadas à constituição de “redes de interdependência”.<sup>101</sup>

São essas redes de interdependência estabelecidas por Studart e diversos intelectuais e instituições que vão gerar uma troca constante de conhecimento e estabelecer privilégios, num jogo de forças em que o “resultado individual se inscreve numa rede, cujos elementos dependem estruturalmente uns dos outros”.<sup>102</sup> Essa inter-relação entre os intelectuais pode ser caracterizada na circulação e no intercâmbio dos periódicos estabelecido entre essas instituições, pois a produção de um lugar se sustentava a partir de um sujeito plural (a instituição) que era reconhecido pelos pares (outras instituições).

Studart direcionou seus esforços à publicação de vários periódicos que tinham uma circulação nacional, como a *Revista do Instituto do Ceará*, a *Revista da Academia Cearense* e a revista *Norte Médico*, dentre outras. O controle exercido por ele nessas revistas pode ser mensurado a partir do fato de que Studart esteve à frente da *Revista do Instituto do Ceará*, como diretor, por 45 anos (1893-1938), acumulando as funções de editor, colaborador e impressor (essa última exercida apenas no período em que a revista foi impressa em sua tipografia, 1895-1904). Sua influência sobre a publicação é tão marcante que, mesmo quando estava viajando pela Europa, à cata de documentos sobre o Ceará, Paulino Nogueira, presidente do Instituto do Ceará na época, escreveu para Studart afirmando que: “é escusado dizer-lhe que, se antes ou em tempo, vier trabalho seu ou ordem em contrário, tudo se transformará como por encanto à medida dos teus desejos”.<sup>103</sup> Pelas palavras de Nogueira, a vontade de Studart era “inquestionável” e seu maior desejo era disseminar a ciência, as letras, a história e a geografia produzida no Ceará dentro do

---

<sup>100</sup> Quarta sessão ordinária do ano de 1920, 16 de julho. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921, p. 476.

<sup>101</sup> ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p. 27.

<sup>102</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006, p. 72.

<sup>103</sup> Carta de Paulino Nogueira de 12 de fevereiro de 1893 – Acervo do Instituto do Ceará.

circuito letrado brasileiro. Para isso, era preciso fazer as revistas circularem no espaço cultural para se legitimarem no mercado editorial, como veremos com mais detalhes no capítulo seguinte.

Como membro fundador do Instituto Histórico do Ceará, Studart era reconhecido e aclamado como um dos maiores historiadores do estado e até mesmo “um dos melhores historiadores do Norte do Brasil”, como afirmou Carlos Teschauer em carta enviada a Studart.<sup>104</sup> A preferência pelos estudos históricos na trajetória do médico Guilherme Studart era percebida pelos contemporâneos, entre eles o ex-colega do Ateneu Cearense, Capistrano de Abreu, que estimulava a dedicação do médico à pesquisa histórica: “estimo muito que já esteja de volta a nossa boa terra, e disposto a consagrar-se cada vez mais à sua história e geografia. Já hoje é o Ceará, dos estados do Norte, o que melhor tem estudado sua história; razão de mais para afirmar e consolidar a sua supremacia”.<sup>105</sup>

O jurista Clóvis Beviláqua também escreve a Studart ressaltando a importância do amigo para a consolidação dos estudos históricos no Ceará:

Acompanhando, de longe, a produção literária do Ceará, notei que os estudos históricos ocupam lugar proeminente no atual movimento, o que para mim é de grande valor, porque esses estudos, melhor que quaisquer outros, orientarão o sentimento da pátria e nos darão a consciência de nosso próprio valor como grupo étnico e social. E entre os que mais se esforçam por esclarecer as obscuridades da nossa história está o ilustre Doutor a quem me dirijo e felicito.<sup>106</sup>

No início de suas pesquisas historiográficas, o jovem Guilherme Studart utilizava o tempo livre deixado pela ocupação principal: a medicina. A partir do seu casamento com a herdeira dos Viscondes de Cauípe, em 3 de fevereiro de 1889, ele passou a se dedicar mais à atividade de pesquisador e escritor, embora continuasse a prestar serviços médicos até o fim da sua vida. Alguns anos depois do casamento, em 3 de julho de 1892, Guilherme Studart solicita ao amigo, Antônio Cyrillo Freire, uma carta de recomendação endereçada ao comendador E. J. Brochado pleiteando, a seu favor, a renovação do título de Visconde, que era usado pelo sogro desde

---

<sup>104</sup> Carta de Carlos Teschauer de 30 de maio de 1900 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>105</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 18 de junho de 1893. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 142.

<sup>106</sup> Carta de Clovis Beviláqua de 2 de maio de 1891 – Acervo do Instituto do Ceará.

1873, mas não obteve sucesso.<sup>107</sup>

De acordo com o seu testamento, feito em 1927, o espólio da família Studart consistia de 38 imóveis, 13 terrenos, ações no Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, promissórias e letras de responsabilidade, joias, estátuas de bronze, esfinges, coleções de moedas e medalhas, pinturas com quadros de artistas consagrados, como Sigalo e Gustavo Doré, além de objetos valiosos como estojo de ouro, óculos com aros de ouro, tinteiro de prata, botão de brilhante e outros.<sup>108</sup>

Antes do casamento com Luiza da Cunha Studart, Guilherme trabalhou em diversos estabelecimentos do estado. Recém chegado à província do Ceará em 1877, o jovem médico foi encaminhado pelo presidente da província, em ofício datado de 9 de fevereiro de 1878, aos abarracamentos levantados em Maranguape durante a epidemia de varíola que assolou o estado na seca de 1877-79 para ser encarregado do tratamento dos doentes. Depois foi nomeado médico-adjunto do hospital da Santa Casa de Misericórdia em 23 de outubro de 1878; trabalhou como cirurgião e legista no corpo da polícia e guarda cívica da Secretaria de Polícia do Ceará; tornou-se fiscal do tratamento dos indigentes recolhidos nas enfermarias da Jacarecanga, de Tijubana e da Colônia-Christina.<sup>109</sup>

Nesse período, também era convocado pelo presidente da província do Ceará para aplicar vacinas, realizar sindicâncias relativas a crimes na cidade envolvendo assassinatos, examinar barricas de bacalhau estragado na via férrea de Baturité,<sup>110</sup> emitir atestados de óbito, ser avaliador no exame das parteiras, além de outros serviços prestados ao governo da província do Ceará. Mesmo assim, ele tinha tempo para as “atividades intelectuais”, que receberam mais fôlego após o casamento, quando Studart reduziu suas atividades como médico, dedicando-se mais às pesquisas históricas.

Contudo, Studart continuou realizando suas consultas e atendendo seus pacientes na Rua Formosa nº 46, ou seja, em sua própria residência. Alguns

---

<sup>107</sup> Carta de Antônio Cyrillo Freire para E. J. Brochado de 3 de julho de 1892 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>108</sup> Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano de 1938, fl. 24 – Arquivo Público do Estado do Ceará.

<sup>109</sup> Carta de José Júlio de Albuquerque de 18 de fevereiro de 1879 – Acervo do Instituto do Ceará. A carta apresenta o timbre do Palácio da Presidência da Província do Ceará.

<sup>110</sup> Ofícios do Palácio da Presidência da Província do Ceará dirigidos a Guilherme Studart em 23/11/1880; 29/11/1881, 18/2/1882 – Acervo do Instituto do Ceará.

médicos atendiam em suas casas ou em consultórios, geralmente adjacentes a alguma farmácia. Seu nome foi incluído na lista de médicos residentes na capital, no *Almanaque do Ceará*,<sup>111</sup> entre os anos de 1895 a 1925.

Studart fazia questão de se colocar como um homem sacrificado e caridoso que exercia uma atividade exaustiva. Ele confessou no prefácio do seu primeiro livro *Notas para a História do Ceará* que as pesquisas e estudos historiográficos o distraem “das agruras da minha vida de médico”.<sup>112</sup>

Era constantemente solicitado por seus correspondentes para desempenhar seus serviços médicos: Jonathas Pedrosa escreve para agradecer pelo tratamento da tuberculose; Fortunato Lopes pede para examinar a mãe que sofre de oftalmia; Juvenal Galeno se dirige ao médico para pedir um atestado para o filho justificar suas faltas no Liceu do Ceará; J. Adolfo Barcelos, em 23 de maio de 1896, também escreveu para pedir um atestado médico de 10 dias; Júlio Cícero Monteiro pergunta se a doença “phosphaturia” tem cura e, em caso afirmativo, ele pede ao destinatário que lhe receite um remédio e um regime adequado. Outros doentes escrevem para pedir uma visita domiciliar, como fez José Pereira Martins, informando que se encontrava muito adoentado para ir ao consultório do médico.

Às vezes a consulta não era feita diretamente pelo paciente e contava com o intermédio de amigos, como foi o caso da carta enviada pelo padre Catão Porfírio Sampaio, que escreve pedindo um remédio para aplacar o sofrimento de um dos confrades da Sociedade de São Vicente de Paulo: “João Marques que há muito sofre de urinas como de hemorroidas de sangue”.<sup>113</sup> Recebida a solicitação, logo foi atendida pelo médico, como indica um rascunho da receita escrita no verso da carta com as medidas profiláticas para o paciente, como banhos quentes, urinar durante o banho, beber leite, além de tomar urutropina (sic.) e nitro três vezes por dia.

Ao acompanharmos a documentação sobre essas consultas médicas, podemos perceber como a vida do médico era movimentada. A trajetória de Guilherme Studart é marcada pela dinâmica de um homem de ciência (a medicina), envolvido também nos embates religiosos, nas associações filantrópicas, como a

---

<sup>111</sup> *Almanaque do Ceará (Administrativo, Estatístico, Industrial e Literário)* impresso por João Câmara entre 1895 a 1925.

<sup>112</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, s/p.

<sup>113</sup> Carta do Padre Catão Porfírio Sampaio de 12 de novembro de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

Sociedade de São Vicente de Paulo, ou nos jornais, com a publicação de artigos sobre a ciência médica. A sua fé na religião católica e sua militância eram tão marcantes na sua trajetória que o “fervor religioso marcará todo o percurso intelectual e suas práticas sociais”.<sup>114</sup>

No campo da medicina, Studart publicou treze trabalhos entre artigos e livros, sendo o primeiro a tese de doutoramento, apresentada na Faculdade de Medicina da Bahia em 1877, intitulada *Da eletroterapia*. Os artigos publicados em jornais e revistas cearenses versam sobre temas variados: causas da mortalidade das crianças no Ceará; A Cólera; A tísica entre nós; Tuberculose e Alcoolismo; A questão dos atestados médicos; A morfeia no Ceará, dentre outros. Dos seus artigos, dois se destacaram pela repercussão que tiveram: *Patologia Histórica Brasileira. Documentos para a história da pestilência da bicha ou males*, publicado na *Revista da Academia Cearense*, em 1896; e *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará*, apresentado no 4º Congresso Médico Latino-Americano reunido no Rio de Janeiro em 1909, e publicado também na *Revista da Academia Cearense* no mesmo ano.

O Barão de Studart soube cultivar diversos campos do saber usando o impresso para divulgar a um público mais amplo uma multiplicidade de trabalhos que englobavam variados temas, como a medicina, já mencionada, e também história, geografia, inglês, religião, folclore, gramática e outros. Esses trabalhos foram essenciais no seu reconhecimento como uma das autoridades em temas ligados ao Ceará.

O volume de livros escritos por Studart pode ser compreendido a partir da sua obsessão pelo impresso. Ao publicar um artigo em um periódico, logo mandava imprimir cópias em separatas para distribuir entre os intelectuais de instituições brasileiras e estrangeiras. Assim, despertava elogios dos pares. Carlos Teschauer escreveu: “é grande prazer para mim, ver saírem em intervalos relativamente pequenos da vossa pena tão importantes trabalhos”.<sup>115</sup> O diretor do Museu Paulista, Afonso de Taunay, revelou: “sobremodo lhe admiro a capacidade de trabalho que o

---

<sup>114</sup> AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. *Correspondência cordial: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2003, p. 10.

<sup>115</sup> Carta de Carlos Teschauer de 21 de novembro de 1905 – Acervo do Instituto do Ceará.

leva a assumir tantos encargos”.<sup>116</sup> Frederico Lisboa afirmou: “tenho recebido, e com especial agrado, os seus interessantes trabalhos sobre o Ceará. É admirável a sua atividade!”.<sup>117</sup>

Para fazer-se um autor de História do Ceará, Studart presenteava os “pares”, oferecia suas publicações, dando visibilidade e legitimidade aos seus textos. Os presenteados teciam elogios ao autor. Entre aqueles que enalteciam seu trabalho, estava o desembargador Affonso Cláudio:

Ontem tive a suma satisfação de receber o volume da “Geographia do Ceará” mimo com que aprouve a sua gentileza distinguir-me. De ontem para hoje todas as horas disponíveis foram destinadas à leitura e apreciação do seu magnífico livro, que há um só tempo é geográfico e histórico, escrito e documentado como raramente sucede entre nós. Lendo as belas páginas de Geographia do Ceará, disse a sós comigo – O Ceará apesar de flagelado pelas secas como nem um outro Estado do Brasil, tem também a ventura que nem um outro conta, de viver pelo patriotismo de seus filhos!<sup>118</sup>

Dessa carta podemos retirar alguns elementos para analisar as condições de produção e construção de um discurso legítimo no campo historiográfico brasileiro nesse período: a circulação impressa das obras entre um público especializado; a relação que o texto assume com a instituição do autor e a tarefa do historiador, que seria educar e mobilizar o povo e seus governantes, conduzindo-os para o futuro pelas lições do passado.

A opinião do “público especializado” com relação à obra historiográfica se torna mais importante do que a do público em geral. Sobre o destinatário do livro de História, Michel de Certeau afirma que uma obra é menos cotada por seus compradores do que por seus pares “que apreciam segundo critérios científicos diferentes daqueles do público e decisivos para o autor, desde que ele pretenda fazer uma obra historiográfica”.<sup>119</sup>

Nesse sentido, a obra de História deve ser percebida não só a partir do lugar social daquele que a elabora, mas também a partir do trabalho coletivo que é estabelecido pela disciplina e pelo reconhecimento dos pares. Isso nos remete ao

---

<sup>116</sup> Carta de Afonso de Taunay de 17 de janeiro de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>117</sup> Carta de Frederico Lisboa de 26 de outubro de 1896 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>118</sup> Carta de Affonso Cláudio de 29 de junho de 1924 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>119</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006, p. 72.

segundo ponto apresentado na carta de Affonso Cláudio, quando ele se refere a “nós”,<sup>120</sup> identificando-se com o autor do texto por pertencer ao Instituto do Ceará e inserindo-se em um grupo que compartilha regras e métodos para o exercício desse ofício, ou da “atual geração de investigadores”, como denominou Studart em seu livro *Notas para a História do Ceará*.

Ao afirmar que “o livro de Guilherme Studart foi escrito e documentado como raramente acontece entre nós”, Affonso Cláudio usa “nós” para fazer uma crítica a um “singular coletivo”, ou seja, o grupo de historiadores do Ceará, do qual muitos autores publicam obras sem verificar a autenticidade dos documentos e as fontes que apresentam em suas narrativas, embora a prática historiográfica do oitocentos seja fundada no primado do documento e na exatidão dos fatos.

A prática historiográfica oitocentista no Brasil era caracterizada pela presença de um profissional dinâmico, bem exemplificado na figura do fundador do jornal *O patriota*, Ferreira de Araújo, que, segundo Tânia Bessone, era “um personagem múltiplo que tinha o perfil de um letrado do século XIX e transmutava-se em professor, matemático, latinista, poeta, militar e político”.<sup>121</sup>

O letrado do século XIX era um sujeito múltiplo, sendo identificado como um polígrafo, ou seja, alguém que perpassa as fronteiras de diversos campos disciplinares. Geralmente, o letrado não “vivia da própria pena” e exercia outra atividade remunerada, como era o caso do próprio Barão de Studart e de outros intelectuais, como Guilherme Augusto de Mendonça e Brito, que em carta dirigida a Studart afirma ser português de origem, agrônomo pelo Instituto Agrícola de Lisboa, naturalizado desde 1879: “tenho-me dedicado também aos estudos históricos e dizem meus amigos que possuo uma biblioteca regular”.<sup>122</sup>

A escolha pelos estudos históricos se legitimava independente da formação profissional dos indivíduos que escolhiam essa tarefa, já que passavam a desenvolver pesquisas e produzir textos sobre o passado de forma “amadora”.

---

<sup>120</sup> Affonso Cláudio era desembargador no Rio de Janeiro e sócio correspondente do Instituto do Ceará.

<sup>121</sup> FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. As origens da resenha no Brasil: as experiências de *O Patriota*. In: CARVALHO, José Murilo; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das (orgs.). *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 328.

<sup>122</sup> Carta de Guilherme Augusto de Mendonça e Brito de 8 de abril de 1895 – Acervo do Instituto do Ceará.

Contudo, a “profissionalização” dava-se com o reconhecimento no círculo restrito dos pares, geralmente os institutos históricos e as academias letradas, que autorizavam o discurso competente.

Nesse sentido, uma prática de legitimação do discurso historiográfico é o “paratexto”, elemento que precede a obra, como a dedicatória e o prefácio usados pelos autores para se comunicarem com os futuros leitores, geralmente os pares, criando um espaço inicial dentro do livro utilizado como “estratégia”<sup>123</sup> para aguçar a leitura e, às vezes, para o autor se definir e se agenciar no campo intelectual, antecipando-se às críticas.

As dedicatórias marcam “a pluralidade de destinações do texto”.<sup>124</sup> Como um letrado que procurava se associar a diversas instituições, Studart dedicava suas obras a uma diversidade de grupos oferecendo-as de várias formas. O livro *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará* é dedicado aos “cultores da história pátria”. O livro *Notas para a história do Ceará* tem uma dedicatória institucional ao “Instituto do Ceará e Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro”. Há ainda o modo personalizado, como se vê no livro *Datas e Fatos para a história do Ceará* onde cita os nomes dos autores consagrados no campo da História do Ceará: Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Senador Joakim de Oliveira Catunda, João Capistrano de Abreu, Antônio Bezerra de Menezes, João Baptista Perdigão de Oliveira, Licínio Nunes de Mello e Joaquim do Carmo, chamados pelo autor de “plêiade Cearense que tanto hão concorrido para os estudos da história do torrão natal”.<sup>125</sup>

Suas obras também homenageavam os políticos. Nesse caso, o livro não se destina a esses sujeitos, mas foi subsidiado por eles, já que o governo do Estado, por meio dos seus governantes, financiou a impressão de alguns livros de Studart, como ocorreu com a publicação do *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*, oferecido

---

<sup>123</sup> O conceito de estratégia, tal como o definiu Certeau, é “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder é isolado num ambiente. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta”. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 99.

<sup>124</sup> CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998, p. 41.

<sup>125</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 1. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, s/p.



a “Antônio Pinto Nogueira Accioly”; mesmo caso ocorrido com o livro *Geografia do Ceará* oferecido a “Ildefonso Albano”; além da obra coletiva *Comemorando o tricentenário da vinda dos primeiros portugueses ao Ceará (1603-1903)* dedicada a “Pedro Augusto Borges”. Todas essas publicações receberam o apoio dos presidentes do estado do Ceará citados.

Segundo Certeau, o livro de história é “feito de duas metades desiguais, mas simbólicas, acrescenta, à história de um passado, o itinerário de um procedimento”.<sup>126</sup> O procedimento adotado por Studart na pesquisa, ou seja, o trabalho operado com as fontes, os métodos empregados e as questões levantadas são apresentados sucintamente nos seus prefácios. Lendo os prefácios, somos informados sobre a metodologia de trabalho do autor.

Os prefácios eram escritos por ele mesmo e apresentavam elementos recorrentes na sua forma. Esses textos geralmente elencavam a busca pela verdade, o uso de documentos autênticos e inéditos, a dificuldade da realização do trabalho e a declaração de amor ao estado natal: o Ceará. Esse padrão de prefácio indica o plano de “ajuntar matéria para o futuro historiador do Ceará”, uma estratégia que contribuiu para compor Studart como um autor de referência para os estudos históricos cearenses.

A historiadora Giselle Venâncio identifica nas obras publicadas por Oliveira Viana, que escrevia seus próprios prefácios, o uso desse espaço para responder aos críticos ou justificar seu método de trabalho.<sup>127</sup> Da mesma maneira, Guilherme Studart usa os prefácios para se antecipar às possíveis críticas ao seu trabalho, como fez no livro *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, publicado entre os anos de 1910 e 1915. O autor explica o método empregado na execução do livro: ordem alfabética dos prenomes e não dos nomes, para facilitar a consulta dos “leitores cearenses”, afirmando que: “sei bem que tal não é a usança dos Europeus em matéria bibliográfica, mas o método por mim preferido dará entre nós melhor resultado, facilitará as consultas”.<sup>128</sup>

O método adotado foi justificado logo nas primeiras páginas para evitar

---

<sup>126</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006, p. 48.

<sup>127</sup> Cf. VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Viana (1883-1951)*. 2003. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2003.

<sup>128</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. III.

críticas à obra, já que era de uso geral a ordem alfabética dos sobrenomes nas bibliografias. Outro elemento que deve ser destacado é a preocupação em “facilitar as consultas”, ou seja, deixar o texto útil, com informações objetivas e precisas. Com essa metodologia de reunir informações colhidas em inúmeras fontes para escrever um trabalho que será consultado por outros, Studart se constrói como um autor de referência, como autoridade sobre o assunto.

Embora as matérias de seus livros variassem quanto ao conteúdo, seguiam a mesma maneira sistemática de apresentação: a realização de um inventário de informações, fontes e bibliografia sobre o tema. Para Studart, seus livros eram: “um repositório de fácil manejo para os estudiosos”;<sup>129</sup> um espaço para “o leitor orientar-se para estudos e pesquisas mais amplas”;<sup>130</sup> onde “eles encontrarão algum subsídio aproveitável”.<sup>131</sup>

Ao focar em uma escrita de referência e não em um trabalho de interpretação, Studart demonstra uma expectativa quanto à recepção das suas obras. No prefácio do seu livro *Notas para a história do Ceará* procura se antecipar às críticas ao apresentar o livro e pedir que seja recebido “com o rigor, que deve haver para as obras desse gênero. Da minha parte nas apreciações criteriosas e desapassionadas sobre seu valor beberei lições e adquirirei incentivos”.<sup>132</sup>

A expectativa sobre as apreciações do seu primeiro livro com temática histórica foi tamanha que o fez reunir, em outra obra, todas as cartas dirigidas por amigos e leitores, além das notas impressas em jornais da época sobre o trabalho, fato em que mais uma vez aparece a obsessão de Studart pelo impresso. O folheto *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart “Notas para a História do Ceará”* foi publicado em 1896 pela tipografia Studart, composto de sessenta páginas que atestam sua “aceitação” e reconhecimento no campo intelectual brasileiro.

A luta de Guilherme Studart pelo reconhecimento no interior do campo letrado brasileiro pode ser vista como um jogo de forças variadas. Para participar desse jogo, Studart empenhou-se em inventariar, colecionar e publicar documentos

---

<sup>129</sup> Idem.

<sup>130</sup> STUDART, Guilherme. *Estrangeiros e o Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1983, p. 9.

<sup>131</sup> STUDART, Guilherme. *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Studart, 1904.

<sup>132</sup> STUDART, Guilherme. *Duas Palavras. Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, s/p.

e textos sobre o Ceará. Assim, ele se constrói nacionalmente como um “historiador cearense”, ou seja, ele se faz como aquele que tem autoridade para falar sobre o passado do Ceará. Studart tomou para si a tarefa de dar cientificidade a um campo de estudos, a História do Ceará, como veremos no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### UM BARÃO NO CEARÁ

#### 2.1 O LEITOR

Guilherme Studart formou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia e retornou a Fortaleza quando, em 1877, a seca atingiu brutalmente os cearenses e a peste de varíola fez estragos consideráveis na então província do Ceará. De acordo com o próprio Studart, a varíola chegou à província com a passagem do vapor Purus, originário da Paraíba, que trazia dois variolosos que não desembarcaram, mas deixaram o vírus, inclusive entre os retirantes dos abarracamentos espalhados pela cidade. Para o médico, o ano seguinte “foi o ano terrível do Ceará, o período em que a mortandade cresceu espantosamente e fora de todo o cálculo”,<sup>133</sup> atingindo 57.780 pessoas, sendo que, em determinado momento, o obituário registrou mais de mil mortos em um único dia.

O quadro encontrado pelo médico não parecia em nada com a animada vida letrada da capital do Ceará entre os anos de 1872 e 1875, vivenciado pelos fundadores da Academia Francesa, grêmio responsável pela criação de uma escola popular, e por publicações de artigos no jornal *Fraternidade*; ou pelos fundadores do Gabinete Cearense de Leitura, instalado em 2 de dezembro de 1875, com o objetivo de difundir a instrução pública na província. Embora, em 1872, cerca de 88,76% da população da província do Ceará fosse analfabeta,<sup>134</sup> a cidade contava com diversos espaços destinados à emergência de um novo público leitor constituído por elementos da burocracia estatal, das classes médias urbanas e da classe trabalhadora.

No decorrer da calamidade pública, na década de 1870, a cidade contava com alguns espaços destinados à cultura letrada, como livrarias (Livraria de Joaquim

---

<sup>133</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 1. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 253.

<sup>134</sup> POMPEU FILHO, Tomás. *Estado do Ceará na Exposição de Chicago*. Fortaleza: Tipografia de A' República, 1873.

José de Oliveira & Cia. e a Livraria de João Luiz Rangel), redações de jornais (Cearense, Pedro II, Constituição e outros), escolas (Liceu do Ceará, Ateneu Cearense e Panteon Cearense), além do próprio Gabinete Cearense de Leitura e da Biblioteca Provincial do Ceará, fundada em 25 de março de 1865, sem contar com os Gabinetes de leitura espalhados pelo interior, como os de Baturité (1875), Aracati (1879), Granja (1880) e Pereiro (1883).

Esses espaços de convivência social e suportes para a cultura letrada eram frequentados por intelectuais que formavam uma “comunidade de leitores”,<sup>135</sup> que se reuniam para ler e trocar impressões de leitura, consultando um acervo bibliográfico diversificado, composto de obras, jornais e revistas. Em 13 de setembro de 1876, a Biblioteca Provincial foi transferida para o mesmo prédio onde funcionava o Gabinete Cearense de Leitura, na Rua Formosa nº 92, que “era um destacado lugar de comércio, juntamente com à praça do Ferreira, que sempre foi um espaço de encontro e negociações”.<sup>136</sup> A transferência ocorreu mediante a realização de um acordo estabelecido entre o Gabinete<sup>137</sup> e o governo provincial. Nesse acordo, o governo concedeu um prédio público para a instalação e transferência do Museu Provincial e da Biblioteca Provincial do Ceará na condição de que o Gabinete se responsabilizasse pelo custo da manutenção do prédio e pela administração do Museu e da Biblioteca provinciais.

Para atender seus visitantes, a Biblioteca Provincial do Ceará oferecia um sortimento de 3.635 volumes<sup>138</sup> em 1877, possuindo um acervo diversificado composto de várias sessões: história, filosofia, teologia, clássicos antigos, periódicos, literatura estrangeira e nacional, dentre outras. A biblioteca abria as portas de segunda a sábado, no horário de 16h às 20h, recebendo a visita de

---

<sup>135</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília (UNB), 1999, p. 11.

<sup>136</sup> SILVA, Ozângela Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011, p. 78.

<sup>137</sup> Em 1875, eram membros do Gabinete Cearense de Leitura: Júlio Cesar da Fonseca Filho, Virgílio de Moraes, Antônio Domingues, Fausto Domingues, João da Rocha e outros.

<sup>138</sup> Para os dados de instalação da Biblioteca Provincial do Ceará, ver STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 2. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 193. Uma análise sobre a criação e funcionamento da Biblioteca Provincial do Ceará pode ser conferida em PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. *Ordenar para ler: mudanças na Biblioteca Provincial do Ceará em 1878*. 2004. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. (mimeo). Em termos comparativos de acervos bibliográficos, podemos apresentar os dados do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que, em 1882, tinha 124.000 volumes impressos, além de 6.300 manuscritos e 20.000 estampas, ficando aberta todos os dias úteis das 9h às 14h e das 18h às 21h. Além disso, a cidade do Rio de Janeiro contava com outras seis bibliotecas.

leitores como Guilherme Studart, Virgílio Brígido, Guilherme Rocha, Manoel de Oliveira Paiva, Júlio César da Fonseca Filho, João Batista Perdigão de Oliveira, Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Raimundo de Farias Brito, Elvira Pinho, Júlia Amaral e outros.

As relações de Guilherme Studart com o Gabinete Cearense de Leitura começaram em 31 de agosto de 1876, quando o médico ainda vivia em Salvador e foi convidado a ser "sócio-correspondente" do Gabinete.<sup>139</sup> No ano seguinte, Studart recebeu uma carta do presidente do Gabinete, João da Rocha Moreira, na qual relatava as condições da miséria pública causadas pela seca de 1877, acompanhada de um pedido:

Nestas condições o Gabinete Cearense de Leitura associado a alguns distintos cidadãos não devendo manter-se indiferente ao sofrimento geral e certos dos sentimentos generosos de V. S.<sup>a</sup>, que não tem o coração fechado as elevadas inspirações da caridade cristã resolveu dirigir-se a V. S.<sup>a</sup>, pedindo-lhe em nome de Deus, da humanidade e da Pátria um óbolo para os necessitados.<sup>140</sup>

Além da esmola, o presidente do Gabinete sugere que o destinatário entre em acordo com Augusto Fulgêncio Pires da Matta, José Pacífico Caraça Filho e João Francisco Pereira, letrados e residentes em Salvador, com o intuito de empregar todos os meios para a satisfação das necessidades dos flagelados, promovendo conferências, bazares e benefícios em prol da causa cearense. Na luta para saciar a fome dos flagelados, nascem as primeiras redes de sociabilidade tecidas por Studart no circuito letrado após sua chegada à terra natal, a partir das visitas que fazia a uma das instituições mais significativas da vida intelectual da capital nesse período: o Gabinete Cearense de Leitura.

Os idealizadores do Gabinete Cearense visavam ao “maior alargamento e progresso na Província, da instrução pública”.<sup>141</sup> Organizaram um curso de conferências públicas com aulas para o ensino de línguas e ciências, e guarneceram de livros, jornais e revistas as estantes do Gabinete, possibilitando o acesso e o consumo de obras mediante pequena contribuição mensal, numa tentativa de

---

<sup>139</sup> Carta de João da Rocha Moreira de 31 de agosto de 1876 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>140</sup> Carta de João da Rocha Moreira de 26 de abril de 1877 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>141</sup> BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. V. 1. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1948, p. 109.

ampliação da oferta da leitura na cidade de Fortaleza.

Passados os momentos mais difíceis da calamidade climatológica de 1877-79, os membros do Gabinete Cearense de Leitura promoveram uma sessão literária em comemoração ao tricentenário de Camões em 10 de junho de 1880. De acordo com Studart, foi graças a essa associação que Camões foi “condignamente festejado no Ceará”.<sup>142</sup> Os festejos foram repletos de discursos lisonjeiros, como o de Pedro de Queirós, orador do Gabinete na solenidade, que iniciou sua fala afirmando que todo povo escreve sua autobiografia e cada século tem uma legenda, numa trajetória evolutiva em que se caminha da barbárie para a civilização.

Na mesma ocasião, o gabinete inaugurou um curso noturno de instrução primária sob a direção do seu secretário, como informa Guilherme Studart no discurso lido por ele na noite da solenidade:

Na Pátria de Iracema, o que ele [Camões] mereceu-nos, o que ao Gabinete de Leitura despertou a magia de seu nome proclamam bem alto esse alcançar das letras, e essa instituição em hora feliz projetada de um curso noturno para a grande família dos artífices. – Que ele seja perene são os votos ardentes dos pelejadores da causa sagrada da instrução popular; eis o que nós almejamos.<sup>143</sup>

Promover a instrução pública e ofertar um espaço para a leitura na província eram os objetivos do Gabinete Cearense de Leitura e da Biblioteca Pública, ideal almejado pelos membros e frequentadores desses estabelecimentos, pois o lema “educação para todos” tornou-se um dos valores republicanos mais significativos nos círculos letrados brasileiros, mesmo antes da implantação do regime republicano no país. A homenagem a Camões e o tributo à instrução popular foram a tônica do discurso de Studart, impresso pela tipografia do “Cearense” em 1880 e lido no evento, sendo o primeiro trabalho publicado por ele depois da sua chegada à cidade de Fortaleza. O discurso constituído de dez páginas é uma apologia a Luís de Camões, que era homenageado em várias cidades de Portugal e do Brasil como o poeta soberano, a glória literária e o símbolo da cultura portuguesa. Uma comemoração, segundo Studart, “preciosa para o universo das letras porque

---

<sup>142</sup> STUDART, Guilherme. Geografia do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 279.

<sup>143</sup> STUDART, Guilherme. *Palavras proferidas na Festa do Centenário de Camões*. Fortaleza: Tipografia do Cearense, 1880, p. 4.

os gênios não têm pátria, são cosmopolitas”.<sup>144</sup>

Luís de Camões cantou os grandes feitos dos portugueses e idolatrou sua terra natal, sendo uma expressão da glória nacional, cujo modelo de conduta, para os letrados, era “perfeito” para ser seguido pelos intelectuais cearenses que queriam cantar as glórias do seu passado, assim pensava Studart e seus companheiros. O Gabinete Cearense de Leitura poderia ter sido a instituição promotora das glórias cearenses, mas, apesar dos votos de perenidade feitos por Studart em seu discurso laudatório, o gabinete encerrou suas atividades uma década após sua instalação, em 5 de julho de 1886, e transmitiu todo o seu patrimônio (composto de biblioteca e mobília) para a Biblioteca Provincial do Ceará. Depois da dissolução do Gabinete, a Biblioteca voltava para o domínio do governo provincial.

A Biblioteca Provincial continuava a ser frequentada pelos membros do Gabinete mesmo depois de sua dissolução. Desejosos de criar uma instituição que pudesse proclamar as glórias cearenses, esses membros criaram, em um dos salões da biblioteca, uma das associações fundamentais na trajetória de Studart: o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). Alguns meses depois da extinção do Gabinete, ocorria a primeira sessão do Instituto do Ceará, no prédio da Rua Formosa nº 92, com a participação de Guilherme Studart, ex-diretor do Gabinete, e outros frequentadores da Biblioteca, como Júlio César da Fonseca Filho e Virgílio Brígido.

Como já foi mencionado, Guilherme Studart era um dos frequentadores da Biblioteca Provincial do Ceará.<sup>145</sup> As suas visitas à instituição podem ser contabilizadas no período de 23 de março de 1879 a 10 de agosto de 1887,<sup>146</sup> a partir do registro de leituras feito no livro de consulentes da biblioteca. Embora

---

<sup>144</sup> STUDART, Guilherme. *Palavras proferidas na Festa do Centenário de Camões*. Fortaleza: Tipografia do Cearense, 1880, p. 9.

<sup>145</sup> *Livro de Registro de Consulentes da Biblioteca Provincial do Ceará* – Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). O livro traz o registro das consultas realizadas na instituição no período de 1878 a 1887, composto de dois volumes, cujo primeiro apresenta informações mais detalhadas, como data, leitor, título, autor e observações; já o segundo apresenta apenas a data e o leitor, sem mais detalhes. A partir de 1881, altera-se o título do livro para Gabinete Cearense de Leitura, com detalhes sobre visitantes, obras consultadas e autores, contudo nem sempre os campos eram preenchidos completamente, visto que eram feitos pelo próprio consulente.

<sup>146</sup> O *Livro de Registro de Consulentes* encontra-se deteriorado, e cerca de 60% do seu conteúdo não pode ser examinado por completo. Assim, os dados apresentados são incompletos, visto que algumas folhas estão inutilizadas por rasgos e quebras. As páginas danificadas no livro de consulentes correspondem ao período de novembro de 1881 até agosto de 1886, cerca de cinco anos do total de oito registrados no livro.



tenhamos um hiato nos dados disponíveis sobre as leituras de Studart, podemos conhecer algumas das escolhas feitas por ele.

No livro de consulentes, há 29 consultas ao acervo feitas por Studart: preferencialmente livros de história e religião, gêneros encontrados também em sua biblioteca num período posterior.<sup>147</sup> Studart folheava revistas como a *Revue des deux mondes*, livros religiosos, como *L'ideé de Dieu*, de Caro (1865) e livros de história, como *História Universal* de Cézar Cantu (1838).

O escritor italiano Cézar Cantu foi o autor mais lido por Studart nas visitas feitas à biblioteca, considerando que ele consultou sua *História Universal* sete vezes,<sup>148</sup> entre abril e junho de 1879, indo inclusive em dias seguidos à Biblioteca Provincial. A *História Universal* tem uma narrativa inspirada nos ideais do catolicismo liberal, apresentada logo na introdução da obra:

Mas se a história se reduzisse a uma vasta coleção de fatos, dos quais o homem procurasse deduzir regras para se guiar em idênticas circunstâncias, o conhecimento que dela resultaria havia de ser tão incompleto como inútil, porque nenhum fato se reproduz com os mesmos acidentes. Adquire, porém, ela uma importância muito diversa, quando se consideram os fatos como uma linguagem sucessiva, que dum modo mais ou menos claro, revela os decretos da providência; quando se ligam, não há uma ideia de utilidade parcial, mas uma eterna lei de caridade e justiça. (...) Então eleva-nos acima dos interesses efêmeros; tornando-nos todos como membros de uma associação universal destinada à conquista da virtude, da ciência e da felicidade; amplia a nossa existência a todos os séculos, e a nossa pátria ao mundo inteiro; faz-nos contemporâneos dos grandes homens, e que compreendamos a obrigação que nos assiste de aumentarmos para a posteridade a herança que nossos antepassados nos legaram.<sup>149</sup>

A obra está imersa numa concepção providencialista da história e na

---

<sup>147</sup> O Inventário do Barão de Studart é dividido em duas peças: o testamento e o inventário propriamente dito. O testamento foi escrito de próprio punho por Studart, no qual ele descreve uma série de doações que desejava fazer às instituições culturais do Ceará após a sua morte, incluindo os livros de sua biblioteca, que não são discriminados por títulos, mas por gêneros. O testamento e a sua biblioteca serão analisados no próximo tópico. Testamento de Barão de Studart, peça inclusa do Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano de 1938, fl. 24 – Arquivo Público do Estado do Ceará.

<sup>148</sup> As consultas à obra de Cézar Cantu foram realizadas nos seguintes dias: 23/4/1879; 26/4/1879; 22/5/1879; 23/5/1879; 26/5/1879; 4/6/1879 e 5/6/1879. *Livro de Registro dos Consulentes da Biblioteca Provincial do Ceará* – Arquivo Público do Estado do Ceará.

<sup>149</sup> CANTU, Cesar. *História Universal*. V. 1. Lisboa: Editor-proprietário Francisco Arthur da Silva, 1875, p. 7.

crença do progresso da ciência, enumerando o aperfeiçoamento da humanidade desde a criação do mundo até os dias atuais do autor, ou seja, o ano de publicação da primeira edição da obra (1838). A *História Universal* era uma fonte de inspiração para Guilherme Studart, pois ele acreditava existir um propósito para todos os seres, no qual os homens estavam predestinados a cumprir um desígnio, inclusive ele, é claro.

Essa era uma crença tão arraigada no seu espírito que ele declarava, em discurso escrito ao Círculo Católico de Fortaleza, em 1914, que: “a providência tudo preside”.<sup>150</sup> A crença de que as vidas humanas seguem um plano está presente nas biografias escritas por ele. Em seu *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, Antônio Pinto Nogueira Accioly segue um “destino”: “não era, porém, a magistratura a carreira que o destino lhe acenava com as mais risonhas promessas, e sim a política”.<sup>151</sup> Sobre a vida do jesuíta Joaquim Ferreira Antero, ele afirma: “desde menino deu provas extraordinárias de piedade, sendo o elevo de seu pai, piedoso católico, filho da católica Espanha”.<sup>152</sup>

Sendo uma leitura da juventude e uma fonte de inspiração para sua concepção providencialista da história, podemos entender as razões que levaram Guilherme Studart a indicar a compra da obra de Cézar Cantu a outras instituições anos depois. Ao indicar a obra para o Gabinete de Leitura de Barbalha, obteve uma resposta negativa, já que na carta enviada a Studart, José Sampaio informa a impossibilidade de comprar os livros da *História Universal* por dar prioridade à construção de uma casa prestável para as sessões e a arrecadação de fundos para o Gabinete, que contava com uma pequena biblioteca constituída somente de 130 volumes.<sup>153</sup>

Studart também pode ter influenciado a obtenção da mesma obra pelo Instituto do Ceará e pela Sociedade de São Vicente de Paulo, instituições das quais fazia parte e que possuíam exemplares dela em suas bibliotecas.<sup>154</sup> Essa era uma

---

<sup>150</sup> STUDART, Guilherme. *Jesuítas e Jesuitismo*. Conferência na sede do Círculo Católico de Fortaleza. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1914, p. 6.

<sup>151</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. 119.

<sup>152</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1913, p. 24.

<sup>153</sup> Carta de José Sampaio de 21 de maio de 1890 – Acervo do Instituto do Ceará.

obra procurada por outros leitores da Biblioteca Provincial, como os consulentes João da Cruz Abreu e José de Barcellos, este professor de Geografia e História do Liceu do Ceará.

Além da *História Universal*, Studart consultou periódicos como a *Revue des deux Mondes*, como já foi mencionado anteriormente, e os *Anais do Arquivo Nacional*. Apesar das parcas informações do livro de registro dos consulentes da Biblioteca Provincial, os dados apresentados nos dizem algo sobre os interesses de Guilherme Studart. A leitura desses periódicos era disseminada entre os intelectuais que buscavam atualizar seus conhecimentos sobre temas que poderiam ser reunidos sob a denominação de “Belas-Letras”.

De acordo com a historiadora Tânia Regina de Luca, a *Revue des deux Mondes* “se constituía num dos modelos mais acabados de mensário cultural”,<sup>155</sup> cujo padrão era copiado por outros periódicos, como a *Revista do Brasil*, que seguia o formato, a ordenação do material, a linguagem e os temas abordados na revista francesa. Como leitor da *Revue*, Studart conhecia a estrutura interna do periódico, com seções apresentando artigos, contos, poesias, capítulos de romances, enfim, um conteúdo diversificado que pode ter influenciado o futuro editor da *Revista da Academia Cearense* e da *Revista do Instituto do Ceará*, como veremos mais detidamente em outro tópico deste capítulo.

Studart era leitor também de outros periódicos, como a *Revue des Questions Historiques*,<sup>156</sup> na qual Fustel de Coulanges publicou o artigo *De l'Analyse des textes historiques*, citado por Studart em seu livro *Notas para a História do Ceará*.<sup>157</sup> É preciso destacar a importância da leitura dos periódicos para a formação dos pesquisadores no século XIX, já que esse era o espaço para divulgação de trabalhos em andamento.

---

<sup>154</sup> Cabe ressaltar que Guilherme Studart doou, em seu testamento, partes de sua biblioteca para várias instituições, dentre elas, o Instituto do Ceará e a Sociedade São Vicente de Paulo, portanto algumas dessas coleções da obra de Cézair Cantu pode ter pertencido a Studart.

<sup>155</sup> LUCA, Tânia Regina de. Periodismo Cultural: a trajetória da Revista do Brasil. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp, 2005, p. 299.

<sup>156</sup> Encontramos na Biblioteca da Sociedade São Vicente de Paulo alguns exemplares da *Revue des Questions Historiques* que pertenceram a Guilherme Studart.

<sup>157</sup> O trecho é o seguinte: “Por causa delas, todavia, não me invadem as cóleras de Fustel de Coulanges, o elegante e incisivo autor de *De l'Analyse des textes historiques*, como não tomou-me de entusiasmo a maneira de Gabriel Monod, diretor da Secção de História na École des Hautes Études, ou seu erudito discípulo Desdèvises du Dezert” Cf. STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 37.

As escolhas de leituras de livros religiosos e históricos, feitas por Studart, divergem um pouco da maioria dos consulentes da Biblioteca Provincial do Ceará, já que estes consultavam romances, com o predomínio de autores estrangeiros, como Enrique Perez Escrich, Xavier de Montepin e Alexandre Herculano.<sup>158</sup> Diferente de outros consulentes, Studart não registrava esse gênero literário nas visitas feitas à Biblioteca. Algumas vezes, ele omitia o título e o autor da obra examinada, restringindo-se apenas a assinar seu nome no espaço indicado.<sup>159</sup>

Entretanto, em uma de suas visitas à Biblioteca, Studart escreveu a palavra “literatura” no campo destinado ao título do livro consultado, mas não sabemos a obra escolhida pelo leitor. Vale ressaltar que o emprego da expressão “literatura” nem sempre designava obras de ficção, pois o conceito de literatura como sinônimo de “romance” estava sendo consolidado no século XIX no Brasil. Dessa forma, literatura poderia incluir textos de filosofia, história, ensaios, poemas, cartas e outros. Parece que Studart preferia não mencionar a consulta de romances nesse espaço público de leitura, contudo era leitor “crítico” desse gênero, como mostram alguns registros deixados em seus livros e discursos sobre as impressões de suas leituras. Ao discursar em defesa da ação dos Jesuítas nas colônias portuguesas, Studart enumera uma série de romancistas, como Eugenie Sue, Monnais, Victor Henri-Joseph Brahain Ducange e Pierre-Jean de Béranger que, segundo ele, “escrevem com pretensões históricas, mas sem o rigor e a imparcialidade da história”,<sup>160</sup> deixando claras as suas preferências: a história era a sua eleita, enquanto a literatura sua preterida.

Outros trabalhos também dão indícios de suas leituras de romances, como seu livro *Geografia do Ceará*, publicado em 1924, escrito para figurar no livro comemorativo do Centenário da Independência do Brasil, organizado pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da qual Studart era sócio-correspondente. A obra apresenta, no capítulo *Sciencias e Letras*, uma breve

---

<sup>158</sup> Sobre as leituras realizadas na Biblioteca Provincial do Ceará cf. PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. *Ordenar para ler: mudanças na Biblioteca Provincial do Ceará em 1878*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2004.

<sup>159</sup> O próprio consulente era quem preenchia os campos indicados no Livro de Registro da Biblioteca Provincial do Ceará, assim, muitos assinavam apenas o nome. Isso aconteceu em 14 visitas de Studart ao estabelecimento, número que corresponde a 48% da sua frequência.

<sup>160</sup> STUDART, Guilherme. *Jesuítas e Jesuitismo*. Conferência na sede do Círculo Católico de Fortaleza. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1914, p. 4.

análise da contribuição dos cearenses na literatura nacional, enumerando romances e seus principais autores, como José de Alencar, Franklin Távora, Adolpho Caminha, Domingos Olympio e outros.

Dos autores citados acima, todos são biografados no seu livro *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, no qual encontramos comentários sobre os romances desses autores. O romance *Iracema* de José de Alencar era para ele “a mais brasileira das obras do autor, e é a única no gênero”;<sup>161</sup> já a obra *A Normalista*, de Adolpho Caminha, tido por ele como um “romance de tons naturalistas bem acentuados, cujas cenas desenrolam-se em Fortaleza”,<sup>162</sup> e o livro *Os Índios do Jaguaribe*, de Franklin Távora, era um “belo romance indianista”.<sup>163</sup>

Os comentários sobre os autores e as obras são curtos, mas dão indícios das suas apropriações desses romances. Studart queria, ao descrever livros e autores cearenses, enaltecer a literatura produzida por seus conterrâneos e exportar uma ideia de que o Ceará poderia contribuir para a construção de uma nação civilizada através das “letras”.

As marcas da leitura também estavam nos livros que ele escreveu, onde aparecem os seus interlocutores, a altercação das falas no próprio texto e nas notas de rodapé. Studart munuiu-se das suas leituras da crônica cearense produzidas até então para investir na publicação de alguns folhetos em jornais e periódicos da década de 1880, principalmente nas páginas da *Revista do Instituto do Ceará*, até reunir o material necessário para a execução de seu livro, *Notas para a História do Ceará*, publicado em 1892 pela tipografia Recreio de Lisboa.

Nessa obra, ele procura legitimar-se no campo historiográfico, apresentando uma narrativa que visa superar seus antecessores por meio da identificação do erro. No livro *Notas para a História do Ceará*, Studart descreve a evolução administrativa e militar do Ceará, apresentando as gestões dos capitães-mores a partir da administração de Quaresma Dourado e do ouvidor Proença Lemos em 1751, e finalizando com a nomeação do primeiro governador do Ceará, Bernardo Manuel de Vasconcelos, que inaugurou uma nova ordem político-econômica no Ceará independente, ou seja, livre da subordinação imediata de Pernambuco.

---

<sup>161</sup> STUDART, *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1913, p. 164.

<sup>162</sup> STUDART, *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. 8.

<sup>163</sup> Idem, p. 483.

Logo no primeiro capítulo, a narrativa é marcada pela contestação, quando o autor afirma que tudo que havia sido produzido sobre o Ceará antes “explora o assunto muito pela rama, além de conter algumas inexatidões”.<sup>164</sup> A ânsia de contestar e emendar aqueles que escreveram sobre a história do Ceará marcou a sua obra de tal forma que despertou as críticas de Capistrano de Abreu:

Não vejo motivo para a referência constante e pouco benévola às pessoas que antes trataram do assunto das minas do Cariri. Fizeram-no fundadas em documentos incompletos ou truncados. V. teve a felicidade de conhecer os autos completos. Não acha suficiente esta felicidade? Há uma página em que V. compara as versões de João Brígido, Théberge e Pompeu, em que sem dúvida V. mostra seu tino crítico, mas quer que lhe diga? Era dispensável e está deslocado. Aquele processo em que se pesam e medem as mínimas minudências tem sua razão de ser, e eu mesmo tenho empregado em casos especiais: é o Strauss, por exemplo, a propósito dos Evangelhos; será o único legítimo quando houver somente cronistas contraditórios, de cujo choque é preciso tirar luz. No seu caso, porém, é excessivo e serve somente para tornar a narrativa difícil e a leitura penosa.<sup>165</sup>

Antevendo as críticas, o médico procurou justificar no prefácio das suas *Notas* a escolha pelo emprego de longas transcrições de trabalhos anteriores, tendo em vista que seu objetivo era exatamente impugnar as asserções desses estudiosos, cujos estudos, segundo ele, estavam “eivados de inexatidões”<sup>166</sup> que deveriam ser corrigidas pela “atual geração de investigadores”, na qual ele se inclui.

De acordo com Capistrano de Abreu, a referência constante de Studart a pessoas que trataram sobre o tema (História do Ceará) nas *Notas* era dispensável, já que ele fundamenta sua pesquisa em fontes inéditas. Entretanto, o livro está repleto de críticas a autores e obras publicadas até então. Em cada capítulo encontramos marcas de suas leituras ou alusões aos livros lidos, em frases como: “diz o autor”; “segundo li”; “leiamos”; “vem a pelo citar algumas linhas”; “vejamos o que resta escrito”; “tive ocasião de dar-me à leitura”, que sinalizam a forma como a

---

<sup>164</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 21.

<sup>165</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 18 de junho de 1893. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 143.

<sup>166</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 33.

escrita se construiu a partir da leitura dos predecessores e da pesquisa de novas fontes para corrigir os estudos anteriores.

Quem eram esses predecessores lidos por Guilherme Studart? Quais os autores citados por ele na obra? São os autores da crônica cearense: João Brígido dos Santos, autor de *Apontamentos para a crônica do Ceará* e *Resumo Cronológico da História do Ceará* (1863); Pedro Théberge, autor do *Esboço Histórico sobre a Província do Ceará* (1869); Thomaz Pompeu de Souza Brasil (Senador Pompeu), autor do *Ensaio Estatístico da Província do Ceará* (1863) e Tristão de Alencar Araripe, autor de *História da Província do Ceará desde os tempos primitivos até 1850* (1867). Guilherme Studart procura atenuar a contribuição desses autores e de suas obras para a historiografia cearense:

Aí fica transcrito tudo o que a respeito escreveram J. Brígido e Théberge, autor, repito, a quem se têm socorrido os que hão procurado estudar o assunto. A alguém parecerá longa a transcrição, mas é-me preciso colocar sob os olhos do leitor aquelas páginas dos apontamentos e do Esboço histórico, visto como estou a impugnar muitas de suas asserções, e, ao iniciar este capítulo da crônica do Ceará, aventurei a proposição de que pequeno e assim mesmo eivado de inexatidões foi o legado daqueles estudiosos, que precederam à atual geração de investigadores.<sup>167</sup>

Embora a geração precedente tivesse deixado um legado para os estudos históricos no Ceará, ela havia sido superada pela atual geração de investigadores do passado cearense ligada ao Instituto do Ceará. Esse era o pensamento de Studart quando escreveu suas *Notas*, pois defendia um tipo de história fundamentada na pesquisa documental, na autenticidade das fontes e na imparcialidade do historiador. É este o princípio que norteia as críticas de Studart aos antecessores: o documento é imprescindível à confecção da história. Seu livro *Notas para a História do Ceará* foi escrito com o claro objetivo de apontar os erros produzidos pelos cronistas cearenses e corrigi-los.

O autor mais criticado nas *Notas* é João Brígido dos Santos, pois:<sup>168</sup> “não

---

<sup>167</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 33.

<sup>168</sup> João Brígido nasceu em 3 de dezembro de 1829 na província do Espírito Santo, mas mudou-se com os pais para o Ceará ainda criança. Exerceu diversas atividades: foi jornalista, tendo fundado os jornais *O Araripe* e *O Unitário*; professor de Português do Liceu do Ceará e político, exercendo os cargos de deputado e senador.

compulsou documentos”, “confunde a provisão do Conselho Ultramarino com a Resolução Régia”; “avançou juízo errôneo”; “a propósito desse fato importante de nossa História, João Brígido comete, como de costume, três graves erros”, ou ainda “assegurava um erro e mostrava desconhecer as diversas peças escritas da questão”.<sup>169</sup>

O autor do *Resumo Cronológico para a História do Ceará* já tinha sido alvo de críticas de outro membro do Instituto do Ceará, João Baptista Perdigão de Oliveira, que escreveu uma apreciação da obra no segundo tomo da *Revista do Instituto do Ceará*, em 1888, no qual afirmou que, como membro de uma sociedade que tem por fim o estudo da História do Ceará [o Instituto do Ceará], era seu dever fazer uma crítica ao livro:

Por mais de uma vez (confessamos) quisemos desistir do nosso intento, na consideração da nossa incompetência e na de termos de enfrentar a um ilustre professor e amigo. Venceu-nos, porém, o desejo de prestar um serviço à História da nossa Província. (...) Notam-se, porém, no livro do Sr. Major João Brígido, diversas faltas, que devem quanto antes ser retificadas. Quando se trata de História do Ceará, é o Sr. Major João Brígido com justa razão considerado como autoridade; daí também a imperiosa necessidade que há em ser, desde logo, qualquer equívoco ou erro seu devidamente refutado, afim de que não venha, para o futuro, a ser tomado sem a mínima inspeção como uma verdade, lançando assim mais algumas trevas na nossa História Pátria. As faltas, a que aludimos, referem-se: 1º a equívocos ou erros de datas e fatos, 2º à narração incompleta de alguns fatos, 3º finalmente à omissão de outros da História do Brasil que se revertem sobre o Ceará, como também de outros da vida própria da Província.<sup>170</sup>

A resenha crítica de Perdigão de Oliveira foi um instrumento utilizado para legitimar a produção da geração de pesquisadores do Instituto do Ceará e a produção de uma historiografia fundamentada na pesquisa documental. Embora João Brígido fosse uma autoridade no campo da História do Ceará, membro-correspondente do IHGB e professor do Liceu do Ceará, sua obra era contestada porque não se encaixava no “novo” padrão historiográfico do Instituto. Na obra de João Brígido, Perdigão reconhece uma série de erros de datas ou fatos. Porém, uma

<sup>169</sup> STUART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 127, 225, 125, 224 e 153, respectivamente.

<sup>170</sup> OLIVEIRA, João Perdigão de. O *Resumo Cronológico para a História do Ceará* pelo Sr. Major João Brígido ligeira apreciação por J. B. Perdigão de Oliveira. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1888, p. 26.



das contestações de João Perdigão de Oliveira foi refutada por Studart: “é chegada a vez de tomar a defesa do Major João Brígido”.<sup>171</sup> Para isso, Studart apresenta dois documentos que comprovam a afirmação de Brígido e impugnam a afirmação de Perdigão de Oliveira na questão referente à sucessão do ouvidor Dias e Barros. Embora Perdigão fosse membro do Instituto do Ceará juntamente com Studart, suas relações sempre foram estremecidas por críticas dos dois lados, como veremos adiante.

Quando publicou seu livro *Ephemérides do Ceará*, impresso em 1900 pela tipografia Studart, João Brígido respondeu às críticas feitas ao seu trabalho com essa breve nota: “todos os dados possíveis foram recolhidos de autores diversos, e documentos originais”.<sup>172</sup> João Brígido aponta um elemento crucial na polêmica: a pesquisa e a consulta de documentos originais foram realizadas com “dados possíveis”, ou seja, ele coletava documentos e relatos de testemunhas dos eventos pelo interior do Estado, mas não havia uma preocupação com a aplicação rigorosa de métodos científicos de pesquisa histórica nessa coleta, nem a busca de documentos fora do Brasil, como aquela empreendida por Guilherme Studart em Lisboa, Holanda e Espanha. Brígido havia coletado o que lhe foi possível e acessível.

De acordo com essa perspectiva, a escrita da História do Ceará não poderia ser orientada pelo testemunho oral ou pela crônica, como aquela feita por João Brígido, porque surgia, com o Instituto do Ceará, uma nova historiografia pautada por uma metodologia documentalista, com o intuito de escrever uma história oficial do Estado brasileiro no Ceará, fundamentada em novas regras que poderiam ser identificadas pelos leitores do livro *Notas para a História do Ceará*, como: a imparcialidade que “é condição essencial num historiador a inteira imparcialidade”; evitar o anacronismo, visto que é “plano meu não ocupar-me dos fatos senão nas épocas em que precisamente se realizam”; e a pesquisa e a coleta de documentos nos arquivos, como Studart, quando examinou “uma cópia existente nos Arquivos da Biblioteca Nacional de Lisboa”.<sup>173</sup>

---

<sup>171</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 291.

<sup>172</sup> BRÍGIDO, João. *Ephemérides do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1900, p. 154.

A parcialidade, o anacronismo e a falta de documentos comprobatórios condenaram João Brígido e outros estudiosos do passado cearense, como Tristão Alencar Araripe, Pedro Théberge e Senador Pompeu. Embora tenham colaborado muito para o desenvolvimento das pesquisas históricas no Ceará, esses autores não produziram de acordo com os parâmetros estabelecidos pela instituição, parâmetros esses criados a partir do interesse da nova geração em produzir algo diferente das crônicas publicadas até então.

Ao produzir uma escrita que representasse a especificidade cearense no universo brasileiro, Studart buscou fazer uma leitura da administração portuguesa inserindo o Ceará no processo civilizatório. Contudo, para dar visibilidade a essa escrita, era necessário fazer a obra circular entre os intelectuais brasileiros e estrangeiros. Para isso, Studart distribuiu a obra e reuniu as críticas recebidas em um folheto intitulado *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart intitulado “Notas para a História do Ceará”*, publicado em 1896, testemunho da “aceitação” de Studart no campo intelectual brasileiro, já que foram publicadas, na sua maioria, críticas elogiosas ao livro. Dentre as cartas publicadas, destacamos a de Sacramento Blake:

Recebi e agradeço do coração as *Notas para a história do Ceará* e o 1º fascículo da relação de documentos sobre a história pátria. Admiro sua paciência e força de vontade para despender nessas pesquisas largas somas e dedicar-se a tão árduos trabalhos. Já pude apreciar que suas notas esclarecem muitos pontos duvidosos de nossa história e retificam muitos erros em que têm caído os que têm escrito sobre ela.<sup>174</sup>

A correção aos erros dos antecessores é um ponto que se sobressaiu nos comentários tecidos pelos remetentes, como bem destacou Sacramento Blake na carta enviada a Guilherme Studart. Outros pontos destacados pelos remetentes são a imparcialidade do autor, a veracidade dos documentos sobre a história do Ceará e a transcrição destes, como aponta Barão de Santa Anna Nery, ao enfatizar em sua resenha<sup>175</sup> sobre o livro a publicação na íntegra de 150 documentos inéditos sobre o

---

<sup>173</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 290, 149 e 273 respectivamente.

<sup>174</sup> STUDART, Guilherme. *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart “Notas para a História do Ceará”*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, p. 5.

Ceará colonial.

Na primeira parte do livro *Apreciações*, de Studart, foram impressas onze cartas enviadas a ele, agradecendo a remessa do livro e tecendo comentários sobre a obra. Cabe sublinhar que as cartas publicadas podem ser reunidas em três grupos: o primeiro, de representantes de instituições intelectuais, como o secretário da Academia Real de Ciências de Lisboa, o diretor do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e o diretor do Arquivo Público da Bahia; o segundo, de redatores de periódicos, como os articulistas das revistas *Nação Portuguesa* e a *Revista de Storia Antica e Sciense Affini de Messina*; o terceiro, de remetentes renomados no campo intelectual, como Barão Homem de Mello, M. de Oliveira Lima, Clóvis Beviláqua, Christiano Barcellos, Sacramento Blake e o padre Jules Torrend. Este último foi o único que fez uma crítica a obra:

Diz V. Ex.<sup>a</sup> à pág. 175 falando da Relação inédita do padre Lourenço Kaulen que é “um grito de desapontamento e um protesto contra a ingratitude pontifícia”. O grito de desapontamento é muito natural e resulta abertamente de todo o contexto, mas o protesto contra a ingratitude pontifícia não vejo que palavras do padre Kaulen o possam justificar, nem me consta que jamais um jesuíta se deixasse possuir tanto de sentimento pela supressão da sua ordem que alcunhasse de ingratos os príncipes e soberanos temporais, quanto mais os Sumos Pontífices cujas ordens foram, são e hão de ser sempre de nós acatadas como ordens que emanam do vigário de Jesus Cristo na terra ainda mesmo que elas tendam à nossa própria destruição. Eis o ponto que me pareceu digno de algum reparo e sobre que tomo liberdade de patentear francamente a V. Ex.<sup>a</sup> o que sobre ele penso. No mais até me admiro sendo como sou tão propenso a arvorar a bandeira da crítica de não encontrar mais ponto nenhum onde ela possa ter cabida.<sup>176</sup>

A ressalva feita pelo padre Jules Torrend acerca da afirmação de Studart sobre a reação dos jesuítas em relação à decisão do Sumo Pontífice foi a forma encontrada pelo jesuíta de reafirmar a submissão da Companhia de Jesus à Igreja Católica. Embora o padre Torrend tivesse feito essa observação, as conclusões apresentadas por Studart no capítulo sobre a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de

---

<sup>175</sup> O Barão de Santa Anna Nery publicou uma resenha sobre o livro *Notas para a história do Ceará* na sessão “Homens e livros” do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em 14 de abril de 1893. Guilherme Studart publicou a resenha nas *Apreciações*. Cf.: STUDART, *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart “Notas para a História do Ceará”*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896a, p. 9

<sup>176</sup> STUDART, Guilherme. *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart “Notas para a História do Ceará”*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, p. 8.

Pombal foi o tema mais elogiado e debatido nas considerações feitas por outros remetentes. O colunista do jornal *A Verdade* sublinha que do livro “se destaca brilhantemente o capítulo que diz respeito à extinção da ordem de Jesus, cujos luminares e mártires da religião e da humanidade deve o Brasil a eterna gratidão de inolvidáveis serviços”.<sup>177</sup>

Além das cartas, Studart publica vinte e oito resenhas sobre seu livro em diversos periódicos brasileiros e estrangeiros. Dentre eles estão: *O Norte e A Verdade*, de Fortaleza; *Diário de Notícias*, do Maranhão; *Diário da Bahia*, de Salvador; *Província*, de Recife; *Diário de Natal e A República*, de Natal; *Tarde e A Nação*, de Lisboa; *A Ordem*, de Coimbra; *A Aurora*, de Cavado; *Polybiblion*, de Paris etc.

O livro *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart intitulado “Notas para a História do Ceará”* é um instrumento usado por Studart para dar visibilidade ao seu trabalho: mostra como o médico se constrói como autor, usando o impresso como estratégia de consagração. No mesmo ano em que publica seu primeiro livro de história do Ceará [*Notas*], faz circular também seu catálogo de documentos intitulado *Relação dos manuscritos, originais e cópias, sobre a História do Ceará que constituem a Coleção Dr. Guilherme Studart*.

O leitor de história tornou-se autor de história. Ao publicar *Notas para a história do Ceará*, Guilherme Studart circunscreve-se como um dos historiadores do Ceará, faz-se autor de história do Ceará, tornando-se uma autoridade na área. O lugar almejado por Studart era o posto de “maior” historiador do Ceará, embora nunca se aclamasse como tal. Contudo, considerava que a mais importante tarefa do historiador era a investigação documental. Assim, desempenhou essa tarefa com afinco, confiante de que a “verdadeira” história só poderia ser narrada com a comprovação de documentos autênticos. Desse modo, exaltou a pesquisa e se devotou à investigação de fontes históricas sobre o Brasil e especialmente sobre o Ceará.

---

<sup>177</sup> Idem, p. 17.

## 2.2 O COLECIONADOR

*O erudito quer totalizar as inumeráveis “raridades” que as trajetórias indefinidas de sua curiosidade lhe trazem e, portanto, inventar linguagens que assegurem a compreensão delas. A julgá-lo pela evolução de seu trabalho (passando por Peiresc e Kircher, até Leibniz), o erudito se orienta, desde o final do século XVI para invenção metódica de novos sistemas de signos, graças a procedimentos analíticos (decomposição, recomposição). Ele está possuído pelo sonho de uma taxonomia totalizante e pela vontade de criar instrumentos universais adequados à esta paixão pelo exaustivo.*<sup>178</sup>

No testamento, escrito aos 71 anos de idade, Guilherme Studart estabelece deveres e direitos aos herdeiros, que devem vigorar depois da morte dele. Uma dessas deliberações foi de que seus filhos legítimos tivessem apenas o usufruto do sobrado da sua residência, situado na Rua Barão do Rio Branco nº 82, não podendo vendê-lo, hipotecá-lo, dá-lo por caução ou aliená-lo<sup>179</sup> depois da sua morte. A sugestão da elaboração de um testamento foi dada por Capistrano de Abreu, em carta de 5 de dezembro de 1916, após a morte de Eduardo Prado, advogado paulista e proprietário de um acervo raríssimo que foi dilapidado em um leilão:

Precisas de fazer teu testamento em vida: entre os encargos que assumiste, alguns possuem substitutos previstos, legais: com tua desapareição o maquinismo continuará, não tão bem, é claro, mas sem parar. Por que não te antecipas, *motu proprio*, o que a natureza há de impor? Teus longos anos de trabalho dão-te direito de descanso. Feito o testamento em vida, resta aquilo que ninguém poderá substituir-te: a história de nossa terra. Reservando tuas forças, ganharás anos, e deixarás realizada a maior parte de tuas aspirações. Esta é a linguagem da amizade e do bom senso: duvido

---

<sup>178</sup>CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006, p. 82.

<sup>179</sup> Testamento de Barão de Studart, peça inclusa do Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano de 1938, fl. 4, – Arquivo Público do Estado do Ceará.

que a escutes: só conheço duas abdições voluntárias: a de Sila e a de Carlos V. Como todo o mundo receia a *capitis diminutio!*<sup>180</sup>

A prevenção não se referia ao espólio como um todo, mas dirigida ao espólio documental, ou seja, à *Coleção Studart*,<sup>181</sup> inclusive estendendo o seu alcance aos “encargos” de Studart, dentre eles a direção da *Revista do Instituto do Ceará*, órgão que reuniu parte considerável dos documentos da dita *Coleção*. Como previsto na carta de Capistrano, Studart não aceitou de prontidão o conselho.

Com a morte de Capistrano em 13 de agosto de 1927, Studart parece ter lembrado o aviso dado pelo amigo, já que em 13 de setembro do mesmo ano começou a escrever seu testamento, lavrado em cartório no mês seguinte, pelo qual dispõe dos seus bens aos herdeiros (seus filhos), incluindo no mesmo documento, composto de dezoito folhas, dois acréscimos: “declarações” e “legados e deixas”, onde descreve as suas últimas vontades, como doações de dinheiro ou de objetos pessoais para instituições, parentes, empregados e famílias carentes.

Na parte denominada de “legados e deixas”, Studart dispõe de objetos pessoais, como quadros, estátuas, esfinges, coleção de moedas, tinteiro de prata e outros. Os últimos legados registrados no testamento são a biblioteca, a mapoteca, a coleção de documentos, o arquivo pessoal e itens que compunham seu gabinete de estudos, destinados a instituições ligadas à cultura letrada no Ceará e na capital federal (Rio de Janeiro). Dentre os “legados e deixas”, destacou-se sua apreensão quanto ao destino do seu acervo. Resolveu encaminhá-lo a herdeiros institucionais, pretendendo, assim, controlar o futuro da *Coleção Studart*.

Muitos colecionadores destinavam suas coleções a instituições culturais, evitando uma dilapidação do material reunido. Pensando nisso, em 1753, o médico inglês Hans Slone, dono de uma das maiores coleções da Europa, doou para a Real Sociedade de Londres seus “livros, desenhos, manuscritos, gravuras, medalhas e moedas; antiguidades arcaicas e modernas, selos e camafeus, entalhes e pedras

---

<sup>180</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 5 de dezembro de 1916 [Grifos do autor]. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 184.

<sup>181</sup> O uso do termo “Coleção Studart” foi adotado por Guilherme Studart quando elaborou o catálogo do seu acervo, intitulado de *Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a História do Ceará que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*, obra impressa em 1892.

preciosas; ágatas e jaspes”,<sup>182</sup> peças que constituiriam, posteriormente, o Museu Britânico e o Museu de História Natural daquele país.

No testamento, Studart resolveu doar seu acervo para diversas instituições culturais e religiosas, desejando direcionar e controlar os lugares que guardariam seus registros escritos. Procurava também evitar uma dilapidação do acervo num “provável” leilão da coleção, como ocorreu com o acervo do paulista Eduardo Prado. O último item dos “legados e deixas” determinava o destino do seu acervo:

Deixo ao Instituto do Ceará meus livros contidos nas estantes nº. 11, 12, 13 e 14; à Biblioteca Pública de Fortaleza os contidos na estante nº. 10; ao Instituto Histórico, Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, os volumes do meu Arquivo Particular guardados na estante nº. 1 e os meus diplomas, cartas e mapas geográficos etc. que estão sob a estante nº. 4 e a estante envidraçada que fica entre as duas portas do meu escritório; e ao Instituto Arqueológico Pernambucano, os quatro volumes da *Nobiliarquia* por Borges da Fonseca, obra hoje, única e pela qual recusei a oferta de dois contos de réis. (...) à Sociedade São Vicente de Paulo, do Ceará, [deixo] a estante nº. 6 da minha biblioteca e os livros nela contidos os quais se referem a assuntos religiosos.<sup>183</sup>

A lista dos legados é longa, e os beneficiários são pessoas e entidades das quais ele era membro, sendo o documento extremamente sucinto e direto quanto à descrição dos benefícios que Studart confia a terceiros, como no caso do seu acervo e da biblioteca (não há detalhes sobre o número de volumes ou a quantidade de documentos que fazem parte da *Coleção Studart*, pois o testador não se preocupa na discriminação dos bens, mas procura ser preciso na determinação de quem deve herdar seu acervo).

O acervo, reunido durante cinco décadas, revela a preocupação do proprietário em guardar os registros de sua trajetória e em acumular documentos sobre sua terra natal, o Ceará, salvaguardando-os em seu gabinete e, posteriormente, propagando-o no impresso com a elaboração de dois catálogos do acervo. No entanto, ao doar o seu espólio, Studart resolveu fragmentá-lo entre as

---

<sup>182</sup> BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: RECORD, 2003, p. 105.

<sup>183</sup> Testamento de Barão de Studart, peça inclusa do Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, fl. 14, 1938 – Arquivo Público do Estado do Ceará.

várias instituições das quais era membro e/ou diretor, mesmo que estivessem localizadas fora do Ceará, caso do IHGB, sediado no Rio de Janeiro. Embora tenha tido a preocupação de preservar sua residência permitindo apenas o usufruto dela pelos herdeiros, Studart não sugere que seu acervo seja preservado nesse espaço. Prefere que ele seja dividido entre as agremiações das quais era membro, numa tentativa de institucionalizar seu arquivo pessoal para garantir a conservação, a manutenção e a visibilidade do mesmo, além de adquirir renome por construir uma coleção e consagrá-la à “utilidade pública”.

De acordo com Cunha e Philippi, a prática de doação de um acervo a uma instituição pública traz desejos de conservação dos materiais que a integram, mostrando uma forma de evidenciar uma continuidade do arquivo e de seu proprietário. Além disso, a “publicização de um arquivo pessoal acarreta na formação da imagem pública do seu doador”,<sup>184</sup> ou seja, o acervo e seu doador tornam-se parte da instituição, imortalizando-se naquele espaço, que passa a produzir e representar uma imagem pública do doador.

O advogado cearense Eurico Facó era proprietário de uma biblioteca de livros raros, doada ao Instituto do Ceará após a sua morte, que ressalta sua condição de erudito. Como afirmou Giselle Venâncio ao analisar a coleção, ele foi: “proprietário de livros incomuns, uma coleção de flores raras que adornam um jardim das delícias único e excepcional. Possivelmente era esta a forma que o poeta gostaria de ser lembrado por seus conterrâneos”.<sup>185</sup> Ao arquivar papéis sobre o Ceará e sobre sua própria vida, Studart também estava tentando marcar seu lugar como letrado e garantir que não fosse esquecido pela posteridade. A vontade de determinar como o futuro vai lembrar do passado motivou esses homens a atuar no presente, controlando os registros de suas vidas, armazenando aquilo que os qualificava enquanto membros de um grupo, o dos “homens de letras”.

Dirigindo-se ao futuro, Studart dividiu seu acervo entre várias instituições, dentre elas o Instituto do Ceará, a Biblioteca Pública do Ceará, a Sociedade de São

---

<sup>184</sup> CUNHA, Maria Tereza Santos; PHILIPPI, Carolina Cechella. Uma biblioteca sem ordem. Figurações em torno do acervo de livros de um intelectual do século XX. In: RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e (orgs.). *Cultura e Memória: os usos do passado na escrita da História*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 309.

<sup>185</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. *As Flores raras do jardim do poeta: o catálogo da coleção Eurico Facó*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p. 60.



Vicente de Paulo e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Contudo, seu pedido não foi logo atendido pelos herdeiros, já que somente em 5 de julho de 1943, cinco anos depois da sua morte, resolveram confiar ao Instituto do Ceará o acervo do presidente perpétuo da instituição (composto por livros, notas, documentos e trabalhos inéditos, segundo relato de Raimundo Girão em sessão do Instituto).<sup>186</sup> O que restou da *Coleção Studart* ainda estava depositado na sua antiga residência quando foi doado por Luiz Studart e Osvald Studart Filho:

Com os olhos rasos de tristeza ante o deplorável estado de conservação em que a deparou, relegada a uma cafua da casa em que morava o Barão e agora, realisticamente, serve de instalação de uma hospedaria de terceira classe. Tudo em desalinho, estragado pelas águas que desciam do andar superior através do esburacado assoalho de madeira. Muitas das miscelâneas, inteiramente imprestáveis, irrecomponíveis. (...) Ainda assim, catorze das miscelâneas não puderam, em absoluto, ser restauradas, vindo-se a perder não diminuta porção do acervo que tantas fadigas e despesas custara ao insone colecionador. O resto, guarda-o hoje o Instituto, refeitas as encadernações e convenientemente preservadas.<sup>187</sup>

Ao afirmar que foram “refeitas as encadernações”, Girão nos indica que, provavelmente, o Instituto do Ceará pode ter feito a ordem dada por Studart a sua coleção, pois não há informações sobre o procedimento realizado nas reencadernações (assim não podemos saber se foi mantida a ordem original do proprietário). Reencadernados e depositados no Instituto do Ceará, em Fortaleza, há atualmente 56 cadernos (figura 4) que foram organizados de modos diversos e divididos em duas séries diferentes, sendo a primeira denominada “Documentos” (38 volumes), e a segunda denominada de “Correspondências” (18 volumes).

Esta pesquisa priorizou o trabalho com a segunda série, pois nosso objetivo é entender o modo como Studart se constrói como uma autoridade em temas ligados ao Ceará através da sua coleção, e sua correspondência nos informa sobre a complexa rede de intercâmbio que se estabelece entre ele e seus correspondentes.

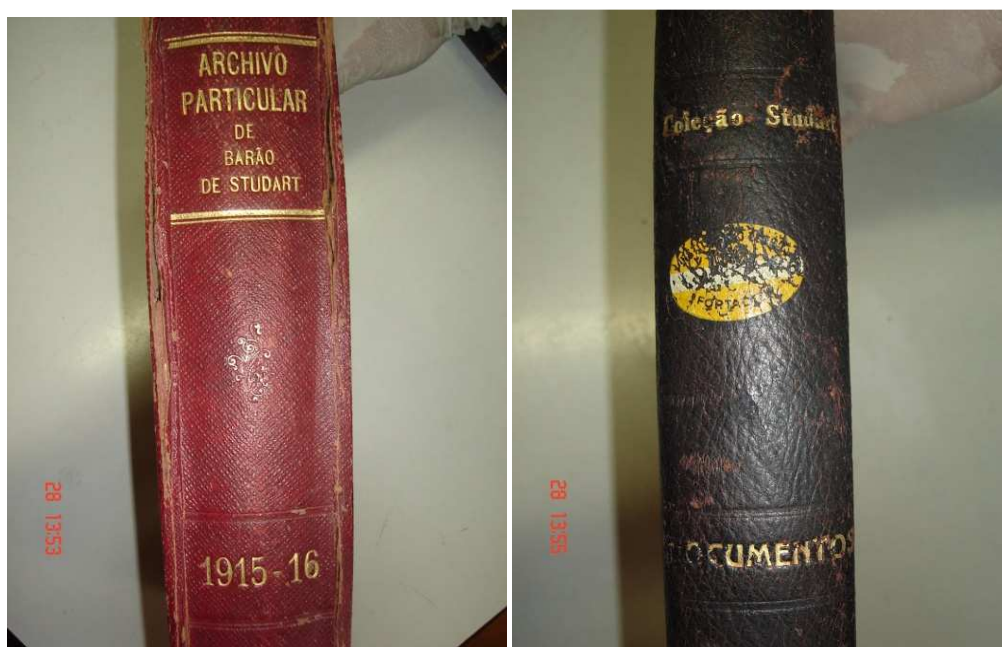
Essa segunda série é composta de cartas recebidas e enviadas ao Barão

---

<sup>186</sup> Sobre a doação da Coleção Studart, ver as atas das sessões realizadas no ano de 1943. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1943, p. 307.

<sup>187</sup> GIRÃO, Raimundo. O Barão de Studart e a Historiografia Cearense. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, 1956, p. 26.

de Studart, no período de 1878 a 1938, embora não obedecam a uma ordem cronológica rigorosa, já que foram coladas aleatoriamente, seguindo apenas a indicação do ano ou dos anos gravados na lombar do volume. Os volumes foram divididos da seguinte forma: caderno 1 (1824 – 1938);<sup>188</sup> caderno 2 (1878 – 1908), caderno 3 (1890 – 1895), caderno 4 (1896 – 1899), caderno 5 (1900 – 1903), caderno 6 (1904 – 1907), caderno 7 (1908 – 1911), caderno 8 (1908 – 1914), caderno 9 (1911 – 1913), caderno 10 (1914 – 1915), caderno 11 (1915 – 1916), caderno 12 (1917), caderno 13 (1918), caderno 14 (1919), caderno 15 (1920 – 1921), caderno 16 (1922 – 1924), caderno 17 (1923 – 1925), caderno 18 (1925 – 1926).



*Figura 4 – Cadernos da Coleção Studart – Acervo do Instituto do Ceará.*

Consideramos que havia uma lógica de acumulação que determinava o arranjo dos papéis nos cadernos denominados de “Arquivo particular de Barão de Studart”, provavelmente feito por ele mesmo, já que nessa série não consta na lombar o símbolo do Instituto do Ceará.

O ato de encadernar livros, manuscritos, correspondências, jornais e papéis era uma prática entre os intelectuais do século XIX, como é mencionado na

---

<sup>188</sup> Nesse caderno existem cartas avulsas dirigidas e recebidas pelo pai de Studart, William Studart, anteriores ao seu nascimento (1856).

carta escrita por Eduardo Studart, afirmando que irá providenciar as encadernações dos livros do irmão Guilherme na sua visita ao Rio de Janeiro em 1917.<sup>189</sup> Essa afirmação nos indica que Studart encadernava os livros de sua biblioteca particular, bem como podia empregar a mesma prática nos documentos de sua coleção. Cabe sublinhar outro indício dessa prática: a presença, na sede cearense da Sociedade São Vicente de Paulo, de uma coleção das *Revistas do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará*, que pertenciam à biblioteca de Studart e também foram encadernadas luxuosamente, separadas por períodos e gravadas na lombar com letras douradas o nome “B. Studart”, indicando mais uma vez a preocupação de Studart em ordenar seus papéis e identificá-los com seu nome para firmar sua propriedade.

Além disso, a denominação usada em seu testamento “Arquivo particular de Barão de Studart” é a mesma gravada em letras douradas nas encadernações da série “Correspondência”, cujos cadernos são divididos a partir do critério cronológico, embora não estejam alocadas em uma sequência cronológica rígida. Seguem apenas a indicação do ano impressa no caderno, como se pode observar na figura 5. Não consta o timbre do Instituto do Ceará na série “Correspondência”, como ocorre com a série “Documentos”, como já foi dito.

---

<sup>189</sup> Carta de Eduardo Studart de 24 de abril de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

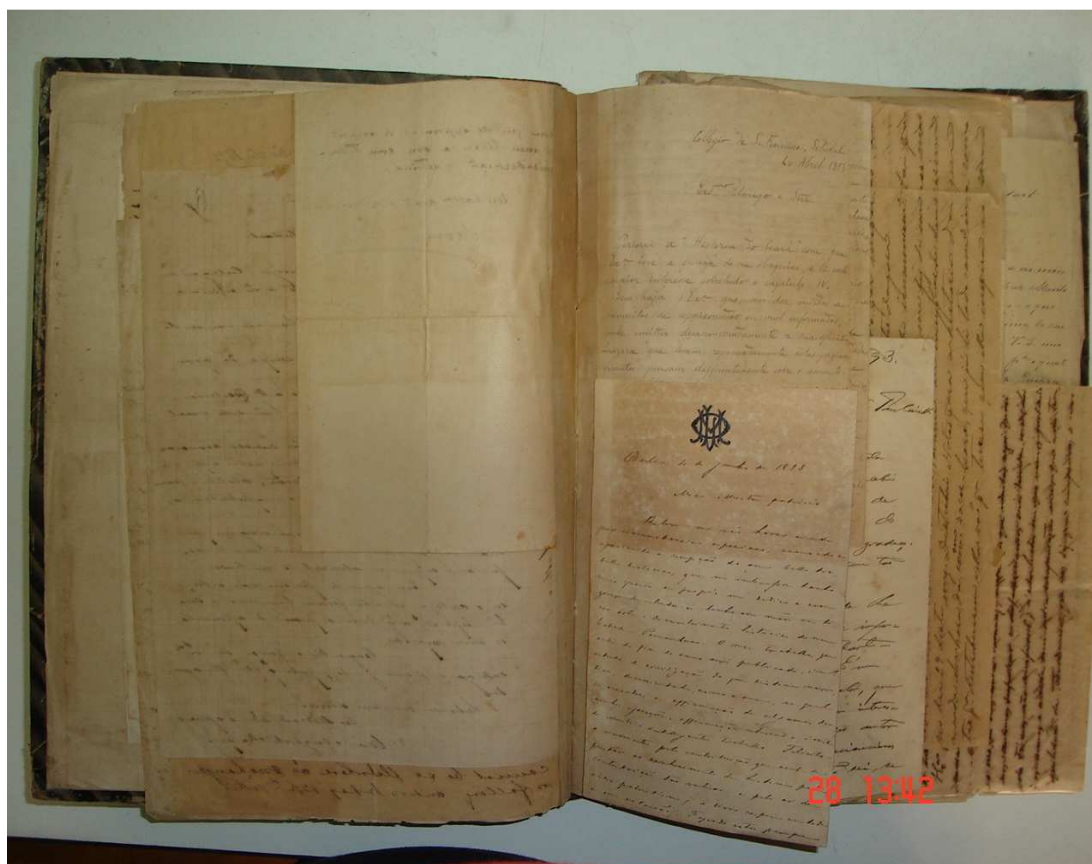


Figura 5: Caderno de correspondência da Coleção Studart – Acervo do Instituto do Ceará.

Outro elemento que ajuda a entender o modo como o arquivo de Studart foi organizado, ou mesmo a forma como esse material era armazenado no seu gabinete de estudos, é a descrição da disposição das estantes da biblioteca feita no testamento dele, uma vez que seu relato apresenta uma divisão temática, pois os livros estão em estantes numeradas, cada uma armazenando livros sobre um tema específico.

Pelo testamento, Studart informa que o acervo era composto de documentos do seu arquivo particular que estavam guardados na estante nº 1, o que demonstra, numa escala numérica, a importância dada pelo proprietário a esse arquivo. Já os diplomas, as cartas e os mapas geográficos estavam na estante nº 4 e na estante envidraçada que ficava entre as duas portas do seu escritório; a estante nº 6 guardava os livros religiosos; as estantes nº 11, 12, 13 e 14 guardavam os livros de história e geografia, a estante nº 10, provavelmente, guardava os romances, já que foi destinada à Biblioteca Pública, espaço privilegiado de leitura literária. Por essa declaração, ficamos sem saber o que havia nas estantes 2, 3, 5, 7, 8 e 9, bem como se havia outras. Entretanto, a declaração nos indica que havia uma lógica de

armazenamento na sua biblioteca cujo critério adotado para a disposição das estantes era o conteúdo ou o tema dos livros.

Como já foi dito, a vontade expressa em seu testamento era de que o destino da biblioteca, assim como do arquivo pessoal, fosse fracionada pelas várias instituições, como o Instituto do Ceará, a Biblioteca Pública de Fortaleza, a Sociedade de São Vicente de Paulo e o IHGB. De fato, encontramos alguns livros identificados com o nome de Studart impresso na lombada dos mesmos em algumas das estantes das bibliotecas dessas instituições. Mas há indícios da existência de livros que pertenceram a Studart em outras instituições, como a Biblioteca Central da Universidade Federal do Ceará (UFC).<sup>190</sup> Porém, a composição completa de sua biblioteca dificilmente será conhecida, assim como sua mapoteca, que também desapareceu depois da divisão do espólio entre os herdeiros, inclusive com a doação, feita em testamento, de alguns livros de Studart aos parentes.<sup>191</sup>

A guarda da mapoteca e do arquivo pessoal foi destinada ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), do qual Studart era sócio-honorário, em detrimento do Instituto do Ceará (IC) ou mesmo do Arquivo Público do Ceará, criado em 1932 e que mantinha uma seção especial para o Instituto do Ceará em uma de suas salas. Talvez Studart soubesse das dificuldades dessas instituições em manter e preservar um arquivo como o seu, ou porque desejasse que seu arquivo pessoal ficasse sob a guarda de uma instituição de visibilidade “nacional”. Entretanto, foi o próprio IC que recebeu o acervo na década de 1950, permanecendo responsável pela sua manutenção até hoje.

Colecionadores recebem e doam objetos. Eles fazem trocas, doam para receber e recebem para doar. O IHGB recebeu a oferta de um livro raríssimo,

---

<sup>190</sup> Pesquisando nas bibliotecas públicas do estado do Ceará, dentre elas a Biblioteca do Instituto do Ceará, a Biblioteca Menezes Pimentel, a Biblioteca da Academia Cearense de Letras e a Biblioteca Central da UFC, encontramos alguns títulos que pertenciam à Biblioteca de Guilherme Studart, identificados pela presença de dedicatórias destinadas a ele. São eles: *Rã-txa Hu-ni-ku-i*: gramática, textos e vocabulários caxinauás, de Capistrano de Abreu; *Os Novos do Ceará no primeiro centenário da Independência do Brasil*, de Aldo Prado; *O Nordeste do Brasil*, de Sylvio Fróes Abreu, *Na seara das letras*, de Juvêncio Barroso, além do *Almanaque do Ceará*, de 1910, com dedicatória de Sófocles Câmara, e também dos livros e *Revistas do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo*, encadernadas com seu nome e depositadas na Sede central da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará, em Fortaleza.

<sup>191</sup> Em seu testamento, Studart doa à enteada Dolores a “estante de vidro existente na saleta de entrada do meu escritório e os livros dela, que quiser escolher. Essa estante era a do uso de Luísa”. Testamento do Barão de Studart, processo nº 154/13, fl. 14, ano 1938 – Arquivo Público do Estado do Ceará.

impresso na cidade de Lisboa em 1892, do cosmógrafo português Duarte Pacheco Pereira, intitulado *Esmeraldo de Situ Orbis*, doação feita por Studart. Além dessa obra, Studart doou outros livros de sua autoria ou organizados por ele para o IHGB,<sup>192</sup> como o livro comemorativo do tricentenário do Ceará. Entre junho e julho de 1932, fez doações para o recém instalado Museu Histórico do Estado do Ceará: “120 moedas estrangeiras e 79 moedas nacionais; duas cédulas recolhidas do Império e da República, dos valores de 2\$000 e \$500; dois “jacarés”<sup>193</sup> de bronze retirados da casa de sua residência à Rua Barão do Rio Branco n. 82”.<sup>194</sup>

Outras doações foram dirigidas à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como nos informa Manoel Cícero ao agradecer a oferta feita: “tenho o prazer de acusar o recebimento de uma coleção de cartas que lhe foram dirigidas pelo Dr. Teixeira Melo, de saudosa memória, e de que agora se separa para ofertar à Biblioteca Nacional”.<sup>195</sup> Além dessas, Studart doou quatro cartas de Oto de Alencar dirigidas a ele para a mesma instituição. Essas doações às instituições lhe renderam reconhecimento, já que o diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa, Xavier da Cunha, informa que Studart foi inscrito no quadro de honra devido às doações de livros feitas à instituição.<sup>196</sup> Essa prática de doar livros às instituições letradas gerou um intercâmbio institucional com as entidades das quais Studart era diretor, como o Instituto do Ceará.

Mesmo que Studart não tenha tido a preocupação de preservar de forma integral seu arquivo, considerando que o dividiu pelo testamento, ele tentou preservar, em vida, a coleção de documentos por meio da publicação. Parte dessa coleção foi “imortalizada” pelo impresso. Como nos lembra Jeanne Marie Gagnebin, “a escrita, por sua vez, deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras”.<sup>197</sup> Desse modo, para garantir a continuidade e evitar o

---

<sup>192</sup> Sobre a lista das ofertas feitas ao IHGB no ano de 1893, ver Atas das sessões de 1893. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1893, p. 139. Para a doação do livro do tricentenário, ver atas das sessões de 1903. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1904.

<sup>193</sup> “Jacaré” era a denominação dada aos escoadouros das águas pluviais dos telhados das casas para a via pública, crismada pelo povo devido à sua conformação parecida com esse anfíbio.

<sup>194</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA, Antônio Luiz Macêdo e (orgs.). *Museu do Ceará. 75 anos*. Fortaleza: Associação dos Amigos do Museu do Ceará/Secretaria de Cultura de Fortaleza, 2007, p. 26.

<sup>195</sup> Carta de Manoel Cícero de 6 de julho de 1910 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>196</sup> Carta de Xavier da Cunha de 6 de março de 1911 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>197</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 11.

esquecimento, Studart investiu em diversos empreendimentos editoriais com a intenção de difundir sua coleção de documentos para os contemporâneos e os pôsteres.

Antes de relatar quais foram esses empreendimentos editoriais, é necessário pensar sobre o modo de constituição desse arquivo pessoal, que reúne cartas pessoais trocadas entre pai e filhos e cartas institucionais que foram anexadas ao arquivo de Studart, pois ele recebia a correspondência de muitas das agremiações das quais era membro, uma prática que contribuiu para dar um volume significativo ao acervo. Não podemos indicar o momento inicial do colecionamento de Studart, mas temos indícios para afirmar que seu projeto ganha força a partir da sua primeira viagem à Europa, realizada em 1884, em busca de documentos.

Alguns anos depois, em 1892, Studart empreende uma nova viagem à Europa para uma temporada de um ano, em companhia da esposa, Luísa da Cunha, para localizar, copiar e adquirir os documentos sobre a história do Ceará, presentes nos arquivos europeus, principalmente os portugueses. Sobre o objetivo da viagem, escreveu um colunista de *O Norte*, em 1893:

Ouvíramos dizer que um dos objetivos da última viagem do Dr. Studart à Europa fora aumentar a rica coleção de livros e documentos sobre a história do Brasil de que era possuidor, mas não prevíamos que nossa expectativa, bem como a de todos os bons cearenses, fosse correspondida de modo tão feliz. Os documentos encerrados nas “Notas para a história do Ceará” são uma diminuta parcela do tesouro, que guarda o Dr. Studart, não como avaro, mas como um depositário ilustrado e liberal para os que como ele entregam-se desvelados a este ramo de estudos e que deles muito poderão aproveitar.<sup>198</sup>

Um dos procedimentos normativos para a escrita histórica oitocentista, prescritos pelo IHGB desde sua fundação em 1838, era a compilação e reunião de fontes escritas sobre o processo de ocupação e formação do Brasil. Segundo Maria da Glória de Oliveira, que investigou a escrita da história do IHGB no Oitocentos, os sócios da nova agremiação “deveriam coligir e organizar documentos para os estudos históricos e geográficos nacionais, o que transformava o IHGB em centro

---

<sup>198</sup> STUDART, Guilherme. *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart “Notas para a História do Ceará”*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, p. 15.

autorizado para a elaboração de um discurso sobre o Brasil”.<sup>199</sup> As histórias nacionais escritas por esses sócios “deveriam se apresentar antes de tudo, como um saber guarnecido de provas, cabendo àqueles que as elaboram não somente oferecer o relato verdadeiro sobre os acontecimentos, mas também nomear os protagonistas”.<sup>200</sup> Diante desses preceitos, os historiadores empreenderam uma busca por fontes em diversos arquivos nacionais e estrangeiros.

A história não desfrutava, em certa medida, do *status* de disciplina, embora as regras da prática da escrita histórica fossem mais ou menos estabelecidas por um coletivo formado de “especialistas” e investigadores do passado brasileiro, geralmente reunidos em torno dos institutos históricos. No momento de constituição desse *status* disciplinar, o ato de coligir fontes sobre o passado foi um dos primeiros passos tomado pelos investigadores da história no Brasil. Provavelmente, foi imbuído dessas concepções propagadas pelo IHGB que Studart empreendeu suas viagens aos arquivos para coligir documentos sobre sua terra natal.

A maioria dos “especialistas da história pátria” no Ceará (como Paulino Nogueira, João Perdigão de Oliveira e Antônio Bezerra) guardavam em suas residências bibliotecas compostas de raridades históricas, velhos pergaminhos e códices antigos. No prefácio do folheto *Documentos para a história do fundador do Ceará*, Studart questiona: “porque eles não entregam a publicidade esses tesouros, de que não devem ser guardas avarentos?”.<sup>201</sup> Ao denunciar os pares, ele se destaca do grupo por agir de maneira diferente, publicando os documentos guardados em sua residência.

Segundo Pomian, os colecionadores acumulam objetos para expor ao olhar dos expectadores, já que o fato de possuir uma coleção confere prestígio ao colecionador, enquanto “testemunham o gosto de quem a adquiriu, ou as suas profundas curiosidades intelectuais, ou ainda a riqueza ou generosidade, ou todas essas qualidades conjuntamente”.<sup>202</sup>

---

<sup>199</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 38.

<sup>200</sup> Idem, p. 21.

<sup>201</sup> STUDART, Guilherme. *Documento para a biografia do fundador do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1895, p. II.

<sup>202</sup> POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. 1 Memória – História. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 54.



Para a coleção ser admirada, vista e desejada era preciso ser exposta num ambiente de visitação ou num espaço de maior circularidade, como um livro ou catálogo. Studart optou pelas duas formas, pois a *Coleção Studart* estava depositada no gabinete de estudos da sua residência em Fortaleza, onde era visitada por amigos, pares intelectuais e visitantes, como foi o caso do pernambucano Mário Melo. Em visita à cidade em 1917, ele descreve a casa de Studart como um autêntico “gabinete de curiosidades”.<sup>203</sup>

Sua casa é um museu de raridades. Os mais antigos manuscritos de nossa história, desde o primeiro ao último atlas do Ceará, animais petrificados, ossadas de fósseis, pedras de minas, tudo que a terra de Iracema pode ter de curioso no gênero do estudo do eminente polígrafo se encontra em sua biblioteca. Mais importantes para a história de Pernambuco são os manuscritos do barão de Studart. Tanto quanto me foi possível folhear, numa visita de horas em que a admiração se extasiava aqui e ali, vi em sua estante e li por alto toda a revolução de 1817 em manuscritos, cartas e documentos autógrafos.<sup>204</sup>

A descrição de Mário Melo nos remete ao ideal proposto nos antigos gabinetes de curiosidades europeus dos séculos XVI e XVII, de caráter erudito, que tinham como objetivo juntar e colecionar objetos de lugares distantes e desconhecidos, já que o “ato de colecionar transfigura-se em compreensão de tudo o que há no mundo”.<sup>205</sup> Para Helga Possas, os gabinetes tentavam reproduzir o mundo em um pequeno espaço. Ao reunir objetos como exemplares dos reinos animal, vegetal e mineral ou produtos da ação humana, antiguidades e objetos exóticos em um mesmo lugar, os gabinetes davam ao seu proprietário um sentimento de poder sobre o conhecimento do mundo.

A tentativa de possuir cópias e originais de “todos” os documentos relativos ao Ceará fez Studart formar e manter sua coleção arquivada em seu

---

<sup>203</sup> A *Coleção Studart* era uma parte daquilo que formava o gabinete de Guilherme Studart, composto por outros artefatos, como fósseis, pedras, moedas, livros e mapas que desapareceram ou foram incorporados a coleções de outros colecionadores depois da sua morte.

<sup>204</sup> MELO, Mário. Manuscritos sobre a Revolução de 1817. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1917, p. 277.

<sup>205</sup> POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. *Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPQ, 2005, p. 151.

gabinete de estudos, reunindo vestígios e restos do “passado cearense”,<sup>206</sup> materializados em diversos suportes, como manuscritos, impressos, livros, mapas e fotografias, uma série de artefatos da cultura letrada que foram preservados, conservados e exibidos ao olhar do outro, seja por meio da visitação, como fez Mário Melo, ou da fotografia (figura 6), marcando um lugar de notoriedade e distinção para o proprietário desse espaço.

O relato de Mário Melo também nos revela a presença de outros gêneros de objetos: fósseis, pedras de minas, animais petrificados etc. Esses objetos ampliam o caráter da coleção de Studart, pois são exemplares do mundo natural que estão inseridos nesse universo devido ao fato de pertencerem ou terem surgido no Ceará. Outros objetos “curiosos” também faziam parte do gabinete de estudos de Studart e foram listados no seu testamento, como relíquias religiosas, estátuas de bronze, jacarés de bronze, esfinge do rei Henrique IV, coleção de moedas e medalhas, ou ainda, objetos descritos em suas obras: “a camisa que vestia Facundo ao ser assassinado”;<sup>207</sup> reproduções dos quadros *Canção Antiga* e *Porangaba*, do pintor João Moreira de Araripe Macedo.<sup>208</sup>

Os mais diversos objetos presentes em seu gabinete (figura 6) e espalhados pela residência tornavam-se ainda mais interessantes ao olhar do observador que admirava a capacidade do colecionador em despender dinheiro em troca de tantos objetos “curiosos”, e a sua propensão para acumulá-los e conservá-los em sua propriedade, pois “quanto mais ampla a coleção, em termos quantitativos, maior o *status* e o poder de seu proprietário”.<sup>209</sup>

---

<sup>206</sup> A cultura letrada do oitocentos era ciosa em conservar as “ruínas” do passado, buscando estabelecer relações que transformassem a experiência do passado em explicação para o presente das sociedades humanas. Sobre a Cultura Oitocentista ver GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a, p. 93-122.

<sup>207</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. 470.

<sup>208</sup> Idem, p. 501.

<sup>209</sup> POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPQ, 2005, p. 157.



Figura 6: Guilherme Studart em seu gabinete – Acervo do Instituto do Ceará.

Se o poder e o *status* podem ser medidos pelo tamanho de uma coleção, a imagem acima é uma representação do poderio alcançado por Studart com seu colecionamento. Nessa fotografia, Studart apresenta-se de pé em seu gabinete de estudos, característico da república das letras: decorado com papel de parede e mobiliário próprio para arquivamento, como estante, escrivaninha, além de uma estante giratória com prateleiras de todos os lados completamente abarrotadas de papéis e encadernações. Studart deixa-se fotografar segurando a estante giratória com o olhar fixo na pilha de papéis que ele colecionava, um modo que ele encontrou para registrar a posse desse acervo documental.

Além da imagem, Studart deu visibilidade à coleção por meio de dois empreendimentos editoriais: os dois volumes da *Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a História do Ceará que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*, já citados anteriormente, e os quatro volumes dos *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará (1608-1625)*, como veremos no próximo tópico.

## 2.3 O AUTOR

Os “elementos” que proponho introduzir na tela de Foucault originam-se, principalmente, de uma sociologia de textos definida como o estudo do “texto como uma forma registrada”. Essa perspectiva nos permite compreender que a “função-autor” não é somente uma função discursiva, mas também uma função da materialidade do texto.<sup>210</sup>

Na viagem feita para Lisboa em 1892, Studart realizou pesquisas nos arquivos portugueses e mandou imprimir numa gráfica da cidade seu primeiro livro: *Notas para a história do Ceará*, no qual publicou vários documentos encontrados na ocasião. Quando estava coletando o material para o livro, foi visto pelo Barão de Santa Anna Néri que, ao receber o livro de Studart, publicou uma resenha no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro em 17 de abril de 1893:

Em janeiro deste ano (1893) achava-me eu engolfado na leitura de uns manuscritos, quase apagados pela mão do tempo, naquela formosa Biblioteca Nacional de Lisboa, tão repleta de preciosidades e tão poética de aspecto que a gente tem vontade de aí passar a vida – quando à mesa vizinha sentou-se um rapaz modesto, que sobraçava enorme maço de papéis já cobertos de apontamentos. Durante vários dias ali, encontrei o mesmo vizinho. Soube do amável erudito bibliotecário que aquele estudioso, sempre o primeiro a chegar e sempre o último a sair da sala reservada de trabalho, era um patrício nosso, um nortista, que estava coligindo materiais sobre a sua terra natal.<sup>211</sup>

Com a publicação do livro, Studart divulga ainda mais sua coleção de documentos e passa a ser reconhecido pela posse da mesma. Os apontamentos e a coleta realizados nessa época resultaram, em parte, na elaboração do livro *Notas para a História do Ceará*, publicado em 1892 pela tipografia Recreio de Lisboa. Com o livro, ele retornou ao Ceará autor. Fez a transcrição de 150 documentos e

---

<sup>210</sup> CHARTIER, Roger. *Autoria e história cultural da ciência*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 63.

<sup>211</sup> NÉRI *apud*. STUDART, Guilherme. *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart “Notas para a História do Ceará”*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, p. 9.

apresentou, no final, um plano de trabalho para o futuro:

Possuidor de grande cópia de documentos, que são uma revelação para a História do Ceará, não só pelo seu número, que excede a dois mil, como por sua antiguidade, pois que remontam alguns ao primeiro quarto do século XVII, pensei em iniciar a publicação deles. Mas uma publicação de documentos, por mais interessantes que fossem, fazendo-se desacompanhada em considerações, de comentários, sem ligação, sem concatenação, iria constituir uma leitura enfadonha, convidativa apenas dos especialistas, dos amantes de antiguidades. Circunscrevia-se, portanto, a um pequeno número de pessoas. Resolvi por isso debuxar em largos traços um certo período da crônica do Ceará e ir entremeando trechos de documentos ou documentos em sua íntegra pelo mesmo modo e obedecendo ao mesmo plano.<sup>212</sup>

Seu plano era difundir e publicar documentos da sua coleção sobre a história do Ceará “coligidos” no Brasil e na Europa, em arquivos portugueses, holandeses e espanhóis. Para isso, apresentou claramente seu projeto escriturário, no qual permite que o leitor veja seus métodos de escrita: estudar a estrutura formal e a autenticidade dos documentos, transcrevê-los na íntegra ou em parte, organizá-los cronologicamente e enredá-los com comentários e considerações sobre os eventos, os personagens e as datas.

No mesmo ano em que publicou seu livro *Notas para a história do Ceará* (1892), Studart publicou pela mesma tipografia Recreio, de Lisboa, um catálogo de seus documentos com o título *Relação dos manuscritos, originais e cópias, sobre a História do Ceará que constituem a Coleção Dr. Guilherme Studart*. Qualquer catálogo pode ser um instrumento de pesquisa que visa reunir peças pertencentes a um fundo. Da mesma forma, podemos entender o catálogo da coleção Studart como um “instrumento de pesquisa”: indica o tipo, sem especificar o teor do documento. Assim, seu uso pode ser pensado como sendo dirigido aos especialistas da área, já que na especificação dos documentos não há menção de temas tratados nos mesmos, a não ser em um ou outro caso específico.

Os documentos inventariados nesse catálogo são classificados segundo dois critérios: geográfico e cronológico. O autor busca construir uma linha temporal das unidades administrativas cearenses, partindo da carta de doação da capitania

---

<sup>212</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 502.

hereditária do Ceará a João de Barros, marco temporal do espaço cearense para essa cultura histórica, cadenciando em seguida os documentos de forma cronológica, pois apresenta dados sobre a entrada de Pero Coelho de Souza, a missão dos padres Luís Figueira e Francisco Pinto, elevação de vilas, levantes indígenas etc.

A composição dos documentos da coleção Studart é diversa: autos, ordens régias, pareceres, resoluções, decretos, certidões, portarias, petições, nomeações, representações, regimentos, ofícios, cartas-patentes, relatórios, circulares, atestados, provisões, escrituras, termos de assentada, candidaturas a postos da burocracia portuguesa, atas das vereações das câmaras, termos de vereação das câmaras, cartas de doação de sesmarias, correspondência dos membros da burocracia portuguesa em geral etc.

O primeiro volume da obra apresenta um inventário com 1.333 documentos dispostos em 143 páginas, com uma lista numerada, indicando o tipo de documento, a data e o volume em que ele estava localizado, provavelmente os volumes encadernados encontrados no sótão da casa dele. Os primeiros documentos listados no catálogo correspondem a cópias manuscritas tiradas de obras raras, como *História do Brasil*, de Frei Vicente Salvador; e *Crônica da missão da Companhia no Estado do Maranhão*, do padre João Filipe Betendorff. Em seguida, o catálogo apresenta uma lista contendo documentos sem a indicação da procedência, acrescentando apenas uma breve descrição do documento, como nesse caso: “carta de Martim Soares Moreno escrita de Servilha. 27 de abril de 1614”. Em outros casos, indica o conteúdo: “dá-se breve notícia da Capitania do Maranhão e outras que se acham até o do Grão-Pará. Crônica do Padre Betendorff, Cap. 6º liv 1º. Interessante para o conhecimento da data em que o Ceará foi desanexado do Maranhão”.<sup>213</sup>

Às vezes, Studart indicava a procedência do documento no seu catálogo, como nesse caso: “os Holandeses concluem aliança entre os indígenas e servem-se da tribo dos Janduis para perpetrarem horríveis crueldades. Est. do liv. 23 págs. 278 e 279 de um manuscrito dilacerado e sem nome de autor, que está na Torre do

---

<sup>213</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 6.

Tombo em Lisboa”,<sup>214</sup> ou nesse: “apontamentos biográficos de alguns mártires e varões insignes da Companhia de Jesus missionário no Brasil. Em italiano. V. nº 1857 da Bibl. Nac. de Lisboa”.<sup>215</sup> Outras vezes, oferecia ao leitor detalhes das informações contidas nos documentos, mas sem indicar a procedência: “Carta Régia ao governador de Pernambuco mandando informar a proposta, que faz o capitão do Ceará Bento de Macedo de Faria de atacar algumas aldeias do gentio bárbaro e de entrarem os religiosos missionários pelo sertão a converter os índios. 25 de janeiro de 1683”.<sup>216</sup>

A questão da procedência é intrigante. Quando se tratava de originais, Studart descrevia o documento, mas não indicava a origem. Quando era uma cópia, indicava a origem. Vale ressaltar que existem vários tipos de cópias: autênticas; imitativas; figurativas; cópia autógrafa, feita pelo mesmo autor do original; cópia heterógrafa, feita por outra autoridade que valida a cópia. Aqui não iremos analisar os tipos de cópias ou mesmo os documentos identificados na coleção de Studart.

O fato de Studart especificar a autenticidade dos documentos, indicando a sua originalidade ou não, assinala o conhecimento que o mesmo tinha de diplomática, disciplina que estuda a estrutura formal dos documentos, além do seu domínio da prática arquivística. Esses indícios são percebidos devido à preocupação em transferir o material colecionado (o objeto documental) para livros de registros, como catálogos e inventários. Além disso, o catálogo também apresenta a indicação do volume no qual se encontra o documento encadernado, o que nos aponta para a tentativa do proprietário de organizar e salvaguardar esse material de forma a facilitar a consulta e o manuseio do mesmo em seu gabinete de estudos, podendo ser utilizado como instrumento de pesquisa por ele.

O catálogo foi publicado em dois volumes, cujo primeiro fascículo informa que os documentos descritos estão acondicionados em dez cadernos; na última página, o autor anuncia aos leitores que o segundo fascículo trará os documentos contidos em mais cinco cadernos (numerados de 11 a 15), juntamente com outros documentos relativos à história de outras capitanias. Diante disso, sabemos que em 1892, ano da publicação do catálogo, Studart já possuía 15 volumes de documentos

---

<sup>214</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 7-8.

<sup>215</sup> Idem, p. 13.

<sup>216</sup> Idem, p. 15.

encadernados na sua coleção particular, provavelmente reunidos desde a sua primeira viagem à Europa, feita em 1884, e enriquecidos na segunda, realizada quase uma década depois, em 1892.

Com a publicação do catálogo, o mundo fechado da sua coleção expande-se em um universo amplo, passando a circular em vários lugares. A coleção era conhecida e solicitada pelos mais diversos grupos: historiadores, políticos ou religiosos. Diante da recepção que teve o catálogo, Studart publica o segundo volume da *Relação dos manuscritos, originais e cópias, sobre a História do Ceará que constituem a Coleção Dr. Guilherme Studart*, em 1896, pela tipografia Studart, instalada um ano antes em Fortaleza. Esse segundo volume apresenta, além dos documentos considerados “históricos”, um acréscimo de cartas e ofícios pessoais dirigidos ao próprio Studart, totalizando um conjunto de 2.266 documentos, número já indicado no seu livro *Notas para a História do Ceará*. Publicado quatro anos depois, um novo volume dá continuidade ao inventário apresentado no primeiro, seguindo inclusive a sequência da página, o número indicativo do documento e dos volumes onde eles estão depositados.

Algo que se sobressai nesse segundo volume do catálogo é a inserção de cartas pessoais junto aos documentos da *Coleção Studart*, o que indica uma fusão do arquivo pessoal com o arquivo documental. Observe-se que a proposta do catálogo era inventariar os “manuscritos, originais e cópias de documentos sobre a História do Ceará”. Então, como entender a inclusão dessas correspondências pessoais no catálogo dos documentos da *Coleção Studart*? O Barão de Studart era um homem de ação, um ativista que participou de inúmeras campanhas, como a abolicionista no Ceará (1884), atuando como membro-fundador da Sociedade Cearense Libertadora, e do Centro Abolicionista 25 de dezembro; ou em campanhas de arrecadação de fundos para os flagelados das secas (1877/1915). Dessa forma, ele acreditava na importância de sua trajetória para a terra natal, entendendo ser necessário guardar seus próprios registros para difundir e cristalizar sua autoimagem. Ele acreditava fazer parte da História do Ceará, portanto, arquivava documentos “sobre si” na coleção de documentos históricos.

Para fazer a coleção Studart conhecida no meio intelectual, o médico fez circular seu primeiro catálogo (*Relação...*). Isso gerou uma demanda, uma vez que alguns intelectuais escreviam para pedir documentos da sua coleção particular, bem



como solicitar a publicação completa de alguns inéditos. Outros escreveram para agradecer a obra e parabenizar o remetente:

Fui honrado com a apreciável oferta que V. S.<sup>a</sup> se dignou de fazer-me de um exemplar da sua importante obra “Notas para a história do Ceará” e de outro da “Relação dos manuscritos originais e cópias” que constituem a volumosa coleção que sobre a mesma história possui V. S.<sup>a</sup> Cumprindo o dever de dar a V. S.<sup>a</sup> meus sinceros agradecimentos pela sua obsequiosa lembrança, não posso deixar de ao mesmo tempo apresentar-lhe minhas congratulações pelo serviço que com tais publicações está prestando à história do nosso Brasil, ainda tão pouco estudada e desenvolvida. Fosse seu exemplo seguido em todos os Estados, muito ganharia a história pátria em seus diversos ramos.<sup>217</sup>

Houve elogios e críticas. Capistrano de Abreu foi um dos críticos, pois a publicação do catálogo continha apenas um inventário dos documentos, sem a indicação da proveniência ou da procedência.<sup>218</sup> Diante das críticas, Guilherme Studart resolveu empreender um novo projeto: publicar outros documentos de sua Coleção, mas agora acompanhados da transcrição completa dos mesmos. Esse seu projeto teve início em 1904 com a publicação do primeiro volume dos *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará (1608-1625)*, sendo concluído em 1921 com a publicação do quarto volume, perfazendo um total de 332 documentos transcritos. Embora o número de documentos publicados nos *Documentos para a história (...)* seja bem menor do que o apresentado nos dois volumes da *Relação dos manuscritos (...)*, há uma mudança significativa no plano de trabalho, pois a transcrição na íntegra era uma das exigências dos comentários sobre os primeiros catálogos.

No prefácio do primeiro volume de *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará (1608-1625)*, o autor justifica a execução do trabalho e procura incentivar a publicação de documentos por parte de outros colecionadores:

Início hoje a publicação dos documentos que possuo relativos à vida do Brasil colonial; vejo assim realizado um dos meus mais queridos projetos. Do que me pertence faço, e de bom grado, partilharem os

---

<sup>217</sup> Carta de Joaquim Pires Machado Portella de 22 de dezembro de 1893 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>218</sup> Termo em geral empregado para designar a origem mais imediata do arquivo, quando se trata de entrada de documentos efetuada por entidade diversa daquela que a gerou. (dicion. term. arquiv.).

amantes da história pátria tendo por certo que eles encontrarão algum subsídio aproveitável no cabedal, que há anos vou acumulando e ora lhes é ofertado. A esse volume muitos outros se seguirão, se as forças, já tão alquebradas, m'os consentirem. Oxalá que o exemplo que dou frutifique. Há por aí outras coleções, mananciais preciosos de informações, escondidas ou guardadas em mãos egoístas; venham elas a público por amor à verdade e em benefícios dos estudos e pesquisas sobre o nosso passado. (...) Para a existência de muitos desses documentos o amanhã será demasiado tarde; a ignorância, o desleixo, as afrontas do tempo os terão consumido em parte ou totalmente; é mister, pois, velar por eles e o melhor modo de fazer é confiá-los à imprensa. Assim considerando, é que faço públicos meus documentos, muitos deles originais. Que eles aproveitem a alguém e dar-me-ei por contente.<sup>219</sup>

O projeto de Studart é justificado por ele pela intenção de evitar a destruição pela corrosão do tempo ou o descaso dos homens. Para ele, a letra impressa poderia garantir a permanência de informações preciosas do passado, por isso sua constante recorrência ao impresso com publicações, públicas ou privadas, do material arquivado em sua residência.

Aqui, cabe sublinhar que os documentos originais deveriam, em princípio, estar em arquivos dos órgãos públicos e não na casa de um particular. Embora afirme “faço públicos meus documentos”, Studart se apoderou desses documentos para uso particular, como ocorria a muitos pesquisadores do período. Certa vez, o historiador Capistrano de Abreu retirou do arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro alguns manuscritos para consultá-los em casa. Então, César Marques, precisou deles para consulta e teve que pedir a devolução do códice em sessão do IHGB. Capistrano não deu resposta e não devolveu o material. Na sessão de 25 de dezembro de 1912, César Marques reclamou novamente, dessa vez de forma categórica, a restituição dos manuscritos, sendo necessário a intervenção de Henrique Raffard, 1º secretário do IHGB, informando a todos os presentes na sessão que a devolução era impraticável porque Capistrano havia perdido os manuscritos.<sup>220</sup>

Studart publicou documentos através da publicação de livros, tornando-se “autor” deles. Aqueles que usassem a documentação indicariam como referência a

<sup>219</sup> STUDART, Guilherme. Prefácio. *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Studart, 1904, s/p.

<sup>220</sup> Ofício solicitando a devolução de documentos levados por Capistrano de Abreu do IHGB nas Atas das sessões de 1911. In: *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1892, p. 361-362.

obra de Studart. Desse modo, ele foi se construindo como uma autoridade em assuntos relativos à História do Ceará e uma “referência” da historiografia cearense.

Ao estampar nos livros os itens da sua coleção de documentos, por meio da publicação do seu primeiro catálogo, Studart recebeu severas críticas de Capistrano de Abreu acerca da ausência de indicações da procedência dos documentos pertencentes à *Coleção Studart*. Com o primeiro volume dos *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará*, Capistrano de Abreu volta a criticar:

Imagina que tivesse começado a dar indicações no catálogo de tua coleção: que bem não teria feito às letras brasileiras! Que serviço não terias prestado às bibliotecas e aos arquivos de Portugal! Como a *Coleção Studart*, em vez de concentrar-se nas mãos de um único dono, que aliás é um pródigo, ficaria sendo uma coleção nacional! O que não fizeste com teu catálogo podes fazer agora na *Coleção de Documentos*. (...) E no fim de cada item do catálogo, junta-lhe, meu velho amigo, a indicação rigorosa do arquivo ou biblioteca, e como todos os amantes das coisas pátrias também *Eris mihi Magnus Apollo*. E lembra-te que és filho de inglês – junta a tudo isto dois índices, os mais simples e os mais fáceis de fazer, ao mesmo tempo de conveniência intuitiva: um índice onomástico, um índice geográfico: apenas o nome e um algarismo indicando a página. Com tudo isto fará um trabalho como ainda não se fez, nem sabem fazer no Brasil, como se faz sempre em Inglaterra e nos Estados Unidos. As 100 ou 150 páginas que acrescerão no primeiro volume terão a conveniência de torná-lo mais elegante, porque acho-o muito fino.<sup>221</sup>

A diferença de concepção arquivística entre Capistrano de Abreu e Guilherme Studart fica evidente nesta carta. O primeiro foi funcionário da Biblioteca Nacional e um dos organizadores do *Catálogo de Exposição de História do Brasil*, de 1881, já o segundo era um colecionador. Assim, havia uma diferença referente aos procedimentos adotados na publicação de documentos, desde questões quanto à indicação das fontes até o formato do livro. O próprio catálogo da coleção, para Studart, não era um inventário ou instrumento de pesquisa, como era para Capistrano de Abreu, mas um testamento, pois Studart considerava que essa obra era seu legado para a história do Brasil.

As críticas de Capistrano de Abreu logo foram aceitas. Studart indicou a

---

<sup>221</sup> RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p.166.

proveniência dos documentos em seu novo projeto editorial *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará*. Cerca de seis meses depois da carta citada anteriormente, em 20 de outubro de 1904, Guilherme escreveu uma resposta ao conterrâneo:

Achaste fino o volume 1º dos documentos; e se te disser que tendo de partir para Europa a 3 de abril ainda a 1º estava a tirar provas!, e se dizer que publiquei esse 1º volume para ajudar-te de algum modo nas Notas que vais dar ao 1º volume do Varnhagen! Quando deixei o Ceará sentia-me bastante doente e disse cá com os meus botões: façamos mais um sacrifício pela história do caro Ceará e (...) vieram à luz os Documentos.<sup>222</sup>

Studart não escreveu nenhuma linha para justificar o ponto central da crítica feita por Capistrano: a questão da procedência dos documentos. Ele explica que fez o trabalho para ajudar o amigo Capistrano de Abreu que elaborava um projeto de anotação para a publicação do livro *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo Varnhagen. Capistrano havia solicitado diversas vezes a contribuição de Studart com a indicação de documentos ausentes ou equivocados na obra de Varnhagen. Mas não obteve sucesso, pois Studart se esquivava ou silenciava. Porém, na carta citada anteriormente, Studart afirma que publicou o livro para ajudar Capistrano com as notas de Varnhagen, ou seja, Studart publicou antecipadamente os documentos para ser usado como “referência” por Capistrano na publicação de suas anotações.

A publicação dos *Documentos para a História do Brasil e especialmente a do Ceará* tem continuidade até 1921, quando Guilherme lançou o quarto volume da obra. Mas o autor parece que se abateu com as críticas. Em 2 de novembro de 1921, recebeu uma carta de Theodoro Sampaio escrita com a intenção de estimular o trabalho do amigo cearense:

Acuso recebido o 4º volume dos documentos para a História do Brasil e especialmente a do Ceará que o meu caro amigo, sempre tão gentil, me remeteu com uma missiva muito sentida e expressiva. Agradeço a dádiva e respondo a carta e a *abundantia cordis*. (...) Não desanime o meu ilustre amigo. Na partilha do destino, coube-lhe

---

<sup>222</sup> Carta de Guilherme Studart a Capistrano de Abreu de 20 de outubro de 1904. Publicada em RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 415.

esse quinhão ingrato, de bem servir, de fazer sacrifícios pela ciência, de devotar-se à História. Cumpre o seu destino sem desfalecimentos. O mundo não lhe pagará hoje tão grande devotamento; não compreenderá mesmo nesse lidar com o que ele chama velharias, mas é o mundo d'agora, esse das competições e dos espúrios interesses, o mundo por vir, porém, lhe há de fazer a devida justiça. O seu nome não será jamais esquecido, porque ao lembrá-lo aos pósteros, aí ficam imperecíveis em livros que são o produto dos seus nobilíssimos esforços e sacrifícios. Despreze os turiferários dos grandes da terra, ou melhor, indulgência para com as fraquezas deles. Nasceram para a vida de estômago. A vida do espírito é que é a da partilha do meu ilustre amigo. Domine o espírito, as fraquezas humanas e, do alto de sua sumidade, contemple-as com indulgência. A carta do meu bom amigo terminava com acento entristecido. “Tenho hoje o espírito sombrio...” lê-se nela, mas para espairecer o ânimo, ajunta logo o amigo “(...) vou escrevinhar algumas tiras de papel sobre a Imprensa Cearense que está a pedi-las o Ramiz Galvão para o Livro do Centenário”. Vá por aí, meu ilustre amigo. *Vitam impondere patria*; seja esta a divisa dos que, como o Barão de Studart, não medem sacrifícios para fazerem a história do seu país.<sup>223</sup>

Para Guilherme Studart, reunir documentos sobre sua terra natal era uma forma de “servir à pátria” e “devotar-se à História”. Diante desse pensamento, ele traçou o seu plano para a História do Ceará e apresentou-o ao público no prefácio do primeiro volume da obra *Datas e Fatos para a História do Ceará*, publicado em 1896:

A certas datas ajuntei os respectivos documentos, ora para corroborar afirmações minhas, ora para consignar costumes e usanças, ora para firmar datas memoráveis do nosso passado. Praticando assim obedeci a um plano, que me tracei há muito – o de ir ajuntando materiais para o futuro historiador do Ceará.<sup>224</sup>

O passado ganha significado a partir do presente. Assim, a relação que Studart estabelece com seus papéis velhos está conectada ao prestígio dado aos cultores da história na sociedade oitocentista. Passado e futuro se unem ao objetivo do Barão de Studart: reunir milhares de documentos sobre o passado cearense para o futuro historiador. Além do seu plano inicial, Studart também colecionou documentos pessoais, panfletos, recortes de jornais, fotografias, revistas, enfim,

<sup>223</sup> Carta de Theodoro Sampaio de 2 de novembro de 1921 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>224</sup> STUDART, Guilherme. Duas Palavras. In: *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 1. Ed. Facsim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, s/p.

acumulou um conjunto documental cujo tamanho exato não é passível de definição devido à perda de parte do acervo. Contudo, podemos considerar sua dimensão perante aquilo que se preservou, ou seja, um *corpus* de 21.094 documentos entre manuscritos, imagens, impressos, cartas e outros.

## 2.4 O PROPRIETÁRIO

Para ser proprietário de documentos, Studart realizou várias viagens por arquivos do exterior, em cidades como Lisboa, Londres, Paris, Amsterdam ou Roma, como relatou Raimundo Girão: “além das realizadas em 1884 e 1892-93, esteve ele novamente na Europa, com objetivos culturais, em 1904, 1911 e 1914, surpreendido por ocasião desta última com o arrebentar da primeira Guerra Mundial”.<sup>225</sup> Os anos mais ricos das suas investigações pelos arquivos e que lhe renderam boa parte da sua coleção foram aqueles entre 1892 e 1893. Segundo José Honório Rodrigues, o esforço de Guilherme Studart era realizado “com seus próprios recursos que empreendia as viagens e recolhia, por cópia, os documentos históricos”.<sup>226</sup>

Em seu estudo *Pathologia Histórica Brasileira*, divulgado na *Revista da Academia Cearense*, Studart falou de suas primeiras viagens a Lisboa.<sup>227</sup> Os detalhes dos resultados de sua pesquisa na Biblioteca Nacional de Lisboa são esmiuçados na carta enviada a Capistrano de Abreu:

Como estou em maré de notícias, e creio que só depois das sessões do Congresso dos Orientalistas, no qual tomarei parte, é que lhe enviarei nova epístola, comunico-lhe que entre os muitos manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa, que nestes dias tenho examinado, à cata, como ando, de documentos relativos à expulsão dos jesuítas do Ceará (entre os papéis, que foram de Sebastião de Carvalho e que hoje pertencem ao Estado por compra feita ao último Marquês de Pombal por 9:500\$000 encontrei a 1ª Carta Régia que ordenou a construção do Hospício da Viçosa), veio-me às mãos um grosso volume, perfeitamente encadernando, original, com a assinatura do autor, trazendo por título os dizeres que vão no papel junto. Não sei se o Instituto Histórico tem conhecimento desse manuscrito. Como este há milhares referentes à nossa História.<sup>228</sup>

---

<sup>225</sup> GIRÃO, Raimundo. O Barão de Studart e a Historiografia Cearense. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, 1956, p. 33.

<sup>226</sup> RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. 97.

<sup>227</sup> STUDART, Guilherme. *Pathologia histórica brasileira: documentos para a história da pestilência da bicha ou males*. Ed. Fac. Sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p. 72.

<sup>228</sup> Carta de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu sem data, mas com a indicação do local: Lisboa. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 153.

Dos milhares de manuscritos históricos encontrados nas pesquisas realizadas pelo médico nesse momento nos arquivos portugueses, alguns foram copiados e inventariados nos dois catálogos da sua coleção em 1896, compondo um volume de 2.200 documentos. Contudo, dois anos depois da publicação do segundo volume da *Relação dos manuscritos, originais e cópias (...)*, surgem boatos acerca das formas de aquisição e da possível compra de documentos originais. Um dos acusados em difundir esses boatos foi o engenheiro cearense Antônio Urbano Pessoa Montenegro, que, em resposta ao médico, procura defender-se:

Quando ainda há pouco recebi sua carta tarjada, julguei, antes de abri-la, que fosse a confirmação da triste notícia que me trouxe o Sr. Guilherme Sombra; qual não foi, porém, o meu espanto quando li não só a sua carta como a do Dr. Lino de Assunção a propósito de tal decreto. Levantei-me imediatamente para cumprir a sua ordem: conforme verá pela cópia junta, desfiz com a verdade toda a infâmia que algum espírito mal quis lançar-me. Diga-me se lhe satisfaz os termos da carta que dirigi ao Sr. Lino de Assunção, pois no estado de perturbação em que fiquei mal posso ajuizar do que fiz. Realmente, quanto mais reflito no caso menos compreendo como arquitetaram semelhante história de compra de documentos! Lembro-me apenas que, ainda no Ceará, conversei com o Dr. Cunha Barboza a respeito do seu opulento e riquíssimo arquivo, dizendo nessa ocasião que devia lhe ter custado bom par de contos de réis. Nada mais falei a respeito de semelhante assunto e dou tratos à imaginação para recordar-me se disse alguma frase por onde se pudesse tirar semelhante ilusão. Na certeza, porém, de que jamais saiu de meus lábios semelhante história de compra de documentos.<sup>229</sup>

As acusações chegaram até o engenheiro português Tomás Lino de Assunção,<sup>230</sup> citado na carta acima, na época inspetor das Bibliotecas e dos Arquivos e secretário da Biblioteca Nacional de Lisboa. Em Portugal, Lino de Assunção mantinha ativa correspondência com Capistrano de Abreu e realizava cópias de documentos para brasileiros interessados em História do Brasil, como Guilherme Studart, João Pandiá Calógeras e Alfredo de Carvalho.

Provavelmente, Lino de Assunção escreveu para Studart pedindo explicações sobre o caso, mas o médico procurou desfazer os rumores com a carta

---

<sup>229</sup> Carta de Antônio Urbano Pessoa Montenegro de 6 de novembro de 1898 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>230</sup> Tomás Lino de Assunção colaborou na organização dos arquivos e das bibliotecas nacionais e reuniu um vasto acervo documental nas suas investigações históricas. Lino esteve ligado aos caminhos de ferro no Brasil, viveu no Rio de Janeiro, onde fundou uma editora de obras literárias e científicas e ajudou na organização do Liceu Literário Português.



dirigida a Montenegro. Nada foi comprovado. Mas o acervo de Studart voltou a ser alvo de suspeitas em 1921, quando pesquisadores próximos o acusaram de comprar documentos originais em arquivos estrangeiros.<sup>231</sup> O historiador português João Lúcio de Azevedo relata a Capistrano de Abreu um caso:

Studart mandou-me o 4º vol. de “Documentos para a História do Brasil”. (...). Novidade para mim foi o documento nº 267 – que é a célebre representação ou capítulos de Jorge de Sampaio contra os jesuítas, de balde por mim procurada no Arquivo Ultramarino. O silêncio de Studart sobre a procedência leva-me à suspeita de que pertenceria ao número dos documentos subtraídos em seu benefício quando esteve aqui. O sistema é cômodo e talvez barato para quem o emprega, mas priva o documento daquela autoridade que possui quando qualquer puder verificar-lhe o teor.<sup>232</sup>

Diante da suspeita, João Lúcio de Azevedo escreveu uma nota em seu livro *Cartas de Antônio Vieira* lastimando o desaparecimento de muitas cartas do jesuíta do arquivo da Biblioteca Nacional de Lisboa, o que deve ter provocado uma resposta de Studart ao historiador português, pois dias depois, João Lúcio escreveu ao cearense se desculpando:

Sinto imensamente tê-lo magoado com a nota sobre os documentos da Biblioteca Nacional, e lhe asseguro não houve da minha parte a menor intenção de melindrá-lo. Não ignora o meu distinto amigo que numerosos documentos têm desaparecido dos arquivos portugueses, levados por empregados infieis e pessoas menos escrupulosas, às mãos dos colecionadores. E ainda é uma felicidade saírem nas de alguém que os dá à publicidade, porque assim não ficam perdidos para os estudiosos. O meu equívoco precedeu da redação menos clara daquela parte do catálogo, e será desfeito no 2º volume das “Cartas”, cuja impressão vai muito adiantada. Remeto um folheto com documentos inéditos relativos ao Pe. Antônio Vieira, que certamente interessará a V. Ex.<sup>a</sup>, e enviando os meus cumprimentos me subscrevo.<sup>233</sup>

João Lúcio de Azevedo assinala que sua desconfiança deve-se à ausência de informações do catálogo de documentos da *Coleção Studart*. O fato de

---

<sup>231</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 26 de abril de 1920. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 156.

<sup>232</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 31 de outubro de 1921 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>233</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo de 14 de agosto de 1925 – Acervo do Instituto do Ceará.

não indicar a procedência dos documentos nos seus trabalhos já era criticado duas décadas antes dessa carta escrita por João Lúcio de Azevedo. Como já foi dito, seu conterrâneo, Capistrano de Abreu, chamou a atenção do proprietário da coleção diversas vezes para a ausência de dados no seu catálogo, e foi bastante enfático com o amigo cearense sobre a necessidade de fornecer essas informações ao leitor:

Por que não dás a procedência dos documentos que publicas? Félix Ferreira, sujeito aliás pouco fidedigno, contou-me que indo um dia visitar Melo Moraes, encontrou-o queimando uns papéis: Estou queimando estes documentos, explicou-lhe o alagoano historiador, porque mais tarde, quando quiserem estudar História do Brasil hão de recorrer às minhas obras. Tu não és Melo Moraes. Varnhagen, pelo menos na Torre do Tombo, levou para casa alguns documentos e se esqueceu de restituí-los: não podia depois indicar a procedência. Tu não és Varnhagen. Por que motivo, portanto, te insurges contra uma obrigação a que se sujeitam todos os historiadores, principalmente desde que, com os estudos arquivais, com a criação da crítica histórica, com a crítica das fontes, criada por Leopoldo von Ranke, na Alemanha, foi renovada a fisionomia da História? Estás no caso de Maomé: a montanha não pode ir para ti, devias e deve chegar-te para a montanha.<sup>234</sup>

As palavras de Capistrano de Abreu são um manifesto em defesa dos estudos modernos da história. Ao apontar a obra do historiador alemão Leopold von Ranke como fundamental para a instituição do método científico na História, Capistrano declara sua filiação a uma corrente histórica que valoriza o documento como uma peça de arquivo que deve ser salvaguardada para a execução do trabalho do historiador, já que foi Ranke quem consolidou a crítica documental como método fundamental do trabalho do historiador.

Ao inquirirmos sobre a constituição desse acervo documental, encontramos alguns indícios que apontam para a diversidade das formas de aquisição do mesmo: cópia de documentos, autótrofos e heterótrofos, compra de originais e presente de amigos que ofereciam documentos para aumentar o acervo do colecionador. Em visita ao gabinete de Studart, Mário Melo declarou, ao deparar-se com manuscritos originais da revolução de 1817, que os documentos valeriam uma fortuna e questionou o proprietário sobre o modo como ele adquiriu aqueles

---

<sup>234</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 20 de abril de 1904. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 165-166.

escritos, Studart lhe respondeu ter sido “um presente de seu amigo e confrade o duque de Pamella, autor do *Tratado da agulha de marear*”.<sup>235</sup>

A doação desses manuscritos sobre a Revolução de 1817 foi registrada por meio da carta enviada pelo Duque de Pamella, presenteado com um exemplar da obra *Datas e factos para a História do Ceará*. Na carta, o Duque afirma que resolveu presentear Studart com os papéis armazenados pelo ex-governador da província do Ceará e de Goiás, Luís Barba Alardo de Meneses (1º Visconde de Lançada), que estavam sob a guarda do filho do ex-governador (2º Visconde da Lançada). A doação foi realizada como uma prova de amizade, mas o doador pediu “prudência” na condução do arquivo, a fim de evitar alguma discussão que pudesse degradar a memória do seu pai. Em anexo à carta, encontra-se uma designação do que contém os maços de documentos com relação à participação do Ceará na Revolução de 1817.<sup>236</sup>

O acervo deu prestígio e autoridade ao seu proprietário. Essa autoridade pode ser apreendida nas epístolas trocadas entre Studart e vários intelectuais dos mais diversos campos do saber. Um caso típico desse reconhecimento está na carta do desembargador Affonso Cláudio:

De longe avalio as suas fadigas em revolver no país e no estrangeiro velhos arquivos para deles extrair os documentos que tanto tem enriquecido a história do Brasil nas páginas da Revista do Instituto Histórico do Ceará, de modo que enquanto articula o esqueleto da história geral de nossa pátria, vai ao mesmo tempo esboçando a história do Ceará, com uma superioridade de vistas e isenção de espírito, que maravilham aos próprios indivíduos refratários a esses estudos. É preciso, meu prezado amigo, que os velhos apesar de alquebrados continuem a postos, ao serviço das letras brasileiras, já que os moços resumem os seus ideais no carnaval, no cinema, e no jogo do bicho – as três instituições nacionais únicas que eles conhecem.<sup>237</sup>

De um lado estão os críticos como Capistrano e João Lúcio, do outro os elogios feitos por Theodoro Sampaio e Affonso Cláudio, gerando um campo de disputa em torno do uso que Guilherme Studart faz do passado, a partir do qual

---

<sup>235</sup>MELO, Mário. Manuscritos sobre a Revolução de 1817. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1917, p. 278.

<sup>236</sup>Carta do Duque de Pamella de 24 de abril de 1906 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>237</sup>Carta de Affonso Claudio de 29 de junho de 1924 – Acervo do Instituto do Ceará.

esses estudiosos estão procurando estabelecer regras e normas para o ofício do historiador, na pesquisa ou na escrita da história.

Imerso nesse campo intelectual, Guilherme contava com a ajuda de seus correspondentes e amigos para realizar a tarefa de coletar documentos. Capistrano de Abreu, por exemplo, fez uma doação:

Deixei em São Paulo a proposta para a compra de um manuscrito, que espero oferecer para tua coleção, paguei-o antecipadamente, sem arrebentar as finanças. Trata-se de uma inspeção feita às missões do S. Francisco, em 1760, pelo teu protegido Jerônimo Mendes Paz. A escrita é atrapalhada e apenas percorri ligeiramente as páginas. Aceitarão a proposta?<sup>238</sup>

O documento foi encaminhado a Studart com a assinatura e uma dedicatória de Capistrano de Abreu na capa da encadernação do manuscrito (figura 7), com os seguintes dizeres: “adquiri este livro na livraria Ed. Prado para oferecê-lo a Coleção Studart. Que prazer entregar-te em mãos próprias”.<sup>239</sup> O manuscrito foi recebido e anexado a *Coleção Studart*<sup>240</sup> como uma das peças valiosas do acervo. O manuscrito ficou marcado pela posse, pelo menos, duas vezes. Os dois proprietários deixaram registrados para o futuro o empenho e o desempenho que eles tiveram na preservação de documentos.

---

<sup>238</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 5 de dezembro de 1916. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 184.

<sup>239</sup> Dedicatória de Capistrano de Abreu – Caderno 11 da *Coleção Studart* – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>240</sup> O manuscrito está localizado na subsérie “Documentos”, caderno 11, tendo sido adquirido na Biblioteca de Eduardo Prado. Acervo do Instituto do Ceará (Coleção Studart).

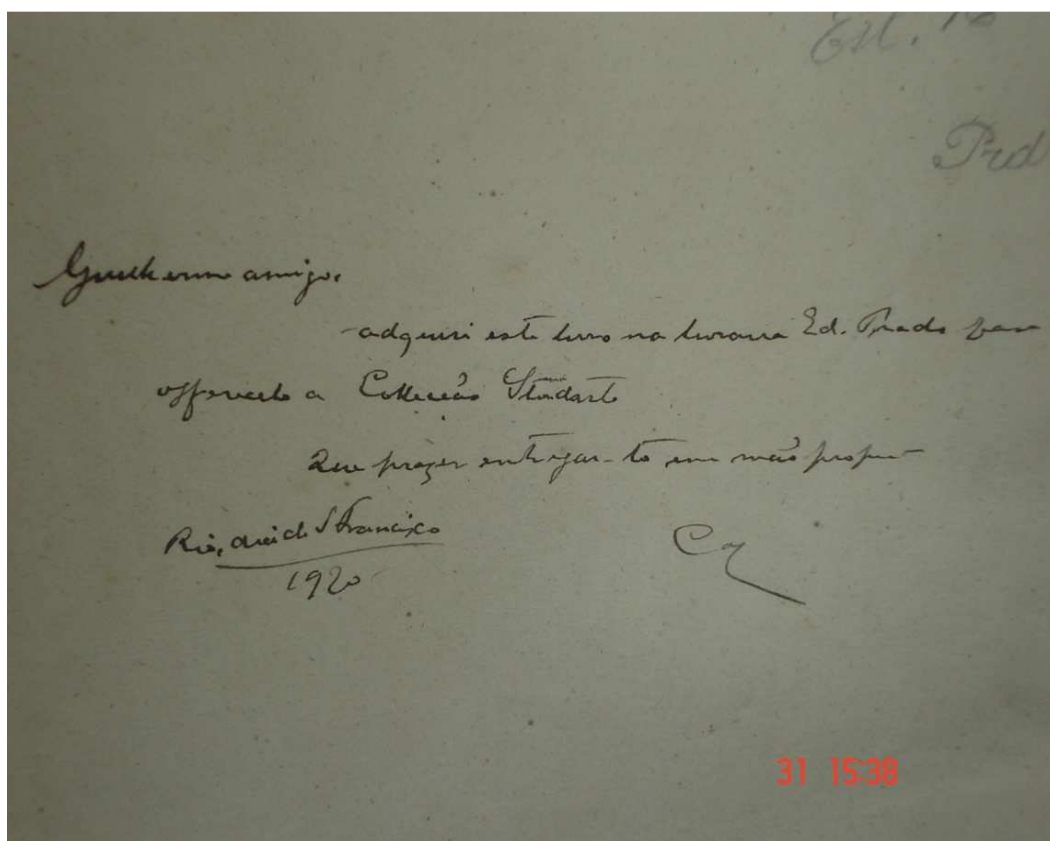


Figura 7: Dedicatória de Capistrano de Abreu – Acervo do Instituto do Ceará.

O presente pode ser entendido como uma resposta ao pedido de Guilherme Studart, feito alguns anos antes, para que o amigo Capistrano lhe ajudasse a aumentar a sua coleção particular:

Como vê, apesar de ser eu um dos particulares que possuem uma bonita coleção, ainda não é ela coisa que avulte. Você bem poderia suprir-lhe as lacunas, aumentá-la na preciosidade, ministrando-me indicações ou notícia das fontes a que eu possa socorrer-me. Mande, pois copiar para mim tudo o que houver nos arquivos daí sobre o Ceará desde 1600 a 1650.<sup>241</sup>

De antemão, o pedido de Studart indica o projeto do colecionador: possuir uma coleção de fontes que reunisse “tudo o que havia nos arquivos sobre o Ceará” para suprir as lacunas existentes na historiografia cearense. Essa busca por documentos gerou idas e vindas de cartas. Na sua correspondência, há rastros

<sup>241</sup> Carta de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu de 24 de agosto de 1893. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 149.

dessa rede de intercâmbios, na qual circulavam livros, manuscritos, cópias, anotações e outros. Uma dessas permutas ocorreu com o diretor do arquivo público da Bahia, Frederico Lisboa, como podemos perceber nesta carta enviada a Studart:

Creia que não pequena foi a satisfação que tive em promover o oferecimento de alguns documentos, que podem ser de utilidade à confecção da história do Ceará. (...) À esta acompanham dois números do “jornal de notícias”. Recebi as folhas cearenses que foram bastante generosas.<sup>242</sup>

Studart transfigura-se em colecionador, cujo desejo de possuir mais exemplares é insaciável, já que a coleção nunca está completa e sempre surge um novo documento, como observamos nas cartas recebidas por ele. Dentre elas, destacamos a carta de Teixeira de Melo, chefe da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional: “em resposta a vossa estimada carta de 24 do passado envios o vol. XVI dos Anais, q (*sic.*) falta a vossa coleção. (...) Recebi e agradeço-vos, pela Biblioteca, os 2 mapas do Ceará que nos remetestes”.<sup>243</sup>

Nesses intercâmbios, fica evidente a diversidade do modo como Studart adquiriu seu acervo e se inseriu no meio intelectual, principalmente por causa da coleção que possuía. Além das doações de amigos, outra forma de aumentar a sua coleção era por meio de doações de documentos feitas ao Instituto do Ceará e dirigidas ao presidente, mas que foram anexadas à *Coleção Studart*. Tristão de Alencar Araripe Júnior ofereceu a coleção de documentos do pai para o Instituto do Ceará e os enviou por intermédio de Studart, como declara nesta carta de 12 de outubro de 1910:

Entre os papéis deixados por meu pai, existe uma boa coleção de folhetos e documentos relativos à História do Ceará, que destino ao Instituto Histórico de Fortaleza. Alguns desses folhetos devem ser raros. Somente V. Ex.<sup>a</sup> poderá verificar. Quanto aos documentos, estão estragados e recolhidos em livros, arranjados em ordem cronológica, com a paciência que aquele infatigável investigador punha em tudo que fazia. Esse trabalho de preparação ter-se-ia convertido na história do Ceará entre 1800 e 1820 (movimento revolucionário), e talvez de época posterior à CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR. Redigida, achei pouca coisa. Não tive coragem até agora de por em ordem o arquivo de meu pai. É que estou fazendo

---

<sup>242</sup> Carta de Frederico Lisboa de 4 de setembro de 1896 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>243</sup> Carta de Teixeira de Melo de 7 de abril de 1896 – Acervo do Instituto do Ceará.

presentemente; já se sabe, para oferecer aquele Instituto, que pode, melhor do que eu, aproveitar desse espólio o que for aproveitável. A única fineza que peço é que sejam publicados na REVISTA aqueles porventura ainda não dados a estampa.<sup>244</sup>

Studart anexou os documentos do arquivo particular de Tristão de Alencar Araripe ao seu próprio arquivo, misturando os dois fundos. Cabe sublinhar que a coleção Studart já possuía um volume destinado ao tema da Confederação do Equador. Os documentos doados por Araripe Júnior foram inseridos nesse volume.

Studart fazia circular seus documentos não só através dos catálogos da *Coleção Studart*, mas também das páginas da *Revista do Instituto do Ceará*, onde foram publicados *Documentos para a história da Confederação do Equador*,<sup>245</sup> *Documentos para história de Martim Soares Moreno*,<sup>246</sup> *Documentos do tempo da independência*,<sup>247</sup> *Documentos da Revolução de 1817*,<sup>248</sup> dentre outros.

Com a divulgação dos catálogos e das revistas houve, por parte de intelectuais brasileiros, uma procura por esse *corpus* documental pertencente à *Coleção Studart*. O Instituto Histórico e Arqueológico Pernambucano pediu a realização da cópia dos quatro volumes da *Nobiliarquia Pernambucana*, de Borges da Fonseca, autorizada por Studart, sob sua vigilância e em sua residência.<sup>249</sup> O IHGB, a Biblioteca Nacional e o Arquivo Público também receberam doações:

Devo a V. Ex<sup>a</sup> um agradecimento sincero, pela mimosa e importante oferta do precioso mapa litografado do forte Schoonemburch (sic.). A mapoteca do Arquivo Público não possui exemplar referente àquele forte. Tendo muito em consideração a generosa dádiva de V. Ex.<sup>a</sup> solicito a devida permissão para fazer doação ao Arquivo (...). Ficará mais acomodada e será mais útil aos estudiosos.<sup>250</sup>

Quando Eduardo Peixoto pediu a Studart para doar o mapa recebido para

---

<sup>244</sup> Carta de Tristão de Alencar Araripe Júnior de 12 de outubro de 1910 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>245</sup> STUDART, Guilherme. Documentos para a Confederação do Equador no Ceará. Parte cronológica. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 215-399.

<sup>246</sup> STUDART, Guilherme. Documentos para a história de Martim Soares Moreno, coligidos e publicados pelo Barão de Studart. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1905, p. 1-116.

<sup>247</sup> STUDART, Guilherme. Documentos do tempo da independência In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1922, p. 308-323.

<sup>248</sup> STUDART, Guilherme. Documentos da Revolução de 1817. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1917, p. 13-93.

<sup>249</sup> Carta de Mário Melo de 14 de outubro de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>250</sup> Carta de Eduardo Peixoto de 21 de fevereiro de 1906 – Acervo do Instituto do Ceará.

o arquivo público, lugar onde o documento poderia ser utilizado por outros estudiosos, e uma advertência à prática de colecionamento de Studart, deixando clara a sua discordância em relação à posse privada de documentos históricos. Embora os arquivos públicos<sup>251</sup> já atuassem no armazenamento de documentos de vários órgãos públicos desde o período joanino, muitos particulares reuniram, em gabinetes privados, documentos originais e cópias, como fez Studart com sua coleção no Ceará, ou Borges de Medeiros, no Rio Grande do Sul, e ainda Eduardo Prado, em São Paulo.

Como já foi dito, Studart possuía documentos referentes a diversos temas ligados à História do Ceará em seu arquivo particular, como sesmarias, cartas de doação, termos de concessão, escrituras, pareceres, laudos, cartas régias, mapas etc. Um dos temas presentes na *Coleção Studart* e que mobilizou vários correspondentes foi a questão envolvendo demarcações de terras e limites fronteiriços dentro do território cearense. Vários remetentes escreveram em busca de documentos sobre esse ponto.

A questão de delimitação de terras era cara aos institutos históricos. O IHGB e vários institutos estaduais tiveram uma participação ativa nas conferências de limites interestaduais, dentre elas a que divide os estados do Ceará e Pernambuco, e Ceará e Piauí. Cabe destacar também a atuação do IHGB junto ao Governo Federal na resolução de questões relativas a limites de terras.

Quando da questão que provocou um litígio fronteiriço entre Ceará e Piauí, em que o território disputado era uma parte das terras da Serra da Ibiapaba,<sup>252</sup>

---

<sup>251</sup> O primeiro arquivo público do estado do Ceará iniciou suas atividades em 6 de setembro de 1916 e ficou até 1921 vinculado à Biblioteca Pública do Estado. Foi criado com a finalidade de recolher, conservar e organizar os documentos oriundos da administração pública da antiga capitania, província e atual estado do Ceará, provenientes do poder executivo, legislativo e judiciário, embora reunisse documentos de particulares também. Sobre o tema ver: SABINO, Ana Carla. "Cumpra-se e Registre-se"! Livros de Registro e Acumulação Documentária na Secretaria do Governo da Província do Ceará. In: RIOS, Kênia de Sousa; MEDEIROS, Aline da Silva; LUCAS, Meize Regina de Lucena (orgs.). *Imaginário e Cultura*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 259-271.

<sup>252</sup> Esse litígio tem sua origem no governo de Manoel Inácio de Sampaio. O engenheiro Silva Paulet apresentou um mapa da província que mostrava o limite oeste do litoral até a foz do Rio Igarauçu. Dessa forma, a localidade de Amarração, atual cidade piauiense de Luís Correia, fazia parte do Ceará. Assim, os políticos do Piauí logo reivindicaram o território, e a solução para o impasse veio com o Decreto nº 3.012, de 22 de novembro de 1880, determinando que haveria uma "troca" na qual o Piauí restabeleceria a totalidade de seu litoral e o Ceará incorporaria os municípios de Crateús e Independência.



Studart publicou na *Revista do Instituto do Ceará*<sup>253</sup> documentos da câmara dos deputados que pertenciam à sua coleção e confirmavam a posse do território disputado como pertencente ao Ceará. No mesmo periódico, publicou também uma carta de Irineu Pinto da Silveira dirigida ao médico cearense, na qual este anexa um documento que ratifica a questão da posse cearense:

Tendo encontrado o documento junto e julgando que ele poderá algo servir aos interesses do Ceará na questão de limites ora em foco, e sabendo que V. Ex<sup>a</sup> liga a máxima importância a tudo que diz respeito aos interesses vitais de nossa terra, tomo a liberdade de enviar a V. Ex<sup>a</sup> o dito documento, esperando que ele sirva para alguma coisa.<sup>254</sup>

Os documentos da Coleção Studart eram usados pelo governo para demarcação de fronteiras estaduais, e também por particulares que consultavam Studart para auxiliá-los em questões de demarcações de terras pelo interior do Ceará. Dentre os que escrevem ao Barão de Studart encontramos Álvaro Gurgel de Alencar, que intercede por um amigo envolvido em uma ação de demarcação de terras: “sabendo o Sr. José Antônio que V. Ex.<sup>a</sup> é possuidor de importantes documentos sobre o Ceará; deseja saber da origem da doação feita pelos padres jesuítas, da fazenda Tiáia, que é patrimônio da matriz de Viçosa”.<sup>255</sup> José Menelau escreveu para pedir um documento ou certidão sobre a posse de suas terras em Ipú, afirmando que essa posse está ligada à tradição da História do Ceará com a ocupação das missões, e conclui a carta prometendo pagar por esse favor se for atendido.

Um leitor de *Datas e Fatos da História do Ceará*, Augusto Rocha, dirigiu uma carta na qual afirma que encontrou no livro uma nota que comprova o tamanho e os limites de uma propriedade em Canindé que está em disputa, e acrescenta que no cartório não havia documentos que legitimassem a posse das mesmas. Para resolver a querela, Augusto pede a Guilherme “a fineza obsequiosa de obter-me a cópia dessa sesmaria”,<sup>256</sup> pois esses documentos de posse de terras são “a maior

---

<sup>253</sup> STUDART, Guilherme. Para o litígio sobre os limites entre Ceará e Piauí (Documentos da Coleção Studart). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1921, p. 160-165.

<sup>254</sup> Idem, p. 161.

<sup>255</sup> Carta de Álvaro Gurgel de Alencar de 23 de abril de 1914 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>256</sup> Carta de Augusto Rocha de 13 de agosto de 1914 – Acervo do Instituto do Ceará.

causa de confusão e demandas que há nos sertões”.<sup>257</sup>

A questão da delimitação espacial do país era bastante cara à historiografia oitocentista. Dessa forma, o tema também podia ser encontrado no acervo de Studart que possuía documentos referentes a litígios territoriais. Um caso era referente à posse de terra dos índios que ocupavam o território de Arronxes. No arquivo, há um relatório datado de 5 novembro de 1831, assinado por Francisco Manoel Galvão que reproduz um pedido de Manoel Campos, Antônio Soares Alquedam e dos índios de Arronxes solicitando datas e sesmarias de seus antepassados que pudessem justificar sua ocupação.

Ao acumular tantos papéis sobre o Ceará com o intuito de construir narrativas históricas formuladas a partir de critérios de veracidade e autenticidade dos documentos que poderiam ter valor de prova e testemunho, Studart sabia que esse mesmo *corpus* documental poderia ser usado com outra finalidade, principalmente no que se refere a questões políticas, para a resolução de disputas coletivas ou individuais.

Para um colecionador, a necessidade de possuir é mais forte do que a posse do objeto. Como nos lembra Philipp Blom, “o objeto mais importante de uma coleção é o objeto seguinte”.<sup>258</sup> Dessa forma, a busca de Studart por mais documentos sobre o Ceará era infundável e insaciável. A investigação o arrebatava e estimulava a pesquisa a cada nova descoberta.

Segundo Pomian,<sup>259</sup> os colecionadores adquirem prestígio e *status* por possuírem objetos que, embora tenham perdido seu valor de uso, mantêm um valor de troca devido à procura deles por outros colecionadores. Guilherme Studart tinha prestígio na sociedade cearense e no campo intelectual brasileiro devido, em parte, à sua coleção de documentos, que lhe dava condições para o reconhecimento de seu trabalho e da sua posição na comunidade de especialistas, permitindo que ele produzisse uma escrita legítima sobre o Ceará. Tornava-se autor porque era colecionador e, ao mesmo tempo, tornava-se colecionador porque era autor.

O colecionador Guilherme Studart estava preocupado em dar visibilidade

---

<sup>257</sup> Idem.

<sup>258</sup> BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: RECORD, 2003, p. 182.

<sup>259</sup> POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. 1 Memória – História. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

e notoriedade a sua coleção e a si mesmo, pois empreendeu diversas estratégias na divulgação do seu *corpus* documental, em livros, catálogos e periódicos, numa tentativa de eternizar-se e garantir a preservação da memória de si. Além de investir dinheiro na aquisição, transcrição e impressão de documentos da coleção, Studart ocupava-se com a publicação das revistas dirigidas por ele, como a *Revista do Instituto do Ceará* e a *Revista da Academia Cearense*. Ao analisarmos os estudos publicados por ele nessas revistas, entrevemos o controle e o poder exercido por Studart nas redações das mesmas, nas quais assumia os papéis de editor, revisor e impressor desses periódicos, como veremos a seguir.

## 2.5 O EDITOR

*À diferença da Europa, onde, desde o século XIX, a ocupação com a historiografia se deslocara para o campo universitário, no Brasil a produção historiográfica continuou a ser produzida em instituições que remontavam a outra época, o que, em correspondência, perpassava seu conteúdo social de modo diverso da produção europeia. A historiografia brasileira do século XIX não se submetia aos critérios de uma esfera pública científica, mas às regras de uma academia, em que preponderam, de forma quase decisiva, o relacionamento e o contato pessoal.<sup>260</sup>*

Para criar representações do Ceará e singularizá-las diante da diversidade brasileira, Guilherme Studart e os homens de letras do Ceará constituíram uma rede de intercâmbio com várias instituições intelectuais, onde estabeleciam trocas de documentos, publicações, informações e influências, construindo uma “identidade cearense” e exportando uma imagem do Ceará para a cultura letrada brasileira.

Dentre as publicações dirigidas por Studart e usadas para realizar permutas com outras agremiações, destacamos: a *Revista do Instituto do Ceará* (RIC), a *Revista da Academia Cearense* (RAC), a *Iracema*, o *Norte Médico*, *Ceará Médico* e a *Revista do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará* (RCCSSVPC) (ver quadro 1).

---

<sup>260</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011b, p. 258.

<b>INSTITUTO DO CEARÁ</b>	<b>ACADEMIA CEARENSE (1ª FASE)</b>	<b>CENTRO MÉDICO CEARENSE</b>	<b>SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO</b>	<b>CENTRO LITERÁRIO</b>
MEMBRO FUNDADOR (1887)	MEMBRO FUNDADOR (1894)	MEMBRO FUNDADOR (1913)	MEMBRO (1883)	MEMBRO (1894)
IMPRESSOR DA RIC (1895 – 1904)	IMPRESSOR DA RAC (1896 – 1904)		IMPRESSOR DA RCCSSVPC (1895 – 1904)	IMPRESSOR DA IRACEMA (1895 – 1896)
PRESIDENTE (1929 – 1938)		PRESIDENTE (1913 – 1918)	PRESIDENTE (1889 – 1931)	PRESIDENTE (1895 – 1898)

Quadro 1: Tabela de instituições cearenses que tiveram Guilherme Studart como sócio.

A principal publicação “exportada” por Guilherme Studart foi a *Revista do Instituto do Ceará*. A instituição foi criada em 4 de março de 1887 por um grupo formado por doze sócios-efetivos<sup>261</sup> com a finalidade, expressa no primeiro artigo de seus estatutos, de “tornar conhecidas a história e geografia da Província e concorrer para o desenvolvimento das letras e ciências”.<sup>262</sup>

Para conhecer as particularidades da trajetória do povo cearense e inserir o Ceará na historiografia nacional, os membros do Instituto criaram uma “academia ilustrada” dentro dos moldes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), com a realização de reuniões semanais, a composição de comissões para aquisição de documentos relativos à história e geografia da Província e a publicação de uma revista trimestral com os trabalhos e memórias oferecidas pelos sócios.

A RIC começou a circular em 1887, ano da fundação do próprio Instituto do Ceará e conta atualmente com 125 volumes publicados, conseguindo manter sua

<sup>261</sup> Os sócios-fundadores do Instituto do Ceará são: Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Guilherme Studart, Antônio Augusto de Vasconcelos, Joakim Catunda, Júlio César da Fonseca Filho, João Augusto da Frota, Antônio Bezerra de Menezes, Virgílio Augusto de Moraes, Virgílio Brígido, José Sombra, Juvenal Galeno e João Baptista Perdigão de Oliveira.

<sup>262</sup> Art. 1º dos Estatutos do Instituto do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Ceará: Tipografia Econômica, 1887, p. 9.

perenidade por mais de um século. Nosso foco aqui será os trinta e seis tomos que foram dirigidos exclusivamente pelo Barão de Studart, entre 1893 e 1929,<sup>263</sup> momento em que o médico acumulou todas as atribuições do processo editorial, sendo colaborador, editor, revisor e impressor, atuando diretamente no processo de escolha dos colaboradores e nas formas de distribuição e venda do periódico.

Um ano após a fundação do Instituto do Ceará, Studart foi eleito tesoureiro, ocupando a vaga deixada por José Sombra, morto em 15 de março de 1888. No ano de 1892, Studart deixa a tesouraria e assume a direção da RIC, transformando-se em redator, editor e revisor, estampando na capa a seguinte informação: “sob a direção do Dr. Guilherme Studart”. A RIC começou a ser impressa pela tipografia Econômica, localizada na Praça do Ferreira, nº 43, inicialmente publicada trimestralmente, o que ocorreu entre os anos de 1889 e 1908, quando se estabeleceu a impressão de apenas um volume por ano com uma assinatura de 4\$000 anual. Dois anos depois, Studart assumiu também a impressão da revista, uma vez que o periódico passou a ser impresso na sua tipografia, localizada na Rua Formosa, nº 46, entre os anos de 1895 e 1903<sup>264</sup>. Em 1896, um ano depois da criação da sua oficina tipográfica, Studart aumenta o preço da revista para 6\$000 anual e, em 1900, quando recebe o baronato pela Igreja Católica, muda a chancela publicada no frontispício da revista para “sob a direção do Barão de Studart”.

A ideia de abrir uma oficina tipográfica em Fortaleza veio após a reclamação do preço elevado cobrado pelas tipografias, confessada em carta dirigida ao amigo Capistrano de Abreu em 10 de junho de 1894, um ano antes da fundação da tipografia Studart: “do catálogo de minha coleção de documentos está impresso apenas o 1º fascículo, não o tendo sido os outros dois porque aqui não há quem faça esses trabalhos tipográficos sem a deliberação assentada de deixar

---

<sup>263</sup> A Guilherme Studart coube a direção exclusiva da revista durante trinta e seis anos, enquanto que os sete primeiros tomos (1887 a 1893) foram dirigidos por uma comissão de sócios, composta por Guilherme Studart, Paulino Nogueira e Antônio Augusto Vasconcelos. Depois de 1930, a revista novamente passa a ser dirigida por uma comissão de sócios: Thomaz Pompeu Sobrinho, Eusébio de Souza, Carlos Studart Filho e Guilherme Studart. Uma série de modificações será empreendida pelos novos membros da redação da revista do Instituto do Ceará, como a mudança do nome impresso na capa de Revista Trimestral do Instituto do Ceará para Revista do Instituto do Ceará, além da troca de tipografia, deixando a tipografia Minerva, que era responsável pela impressão desde 1904, e a contratação da nova tipografia Gadelha, localizada na Rua Senador Alencar, nº 119 a 123.

<sup>264</sup> A RIC foi impressa na tipografia Studart até 1903, mas a oficina tipográfica de Guilherme Studart continuou sendo anunciada no *Almanaque do Ceará* até 1910.

pobre o coitado do freguês”.<sup>265</sup>

Studart resolve então estabelecer uma oficina que imprimisse seus próprios trabalhos e das instituições das quais participava. Embora em 1895<sup>266</sup> a capital do Ceará contasse com seis oficinas tipográficas, dentre elas a Econômica, fundada em 1880, e a empresa responsável pela impressão da *Revista do Instituto do Ceará* anteriormente, Studart resolve montar sua própria oficina tipográfica para difundir sua obra a “baixos custos”.

No Brasil, o preço da impressão era muito elevado em fins do século XIX. Além disso, “a combinação de matérias-primas caras com a mão de obra deficitária e mal formada gerava produtos de qualidade inferior aos similares importados”.<sup>267</sup> Esse era um quadro generalizado no Brasil. O alto preço também era sentido no Rio de Janeiro, então capital federal, fato constantemente reclamado pelos homens de letras, dentre eles Capistrano de Abreu: “sabes a dificuldade que há de encontrar editor e quanto é cara a impressão entre nós; por isso todos os nossos esforços vinham quebrar-se contra este rochedo”.<sup>268</sup>

De acordo com Nelson Schapochnik, eram corriqueiras “as turras e queixumes dos homens de letras brasileiros contra a qualidade dos trabalhos tipográficos realizados ao longo do século XIX”.<sup>269</sup> Capistrano, que vivia no Rio de Janeiro e tinha contratos com as maiores editoras brasileiras, como a Garnier, Leuzinger e Laemmert, também se irritava: “mande-me uma corda para me enforcar ou um capanga que liquide a corja da tipografia”.<sup>270</sup> A lentidão também atingia Lisboa, como relata o historiador português João Lúcio de Azevedo: “vão no pacote as primeiras quatro folhas do “Vieira”, cuja impressão vai muito demorada, e já perdi

---

<sup>265</sup> Carta de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu de 10 de junho de 1894. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 150.

<sup>266</sup> Fortaleza contava com os serviços das seguintes oficinas tipográficas: Costa Souza & Cia.; Ceará-Libertador; Econômica; Minerva; Universal; Ceará. Cf. *Almanaque (Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e literário) do Estado do Ceará*. Fortaleza: Tipografia d'A República, 1895, p. 120.

<sup>267</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos Tipógrafos. In: *SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL*. 1., 2004, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa/UFF, 2004, p. 10.

<sup>268</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção de 2 de abril de 1886. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 326.

<sup>269</sup> Idem, p. 326.

<sup>270</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado da oitava de anunciação. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 480.

as esperanças de ver concluída em julho. A tipografia não chega a dar uma folha por semana. Esperemos”.<sup>271</sup>

Em maio de 1873, outro cearense, o escritor José de Alencar, criticava o atraso da impressão:

Ninguém sabe da má influência que tem exercido na minha carreira de escritor o atraso da nossa arte tipográfica, que um constante caiporismo torna péssima para mim. Se eu tivesse a fortuna de achar oficinas bem montadas, com hábeis revisores, meus livros sairiam mais corretos; a atenção e o tempo por mim despendidos em rever, e mal, provas truncadas, seriam melhor aproveitados em compor outra obra.<sup>272</sup>

A tipografia Studart exigia do seu proprietário certo esforço e dedicação, já que Studart dirigia diretamente os serviços. A demanda de uma oficina requer uma direção metódica, já que a falta de um funcionário ou de material implica no atraso da impressão, tão constante nos relatos dos homens de letras. Diversos tipos de imprevistos poderiam atrasar o trabalho, como podemos apreender a partir dos pedidos feitos pelo editor do jornal *Ceará*, Tibúrcio de Oliveira, a Studart: “estamos sem papel para publicar o nosso Ceará!!! Da sua reserva não nos poderá ceder algum, para desembaraçar-nos? Não faz mal que seja no formato menor”.<sup>273</sup> Em outra ocasião, Tibúrcio de Oliveira escreve pedindo para Studart lhe ceder um de seus tipógrafos, porque na falta de um dos seus compositores não poderia imprimir o jornal.<sup>274</sup>

É provável que Tibúrcio de Oliveira tenha sido atendido pelo médico, já que Studart admirava o editor do jornal *Ceará*. Essa admiração foi registrada em um verbete do seu *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*:

Eis um cearense, que se fez por si só. Discípulo de José Patrocínio, dedicou-se ao jornalismo chegando a ser redator do *Correio da Tarde* e da *Cidade do Rio*. De volta ao torrão natal, após uma

---

<sup>271</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 1º de maio de 1918 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>272</sup> ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*: autobiografia literária em forma de carta. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 72.

<sup>273</sup> Carta de Tibúrcio de Oliveira de 19 de agosto de 1896 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>274</sup> Carta de Tibúrcio de Oliveira de 30 de junho de 1896 – Acervo do Instituto do Ceará.



ausência de 15 anos, entrou para a redação do *Diário do Ceará*, do *Jornal da Tarde* e do *Ceará*, em que se revelou um lutador.<sup>275</sup>

Não podemos confirmar se os pedidos de Tibúrcio de Oliveira foram atendidos por Studart, mas suas solicitações apontam para a precariedade das oficinas tipográficas cearenses que funcionavam sem a mínima estrutura – sem funcionários especializados e às vezes sem material para impressão – razões que influenciariam Studart a abrir sua própria tipografia em 1895.

Esses estabelecimentos tinham a seguinte hierarquia: diretor da oficina, tipógrafos, oficiais, aprendizes que exerciam as funções de compositores, impressores, encadernadores e revisores. Esses trabalhadores exerciam uma atividade especializada, chamados muitas vezes de “operários intelectuais”, encontrando um mercado restrito no Brasil oitocentista. Nas cartas dirigidas a Studart, havia procura por colocações nesses espaços, como podemos constatar a partir das solicitações encontradas entre seus correspondentes, de editores de jornais ou de trabalhadores em busca de emprego.

Em carta de 3 de setembro de 1898, Jeudo Fagundes intercede por um amigo: “o Sr. Veridiano de Amazone é tipógrafo e um pouco dado às letras. Casado com uma senhora cearense, e pouco fazendo na Bahia deseja tentar viver no Ceará, e para aí segue a viver da sua sorte, como me diz”.<sup>276</sup> Luciano Magalhães escreve em busca de uma colocação na tipografia Studart e oferece seus serviços:

Em primeiro lugar apresento os meus cumprimentos a V. Ex.<sup>a</sup>, pedindo ao mesmo tempo desculpa de importuná-lo. Sou gerente do Cametá, que V. Ex.<sup>a</sup> conhece, jornal que até na parte editorial é feita unicamente pelo signatário destas linhas, revisão, etc. Além disso conheço bem tipografia, e sei trabalhar. (...) Pelo Cametá V. Ex.<sup>a</sup> poderá ver que sei trabalhar. Desde o artigo de fundo até ao simples noticiário, tudo é feito por mim, inclusive a notícia dos dois ou três livros remetidos por V. Ex.<sup>a</sup> a esta redação. Se merecer resposta esta minha carta bastante grato ficará o de V. Ex.<sup>a</sup> amigo Luciano Magalhães.<sup>277</sup>

Não possuímos dados referentes ao expediente administrativo da

---

<sup>275</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 3. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1915, p. 153.

<sup>276</sup> Carta de Jeudo Fagundes de 3 de setembro de 1898 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>277</sup> Carta de Luciano Magalhães de 30 de março de 1905 [Grifo do autor] – Acervo do Instituto do Ceará.

tipografia Studart, assim não sabemos se essas solicitações foram atendidas pelo seu proprietário. Contudo, o próprio Studart escreveu uma biografia repleta de elogios a um dos seus funcionários no seu *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, José Pereira Martins, que iniciou sua carreira nas oficinas do *Cearense*, trabalhando posteriormente nos jornais *A Pátria*, *O Combate* e nas oficinas de Studart, tendo publicado por essa última um livro intitulado *Painel Rústico*, em 1895, o que corrobora com a visão dos tipógrafos como “operários intelectuais”.<sup>278</sup>

Entre os anos de 1895 e 1904, a tipografia Studart funcionava a todo vapor, sendo responsável pela impressão dos periódicos de várias associações cearenses, como a já mencionada *Revista do Instituto do Ceará*, a *Revista da Academia Cearense*, a *Revista do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará*, *O Pão* e a *Revista da Fênix Caixeiral*, por impressões de livros de autores cearenses, como *Ephemerides do Ceará*, de João Brígido (figura 8), *Brasil pré-histórico*, de Raymundo Ulysses de Pennafort, *As boas obras*, de Antônio Cândido da Rocha, *Os diferentes*, de José Quintino da Cunha, *Versos de Hontem* de Álvaro Martins e outros.<sup>279</sup> Destacam-se também as impressões de livros e folhetos de autoria de Guilherme Studart, como *Catálogo dos jornais de pequeno e grande formato publicados em Ceará* e *Documentos para a biografia do fundador do Ceará*, perfazendo um total de quatorze trabalhos impressos com a chancela da sua tipografia.

---

<sup>278</sup> Expressão usada por Nelson Schapochnik. Cf. SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos Tipógrafos. In: *SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL*. 1., 2004, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 1-15.

<sup>279</sup> Localizamos os seguintes livros impressos na tipografia Studart: *Presidentes do Ceará* de Paulino Nogueira (1889), *Discurso* de José Lino da Justa (1901); *Consultor militar*: contendo em ordem alfabética a coordenação da legislação militar em vigor no exército, promulgada até 30 de setembro de 1895, de Cândido B. Castello Branco (1905); *Congresso Nacional, discursos proferidos pelo Dr. Ildfonso Correia Lima* de Ildfonso Correia Lima; *Aviso às moças ou meia pataca* (uma comédia em dois atos), de Antônio Cândido da Rocha; *Guia Prático das Conferências de São Vicente de Paulo, Relatório Anual da Sociedade de São Vicente de Paulo* de 1900, 1901, 1902 e 1903, além de 14 livros e folhetos de autoria de Guilherme Studart.

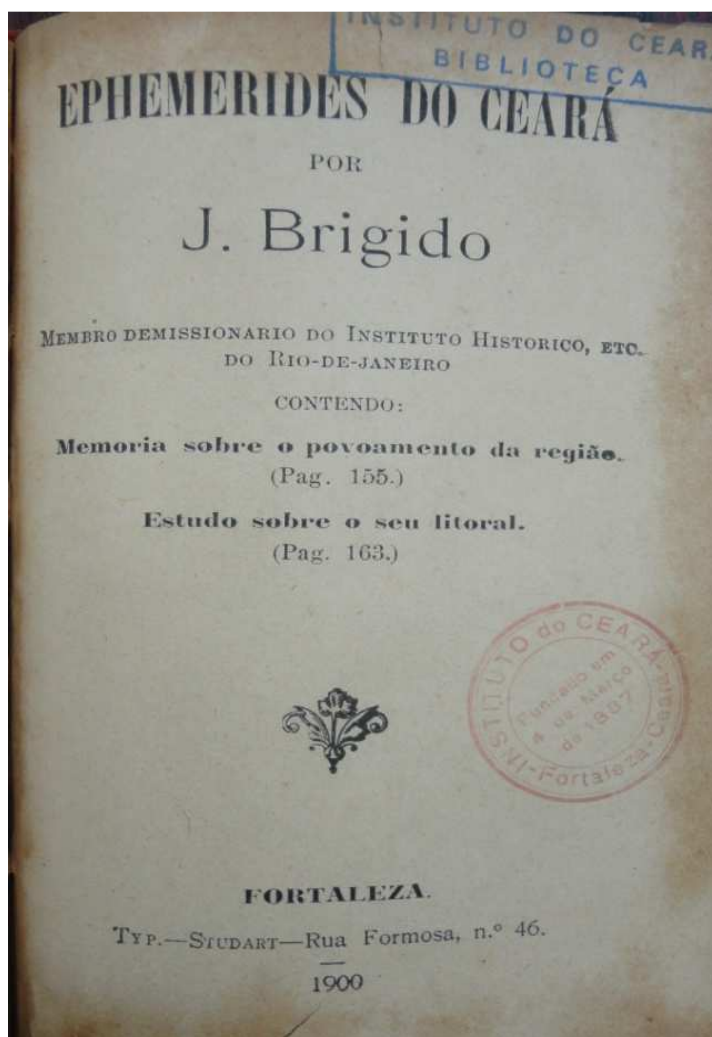


Figura 8: Livro de João Brígido impresso na Tipografia Studart – Acervo do Instituto do Ceará.

De acordo com Manoel Albano Amora, a tipografia Studart recebia encomendas de um público variado, atendendo aos pedidos de publicações da Câmara Municipal e de outras repartições públicas, embora não se afastasse das obrigações primordiais, que seriam as impressões das revistas e das brochuras de autoria do proprietário da mesma. A oficina também recebia encomendas de impressões individuais, como esta dirigida por Joaquim de Araújo:

Pelas rubricas dos seus belos livros vejo que V. Ex.<sup>a</sup> é dono de uma tipografia, se não me engano no pressuposto, peço-lhe o obséquio de aí reimprimir o meu opúsculo – O Soneto de Torquato Tasso em honra de Vasco da Gama e de Camões. Desejava esse escrito um pouco divulgado no Brasil, e pode V. Ex.<sup>a</sup> se julgar isso acertado pô-lo em venda; na certeza de que nada mais desejo para mim do que cinco exemplares em papel de linho e trinta e seis em papel comum. Peço-lhe a fineza de verificar religiosamente as provas, acingindo-se

(sic.) à ortografia do original. No frontispício desejava que se inscrevessem estas duas palavras a mais: Nova edição e não segunda edição. É a única “nuance” que desejaria se observasse, advertindo que me parece melhor imprimir em tipo maior, e no formato dos opúsculos de V. Ex.<sup>a</sup>, representativos do antigo in-4º português. Se V. Ex.<sup>a</sup> me enviar os exemplares que peço da reimpressão, é muito favor não os confiar ao correio sem prévio registro, pois que os correios andam agora muito avariados.<sup>280</sup>

Não encontramos nenhuma edição dessa obra publicada pela tipografia Studart, apenas uma edição feita em 1898, em Gênova, pela tipografia R. Instituto Sordo-Muti. Embora Joaquim Araújo mantivesse uma correspondência com Studart, uma vez que encontramos quatro cartas enviadas por ele,<sup>281</sup> o assunto da impressão não volta a ser tratado em nenhuma das outras epístolas. Talvez a tipografia Studart já tivesse encerrado suas atividades nesse período, uma vez que a carta citada acima está sem data.

A tipografia deu ao seu proprietário um espaço para a impressão e divulgação de seus trabalhos entre intelectuais brasileiros e estrangeiros, de 1895 até 1910,<sup>282</sup> promovendo o nome de Guilherme Studart por meio da palavra impressa. O intercâmbio desses periódicos entre os institutos estaduais e o IHGB permitiu a promoção de Studart nesses espaços a ponto de ele ser eleito sócio-correspondente de todos os institutos existentes no período de 1887 a 1938, como os institutos de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Pará, Maranhão, Piauí, Espírito Santo, Santa Catarina, Paraíba, Minas Gerais e Sergipe, além do próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Essa posição de Guilherme Studart no universo historiográfico brasileiro era criticada por outros intelectuais cearenses, como João Batista Perdigão de Oliveira, sócio-fundador do Instituto do Ceará, que em 1901, escreveu uma série de artigos no jornal *O Unitário*. Para Perdigão, esse excesso de produtividade de Studart era uma forma “exagerada” de autopromoção:

---

<sup>280</sup> Carta de Joaquim de Araújo de 18 de março [Grifo do autor] – Acervo do Instituto do Ceará. Não consta o ano da carta.

<sup>281</sup> Cartas de Joaquim de Araújo datadas de 6 de fevereiro de 1901, 18 de março e duas sem data.

<sup>282</sup> A tipografia Studart foi anunciada no *Almanaque do Ceará* entre os anos de 1895 e 1910, contudo, os livros e periódicos impressos sob a chancela da tipografia datam até 1904 como a *Revista do Instituto do Ceará*, a *Revista da Academia Cearense de Letras* e os livros de autoria de Guilherme Studart.

Devido a esse prurido a uma sofreguidão que tem o barão de Studart em escrever, antes em fazer conhecido qualquer trabalho seu. Não é a quantidade de trabalhos que engrandece o escritor: basta um livro para conquistar-lhe o renome. Sirva isso de estímulo e de conforto a quem, pobre como eu, sem recursos pecuniários e sem tipografias, não pode publicar livros e folhetos, e recorre à imprensa periódica ou diária para tornar conhecidos os modestos produtos de seus esforços intelectuais.<sup>283</sup>

O controle dos suportes de impressão e os veículos de divulgação viabilizavam a obsessão de Studart pela publicação. Além dos livros publicados, escreveu 123 artigos em quarenta e cinco tomos da *Revista do Instituto do Ceará*, deixando de publicar apenas em quatro tomos durante o período em que foi membro do Instituto do Ceará (1887-1938).<sup>284</sup> Em comparação aos outros sócios-fundadores,<sup>285</sup> Studart pode ser considerado o colaborador mais assíduo da RIC. Dentre os fundadores que estamparam por mais vezes seus estudos nas páginas da RIC, Paulino Nogueira publicou 40 artigos e Perdigão de Oliveira publicou 20, números que não atingem nem a metade dos artigos publicados por Studart.

A revista reúne parte significativa da obra de Guilherme Studart, já que publicou trabalhos, ainda em desenvolvimento, cujos temas mais recorrentes são os movimentos liberais de 1817 e 1824, biografias de cearenses ilustres, origens do Ceará, efemérides, centenários, cronologias e principalmente a transcrição de documentos dos mais diversos assuntos relativos ao Ceará.

Esse periódico viabilizava a vazão do conhecimento sobre a história produzida no Ceará, promovia o estudo e a divulgação desse conhecimento e contribuía para a consolidação de uma historiografia local. O principal veículo a receber os trabalhos de Studart foi a *Revista do Instituto do Ceará*, cujos artigos publicados, geralmente, eram tirados à parte em separatas ou pequenas brochuras e distribuídos a diversos intelectuais brasileiros, como foi o caso das obras:

---

<sup>283</sup> OLIVEIRA, João Perdigão de. *apud.* OLIVEIRA, Almir. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. 2001. Tese (Doutorado em História) PUC - São Paulo, p. 170.

<sup>284</sup> Studart não publicou artigos nos seguintes tomos da *Revista do Instituto do Ceará*: 7 (1893), 11 (1897), 27 (1913) e 50 (1937).

<sup>285</sup> Paulino Nogueira Borges da Fonseca publicou 40 artigos; João Baptista Perdigão de Oliveira publicou 20 artigos; Antônio Bezerra de Menezes publicou 13 artigos; Júlio César da Fonseca Filho publicou 10 artigos; Antônio Augusto de Vasconcelos publicou 4 artigos; Joaquim Catunda publicou três artigos; Juvenal Galeno e Virgílio Brígido publicaram 2 artigos cada; Padre João Augusto da Frota, José Sombra e Virgílio Augusto de Moraes não publicaram nenhum artigo na revista.

*Estrangeiros e o Ceará; Documentos para a biografia de Martim Soares Moreno e A revolução de 1817.*

A RIC foi uma publicação que manteve um ritmo editorial constante por quase meia década, em parte devido à direção assumida por Guilherme Studart. Quando a tipografia Studart fecha as portas em 1905, a revista passa a ser impressa pela tipografia Minerva, de propriedade de Assis Bezerra, localizada na Rua Major Facundo, nº 57, que seria responsável pela impressão da mesma até 1929. Dois anos antes, Studart mostrava-se cansado para manter o ritmo de trabalho com a revista, como declarou em carta escrita para Max Fleiuss em 11 de novembro de 1927:

Ainda vivo, se bem que sempre enfraquecido depois da grave enfermidade de que há um ano fui assaltado e de que escapei graças a Deus. Fiquei ouvindo pouco do lado esquerdo e mal enxergando da vista direita. Já não posso trabalhar mais de oito horas por dia, o que é uma calamidade para quem só no trabalho encontra distração e recreio. Também para que foi que eu cheguei aos 72 anos? Esta minha ligeira carta além do fito principal – saber de sua saúde – tem um outro interesseiro: indagar de você se conhece alguma coisa sobre Jean Rocher, nascido em França a 24 de Março de 1785, vindo ao Brasil em 1815 e falecido entre 1860 e 1870. Estou a concluir a impressão do 41º Vol. da Revista do Instituto do Ceará, que julgo será o último.<sup>286</sup>

Depois de quase meio século à frente da RIC, o controle exercido por Studart diminuiu, em parte devido à saúde debilitada e à renovação dos membros do Instituto. Assim como informa na carta escrita ao secretário perpétuo do IHGB, a revista não foi publicada em 1929 nem continuaria sob a direção de Studart. No ano seguinte, Thomáz Pompeu Sobrinho, Eusébio de Souza e Carlos Studart Filho assumem a redação da revista, embora mantenham o nome do Barão de Studart na direção da RIC até 1938, ano da sua morte. Ao assumirem os trabalhos da revista, os redatores publicam uma nota onde reconhecem o trabalho do seu ex-diretor:

O Barão de Studart, ainda é o mais ativo sócio do Instituto, é a sua alma, a sua garantia e seu padrão de glória. Se chamou para a sua companhia, depois de ter sustentado sozinho, durante perto de 40 anos, esta revista, algumas inteligências dedicadas ao estudo das

---

<sup>286</sup> Carta de Guilherme Studart de 11 de novembro de 1927 – Arquivo Privado de Max Fleiuss depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

coisas cearenses, não fê-lo por sentir-se com ânimo alquebrado, mas pelo desejo de aproveitar aptidões e incentivar a nova geração no amor da história e geografia do Ceará.<sup>287</sup>

Para Studart, a pesquisa e a investigação de fontes históricas eram as tarefas mais importantes do historiador, pois ele acreditava que a verdadeira história só poderia ser escrita com a apresentação de documentos. O projeto editorial da RIC segue as linhas diretivas do Barão de Studart, cujo principal estandarte é o primado do documento e a dedicação aos estudos regionais. Assim, a revista promove a divulgação da história do estado do Ceará e reelabora uma memória cearense que será cristalizada pelo grupo do Instituto do Ceará e de outras instituições cearenses. Para isso, são publicados documentos relativos a temas ligados às origens do Ceará, descrições históricas de vilas e cidades cearenses, biografias, cronologias, narrativas da colonização portuguesa e ocupação do território, dentre outros.<sup>288</sup>

Para compor as matérias da revista do Instituto do Ceará, Studart procurava e convidava escritores brasileiros para colaborar na publicação, autores renomados no campo das letras, como Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua, Rocha Pombo, Carlos Teschauer, Teodoro Sampaio, Domingos Jaguaribe, Padre Rafael Galanti, Alfredo de Carvalho, Padre J. B. Hafkemeyer e outros. Dentre os colaboradores, Carlos Teschauer se destaca por aceitar de prontidão o convite feito pelo amigo: “muito grato pelo honroso convite para colaboração na mesma Revista. Talvez possa finalizar um trabalho sob a lenda do ouro (escondido?) de 2 partes”.<sup>289</sup> O artigo foi publicado na RIC de 1911.<sup>290</sup> Às vezes, os pedidos demoravam a receber resposta, como no caso do pedido feito a Capistrano de Abreu:

---

<sup>287</sup> Barão de Studart: Nota da redação da Revista. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1930, p. XIII. [Sem autor]

<sup>288</sup> Almir Leal de Oliveira analisa a construção de uma memória cearense a partir das narrativas historiográficas feitas pelos membros do Instituto do Ceará. O pesquisador também analisa os temas historiográficos mais recorrentes nas páginas da *Revista do Instituto do Ceará* em seu trabalho. Cf.: OLIVEIRA, Almir. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. 2001. Tese (Doutorado em História) PUC-SP, São Paulo, p. 170.

<sup>289</sup> Carta de Carlos Teschauer de 3 de maio de 1909 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>290</sup> TESCHAUER, Carlos. A lenda do ouro (Estudo ethonológico-histórico). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1911, p. 3-49.

A propósito: como dá-se que você, homem de maior proficiência em História que o atual Brasil conhece, e cearense, ainda não haja escrito um só artigo para a nossa Revista? Nessa minha censura vai um pedido de algum trabalho seu para brilho e honra do Instituto do Ceará.<sup>291</sup>

Passados seis anos, o pedido ao amigo historiador ainda não havia sido atendido. Assim, na *Revista do Instituto do Ceará* de 1899, Studart transcreveu um artigo de Capistrano de Abreu, sem a autorização prévia deste, no qual Capistrano escreveu uma crítica à obra *Datas e Factos para a história do Ceará* de Studart, e fez elogios ao autor pelo esforço investigativo e precisão das informações, além de congratular o conterrâneo pela revista e divulgação dos estudos relativos à historiografia cearense. Ao saber da publicação, Capistrano escreveu a Studart questionando-o: “li outro dia na *Gazeta* que V. transcreveu na *Revista do Instituto* meu artigo sobre seu livro. Porque não me avisou? Teria feito correções e acrescentâncias (sic.), de modo a sair menos imperfeito”.<sup>292</sup> Provavelmente, pelos pedidos reiterados e não atendidos, Studart sentiu-se autorizado a publicar um artigo elogioso sobre seu próprio livro, embora não tivesse autorização.

Apesar do ocorrido, Capistrano continuava disposto a colaborar com o editor da *Revista do Instituto do Ceará*, já que, quase duas décadas depois, em carta de 18 de agosto de 1917, afirma:

Recebi anteontem o último número da Revista e já o folhee e li quase todo. Interessante como sempre. A ideia de atender sempre ao passado recente continua de pé e sempre fecunda. Creio que a este respeito nenhum Estado pode comparar-se ao nosso. Deverá continuar com as efemérides. Contesta-me sempre a lembrança: quem será teu substituto? Já era tempo de surgir um Eliseu para herdar o manto. Colaboradores sabe sempre descobrir, Guilherme conquistador! E quanta coisa tens salvado, que não escaparia sem ti! Mas quero te ajudar no trabalho da revista, no trabalho material da confecção do número nem um candidato se apresenta.<sup>293</sup>

As promessas de contribuições para a *Revista do Instituto do Ceará* vêm

---

<sup>291</sup> Carta de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu de 24 de agosto de 1893. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 150.

<sup>292</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart de 20 de março de 1899. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 147.

<sup>293</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 18 de agosto de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.



a ser materializadas na forma de três artigos de Capistrano: um publicado no tomo XXXIII de 1919 e dois no tomo XXXV de 1921.<sup>294</sup> Já os elogios de Capistrano ao chamar o amigo de “conquistador” acompanham uma crítica sutil ao controle exclusivo e solitário de Guilherme Studart na direção da RIC. Ao receber o tomo de 1917, Capistrano de Abreu encontrou um erro no artigo de Sátyro Dias sobre a libertação no Ceará, no qual o autor afirmava que a data era comemorada em 25 de março de 1883. Capistrano percebeu que se tratava de um erro de impressão. Por isso, no fim da carta, o questionamento ao amigo acerca da falta de colaboradores para o trabalho de confecção do material, ou seja, as provas e revisões de impressão que eram feitas diretamente por Studart.

De acordo com Schapochnik,<sup>295</sup> as tipografias prestavam todo tipo de trabalho. Assim, os erros e deslizos iam se acumulando, sendo recorrentes os queixumes dos homens de letras com relação aos descuidos nas oficinas que poderiam eivar o texto de trocadilhos ou palavras errôneas. Os erros nos caracteres impressos eram tão comuns que a maioria dos livros nesse período estampava uma “errata” ou “corrigenda”, apresentando o erro descoberto após a impressão e indicando junto a correção, em uma página separada, encartada no começo ou no fim da obra.

Apesar dos erros tipográficos e da falta de revisores para o trabalho de confecção da RIC, havia muitos colaboradores que solicitavam espaço para as matérias a serem publicadas nela. A maioria dos solicitantes era cearense: Eusébio de Souza, Cruz Abreu, José Pereira Rego Filho, Vicente Martins da Costa, Augusto Rocha, Benedito dos Santos, José Carvalho etc. Dentre esses autores, destacamos o pedido de José Carvalho para a publicação de seu estudo sobre Bárbara de Alencar: “se o amigo achar digno de figurar na ‘Revista Trimestral’ peço a fineza de o inserir; senão peço-lhe o favor de me remeter os mesmos originais para dar-lhes publicidade em folhetos pois que fiquei sem cópia”.<sup>296</sup> O artigo enviado foi aceito por

---

<sup>294</sup> Os artigos de Capistrano de Abreu publicados nesse período são: *Em memória de Eduardo Prado* (RIC, 1919, p. 286-293); *Ceará e Rio Grande* (RIC, 1921, p. 141-145); *Um livro sobre a Marquesa de Santos* (RIC, 1921, p. 285-298).

<sup>295</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos Tipógrafos. In: *SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL*. 1., 2004, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 10.

<sup>296</sup> Carta de José Carvalho de 14 de agosto de 1915 – Acervo do Instituto do Ceará.

Studart, sendo publicado no ano seguinte na RIC de 1920,<sup>297</sup> com o título *Heroína nacional: Bárbara de Alencar*, onde o autor, que era trineto da heroína, escreve uma resposta às críticas feitas por Mário Mello ao seu livro de poesias *D. Bárbara*, publicado no centenário da revolução de 1817.

O advogado e historiador cearense Eusébio de Souza, um dos correspondentes mais assíduos de Studart, também pede que o artigo dele seja publicado na RIC: “junto ainda um exemplar d’O *Rebate* de Sobral, em que vem publicado um trabalho meu sobre o índio Camarão, pedindo para o mesmo toda a atenção do ilustre am<sup>o</sup>. Se ainda estiver em tempo e em condições peço sua transcrição na Revista do Instituto”.<sup>298</sup> Já o padre Vicente Martins escreve, em 19 de fevereiro de 1917, questionando sobre a ausência de seu trabalho na edição da revista de 1917:

Tendo eu recebido a revista de 1917, e não encontrando nela o meu modesto trabalho biográfico intitulado – Pessoa Anta – escrito em mais de 100 tiras de papel, que remeti no começo do ano de 1916 a V. Ex<sup>a</sup>, venho por meio deste pedir a V. Ex<sup>a</sup> o especial obsequio de dizer-me se recebeu ou não o meu modesto trabalho que mandei registrado pelo correio; e no caso de haver resolvido desistir de ser publicado por motivo de acumulação de matéria ou por motivo de vir desmerecer a referida revista, se é que não foi publicado por motivo de imperfeição do meu trabalho, desde já autorizo a V. Ex.<sup>a</sup> a fazer a correção que julgar conveniente.<sup>299</sup>

O artigo assinado pelo padre Vicente Martins foi impresso na *Revista do Instituto do Ceará* de 1917, tomo XXI, comemorativa do centenário da Revolução de 1817. É provável que alguns volumes tenham sido impressos em dois tomos, e o mencionado artigo estivesse no segundo tomo, uma possível explicação para a reclamação do autor. O que queremos salientar na carta de Vicente Martins é o argumento que apresenta para justificar a suposta ausência de seu artigo: acumulação da matéria, desmerecimento ou imperfeição do artigo, critérios que parecem indicar o modo pelo qual o redator da revista controlava o conteúdo publicado no periódico.

---

<sup>297</sup> CARVALHO, José. *Heroína nacional: Bárbara de Alencar*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1920, p. 199-220.

<sup>298</sup> Carta de Eusébio de Souza de 7 de junho de 1915 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>299</sup> Carta do Padre Vicente Martins da Costa de 19 de fevereiro de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

O poder de Studart sobre a revista também era percebido por outros correspondentes estrangeiros, caso de A. Morales de los Rios que, em carta de 16 de novembro de 1922, afirma que: “recebi o novo volume da Revista do Instituto do Ceará que tanto valeria dizer Revista Studart e do Instituto Studart”.<sup>300</sup>

Esse controle estendia-se para além da *Revista do Instituto do Ceará*, sendo exercido também em outros veículos de circulação nacional, como a *Revista da Academia Cearense*, dirigida por Studart. O periódico foi publicado ininterruptamente de 1896 até 1914. A redação da revista era dividida com Pedro de Queirós e Henrique Théberge, sendo impressa pela tipografia Studart até 1904, quando passa para as oficinas gráficas da tipografia Minerva, assim como a RIC. A publicação desapareceu em 1914, embora desde 1910 não houvesse mais reunião do grêmio. Somente em 1937 voltou a circular uma revista da instituição, acompanhada de uma série de reformulações ocorridas na Academia Cearense de Letras. Na sua segunda fase, a revista recebeu uma nova denominação: “Revista da Academia Cearense de Letras (segunda fase)”, tendo à frente os acadêmicos Antônio Sales, Dolor Barreira e outros.

A Academia Cearense foi fundada em 15 de agosto de 1894 devido à iniciativa de Guilherme Studart, que convidou, nos espaços literários da cidade (livrarias, bibliotecas, passeio público e gabinetes de leitura), os homens de letras cearenses para formarem um sodalício. Dentre os 27 fundadores estão Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Pedro de Queirós, Farias Brito, Justiniano de Serpa, Antônio Bezerra de Menezes, Padre Valdevino Nogueira, Henrique Théberge e outros.<sup>301</sup> Para Sânzio de Azevedo, os objetivos da Academia Cearense não eram exclusivamente literários, “uma vez que abarcavam, além das letras propriamente ditas, o campo das ciências, da educação, ou da arte de modo geral”.<sup>302</sup>

Guilherme Studart não era apenas um dos sócios-fundadores da

---

<sup>300</sup> Carta de A. Morales de los Rios de 16 de novembro de 1922 [Grifos do autor] – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>301</sup> Os membros fundadores da Academia Cearense foram Tomáz Pompeu, Pedro de Queirós, Waldemiro Cavalcante, Raimundo de Arruda, Álvaro Mendes, Raimundo de Farias Brito, Antônio Augusto de Vasconcelos, Guilherme Studart, José Carlos Júnior, Virgílio A. de Moraes, José Domingues Fontenele, José de Barcelos, Antônio Bezerra, F. Alves Lima, Drumond da Costa, Eduardo Studart, Adolfo F. Luna Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Franco Rabelo, Benedito Sidou, Antonino Fontenele, Antônio Teodorico da Costa Filho, Álvaro de Alencar, Padre Valdivino Nogueira, Henrique Théberge e Justiniano de Serpa.

<sup>302</sup> AZEVEDO, Sânzio de. Grêmios literários do Ceará. In: SOUZA, Simone de (Coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 192.

Academia, era seu idealizador, tendo reunido o grupo em visitas às livrarias de Joaquim José de Oliveira e da Viúva Gualter.<sup>303</sup> Esses eram espaços não só para comércio de livros, mas também de sociabilidades intelectuais, que permitiam trocas de ideias, leituras e debates. Numa dessas reuniões, marcadas com o objetivo de recitar e ouvir trabalhos em prosa e verso, surgiu a ideia de formar uma agremiação que legitimasse a literatura produzida no Ceará pelos cearenses.

Além de ser um dos redatores da revista e responsável pela impressão entre os anos de 1896 e 1904, Studart foi eleito 1º secretário da instituição na primeira eleição ocorrida no grêmio. De acordo com Amora, Studart era um membro atuante na Academia Cearense:

Na sua secretaria era o elemento dinâmico, o responsável pela movimentação e os notórios progressos do grêmio ilustre. Durante sete anos de vida ativa, a Academia realizou cento e quinze sessões. O Barão de Studart compareceu a cento e quatro, presidiu a três e, na ausência de seu colega Arruda, cujas faltas coincidiam com as aulas que ministrava em diversos estabelecimentos de ensino, lavrou trinta e cinco atas.<sup>304</sup>

Guilherme Studart era obstinado em estabelecer o seu lugar no espaço de produção cultural. Assim como na RIC, Studart expôs nas páginas da *Revista da Academia Cearense* sua capacidade de multiplicar sua escrita e diversificar os temas estudados, com a publicação de vinte e um trabalhos em dezoito tomos entre os anos de 1896 e 1914, com destaque para os artigos *Pathologia Histórica Brasileira*, *Usos e Superstições Cearenses*, além dos verbetes do *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* e de partes do livro *Datas e Factos para História do Ceará*.

Apesar da publicação da revista, da realização de festas comemorativas como o Tricentenário do Ceará e da realização de reuniões, a Academia Cearense não conseguiu se firmar por mais de duas décadas no Ceará, fechando as portas em 1914 e encerrando a primeira fase da agremiação, que será retomada somente em 1922, contando com a participação de Guilherme Studart na reestruturação da

---

<sup>303</sup> Ozângela Arruda Silva analisou as duas livrarias cearenses, mostrando esses locais como importantes espaços de sociabilidade dos letrados no século XIX. SILVA, Ozângela Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

<sup>304</sup> AMORA, Manoel Albano. *A Academia Cearense de Letras: síntese histórica*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957, p. 57.

mesma, mais como uma figura de “honra” do que como um membro ativo. Sobre o último número editado pelo Barão de Studart, Mozart Monteiro afirma que

Aceitei com prazer a oferta que me fez de um exemplar da derradeira edição da Revista da Academia. É escusado exaltar (sic.) a importância desse trabalho, que, se outros fossem os tempos não só constituiria um padrão de glória para os autores, como também daria testemunho da operosidade intelectual do povo dessa terra. Infelizmente, outras paixões de mais força – e o Barão as conhece – vão-se apoderando dos nossos conterrâneos, de tal forma que os cometimentos nobres do espírito muitas vezes deixam de ser contemplados com um átomo sequer de atenção. É extraordinariamente lamentável esse descaso do Ceará aos produtos da inteligência.<sup>305</sup>

A reclamação de Mozart Monteiro parece dirigida à falta de investimentos por parte do governo estadual no apoio a empreendimentos editoriais como a *Revista da Academia Cearense*. Cabe sublinhar que a *Revista do Instituto do Ceará* recebia patrocínio público desde 1892, sendo que, a partir de 1905, o governo subvencionava esta publicação com 1.500\$ anuais, fato que pode ter contribuído para a permanência do periódico na imprensa cearense num universo de tantas publicações efêmeras.

Um ano antes da Academia Cearense fechar suas portas e a revista do grêmio publicar seu último número, surge uma nova agremiação no Ceará, que contava também com a participação de Guilherme Studart como um dos membros-fundadores, um dos idealizadores e primeiro presidente: o Centro Médico Cearense (CMC). O grêmio foi fundamental no processo de institucionalização da medicina no Ceará enquanto afirmação profissional dessa categoria na sociedade.<sup>306</sup> Antes da criação do Centro Médico, Studart idealizou e projetou outras entidades de médicos em Fortaleza:

---

<sup>305</sup> Carta de Mozart Monteiro de 6 de fevereiro de 1914 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>306</sup> Sobre o processo de construção do campo de atuação dos médicos cearenses no início do século XX, ver os trabalhos de SALES, Tibério Campos. *Medicina, associativismo e repressão: o Centro Médico Cearense e a formação do campo profissional em Fortaleza (1928-1938)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. e GARCIA, Ana Karine Martins. *O Centro Médico Cearense: organização e atuação dos médicos em Fortaleza entre os anos de 1913 e 1935*. In: RIOS, Kênia de Sousa; MEDEIROS, Aline da Silva; LUCAS, Meize Regina de Lucena (orgs.). *Imaginário e Cultura*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 46-60.

A primeira associação constituída pela classe médica no Ceará foi a Sociedade de Medicina e Pharmácia, cujos Estatutos foram formulados por uma comissão composta dos drs. José Lino da Justa, Luna Freire e Guilherme Studart; a segunda foi a Câmara Cearense da Ordem Médica Brasileira, fundada sob a presidência do Barão de Studart na casa n. 66 da Rua Major Facundo a 8 de março de 1902.<sup>307</sup>

Studart procurava estar à frente da formação dessas associações literárias, religiosas ou científicas, redigindo estatutos e compondo comissões, geralmente de eleições de novos sócios ou da redação da revista. Depois de formada e fundada a instituição fazia propaganda dela para seus amigos e pares intelectuais. Quando da criação da primeira associação dos médicos cearenses, Studart escreveu a Capistrano de Abreu uma carta alardeando os benefícios de congregar tais profissionais:

Como sei que você liga todo o interesse ao movimento científico ou literário que se opera entre nós, anuncio-lhe também que os médicos e farmacêuticos de Fortaleza constituíram-se em uma associação, que tem por título *Associação Médico-farmacêutica do Ceará*. Como suas congêneres do Rio, Bahia, Juiz de Fora, etc., tem ela por objetivo o estudo das questões relativas às ciências médicas e de tudo que interessar ao exercício da Medicina e da Farmácia e às duas profissões em geral. Ou eu engano-me redondamente, ou terá ela a representar papel importante; quando outro serviço não preste ela à causa pública, basta que clame pela higiene, tão descuidada da nossa outrora tão salubre capital, e firmará títulos à gratidão geral!<sup>308</sup>

A associação médica, citada na carta anterior, realizou quatro sessões,<sup>309</sup> mas não se concretizou nesse período. Contudo, a semente foi germinada com o surgimento do Centro Médico Cearense (CMC) em 1913 (ver figura 9). Guilherme Studart proferiu um discurso enaltecendo a criação da associação na sessão inaugural do Centro Médico Cearense, em 25 de março de 1913. Na ocasião, o Dr. Duarte Pimentel sugeriu que fosse criada “uma revista profissional que faça conhecidos os nossos trabalhos não só entre nós mesmos, mas também fora do Ceará, sendo ela o órgão de nossa defesa e a afirmação de que existimos e

<sup>307</sup> *Norte Médico*. Fortaleza, ano 1, nº 7, 30 de setembro de 1913, p. 62.

<sup>308</sup> Carta de Guilherme Studart de 10 de junho de 1894. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 150.

<sup>309</sup> As atas das sessões da Associação médico-farmacêutica do Ceará fazem parte da coleção Studart (Caderno 30/ Doc. 67) – Acervo do Instituto do Ceará.

pensamos”.<sup>310</sup> Os membros do CMC reconhecem que, para ter legitimidade e visibilidade no campo científico, é preciso fazer circular o conhecimento, as pesquisas e as experiências do grupo. Por isso, foi lançada em 15 de abril de 1913 a revista *Norte Médico*, um periódico fundamental no desenvolvimento da ciência médica no estado do Ceará, uma vez que, segundo Sales, despontou “como o principal meio de divulgação das atividades realizadas pela entidade, pois veiculava as descobertas da ciência médica que implicavam em novos diagnósticos de doenças e aperfeiçoava os métodos terapêuticos correntes naquele período”.<sup>311</sup>



Figura 9: Fundadores do Centro Médico Cearense (CMC).<sup>312</sup>

O presidente de honra do CMC publicou seis artigos na revista *Norte Médico* entre os anos de 1913 e 1919. Boa parte das pesquisas apresentadas no periódico já havia sido publicada em outros espaços. Temas como o obituário infantil; a questão dos atestados médicos e a morfeia no Ceará reaparecem nas páginas do *Norte Médico* e começam a circular em outras regiões do país e do exterior. No arquivo de Guilherme Studart, encontramos correspondentes que

<sup>310</sup> *Norte Médico*. Fortaleza, ano 1, nº 7, 30 de dezembro de 1913, p. 2.

<sup>311</sup> SALES, Tibério Campos. *Medicina, associativismo e repressão: o Centro Médico Cearense e a formação do campo profissional em Fortaleza (1928-1938)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010, p. 77.

<sup>312</sup> GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. Ed. Fac.-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011, p. 368.

receberam o periódico, como V. Dantas, que comenta: “no ‘Norte Médico’ encontrei e li os seus trabalhos sobre Patologia e Medicina Legal com o interesse e carinho que eles merecem a toda classe médica”.<sup>313</sup>

Cinco anos depois de sua criação, em 1917, a revista *Norte Médico* recebeu uma nova denominação, mudando para *Ceará Médico*. Mesmo com a mudança do nome da revista, nem a instituição nem a revista conseguiram prosperar, já que dois anos depois, em 1919, ocorreu o fim das atividades do CMC, provocando a suspensão da publicação da revista, sendo somente retomada com a reabertura das atividades da associação em 1928. O Centro Médico Cearense teve duas fases: a primeira abrangendo o período de 1913 a 1919, e a segunda indo de 1928 a 1979. Na primeira, teve como presidente eleito o médico Barão de Studart, embora sua atuação fosse menos ativa do que nas demais associações nas quais era presidente, pois exercia um papel de “honra” nos quadros da associação.

Para Garcia, a principal preocupação dos médicos da primeira fase do CMC era mostrar que no Ceará também eram desenvolvidas pesquisas científicas e tratamentos eficientes nos combates às principais doenças da época e que, para divulgá-los, era preciso fazer a revista circular nas sociedades médicas brasileiras e estrangeiras. Por isso, “a existência do Centro Médico esteve muito ligada ao funcionamento da revista”.<sup>314</sup> Essas revistas eram espaços de publicação e divulgação do conhecimento produzido no Ceará que permitiam a autopromoção de Guilherme Studart e seu reconhecimento como uma autoridade em temas ligados ao Ceará.

Além de dirigir uma revista ligada aos temas da história, geografia e antropologia, como a *Revista do Instituto do Ceará*; outra ligada a temas literários, como a *Revista da Academia Cearense*; outra ligada ao tema da medicina como o *Norte Médico* e o *Ceará Médico*, ele ainda gerenciava uma revista religiosa, a *Revista do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará* (RCCSSVPC), que circulou entre 1888 e 1938. Assim como as demais, a revista da Sociedade de São Vicente de Paulo também era editada por Studart, e seu controle

---

<sup>313</sup> Carta de V. Dantas de 13 de março de 1915 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>314</sup> GARCIA, Ana Karine Martins. O Centro Médico Cearense: organização e atuação dos médicos em Fortaleza entre os anos de 1913 e 1935. In: RIOS, Kênia de Sousa; MEDEIROS, Aline da Silva; LUCAS, Meize Regina de Lucena (orgs.). *Imaginário e Cultura*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 57.



sobre a publicação era tão latente que a capa da revista trazia o seguinte aviso aos leitores: “toda correspondência deve ser dirigida ao Barão de Studart, na Rua Formosa, nº 46”, informação que passou a ser veiculada a partir de 1905. Ou seja, os pedidos de assinaturas, os artigos enviados para a revista, comentários sobre a publicação, enfim, todo o expediente deveria ser encaminhado para a casa do Barão de Studart, mesmo depois da inauguração da sede da Sociedade de São Vicente de Paulo em 1912, na Praça do Sagrado Coração de Jesus, em Fortaleza.

A revista da Sociedade de São Vicente de Paulo era impressa inicialmente pela tipografia Universal, passando para a tipografia Studart no período que a oficina esteve em atividade (1895 a 1904), sendo posteriormente impressa nas tipografias Minerva e Comercial, respectivamente. A revista era distribuída entre as conferências e destinada ao círculo dos intelectuais católicos brasileiros. Depois que começou a ser impressa na tipografia Studart, passou a cobrar uma assinatura anual no valor de 1\$000 aos confrades, valor referente a 1895. Se comparada a outras publicações feitas pela mesma oficina, como a RIC, que custava 4\$000 anual, e a RAC, que custava 8\$000 anual, possuía um preço bem inferior. Mesmo assim, havia atrasos nos pagamentos das assinaturas, já que a revista passa a cobrar assinaturas atrasadas das conferências no fim das edições.<sup>315</sup>

A RCCSSVPC era um periódico que seguia o formato do *Boletim Brasileiro da Sociedade de São Vicente de Paulo*, publicação mensal e nacional, como podemos ver na imagem a seguir (figura 10). Tanto o *Boletim* como a revista eram divididos em seções permanentes, como: Notas; Notas de despesas e receitas; Correspondência; Comunicados de morte ou necrologia; Casamentos; Relatório, Mapa estatístico; Conferências; Agregações de novas conferências; Instruções gerais para pedidos de agregação, finalizando com Dados para pedidos de assinatura do Boletim Brasileiro e Boletim Francês. Diante dessas seções, percebemos que o propósito da revista da Sociedade de São Vicente de Paulo era comunicar-se com seus membros, divulgando informações sobre as atividades e os movimentos da instituição. A última página da revista era acompanhada de uma advertência que informava aos confrades que: “a não se tratar de assuntos que demandem imediata solução, o conselho se comunicará com as conferências por

---

<sup>315</sup> *Revista do Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo no Ceará*. Ano IX. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, p. 51.

meio da Revista”,<sup>316</sup> o que confirma os objetivos do periódico.

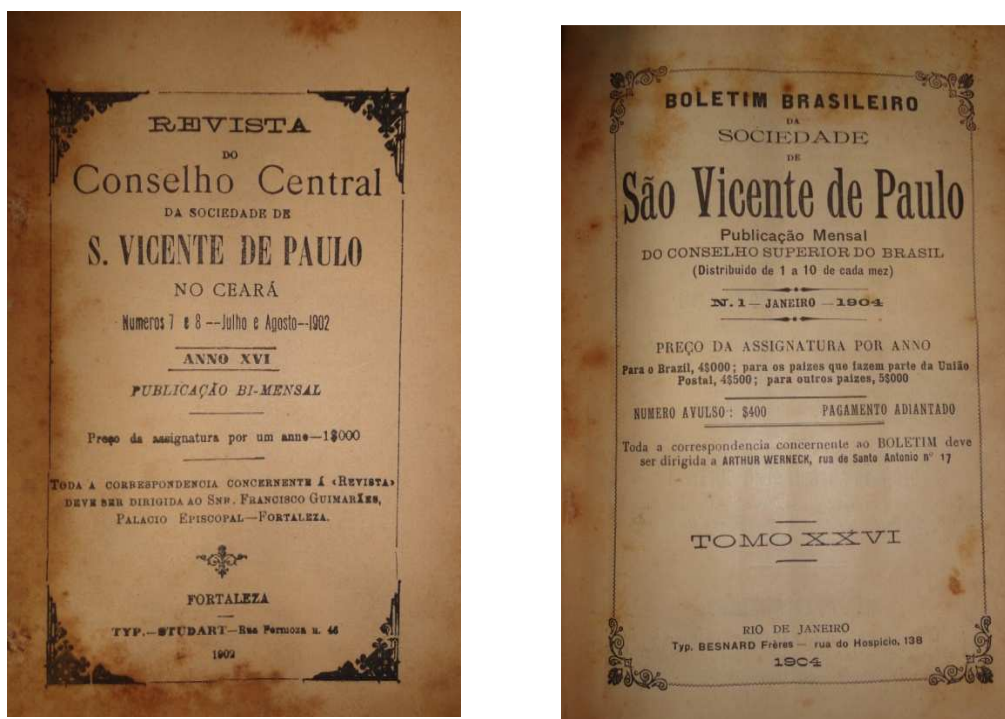


Figura 10: Revistas da Sociedade de São Vicente de Paulo – Acervo da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará.

Em algumas edições da revista eram publicadas circulares do Conselho Superior de Paris, do Conselho Nacional ou do Conselho estadual, fatos notáveis e palestras lidas em conferências, como foi o caso de várias palestras de Guilherme Studart publicadas nas páginas da *Revista do Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo no Ceará*. Ao total, foram treze discursos e alocações feitas pelo Presidente do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo, cujos textos mais destacados foram: *Do programa, modo de agir e excelência da Sociedade Vicentina*, publicado na RCCSSVP de 1905, *Frederico Ozanam, o fundador da Sociedade São Vicente de Paulo*, publicado na RCCSSVPC de 1913, e um *Discurso* feito na Assembleia Geral dos Conferencistas Vicentinos do Rio de Janeiro e publicado no *Boletim Brasileiro da Sociedade São Vicente de Paulo* em 1920.

Além das publicações mencionadas anteriormente, Studart colaborou em outros periódicos de divulgação, como *Iracema*, revista do Centro Literário (fundado em 1893) que circulou de 1895 a 1900; a revista *Ceará Ilustrado* de 1893 e 1910; foi

<sup>316</sup> *Revista do Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo no Ceará*. Ano IX. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, p. 59.

redator do jornal *A Verdade*; colaborou com o *Almanaque do Ceará*, publicando artigos em 1910, 1922 e 1926 e escreveu artigos para as revistas *A Quinzena* e *Revista Moderna*. Com esse acesso irrestrito à palavra impressa no Ceará, Studart era o “dono da palavra”, já que possuía diversos “lugares de fala” institucionais, estando em constante deslocamento entre os campos do saber.

Dessa forma, Studart tinha o poder de possibilitar a circulação de um autor em periódicos cearenses. Por isso, recebia constantemente epístolas enviadas junto com artigos para serem publicados em alguma das revistas das quais ele era diretor. Na sua correspondência, encontramos muitos autores em busca de espaço no mercado das letras, como fez J. Arthur Montenegro em 1897:

Com esta lhe envio um fragmento do meu livro Fragmentos Históricos; se achar digno o envie para a Revista do Centro Literário (cuja coleção espero que o amigo m'a remeta). Cumpre-me dizer-lhe que as particularidades desse admirável ato de audácia, ainda não foram relatadas em nenhuma outra publicação, me parecendo digna de tornar-se conhecida.<sup>317</sup>

Publicar e fazer circular um texto, para torná-lo conhecido do público leitor, seja artigo ou até mesmo um livro, era uma tarefa árdua para muitos autores no Ceará. Embora a cidade de Fortaleza tivesse uma animada vida letrada com agremiações culturais, científicas, literárias, gabinetes de leitura, bibliotecas, redações de jornais e tipografias, a maioria desses espaços estava restrito aos seus sócios e colaboradores.

Como membro-fundador de mais de cinquenta associações, Studart tinha uma complexa rede de sociabilidade, além do controle sobre alguns veículos dessas instituições. Diante disso, sua presença parecia ser tão indispensável ao ponto de a sua ausência implicar na não execução das publicações das revistas, como relata o próprio Studart a Capistrano de Abreu:

Mas o pior é que depois de tantos meses de ausência venho encontrar o Instituto, a Academia e outras associações em estado digno de lástima e portanto obrigando-me a esforços e contrariedades – nenhuma revista publicada, nenhuma sessão feita!

---

<sup>317</sup> Carta de J. Arthur Montenegro de 10 de março de 1897 – Acervo do Instituto do Ceará.

E não obstante é preciso que o Ceará continue a manter lá por fora o nome de que goza.<sup>318</sup>

Em 1904, Studart era encarregado de imprimir a *Revista do Instituto do Ceará* e a *Revista da Academia Cearense* na sua tipografia. Entretanto, nada foi feito em sua ausência, ou seja, nenhuma publicação foi empreendida enquanto estava viajando pela Europa. Talvez porque não delegasse suas funções a outros, já que Studart dirigia, editava, imprimia e revisava esses periódicos.

Além dessas funções, Studart distribuía as revistas, como podemos observar a partir do seu acervo repleto de cartas de agradecimento ou pedidos de números das revistas do Ceará: do Instituto do Ceará, da Academia Cearense, do Centro Literário, do Centro Médico Cearense ou da Sociedade de São Vicente de Paulo. Alguns intelectuais e representantes de instituições enviaram cartas com o intuito de completar suas coleções das referidas revistas, como foi o caso de Afonso de Taunay, então diretor do Museu Paulista, que escreveu uma carta de agradecimento nos seguintes termos:

Acabo de receber os tomos da Revista da Academia Cearense e do Instituto do Ceará, que o Ex<sup>o</sup> Am<sup>o</sup> teve a bondade de nos enviar, assim como o volume das Notas para a História do Ceará. Não sei como lhe agradeça tanta gentileza. Graças a ela está completa a nossa Revista da Academia Cearense e a Biblioteca do Museu possui os tomos de 9 a 29 da Revista do Instituto do Ceará. Tomo a liberdade de pedir-lhe encarecidamente os 8 primeiros volumes desta tão valiosa coleção ou pelo menos alguns que lhe sejam de fácil aquisição.<sup>319</sup>

As permutas entre as instituições culturais eram uma prática constante no Brasil no século XIX. Essas trocas não envolviam a compra das publicações, que eram enviadas como símbolos materiais do intercâmbio estabelecido entre seus membros. A partir desses intercâmbios entre as instituições, principalmente os institutos estaduais existentes na época, observamos que, na maioria das vezes, as revistas eram feitas para serem trocadas e não vendidas, sendo usadas como

---

<sup>318</sup> Carta de Guilherme Studart a Capistrano de Abreu de 20 de outubro de 1904. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 414.

<sup>319</sup> Carta de Afonso de Taunay de 13 de setembro de 1917 [Grifos do autor] – Acervo do Instituto do Ceará.

capital simbólico pelas instituições.

Muitos dos presenteados eram os próprios sócios que viviam em outros estados, mas figuravam no quadro das instituições cearenses, como foi o caso do médico Henrique Samico, sócio da Academia e do Instituto do Ceará, que agradeceu o presente enviado por Studart: “penhorado a remessa do tomo IV da Revista da Academia Cearense, que como tudo que se dá sua direção está muito boa, e digna de ser conhecida por quem se interessa pelas nossas coisas”.<sup>320</sup> O conterrâneo Tristão de Alencar Araripe também teceu diversos elogios para as iniciativas de Guilherme Studart nos periódicos cearenses:

Li com todo o interesse, que sempre me despertam as publicações concernentes a história da nossa terra natal, à qual o meu amigo e patrício tem prestado utilíssimo serviço, já com as publicações feitas em opúsculos, já correndo para manutenção da Revista do Instituto do Ceará, onde tanto se tem esclarecido os fatos históricos do nosso Estado, outrora bem minguados de informações.<sup>321</sup>

Elogios à RIC são recorrentes na correspondência, elencando a qualidade do material exposto, o esforço do editor para mantê-la, além do serviço prestado pelo órgão às letras pátrias. Xavier da Cunha escreve afirmando que a RIC é “brilantemente publicada sob a direção de V. Ex<sup>a</sup>, e constituída por interessantíssimo recheio que V. Ex<sup>a</sup>. torna parte avultadíssima”.<sup>322</sup> Já B. Leite Velho declara ao amigo cearense que a revista é um: “novo e precioso repositório de informações várias em assuntos curiosíssimos que parecem às vezes superficialidades e que são na realidade elementos inexoráveis para estudos históricos!”.<sup>323</sup>

Considerações vinham de toda parte, principalmente dos outros institutos estaduais, como o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, representado por Alfredo de Carvalho, que foi durante um período responsável pela direção da revista daquele instituto. Ao receber o tomo XXVIII da *Revista do Instituto do Ceará*, elogia a revista e seu diretor: “que o seu inteligente e abnegado esforço

---

<sup>320</sup> Carta de Henrique Samico de 14 de março de 1900 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>321</sup> Carta de Tristão de Alencar Araripe de 8 de setembro de 1895 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>322</sup> Carta de Xavier da Cunha de 24 de fevereiro de 1911 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>323</sup> Carta de B. Leite Velho de 10 de março de 1911 – Acervo do Instituto do Ceará.

continua a manter em condições deverás invejáveis”.<sup>324</sup>

Da mesma forma, para divulgar o material produzido na Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará, Guilherme Studart enviava as revistas vicentinas para os confrades de outros estados, caso de Manoel Marcellino de Souza Franco, que escreve agradecendo:

Tenho em meu poder a honrosa carta de 2 do corrente, que V. Ex<sup>a</sup>. se dignou enviar-me com v. 4 da Revista do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo desse Estado. Lidas em sessão da Conferência, perante mais de 20 membros, produziu naturalmente muita admiração e contentamento, ficando isso consignado na ata e feita uma oração especial por intenção de V. Ex<sup>a</sup>.<sup>325</sup>

As revistas eram editadas, impressas e distribuídas pelo Barão de Studart, que tecia um “círculo de convivência”, gerando trocas culturais, seja de livros, favores, documentos de tal modo que, diante do seu constante trabalho de publicação, Studart contribuiu para “difundir” cada vez mais o conhecimento produzido no Ceará e o seu próprio nome.

Mas, como nos lembra Ângela de Castro Gomes, a correspondência como “escrita de si” é um “palco onde a encenação dos múltiplos papéis sociais e das múltiplas temporalidades do indivíduo moderno encontraria espaço privilegiado”.<sup>326</sup> Sendo assim, as cartas recebidas por Guilherme Studart e armazenadas em seu arquivo pessoal nos possibilitam ver a multiplicidade do indivíduo nos campos nos quais ele atuava. Ou seja, é possível penetrar num mundo de anônimos (ou não) que escrevem para o Barão solicitando, agradecendo, comentando assuntos corriqueiros e cotidianos e que constroem um perfil de um indivíduo na dinâmica da vida social.

A partir do seu acervo, é possível entender como Studart vai se tornando, na prática, pai dos pobres, filho de Deus e irmão dos letrados, na medida em que ia se transformando em leitor, editor, autor, colecionador e proprietário de documentos. Dessa forma, as cartas movimentavam um “sistema correspondente”, no qual o

---

<sup>324</sup> Carta de Alfredo de Carvalho de 3 de fevereiro de 1915 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>325</sup> Carta de Manuel Marcellino de Souza Franco de 30 de maio de 1910 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>326</sup> GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 17.

letrado fazia a sua letra circular, fazendo do autor um distribuidor de si mesmo, assumindo, em certa medida, o papel de “livreiro”.<sup>327</sup>

---

<sup>327</sup> Segundo Régis Lopes, “se Gustavo Barroso foi “um grande epistológrafo”, como garante o crítico literário, suas cartas participavam de um sistema correspondente, largamente praticado entre intelectuais que publicavam ou desejavam publicar livros. O livro, mais que um meio, é um dispositivo da constituição física do “ser escritor”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. O limite da letra: a escrita epistolar e a invenção da literatura cearense. In: LUCAS, Meize Regina de Lucena; RAMOS, Francisco Régis Lopes (orgs.). *Correio literário: cartas de intelectuais no Brasil durante o século XX*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2013, p. 182.

## CAPÍTULO 3

### (AUTO)BIOGRAFIAS: PUBLICAR PARA (CO)MEMORAR

#### 3.1 O INVENTARIANTE

*Giulio Camilo foi a única pessoa a tentar colecionar o mundo em sua totalidade pela representação alegórica: cada elemento, cada qualidade e atividade humana, cada reino dos mundos físico e metafísico tinha um lugar em seu teatro, era localizado e contextualizado. Quem possuísse esse teatro possuiria o mundo em sua totalidade como metáfora, como representação mitológica em centenas de imagens alegóricas.<sup>328</sup>*

A conexão entre conhecimento e poder está presente no colecionismo dos proprietários de “gabinetes de curiosidades”, como Giulio Camilo, que, nesses pequenos mundos ordenados, tentava controlar a natureza e ampliar o conhecimento sobre ela. Porém, essa ambição de criar um mundo em miniatura, ou seja, de colecionar uma parte do mundo, foi substituída, em certo sentido, por uma classificação racional e sistemática na medida em que o Iluminismo se consolidou através das academias e instituições culturais nos séculos XVIII e XIX. De acordo com os princípios iluministas, não era apropriado ter uma coleção particular para o entretenimento pessoal, pois o conhecimento representado nesses objetos deveria destinar-se à instrução do povo, um dos principais emblemas defendidos pelos pensadores iluministas.

Ao analisar a atuação dos filósofos iluministas na elaboração de um grande empreendimento editorial, a *Encyclopédie*, Robert Darnton observa que “os enciclopedistas reconheceram que conhecimento era poder”.<sup>329</sup> Ao apresentar o conhecimento de maneira sistemática, os filósofos iluministas mapearam, delimitaram e espacializaram segmentos do conhecimento de tal maneira que

---

<sup>328</sup> BLOM, Philipp. *Ter e Manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 219.

<sup>329</sup> DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 270.



retiraram o controle da Igreja, exercido pelos monges e monastérios, e o colocaram nas mãos dos intelectuais comprometidos com a causa do iluminismo, representada pelo triunfo da civilização por meio da democratização da educação.

O enciclopedismo de iluministas como D'Alembert reestruturou o conhecimento humano em áreas específicas, cuja meta era o comprometimento com a ordenação e preservação do saber em favor das gerações futuras. Identificar, separar e nomear eram práticas que iriam dominar muitos pesquisadores do século XIX com estudos marcados pela tentativa de esgotamento de um assunto a partir da reunião de todo o material existente sobre o tema pesquisado em um mesmo lugar, geralmente materializado em obras monumentais.

Essa disposição em sistematizar e classificar o conhecimento produzido sobre um tema marcou a escrita de Guilherme Studart em obras como *Para a História do Jornalismo Cearense*, *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense* ou *Datas e Factos para a História do Ceará*. As obras dele apresentavam uma máxima: isto é o Ceará, isto é a base que se precisa saber sobre ele. Dessa forma, os prefácios de Studart, logo, indicavam seus planos escriturários: reunir o disperso, juntar material e coligir fontes para orientar os estudos das futuras gerações, como apresentou no artigo “Estrangeiros e o Ceará”, publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, ao refletir sobre a necessidade de escrever um tipo de relação de livros sobre o Ceará: “um livro nos falta e é uma bibliografia, uma espécie de inventário contendo o que os estrangeiros têm produzido e publicado sobre homens e coisas cearenses”.<sup>330</sup> Esse tipo de escrita é a tônica dos seus escritos. O autor coletava, classificava e descrevia para o leitor o maior número de dados possíveis sobre o tema abordado na obra, geralmente circunscrevendo o texto em torno de si e do Ceará.

Seus escritos são compostos muitas vezes por uma infindável descrição de objetos, enfileirados em listas numeradas, ou não, dispostas em sequências cronológicas ou numéricas, como ocorre num inventário. Studart objetiva descrever, reunir ou juntar material através de listas variadas: de pessoas, datas, fatos, jornais, documentos, livros, mortos etc.

Studart enumerou as vítimas mortas na deposição do governador José Clarindo de Queiroz em 16 de fevereiro de 1892. A lista em forma de artigo foi

---

<sup>330</sup> STUDART, Guilherme. *Estrangeiros e o Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1983, p. 9.

publicada na *Revista do Instituto do Ceará* de 1898, e também reproduzida no terceiro tomo da obra *Datas e Factos para a História do Ceará* (1924). Studart identifica as vítimas, destinando um parágrafo para descrever breves dados biográficos e contar a maneira como cada um dos treze homens morreu nessa luta fratricida. Todos foram atingidos por balas durante o golpe. Dentre as vítimas, o autor destaca um “pequeno mártir”:

e) José Cassiano de Lima, filho da viúva Maria Cassiano. Um homem de 13 anos de idade, pois era o arrimo da mãe e dos irmãos. Aprendiz de uma das oficinas da Estrada de Ferro de Baturité. Corria ele de casa para uma loja fronteira a comprar um pouco de óleo de cravo para aplicar num dente de que estava sofrendo quando atingiu o no baixo ventre uma bala de espingarda *Comblain*. A princípio não se sentia ferido, mas vendo-se coberto de sangue voltou para a casa, morrendo daí a horas nos braços da pobre mãe, cheia de horror e dor. Seus colegas da Estrada de ferro abriram uma subscrição para ocorrer às primeiras necessidades da família e uma alma caridosa comprometeu-se a fornecer-lhe por um ano os vencimentos que tinha o pequeno mártir.<sup>331</sup>

Assim como no caso da morte do jovem José Cassiano, Studart descreve as circunstâncias da morte de todas as vítimas e o sofrimento dos familiares, classificando suas vítimas mortas por imprudência ou perversidade dos agressores, sem comentar mais detalhes sobre o evento em questão: a deposição do governador José Clarindo de Queiroz e as razões que provocaram a ação. Seu pensamento classificatório o fez elaborar uma lista usando letras do alfabeto (a-m) para identificar vítimas de um golpe, mas não o levou a procurar entender o golpe.

As listagens elaboradas por Studart em suas obras estão imersas no modelo descritivo da literatura ocidental e assemelham-se àquelas analisadas por Umberto Eco em *A vertigem das listas*, onde o autor estuda a profusão de listas desde Homero a Joyce, no século XIX; uma prática que muda com o decorrer do tempo, pois o modo de fazer listas de santos, anjos, soldados, guerras, plantas, tesouros ou livros, diz algo sobre os limites de uma forma, oscilando entre “uma poética do ‘tudo está aqui’ e uma do ‘et cetera’”.<sup>332</sup> Eco demonstra que o ato de

---

<sup>331</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 3. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 40-41 [Grifos do autor].

<sup>332</sup> ECO, Umberto. *A vertigem das listas*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 7.

catalogar também estabelece identidade para aquele que cataloga e para aquilo que é catalogado.

Studart produziu diversas listas procurando elaborar uma “identidade cearense”. Uma dessas listas pode ser lida no artigo “Usos e superstições cearenses”, publicado na *Revista da Academia Cearense* de 1910, no qual o autor transcreveu 335 costumes populares. Crenças, adágios e mezinhas são apresentadas de forma esquemática. Ele reproduz cada “superstição”, numerando-as numa sequência de 1 a 335. Assim, ele fez o que gostava de fazer: inventários.

Ao coletar o material e publicá-lo, Studart dá autoridade ao texto, tornando-o legítimo no universo da cultura escrita. O fato de recolher e registrar usos e superstições cearenses foi algo marcante. Embora sua bibliografia seja dedicada a temas como história, geografia, medicina e gramática inglesa, a produção de um texto com uma temática destoante contribuiu para o reconhecimento da legitimidade de Studart como uma autoridade em temas ligados ao Ceará.

Se não havia nenhum texto sobre essa temática na produção de Studart, como surgiu o interesse em anotar práticas da tradição popular? Questão intrigante, já que nenhuma de suas obras anteriores ou mesmo posteriores indica atenção sobre cultura popular. Contudo, sua correspondência trouxe alguns indícios da motivação das pesquisas. O estímulo surgiu a partir da carta enviada pelo engenheiro e folclorista Edmundo Krug, escrita em 19 de fevereiro de 1909, acompanhada do seguinte pedido:

Peço antecipadamente escusas a V. Ex.<sup>a</sup> por lhe dirigir essas linhas sem ter a honra de conhecer-lhe pessoalmente; (...) Está concluído uma extensa memória sobre superstições brasileiras que desejo publicar na Revista da Sociedade Científica, porém me faltando ainda muitos dados sobre as superstições do norte do Brasil e desejando incluí-las no meu trabalho, tomo a liberdade de perguntar a V. Ex.<sup>a</sup> se não lhe será incômodo de me fornecer alguns dados sobre o assunto ou me indicar pessoas do vosso círculo de conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que me pudessem auxiliar nesta interessantíssima tarefa. É escusado dizer que citarei no meu trabalho o nome daqueles senhores ou senhoras que me queiram auxiliar, aos quais também enviarei um fascículo do trabalho logo que estiver impresso. Não é necessário, caso V. Ex.<sup>a</sup> quiser me fazer este obséquio me citar nomes ou se entender com pessoas exclusivamente do Ceará, nomes provenientes de outros Estados do Norte me serão também bem-vindos. É escusado afirmar a V. Ex.<sup>a</sup> que aqui em São Paulo estarei sempre as suas ordens, podendo ao

mesmo tempo querer dispor das minhas fracas forças quando delas necessitar.<sup>333</sup>

O aceite ao pedido foi enviado em menos de um mês, tendo em vista que, no canto esquerdo da carta citada acima há uma nota subscrita por Studart informando que a resposta foi postada em “7 de março de 1909”. A partir desse momento foi gerada uma troca de correspondências entre esses dois intelectuais, estabelecendo assim um “pacto epistolar”<sup>334</sup> entre eles. Em carta de agradecimento, Edmundo Krug nos aponta detalhes acerca das notas enviadas por Studart em 28 de abril de 1909:

Só hoje, devido ter estado por muitas semanas fora da Capital, é que venho, penhoradíssimo, agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> sua estimada carta de 28 de abril e a linda coleção de superstições cearenses, que teve tanta gentileza de me enviar. Peço, pois, mil desculpas de ter deixado de escrever estas linhas só para hoje. A maior quantidade das superstições enviadas me eram realmente desconhecidas e a bela coleção de 200 aumentou consideravelmente o forte do meu trabalho, que já conta mais ou menos 2000. Se para este penoso trabalho tivesse tido tão bons colaboradores como foi V. Ex.<sup>a</sup>, já o teria publicado, mas muitas das pessoas as quais me tenho dirigido ou acham que tais trabalhos não tenham o mínimo proveito ou não me respondem, assim é que de umas 50 cartas que escrevi sobre o assunto, só, talvez, me foram respondidas umas 10! Me faltam ainda dados dos Estados do Norte e será muito difícil obtê-los. Quero fazer naturalmente um trabalho sistemático e se possível for, o que não é fácil, procurar indagar na memória qual a origem de muitas delas.<sup>335</sup>

Para atender a solicitação do pesquisador paulista, Guilherme Studart anotou várias superstições cearenses que conhecia através do contato direto ou indireto com pessoas ligadas às tradições populares, ou mesmo pelo uso dessas superstições no seu cotidiano de médico e filantropo. Ao inventariar e publicar esses costumes na *Revista da Academia Cearense*, antes da publicação do livro de

---

<sup>333</sup> Carta de Edmundo Krug de 19 de fevereiro de 1909 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>334</sup> Ângela de Castro Gomes afirma nesse trabalho que a escrita epistolar é um espaço preferencial para a construção de vínculos que possibilitam a conquista de posições sociais, profissionais e afetivas. Segundo a autora, a escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos. Isso ocorre em sentido duplo, tanto porque se confia ao “outro” uma série de informações e sentimentos íntimos, quanto porque cabe a quem lê, e não a quem escreve (o autor/editor), a decisão de preservar o registro. A ideia de “pacto epistolar” segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder e guardar cartas. GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 19.

<sup>335</sup> Carta de Edmundo Krug de 23 de junho de 1910 – Acervo do Instituto do Ceará.

Edmundo Krug que ocorreu somente em 1938, o Barão de Studart conquistou um lugar como autor de um tema novo: o “folclore cearense”. O registro autorizava aquele que coletava e publicava esse tipo de saber inerente às culturas orais a ser considerado seu “autor”, já que aquelas pessoas que viviam imersas na oralidade não podiam, em princípio, fazer circular seu conhecimento no suporte escrito.

Com essa publicação, Studart passa a ser visto como uma autoridade e um dos precursores das pesquisas sobre folclore no Ceará, sendo reconhecido posteriormente como um pioneiro dessa área no estado. Dessa forma, seu nome passou a figurar em antologias, como a *Antologia do Folclore Cearense*, de Florival Seraine, de 1968; e *Antologia do Folclore Brasileiro*, de Luiz Câmara Cascudo, publicada em 1943. O enlace entre os textos é uma das particularidades das antologias, pois “ao ser escolhido, o texto se torna ‘antológico’, entra no ranking dos ‘memoráveis’, transformando-se em exemplo no decorrer do tempo, formando uma tradição”.<sup>336</sup> Assim, Studart passa a ser reconhecido como um dos pioneiros nessa tradição do folclore cearense.

Os estudos folclóricos, no Brasil, tiveram maior visibilidade na década de 1950, quando os especialistas da área buscaram estabelecer uma tradição para esses estudos no país. Assim, vários estudiosos passam a reconhecer o trabalho de Guilherme Studart como um dos pioneiros no setor, como o folclorista Walter Spalding que, ao analisar as superstições do sul do Brasil, as comparou com aquelas inventariadas por Guilherme Studart no Ceará.<sup>337</sup> Florival Seraine, como já foi dito, incluiu o nome de Studart na sua *Antologia do Folclore Cearense*, reconhecendo o pioneirismo do estudo: “é valiosa a sua contribuição ao estudo de um tema que pode, ainda, oferecer dados importantes ao conhecimento da medicina, da meteorologia, da magia; em suma, da mentalidade pré-científica, concernente ao homem que vive dentro da folk culture”.<sup>338</sup>

Porém, o reconhecimento da legitimidade da escrita de Studart não surgiu

---

<sup>336</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. O limite da letra: a escrita epistolar e a invenção da literatura cearense. In: LUCAS, Meize Regina de Lucena; RAMOS, Francisco Régis Lopes (orgs.). *Correio literário: cartas de intelectuais no Brasil durante o século XX*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2013, p. 194.

<sup>337</sup> SPALDING, Walter. *Tradições e superstições do Brasil Sul (Ensaio de folclore)*. Rio de Janeiro: Edição da “Organização Simões”, 1955, p. 46.

<sup>338</sup> SERAINE, Florival. *Antologia do Folclore Cearense*. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1968, p. 42.

apenas na posteridade, mas logo depois da publicação de seu texto na *Revista da Academia Cearense*, como pode ser observado na carta de outro pesquisador, Carlos Góes, que também escreveu para Studart em busca de referências e informações sobre o tema:

Por indicação de nosso comum amigo e meu colega no Ginásio Mineiro Dr. Joaquim Francisco de Paula, dirijo-me a V. Ex<sup>a</sup> rogando-lhe a fineza de indicar-me, pelos respectivos títulos, as obras atinentes ao folclore do Norte brasileiro, compreendendo Ceará e estados adjacentes. Tenho em elaboração uma obra nesse gênero, e careço de subsídios no tocante ao Norte do Brasil, que desconheço. Outrossim, se V. Ex<sup>a</sup> possuir coletâneas de quadras populares das que são aí travadas pelos sertanejos, prestará um inestimável serviço às letras pátrias, enviando-m'as (sic.) para a obra de folclore que tenho em elaboração. Ser-me-á motivo de grande desvanecimento ver o nome e a cooperação de V. Ex<sup>a</sup> associados ao trabalho em que ora me empenho e ocupo. De antemão muito grato a seus relevantes serviços, subscrevo-me com o mais alto apreço e referência.<sup>339</sup>

O pedido de Carlos Góes foi feito em 1910, um ano depois da publicação do artigo “Usos e Superstições Cearenses” na *Revista da Academia Cearense*. Essa construção de uma representação como um “pesquisador-folclorista” não surge apenas na posteridade, com a inserção de seu nome nas antologias sobre folclore, mas é um reconhecimento feito também pelos contemporâneos, como podemos apreender de sua correspondência com intelectuais ligados ao tema. Em carta de 1924, Leonardo Mota se refere a Studart como folclorista: “há tempos estou preso em casa, abodegado pela mais estúpida e irritante das enfermidades: as tais ‘marias-pretas’, que V. – médico e folclorista – bem sabe o que sejam”.<sup>340</sup> Alguns anos depois, uma carta de Luiz Câmara Cascudo também reconhece o lugar de Studart no universo de pesquisadores das tradições populares:

Voltando do Recife onde demorei alguns meses encontrei os livros e o generoso gesto de V. Ex<sup>a</sup> incluindo meu nome no Instituto do Ceará. Partindo de V. Ex<sup>a</sup> tal iniciativa, de V. Ex<sup>a</sup> nome e conduta a quem deseje conhecer o Brasil-norte, é para mim uma consagração e um estímulo. Todo o meu desejo é ter ordens de V. Ex<sup>a</sup> para cumpri-las. É uma esperança (...). Agradeceria infinitamente possuir um retrato vosso para o meu gabinete de estudo. Desejo pô-lo ao lado do meu velho Rocha-Pombo. Peço V. Ex<sup>a</sup> aceitar os meus mais

<sup>339</sup> Carta de Carlos Góes de 20 de maio de 1910 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>340</sup> Carta de Leonardo Mota de 28 de junho de 1924 – Acervo do Instituto do Ceará.

vivos e sinceros protestos de admiração e sempre crescente estima. Vosso afeiçoado servidor.<sup>341</sup>

Os elogios dos pares fazem parte dos rituais de reconhecimento e aceitação na cultura letrada brasileira. A consagração de Studart entre os folcloristas brasileiros nos indica como funciona o processo de canonização de um autor: a partir da escrita de um único artigo, um autor podia conquistar um lugar de destaque num determinado campo de pesquisas, dependendo da identificação e aceitação dos pares, como foi o caso de Studart e seu artigo.

Por que uma lista com superstições cearenses foi tão festejada por esses pesquisadores? Qual o significado de anotar essas crenças populares no início do século XX? Esses são alguns questionamentos sobre os quais tentaremos refletir a partir de agora. Ao analisar a complexidade da relação que opõe a escritura à voz na Idade Média, Paul Zumthor nos assinala que o primado da escrita foi conquistado de forma muito tênue, visto que, durante séculos, “a escrita servia para fixar mensagens inicialmente orais”.<sup>342</sup> Desse modo, a escrita mantinha vínculos com a oralidade até o impresso e o ensino obrigatório contribuírem para o enfraquecimento das tradições orais no século XIX. Para Zumthor, a escritura preenche duas funções: “assegura – conjuntamente ou não com a tradição oral – a transmissão de um texto. Ademais, assegura pra um futuro indeterminado a conservação – o arquivamento e de algum modo, por esse meio, o enobrecimento”.<sup>343</sup> Ao assegurar a transmissão de um texto e seu arquivamento, a escrita desloca para si a autoridade que outrora pertencia à palavra oral, fundando uma nova legitimidade do discurso.

Ao prender essa cultura popular no espaço da escrita, Studart cria um lugar de fala, tornando-se uma autoridade sobre um conhecimento. Ao se referir aos praticantes dessas superstições como “experimentadores”, ele procura apresentar um distanciamento dessas práticas e de seus usuários. Porém, sua descrição é permeada por uma intimidade com o tema e com as maneiras de fazer essas mezinhas, adágios e simpatias, o que nos leva a pensar que ele colheu esses registros em contato direto com o povo, pelo ofício de médico ou pelas práticas

---

<sup>341</sup> Carta de Luiz Câmara Cascudo de 16 de dezembro de 1929 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>342</sup> ZUMTHOR, Paul. A escritura. In: \_\_. *A letra e a voz. A “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 97.

<sup>343</sup> ZUMTHOR, Paul. A escritura. In: \_\_. *A letra e a voz. A “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 108.

assistencialistas às famílias carentes da Sociedade de São Vicente de Paulo.

As crenças registradas referem-se a uma diversidade de práticas do cotidiano popular relacionadas a temas como a morte, o casamento, a gravidez, a meteorologia, a previsão do tempo, os bons e maus presságios, o uso de remédios caseiros para curar males como frieiras, sezões, unheiros, hemorragias, indigestões e outros. Na lista elaborada por Studart há desde registros sobre cuidados com as crianças (como o uso de figas para evitar o mau-olhado, o remédio usado para curar umbigo estufado pelo choro era tocar o umbigo com a ponta do ovo da galinha da primeira postura, a crença de que água de chocalho ajuda a criança a falar depressa ou exposição da criança de peito diante do espelho retardaria a fala), até crenças místicas (como o uso de amuletos, a ferradura como portadora de felicidade nas casas comerciais, o chifre de boi no meio das plantações para evitar prejuízo ou mau-olhado, ou ainda a entrada de beija-flor preto ou de borboleta preta numa casa era sinal de mau agouro).

Essas são apenas algumas das 335 superstições coletadas e registradas por Guilherme Studart no artigo *Usos e Superstições Cearenses*. Aqui não pretendemos discutir o conteúdo desse artigo, mas o modo pelo qual Studart se constrói como um autor de um tema (o folclore) e uma autoridade em um campo de estudos (o Ceará). Partindo dessa autorepresentação, poderíamos retornar ao jargão utilizado por Studart no título de seu primeiro artigo publicado na *Revista do Instituto do Ceará* (“Faze o bem, não cates a quem”), e poderíamos parafraseá-lo para sintetizar sua escrita como alguém que “fazia tudo pelo Ceará, não importa onde colheria”. Ao colecionar superstições “cearenses” em um suporte como a escrita, Studart cria um instrumento de inclusão do Ceará em uma área de conhecimento: o folclore.

Nessa perspectiva, além de coletar superstições, Studart também recolheria no registro escrito a linguagem do povo cearense. Em carta escrita ao amigo J. Leite de Vasconcelos, publicada na *Revista Lusitana*, onde tratou das variações da língua portuguesa em terras alencarianas, Studart indicou as diferenças nas “maneiras de dizer”, presentes em países de mesma identidade linguística como Brasil e Portugal:

Aquele *struir* de vários pontos de Portugal, a tendência do *e* inicial átono a nasalar-se, e do *en* a trocar-se em *in*, como em *indução* e



*insanguentar*, a transformação do *e* de Alexandria em *i*, e as expressões *preguntar*, *jinella*, *fermosura*, *hai*, *inté*, particularmente que v. estudou em a aldeia de Matella, e o *odipois* de Parada de Infações pertencem ao falar do povo rude de minha terra. As frases *no mês que entra*, para *o mês que entra*, significando o mês seguinte, são também muito nossas, e estas da gente boa e polida.<sup>344</sup>

O falar do “povo rude” se mistura ao da “gente boa e polida” na escrita de Guilherme Studart, ao descrever as variações da língua portuguesa falada no Ceará. A língua escrita é vista como um produto social, cujos utilizadores seguem as formas-padrões regidas por uma gramática normativa. Já a língua falada é diversa, variando a partir de inúmeros elementos: geográficos, sociais, culturais e profissionais, dentre outros.

Autor de uma gramática inglesa e conhecedor de línguas como o latim e o grego, Studart estava preocupado com os usos da língua, não só na escrita, mas também na fala, já que para ele a linguagem traduzia o estado de “civilização” de um povo. Na proposta de incluir o Ceará no processo civilizatório vivido pelos países europeus, ele estava atento para o uso da língua portuguesa no Ceará. Na mesma carta enviada ao amigo J. Leite de Vasconcelos, refere-se ao uso de nomes populares para os dedos da mão:

O que Francisco Manoel de Mello diz na sua Feira de annexins sobre os nomes populares dos dedos da mão, e que v. aproveitou para a Miscelânea da Revista, é entre nós um brinquedo muito usual e muito apreciado pelos meninos. O processo consiste no seguinte: faz-se o menino, com quem se vai brincar, abrir a mão, e então, a começar do dedo mínimo, cada dedo é chrisnado assim: dedo mendinho, seu vizinho, maior de todos, fura-bolos e cata-piolhos. Outros dizem mata-piolho. Mas o brinquedo não fica nisso. Depois da enumeração dos cinco dedos, apontando-se para o centro da palma da mão, pergunta-se ao menino: “Onde está o toucinho que estava aqui?” Responde o menino, ou alguém por ele: “O gato comeu”. Percorre-se então o braço do menino em toda sua extensão, como si em busca do gato, dizendo que o gato aqui almoçou, aqui jantou, aqui dormiu, aqui fez isto, aqui fez aquilo, até atingir a cava da axila, terminando o brinquedo em gargalhadas, e sobretudo si o menino tem cócegas e estas despertam nele tergeitos e momices.<sup>345</sup>

---

<sup>344</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 272 [Grifos do autor].

<sup>345</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 273.

Os nomes populares dos dedos levou Studart a relatar com detalhes uma brincadeira infantil, talvez recordando sua infância, que foi vivida com rigor, uma vez que, segundo ele, nunca trepara numa árvore, assim como “nunca ensaiara uma carreira, nunca soubera brincar os jogos da infância descuidosa”, como lembra Farias Brito em texto sobre a biografia do amigo cearense.<sup>346</sup> A severa educação que Studart recebeu de um pai britânico e uma mãe católica o converteram em um homem austero, cujo projeto de se tornar uma figura de notoriedade na sociedade foi mantido durante toda a vida. Dessa forma, Studart cultivou durante a sua trajetória intelectual um foco, a construção de sua imagem como uma autoridade em temas ligados a sua terra natal, projeto iniciado com a reunião e o armazenamento de documentos, fotografias, mapas, livros e outros objetos que de alguma maneira se referiam ao Ceará.

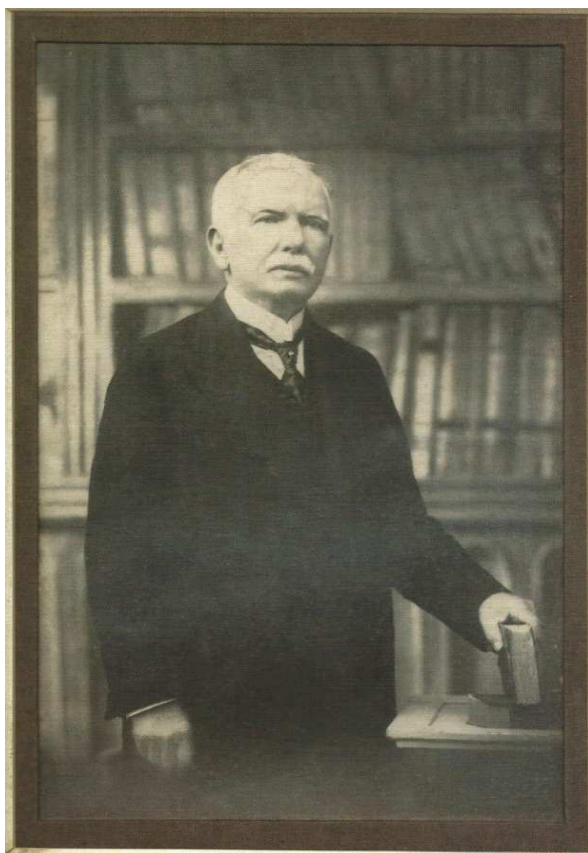
Um homem ligado ao mundo das letras se fazia através da palavra escrita, seja na imprensa ou na confecção de livros e revistas. Contudo, outro suporte também usado para legitimar sua representação como intelectual para os contemporâneos ou para posteridade foi a imagem, principalmente a fotografia. Desse modo, Guilherme Studart deixou-se fotografar diversas vezes, em poses individuais ou em grupos, guardando suas fotografias em seu arquivo pessoal, já que “fotos fornecem um testemunho. (...) Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu”.<sup>347</sup> As fotografias de Studart apresentam-no como um intelectual: “o sentido apresentado na composição figurativa enreda-se na imagem com a qual ele se delineava e pela qual procurava ser (re)conhecido”.<sup>348</sup> Studart procurou compor uma imagem de si incorporada ao mundo das letras. As suas fotografias, em seu gabinete de estudos, numa escrivaninha ou em grupo, apresentam-no em pose ativa e introspectiva, ostentando respeitabilidade, nos remetendo à imagem de uma figura notável, um intelectual. Na imagem reproduzida a seguir (figura 11), o escritor está em seu gabinete de estudos, segurando um livro na mão esquerda, tendo como pano de fundo uma imponente estante de livros.

---

<sup>346</sup> BRITO, Raimundo de Farias *apud*. BARREIRA, Dolor. O Barão de Studart e sua vida intelectual. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, 1956, p. 38.

<sup>347</sup> SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 16.

<sup>348</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. Rodolfo Theóplilo no Museu do Ceará. In: THEÓPLILO, Rodolpho. *O Caixeiro: reminiscências*. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p. 7.



*Figura 11: Guilherme Studart no seu Gabinete de Estudos – Acervo do Instituto do Ceará.*

A representação de um homem vestindo trajes escuros e semblante sisudo acompanhava Studart nas imagens e nos escritos sobre ele, como podemos apreender do relato póstumo de Pedro Sampaio, ao recordar a maneira como o médico da sua família se apresentava nas visitas à casa dos pacientes:

Fraque preto, colarinho duro e óculos reluzentes com aros de ouro, chegava à nossa casa, batia à porta, chamava meu pai e, sorridente, antes de indagar quem era o doente, perguntava por mim, seu afilhado de crisma. E tudo isso em voz ciciada, de modo fidalgo, num meio sorriso, com essa simplicidade e essa bondade que eram apanágio dos médicos dessa época que bem longe vai e já quase de todo esquecida. E enquanto pedia notícias de um e de outro, entrava na alcova para ver o doente, aplicava o termômetro, que tirava cuidadosamente do estojo de ouro, palpava o pulso do enfermo, perqueria e sondava com os olhos a ansiedade de cada um e com um sorriso de animação e de esperança, dizia por fim: – Vai bem, nada de grave. Naquele sorriso de bondade e nas palavras de

esperança que lhe afloravam aos lábios, tínhamos confiança e a quase garantia de cura do nosso doente.<sup>349</sup>

Pedro Sampaio corrobora para construir outra representação da figura do Barão de Studart: um legítimo *lord* inglês. A mesma representação pode ser vista também em fotografias coletivas, onde geralmente Studart aparece sentado na primeira fila, já que tinha a estatura baixa,<sup>350</sup> mas sempre com indumentária impecável, elegante, sendo o único a usar um terno escuro no grupo fotografado abaixo (figura 12).



Figura 12: Guilherme Studart e intelectuais cearenses – Acervo do Instituto do Ceará.

Na fotografia acima, ambientada na sala de estar da sua residência, em um antigo sobrado oitocentista de arquitetura eclética com quatro portas de frente, na Rua Barão do Rio Branco, antiga Rua Formosa, nº 82, avaliada em vinte e cinco contos de réis,<sup>351</sup> encontramos o Barão de Studart com um grupo de representantes

<sup>349</sup> SAMPAIO, Pedro. Guilherme Studart, o médico. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 56.

<sup>350</sup> Pedro Sampaio afirma que Studart era “baixinho e de andar macio”. Cf. Idem, p. 55.

<sup>351</sup> No testamento de Guilherme Studart há uma descrição da sua residência – Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano de 1938 – Arquivo Público do Estado do Ceará.

da aristocracia e da intelectualidade cearense. A residência de Studart foi um lugar de sociabilidade intelectual que reuniu, por diversas vezes, os sócios do Instituto do Ceará e de outras instituições das quais fazia parte, principalmente no período em que Studart ocupou o cargo de presidente do Instituto do Ceará (1929-1938).

Ao lado dessa construção imagética como intelectual e nobre, Studart exerceu com afinco a medicina, atuando como médico da Santa Casa de Misericórdia e sendo eleito primeiro presidente do Centro Médico Cearense. Durante a seca de 1877-79, trabalhou junto aos retirantes alojados em Maranguape e, posteriormente, aos doentes vitimados pela varíola no abarracamento do Alto da Pimenta, trabalho esse que lhe rendeu o baronato, cedido pela Igreja Católica em 1900. Guilherme Studart afirmava em seus livros que se distraía das agruras da profissão de médico com a pesquisa e a escrita de trabalhos históricos, como pode ser lido no prefácio do seu primeiro livro *Notas para a História do Ceará*, publicado em 1892. Contudo, nenhuma das fotografias de seu arquivo pessoal o capturam no campo de atuação da medicina, como se ele desejasse não guardar essa memória de si para a posteridade.

De acordo com o historiador José Honório Rodrigues, o Barão de Studart era “a enciclopédia viva do Ceará; sabia-lhe a geografia, a crônica, a vida presente”.<sup>352</sup> O caráter híbrido das representações construídas em torno da trajetória de Guilherme Studart nos indicam o caminho trilhado por muitos dos letrados que percorreram o período oitocentista: tinham uma formação enciclopédica e investiam na circulação da palavra impressa.

“A existência do autor pressupõe a circulação impressa das obras”.<sup>353</sup> Esse critério apontado por Roger Chartier nos mostra a importância do impresso e da circulação material da obra para a legitimidade de um autor no circuito letrado. Para se constituir enquanto autor de temas ligados ao Ceará, como foi o caso do artigo *Usos e Superstições Cearenses*, Guilherme Studart deu visibilidade e publicidade aos seus escritos ao fazer com que circulassem pelo Brasil e por outros países por meio do intercâmbio e distribuição de publicações e correspondências com instituições e intelectuais.

---

<sup>352</sup> RODRIGUES, José Honório. Introdução. In: *Índice anotado da revista do Instituto do Ceará – do tomo I ao LXVIII*. Fortaleza: ABC Editora, 2002, p. 45.

<sup>353</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília (UNB), 1999, p. 44.

### 3.2 O SENTIDO DA VIDA

*A mente do antiquário vagava verdadeiramente para lá e para cá entre os fatos únicos e os levantamentos gerais.*<sup>354</sup>

O pensamento classificatório e arquivístico de Guilherme Studart o levaria a estratificar o passado em camadas temporais que estabeleciam “datas e fatos” para a história do Ceará, divididos em uma cronologia, numa linha evolutiva que nos filiava a uma ascendência europeia. Os três volumes da obra *Datas e Factos para a História do Ceará*, publicados entre os anos de 1896 e 1924, iniciam a crônica cearense a partir do século XVII, precisamente em 1603, ano da chegada da expedição chefiada pelo português Pero Coelho de Souza; e termina nos dias atuais, ou seja, em 1924, ano da publicação do terceiro volume da obra, com a posse de José Moreira da Rocha na prefeitura de Fortaleza.

Ao selecionar, incluir e guardar documentos sobre a história do Ceará, Studart dava corpo à *Coleção Studart* e ansiava por dar legibilidade e visibilidade a essa coleção, publicando parte desses documentos em livros e revistas, numa estratégia empregada por ele para legitimar sua escrita e validar a posse do seu arquivo. A ânsia pela reprodução impressa dos documentos que possuía era uma maneira de preservar os manuscritos para a posteridade, mas também uma forma de autorizar a escrita de Studart como verídica, já que comprovada a partir da transcrição dos documentos correspondentes aos fatos descritos e publicados nos livros.

Uma escrita comprobatória não deixa de ser seletiva, visto que toda escrita historiográfica compõe-se de uma seleção, cujos critérios adotados podem variar de um historiador/autor para outro. Um homem dotado de sensibilidade antiquária como Studart alinhava aos documentos da coleção particular fatos selecionados para o livro. Escolheu fatos ligando-os a um vínculo cronológico,

---

<sup>354</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 90.

procurando dar um sentido de continuidade, durabilidade e permanência à existência cearense. Esse tipo de interpretação era partilhada por uma cultura histórica que “atrela inevitavelmente passado, presente e futuro, remetendo-nos para o passado como lugar por excelência de definição de um sentido original, razão explicativa da própria existência do presente”.<sup>355</sup>

De acordo com Arnaldo Momigliano, os antiquários colecionavam e separavam fatos individuais com uma perspectiva de realizar um levantamento geral daquelas sociedades das quais os objetos colecionáveis eram evidências importantes, pois o antiquário é “o homem que se interessa pelos fatos históricos sem se interessar pela história”.<sup>356</sup> Como um antiquário, Studart investigava e colecionava fatos numa vasta cronologia, cujas camadas de tempo reúnem pedaços da história do Ceará, sem necessariamente narrar a história do Ceará. Mas ao mesmo tempo ele procurava mostrar que esses fragmentos poderiam ter um sentido: o progresso.

A escrita fragmentada de Guilherme Studart buscava atender a uma questão: “de onde viemos e para onde vamos?”. Em *Datas e Factos para a História do Ceará*, o autor definiu que o Ceará “nasceu” com a chegada dos portugueses ao território “cearense” e caminhava para fazer parte da civilização universal, numa concepção evolutiva da história, inspirado por historiadores como César Cantu, autor lido nos salões da Biblioteca Provincial do Ceará, como já foi mencionado.

A exemplaridade da sua própria história surge no segundo e terceiro volumes do livro *Datas e Factos para a História do Ceará*, num trabalho de rememoração da própria vida e de construção de um testemunho autobiográfico para os contemporâneos e para a posteridade, como um instrumento “de sobrevivência além túmulo e o próprio lembrete de nosso fim inexorável”.<sup>357</sup>

Nessa trilogia, Guilherme Studart demonstrou uma preocupação em eleger os eventos do campo da ação política, econômica, religiosa e sócio-cultural, selecionando também os episódios recentes que, de acordo com sua concepção,

---

<sup>355</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 11.

<sup>356</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 85.

<sup>357</sup> BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: RECORD, 2003, p. 217.

eram dignos de serem registrados para posteridade, como crimes, incêndios, naufrágios, revoltas, construções de fontes, fábricas, praças, escolas etc., enfim uma diversidade de eventos que foram presenciados por Studart e identificados por ele como relevantes para figurar na sua cronologia. Além disso, Studart incluiu fatos recentes de sua própria vida, como a participação em atos públicos, festejos, agremiações intelectuais e religiosas, gerando questionamentos por parte dos pares acerca da legitimidade da narrativa, pois o risco da parcialidade e do sacrifício da verdade foi apontado por alguns críticos da obra.

A exigência da distância temporal entre o passado narrado e o presente vivido era um dos procedimentos adotados por um tipo de história que aspirava a cientificidade, pois a ideia de que era preciso uma margem de tempo para afastar o historiador dos fatos analisados passa a ser difundida com a história crítica do século XIX. Para a historiadora Maria Glória de Oliveira, o IHGB via os trabalhos sobre fatos recentes como “suspeitos de parcialidade”. Os relatos de uma testemunha ocular passam a ser questionados devido à perda da dignidade metodológica na narração dos acontecimentos contemporâneos, já que o historiador do contemporâneo “à medida que não poderia se ausentar da história, deveria, ao menos, como narrador, redobrar a prudência, eximindo-se de formular juízos definitivos ao contar aquilo que testemunhara”.<sup>358</sup>

O fato de ter inserido também eventos recentes na sua narrativa historiográfica liga o autor de *Datas e Factos para a História do Ceará* a uma tradição de historiadores clássicos como Heródoto, Tucídides e Políbio, que narravam acontecimentos políticos e militares que haviam testemunhado, um procedimento ainda perpetuado e usado por parte dos membros do IHGB no século XIX. Embora a publicação do texto *Como se deve escrever a história do Brasil*,<sup>359</sup> de Karl Friedrich Phillip Von Martius em 1840 tenha marcado “uma nova etapa na operação historiográfica do IHGB, mais orientada, mais científica”,<sup>360</sup> pois uma parte

---

<sup>358</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 70.

<sup>359</sup> MARTIUS, Karl Friederich Phillip von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de fontes de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 61-91.

<sup>360</sup> CEZAR, Temístocles. *Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual*. In: PESAVENTO, Sandra Jatay. (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 183.



dos membros da instituição começou a investir em estudos sobre a formação do Brasil a partir das relações mútuas entre as três raças (índio, branco, africano). O espaço de produção historiográfica dentro do IHGB era bastante diversificado e disputado por seus membros.<sup>361</sup>

Ao optar por narrar o passado cearense com marcos cronológicos e limítrofes da narrativa, Studart partilhava de um modo de fazer história no qual o exame da documentação e a exposição descritiva dos acontecimentos, fosse do período colonial ou de temas contemporâneos, era a base dessa concepção de história. Esse tipo de escrita da história recebia o apoio de correspondentes de Studart, como vemos na carta de 22 de novembro de 1904 de Juliano M.: “muito me tem deliciado a leitura do livro de V. Ex<sup>a</sup> – *Datas e Factos* pelo muito que nele tenho ficado sabendo. Se por esse Brasil em fora houvesse vinte investigadores da têmpera de V. Ex<sup>a</sup> como ficaria bem esmeralhada (sic.) a História nacional”.<sup>362</sup>

Outro correspondente de Studart, Capistrano de Abreu, também comentou, através da correspondência trocada com o amigo, sobre sua leitura da obra *Datas e Factos*, confirmando a importância do trabalho: “a ideia de atender sempre ao passado recente continua de pé e sempre fecunda. Creio que a este respeito nenhum Estado pode comparar-se ao nosso. Deverá continuar com as efemérides”.<sup>363</sup> Em outra correspondência declarou que “o Ceará é o único estado em que a história do século 19<sup>o</sup> não foi descurada”.<sup>364</sup> Entretanto, Capistrano como predecessor de uma forma moderna de pensar a escrita da história, era um crítico da história contemporânea feita pelo IHGB, pois para ele a interpretação da história do Brasil reinava na análise dos tempos pretéritos, por isso, em carta a Studart, declarou ironicamente que “infelizmente eduquei meu espírito, desinteressei-me de história contemporânea. Agora é tarde: Inês é morta”.<sup>365</sup>

A predileção de Capistrano de Abreu pelo passado remoto era conhecida do público especializado, desde a escrita de uma resenha intitulada “Sobre o Visconde do Porto Seguro” publicada na *Gazeta de Notícias* em 23 de novembro de

---

<sup>361</sup> Idem.

<sup>362</sup> Carta de Juliano M. de 22 de novembro de 1904 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>363</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 18 de agosto de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>364</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 9 de dezembro de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>365</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 19 de julho de 1902. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 158.

1882. Capistrano critica a postura de Varnhagen e do grupo do qual fazia parte, o IHGB, afirmando que nenhum membro da instituição que representava os estudos históricos no país seria capaz de escrever a história do Brasil, já que cada século exigia certas qualidades em quem estudava-o, e “no Instituto Histórico, todos os que se entregam às investigações têm aptidões para estudar principalmente a história contemporânea, e são inacessíveis a nossa história primitiva”.<sup>366</sup>

A falta de entusiasmo de Capistrano de Abreu pela história contemporânea não era a única diferença entre seu trabalho e aquele elaborado pelo IHGB e do qual Guilherme Studart compartilhava, visto que na resenha que escreveu sobre o livro *Datas e Factos*, intitulada *Sobre uma história do Ceará*, Capistrano indicou outros pontos de divergências:

E com efeito o resultado de muitos anos de esforço indefesso e de investigações conscienciosas, e por isso desde logo se nota a segurança, a precisão e a abundância de informações. Às vezes o leitor não concordará com o autor na interpretação de um documento, reconhecendo embora que é possível a que ele dá. Outros sentirá um movimento de impaciência, lendo por ex. pag. 109, que a 31 de janeiro de 1698 foi expedida uma carta régia sobre os Índios da capitania de Pernambuco, sem nada ver quanto ao conteúdo da carta régia, que unicamente poderia interessar-lhe. Outras acode-lhe a suspeita de que certos fatos foram omitidos ou pelo menos encurtados, por outros os haverem estudados. Tudo isso não passa de ligeiras manchas num livro em que datas e fatos contam-se por milhares e as descobertas e novidades contam-se as centenas. O pior de tudo é a falta de um índice, ao menos das coisas mais importantes, de quadros sinópticos se quer dos capitães-mores, etc. que torna difícil qualquer consulta pronta e é tanto mais sensível quanto a forma de efemérides, preferida pelo autor, é o que se pode imaginar de menos racional e conexo. Dito isto, podemos, guiados pelo saber e esforço do Dr. Studart, passar uma vista pelos fatos que acumulou.<sup>367</sup>

A interpretação dada ao documento ou mesmo a falta dela, a ausência de índice e a transcrição incompleta das fontes são alguns dos pontos “falhos” da obra apresentados por Capistrano de Abreu. De acordo com Capistrano, os estudiosos cearenses, encontrando poucos episódios dramáticos no passado do Estado,

---

<sup>366</sup> ABREU, João Capistrano de. Sobre o Visconde de Porto Seguro. In: *Ensaios e Estudos*. 1ª série. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1931, p. 200-201.

<sup>367</sup> ABREU, João Capistrano de. Sobre uma História do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1899, p. 23-24.

recorriam a pequenos fatos que os analistas de outros estados comumente os desdenhariam, como concessões de sesmarias, fundações de capelas, instalações de freguesias, etc. Contudo, no final da resenha, Capistrano procurou suavizar sua crítica: “esta é a verdadeira história, real e cotidiana, pouco heróica de certo, mas profundamente humana”.<sup>368</sup>

Uma história episódica e repleta de pequenos fatos do cotidiano definiria, em parte, a trilogia de *Datas e Factos para a História do Ceará* escrita por Guilherme Studart. Uma obra que reuniu numa sequência cronológica os eventos do passado colonial aos do passado recente, cujos fatos são descritos diante das provas, das fontes históricas e junto com a transcrição de documentos comprobatórios dos eventos narrados, compondo um modelo de transição de um tipo de escrita da história analisado por Manoel Luiz Salgado Guimarães, no qual o documento é o pressuposto para que a história seja feita com o rigor da verdade, pois

O documento expressa de maneira clara a preocupação com uma das premissas que viria a se tornar condição para a escrita da história no século XIX: a existência de documentação indispensável para o labor historiográfico. Ao “eu vi” que fundamentara a escrita histórica em suas formas clássicas, corresponde agora o “eu li” da consulta aos arquivos e acervos, que para isso deveriam estar disponíveis, mas, sobretudo, em condições de legibilidade.<sup>369</sup>

A obra de Studart é marcada por esse momento de transição entre o “eu vi” e o “eu li”, por isso o cunho informativo da narrativa com breves descrições de eventos atrelados a documentos comprobatórios, cujo valor do evento narrado é atribuído pelo autor que selecionou para seu repertório fatos “extraordinários”, como aqueles escolhidos a partir do exame da documentação ou os testemunhados por ele no presente, como chuvas de pedras ocorridas em Quixadá e em Barbalha, cujas “pedras eram do tamanho de ovos de pomba”;<sup>370</sup> a chegada de dromedários

---

<sup>368</sup> Idem, p. 32.

<sup>369</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e erudição. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeci Lopes (orgs.). *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 51.

<sup>370</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 3. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 119.

acompanhados de árabes numa tentativa de aclimatá-los ao território cearense;<sup>371</sup> tremores de terra se manifestando por fortes ruídos subterrâneos por todo o sertão de Canindé e Curú abrindo fendas e afastando telhas das casas;<sup>372</sup> a elevação da maré em Fortaleza durante o novilúnio;<sup>373</sup> um eclipse solar ao meio dia que fez os animais domésticos recolherem-se aos seus lugares de dormida;<sup>374</sup> a 1ª exibição de toureiros e capinhas em Fortaleza;<sup>375</sup> a apresentação de um fonógrafo ao público cearense no Café Central,<sup>376</sup> etc. Esses temas foram entremeados na obra com fatos triviais como celebrações religiosas (missa, funerais e benzimento de igrejas), ou ainda o estabelecimento de “símbolos” do progresso e desenvolvimento da cidade de Fortaleza, como a construção de poços, a inauguração de escolas, a instalação de aparelhos telefônicos, a mudança de nomes de praças e ruas da cidade.

Por um lado, o gosto pelo progresso, por outro, uma infinidade de detalhes no meio desse progresso. A partir da análise de Momigliano pode-se dizer que Studart oscilava entre o iluminismo e a sensibilidade antiquária:

O ataque dos enciclopedistas contra a erudição voltou-se para o sentido da história. Eles reconheceram a importância dos temas estudados pelos antiquários – direito, instituições, políticas, religião, costumes, invenções. Eles pensavam, entretanto, que os antiquários estudaram estes temas de uma forma equivocada, acumulando detalhes insignificantes e ignorando a luta entre as forças da razão e aquelas da superstição. Uma das posições essenciais de Voltaire com relação à história era que detalhes em demasia impediam a compreensão do “l'esprit des tems et le moeurs des peuples”.<sup>377</sup>

Muitos eventos recentes relatados nos dois últimos volumes da trilogia *Datas e Factos para a História do Ceará* eram validados pela autoridade do narrador como testemunha. Ele viu, então estava autorizado a falar, fundamentado na premissa de que a experiência dos fatos vivida pelo autor poderia convencer o leitor. Um contemporâneo de Studart, o escritor e sanitarista Rodolfo Teófilo, usava a

---

<sup>371</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 2. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 163.

<sup>372</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 3. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 154.

<sup>373</sup> Idem, p. 24.

<sup>374</sup> Idem, p. 59.

<sup>375</sup> Idem, p. 145.

<sup>376</sup> Idem, p. 63.

<sup>377</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 182.

mesma estratégia em suas obras, também marcadas pelo cunho autobiográfico e militante, já que os livros de Teófilo eram também usados como lugar de memória dos seus feitos, nos quais o autor defendia sua posição de intelectual e benemérito da saúde pública diante dos contemporâneos e especialmente perante a posteridade, legitimando o lugar social da sua escrita.<sup>378</sup>

Guilherme Studart também revelou expectativas sobre os usos da sua escrita e da sua memória, construindo representações sobre si em suas obras e controlando a memória de si para a posteridade, ressaltando sempre sua atuação em diversos campos, seja letrado, médico ou filantrópico. Além disso, as narrativas historiográficas produzidas por Studart contribuíram para a inserção de seu autor como personagem e testemunha ocular dos eventos narrados, legitimando sua escrita e garantindo a autoridade sobre o relato escrito.

Ao usar o impresso para relatar suas experiências, embora o livro não tenha uma proposta autobiográfica, Studart tencionava se inscrever no tempo, ou seja, registrar sua existência para a posteridade por meio da escrita, pois a memória de si não é somente a história individual, mas também a história das interações do sujeito com grupos que ele estabelece relações.

Como nos lembra a pesquisadora Arlette Farge no seu livro *O Sabor do Arquivo*, um arquivo privado é uma forma de deixar vestígios no mundo, pois até mesmo um “caderno mais íntimo, largado em um canto de sótão e encontrado alguns séculos depois, sugere que, apesar de tudo, quem o escreveu pretendia de algum modo ser descoberto e acreditava que os acontecimentos de sua vida tinham de ser redigidos”.<sup>379</sup> A crença na exemplaridade da própria vida era uma das principais motivações escriturárias de Guilherme Studart, presente não só na trilogia da obra *Datas e Factos para a História do Ceará*, mas também ressaltado na descrição de sua própria biografia no *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* e nos

---

<sup>378</sup> Para o historiador Isac Ferreira do Vale Neto, nas obras de Teófilo “as memórias são pródigas, quase sempre relacionadas com suas vivências na vida social, cultural e política da capital cearense no final do século XIX e começo do XX”. VALE NETO, Isac Ferreira do. *Batalhas da Memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006, p. 6. Segundo Vale Neto, Teófilo procurou consolidar sua hegemonia intelectual na produção de uma espécie de escrita autorizada sobre o Ceará, já que fundada em relato testemunhal, critério capaz de garantir a veracidade dos fatos narrados e, principalmente, dirigida ao leitor do futuro, ressaltando-se a construção e o controle da memória de si para a posteridade.

<sup>379</sup> FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 16.

*Apontamentos Bio-Bibliográficos*, como veremos no próximo tópico.

A obra *Datas e Factos para a História do Ceará* é uma das tentativas de Studart de se inscrever no tempo, reconstruindo o passado da sua terra natal e de si mesmo. Para isso, incluiu um repertório de eventos selecionados e descritos com objetividade e em terceira pessoa, embora narrasse acontecimentos vivenciados por ele mesmo que poderiam ser descritos em primeira pessoa (talvez tenha sido a forma encontrada por Studart para manter diante do leitor a “imparcialidade” do autor). Em 30 de abril de 1880, ele relatou o fechamento da última enfermaria que recolhia na Capital, os retirantes e enfermos da seca de 1877-79. Os doentes foram “transferidos os que ali existiam para a S. Casa de Misericórdia em n. de 33, ficando encarregado de fiscalizar esse serviço o Dr. G. Studart”.<sup>380</sup> Já em 19 de março de 1885, Studart informa sobre a fundação em Fortaleza de uma conferência de São Vicente de Paulo sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus que “tem tido por presidentes o Dr. Guilherme Studart (1885) e Antônio Bezerra de Menezes (1888)”.<sup>381</sup>

Studart também registra sua presença em atos públicos, incluindo seu nome na lista de presentes dos mais variados acontecimentos sociais, culturais e artísticos da cidade, como a inauguração da Colônia Orfanológica Christina e do Asilo de Alienados em Arronches, a fundação do Centro Abolicionista 25 de Dezembro, a criação da Associação Médico-Farmacêutica do Ceará, a instauração do Instituto Histórico do Ceará, da Academia Cearense, do Centro Literário, da Associação Propagadora da Arboricultura, da Câmara Cearense, da Ordem Médica Brasileira, dentre outras instituições filantrópicas, letradas e médicas descritas pelo autor na obra, reafirmando, mais uma vez, sua participação numa diversidade de grupos da cidade de Fortaleza.

Em carta dirigida a Guilherme Studart, em 30 de maio de 1900, o Padre Carlos Teschauer afirmou que a credibilidade do trabalho do destinatário estava em duas características fundamentais para a construção da escrita da história no século XIX:

---

<sup>380</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 1. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 276.

<sup>381</sup> Idem, p. 336.

Tenho lido há anos a vossa valiosa obra que publicastes em Lisboa 1892 sob o modesto título: *Notas para a História do Ceará* (II metade do século XVIII), lembra-me ainda que prometestes outra obra: *Os Jesuítas no Ceará*. Foi logo depois de ter conhecimento das *Notas* quando me vi (sic.) obrigado a retirar-me destes estudos históricos e só agora é que outra vez entro neste terreno não de solo estranho mas naturalmente já um pouco olvidado. Por isso, considerando fora disso a difícil comunicação do Norte com o sul do Brasil, o senhor desculpar-me há, se me dirijo a vós pedindo informação sobre se saiu sempre a luz a obra prometida: “*Jesuítas*”. Preparando eu mesmo um trabalho sobre este tema e sobre o Brasil no século XVIII em geral, não posso desenvolver obras sólidas e sérias e de crítica imparcial fundada sobre os documentos escrupulosamente consultados, qualidade esta que tive o prazer de achar reunidas nas *Notas* como à aurora de uma nova época da História no Brasil, da História dos estudos aturados, da história da imparcialidade que não visa senão a verdade provenha daí o que provier; *Fiat justitia et pereat mundus* (Faça-se justiça ainda que o mundo pereça) é também a voz do supremo piloto nos combates pela verdade, o sábio Pontífice Leão XIII, que, como o senhor não ignora abriu sem receio algum os arquivos do Vaticano a toda espécie de historiadores.<sup>382</sup>

Os elogios à escrita de Studart apresentados pelo remetente como modelo de imparcialidade e veracidade dos fatos eram dirigidos à obra *Notas para a História do Ceará*, que tem a mesma estilística da trilogia *Datas e Factos para a História do Ceará*, publicada entre 1896 e 1924. Suas obras são crônicas acompanhadas de documentos comprobatórios dos eventos do passado.

Ao transcrever nas obras os documentos encontrados nos arquivos, Studart objetivava também superar os erros dos antecessores, corrigindo datas e fatos apresentados por eles, firmando “*datas memoráveis do nosso passado*”,<sup>383</sup> cujos eventos escolhidos pelo autor podem ser apontados como “*inventados*”, no sentido em que foram forjadas e fabricadas por ele para compor uma nova crônica cearense.

Os três volumes da obra *Datas e Factos para a História do Ceará* se assemelham a um catálogo na sua forma escriturária, pois a narrativa é apresentada como uma espécie de relação ou lista de fatos inscritos e descritos em uma linha cronológica, com a indicação do ano no início de cada capítulo e da data (dia e mês) em cada parágrafo, como nos exemplos seguintes: o primeiro referente ao ano de

---

<sup>382</sup> Carta de Carlos Teschauer de 30 de maio de 1900 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>383</sup> STUDART, Guilherme. *Duas Palavras*. In: *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 1. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, s/p.

1824 em “14 de Abril – Posse do tenente-coronel de engenheiros Pedro José da Costa Barros, 1º presidente do Ceará, nomeado por Carta Imperial de 25 de novembro de 1823”;<sup>384</sup> outro fato apresentado no ano de 1885: “11 de Janeiro – Inauguração na vila de Lavras de uma biblioteca com o título de Club literário familiar Lavrense, o qual fora criado no dia 29 de maio do ano anterior”;<sup>385</sup> em 1894: “25 de Março – Inaugura-se às 10 horas a Estação Telegráfica da cidade de Viçosa”.<sup>386</sup>

O levantamento das efemérides é uma relação de fatos ocorridos dia a dia em cada ano, no período de 1603 a 1924, abrangendo desde fatos políticos e administrativos, como posse de presidentes de província, eleições, deposições de governos, nomeações, exonerações, criação de vilas, instalação de repartições, divulgação de legislação administrativa e outros; até fatos eclesiásticos como nomeações de vigários, párocos, elevações de capelas, paróquias, construção de igrejas, festas religiosas, campanhas de doações promovidas pela igreja, etc.; e fatos ligados ao campo econômico como o estabelecimento de fábricas, as exportações feitas pelo Estado, o consumo de gêneros alimentícios, contratos de serviços com a administração pública, seja para a construção de estrada de ferro, instalação de linhas telefônicas, iluminação de praças e ruas da cidade. Há uma diversidade informativa que se inicia com um marco fundador (a chegada dos portugueses ao Ceará) e projeta a escrita para um futuro, já que o autor dá continuidade ao seu registro de fatos recentes, mesmo depois da publicação do livro, dando continuidade ao trabalho nas páginas da *Revista do Instituto do Ceará* até a sua morte em 1938.

Com a continuação da publicação nas páginas da revista, Studart retorna ao suporte que recebeu pela primeira vez sua cronologia, pois foi na *Revista do Instituto do Ceará* de 1891 que apareceu pela primeira vez o resumo cronológico de Studart, intitulado *Seiscentas datas para a crônica do Ceará*. Alguns anos depois, em 1894, a publicação tem continuidade com um novo artigo acompanhado de um título bem próximo do escolhido para o livro: *Datas para a História do Ceará*. Dois anos depois, os artigos tomam a forma de livro com a publicação dos dois primeiros volumes da obra *Datas e Factos para a História do Ceará*, o primeiro com o subtítulo

---

<sup>384</sup> Idem, p. 12.

<sup>385</sup> Idem, p. 335.

<sup>386</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 3. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 69.



“Ceará Colônia” e o segundo “Ceará Província”. E o trabalho não parou. Em 1901, deu continuidade à publicação de novos fatos com um novo título: *Efemérides Cearenses*, cujo projeto escriturário permanece nas páginas da *Revista do Instituto do Ceará* até hoje, visto que outros sócios assumiram o registro de eventos contemporâneos depois da morte de Guilherme Studart e mantiveram a publicação das efemérides.

Os contemporâneos de Studart, pessoas que vivenciaram a transição do século XIX para o XX, sentiam a experiência da aceleração do tempo. Abriu-se um fosso entre a experiência anterior de um Brasil monárquico, escravocrata e ruralista e a expectativa do que havia de vir com a abolição, a proclamação da república e a urbanização da capital federal e de algumas províncias do país, dentre elas Fortaleza. Diante desse processo de transformação e da diferença crescente entre passado e futuro, “a época que se vive é experimentada como um tempo de ruptura e de transição, em que continuamente aparecem coisas novas e inesperadas”.<sup>387</sup> Essa abundância de novidades aliada a uma percepção da aceleração do tempo precisava ser registrada para o “futuro historiador”, pois a intenção de Studart ao escrever seu resumo cronológico não era apenas instruir ou doutrinar o leitor contemporâneo, mas também relatar o que aconteceu para o “futuro historiador”.

Dentre os eventos selecionados e incluídos pelo autor na trilogia, a modernização da cidade de Fortaleza assumiu um lugar destacado no segundo e terceiro volumes da obra, considerando que o autor procurou construir uma representação da cidade a partir da sua inclusão no universo civilizatório, principalmente com a indicação de inúmeros signos modernizadores, como a inauguração da linha de bondes de Fortaleza, compreendida desde a Praça Conselheiro Alencar até a Rua da Praia; a iluminação do Passeio Público; o estabelecimento do comércio de exportação de laranjas para a Europa; o estabelecimento de fábricas de tecidos de algodão, de tijolos e de vulcanização de goma elástica, borracha e leite de gameleira; a inauguração de um mercado público; o estabelecimento de serviços de esgotos e água potável; a reforma do porto do Ceará; a construção de um novo cemitério para a cidade (o São João Batista) e um novo teatro, dentre outras. Os signos descritos por Studart são prescritos no ideário

---

<sup>387</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: para uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 294.

civilizado e inserem o Ceará no projeto civilizatório ao cristalizar sinais de progresso e perpetuar a imagem de uma cidade que se modernizava.

O relato das diversas reformas urbanas e do processo de modernização pelo qual passava a cidade de Fortaleza demonstram a esperança depositada no progresso e a crença em um futuro promissor para o país:

26 de Agosto – Realiza-se, em presença de escolhido concurso de povo, a inauguração da Fábrica de Curtumes, sita no bairro da Jacarecanga, Fortaleza. À hora aprazada o Bispo Diocesano benzeu a Fábrica, segundo as prescrições litúrgicas, tocando nessa ocasião a Música do Corpo de Segurança, que durante o ato executou diversas peças do seu repertório. Em seguida o presidente do Estado, convidado pela diretoria, fez a inauguração oficial, pondo em movimento todas as máquinas, e ouvindo se então o Hino Nacional casar-se com o sibilo da máquina, que transmitia ao longe a boa nova do progresso.<sup>388</sup>

As mudanças experimentadas com a urbanização e as reformas sócio-políticas vividas no período trouxeram para os contemporâneos de Studart, que vivenciaram a transição do século XIX para o XX, uma maneira diferente de se relacionar com o tempo, já que vivenciaram mudanças no espaço urbano, inovações tecnológicas com o uso dos telégrafos, bondes e iluminação das ruas. As sensações de aceleração do tempo fazem o som da máquina representar um símbolo da modernidade. Essa representação foi a forma encontrada por Studart de demonstrar, para os leitores da obra *Datas e Factos para a História do Ceará*, o nível de desenvolvimento técnico, econômico e científico vivenciado pela população cearense.

De acordo com o historiador Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, uma das características das sociedades modernas era “a busca do controle programado sobre a memória a ser transmitida à posteridade”.<sup>389</sup> Esse desejo de impor uma determinada imagem de uma época era uma das marcas da obra de Studart, vislumbrada não só no registro dos eventos do presente assistidos por ele, mas também no seu interesse deliberado pelos rastros do passado.

---

<sup>388</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 3. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 74-75.

<sup>389</sup> SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e; GONÇALVES, Adelaide. Apresentação. In: *Álbum de vistas do Estado do Ceará*. Fac-símile da edição de 1908. Fortaleza: Edições Nudoc/Expressão Gráfica, 2006, p. 9.

Antes de descrever o desenvolvimento moderno pelo qual passava o estado do Ceará em fins do século XIX, Guilherme Studart apresenta o começo desta “civilização” com a apresentação de diversos fatos memoráveis, começando o relato em 1603. Assim, o Ceará tinha uma vida, e uma vida com sentido.

Para Rogério Forastieri da Silva, em sua análise historiográfica, “a história tende a constituir-se como uma biografia da nação. Na tarefa de construir esta biografia, procura-se juntar elementos, eventos, sinais que sirvam de “testemunho” e justifiquem a nacionalidade nascente”.<sup>390</sup> Nessa perspectiva, Arnaldo Momigliano defende que a erudição prosperou diante da história política e teve como “um dos resultados mais importante a noção de *bios*, de “vida”, que podia ser aplicada tanto ao indivíduo quanto a nação inteira”.<sup>391</sup> Escrever histórias pessoais era uma forma de estudar a vida de uma nação.

O primeiro estrato temporal da edificação factual elaborada por Guilherme Studart contava a saga dos primeiros colonizadores portugueses em território cearense: Pero Coelho de Souza, Francisco Pinto, Luiz Figueira e Martim Soares Moreno tornaram-se, segundo uma tradição historiográfica que foi reafirmada pelo o autor, os heróis fundadores do Ceará, cuja narrativa historiográfica tornou-se “um monumento a recordar”.<sup>392</sup>

O fracasso da ação estratégico-militar de Pero Coelho e Martim Soares Moreno ou da catequese missionária de Francisco Pinto e Luiz Figueira não impediu Studart de elencá-los como os heróis fundadores do Ceará. Contudo, para legitimar a escolha desses personagens era preciso investir na pesquisa e na divulgação de trabalhos sobre esses heróis fundadores. Guilherme Studart começou seu resumo cronológico com a narrativa da saga desses primeiros colonizadores e, à medida que coletava novos documentos, publicava novos artigos sobre o tema, como *Francisco Pinto e Luiz Figueira. O mais antigo documento existente sobre a história do Ceará*<sup>393</sup> e *Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará*,<sup>394</sup> ambos inseridos no

---

<sup>390</sup> SILVA, Rogério Forastieri da. *Colônia e Nativismo: a História como “biografia da nação”*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 13-14.

<sup>391</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 99.

<sup>392</sup> STUDART, Guilherme. O Ceará deve preparar-se para a comemoração do movimento de 17. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1916, p. 309.

<sup>393</sup> STUDART, Guilherme. Francisco Pinto e Luís Figueira. O mais antigo documento existente sobre a história do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1903a, p. 51-96.

*Livro do Tricentenário*, na *Revista do Instituto do Ceará* de 1903, e tirados à parte em folhetos pela tipografia Studart no mesmo ano.

Além desses artigos mencionados acima, foram redigidos mais dois sobre a mesma temática: *Da missão que fizeram o padre Francisco Pinto e o padre Luiz Figueira do Rio ao Maranhão*<sup>395</sup> e *Documentos para a história de Martim Soares Moreno, coligidos e publicados pelo Barão de Studart*,<sup>396</sup> também publicados na *Revista do Instituto do Ceará* e tirados à parte em folhetos pela mesma tipografia. Os artigos apontavam para o empenho em erigir os “verdadeiros” fundadores do Ceará, Martim Soares Moreno e os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, em detrimento de outros personagens como Pero Coelho de Souza e Matias Beck, embora não deixasse de mencionar a atuação dos dois últimos no livro *Datas e Factos para a História do Ceará*. Contudo, a participação deles parecia menor diante do estabelecimento da civilização em território cearense feita pelos outros.

A narrativa se fundamenta mais na apresentação de documentos e na correção dos antecessores do que na construção e interpretação da ação desses heróis. Por isso, a cada página, ele transcreve ou cita documentos da sua coleção, afirmando que “desse precioso inédito dou ao leitor os seguintes trechos” e que “publico-a aqui também por completo”, no intuito de divulgar também a própria *Coleção Studart*. Essa intenção ficou explícita em vários trechos do livro, como podemos observar no seguinte relato:

Encontrei na Biblioteca Nacional de Lisboa um inédito já quase imperceptível que esclarece por completo a tentativa de Du Prat., e graças ao qual posso guardar para as nossas memórias os verdadeiros nomes dos heróicos defensores do Fortim de Nossa Senhora do Rosário. É um dos mais interessantes docs. da história do Ceará, que consegui salvar de perda total.<sup>397</sup>

Guardar, salvar, registrar eram verbos recorrentes na narrativa. Em seu

<sup>394</sup> STUDART, Guilherme. Martim Soares Moreno o fundador do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1903b, p. 177-228.

<sup>395</sup> STUDART, Guilherme. Da missão que fizeram o padre Francisco Pinto e o padre Luiz Figueira do Rio ao Maranhão. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1902, p. 249-254.

<sup>396</sup> STUDART, Guilherme. Documentos para a história de Martim Soares Moreno, coligidos e publicados pelo Barão de Studart. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1905, p. 1-116.

<sup>397</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 1. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 16.

livro *Notas para a História do Ceará*, Studart reafirmava a estratégia usada na sua escrita:

Não podendo ser historiador da terra que me foi berço, contento-me com o prazer de fornecer o material, os elementos para quem quiser tomar a si essa nobilíssima tarefa. Não sou ambicioso senão de glória para o Ceará, e tenho certeza de que estudado o seu passado à luz da verdade e no cadinho da crítica conscienciosa ele fornecerá as mais puras e mais abundantes tintas para quadros admiráveis de originalidade e notáveis pela magnitude.<sup>398</sup>

Entre a sensibilidade antiquária e a história científica e patriótica, Studart movia-se com o respaldo do seu arquivo: não se exibia como historiador e sim como estudioso do passado, como aquele que estava dando a base segura para a biografia do Ceará.

Na carta de 26 de março de 1912, Taunay afirmava que Studart é “sábio autor da História do Ceará, das Datas e Factos Interessantes, o colecionador dos Documentos Interessantes, enfim grande cearenólogo e o eminente historiador Crapileno ainda muito e muito nos dará e à Pátria”.<sup>399</sup> Já Afonso Cláudio afirma em carta de 29 de junho de 1924 que enquanto Studart “articula o esqueleto da história geral de nossa pátria, vai ao mesmo tempo esboçando a história do Ceará, com uma superioridade de vistas e isenção de espírito, que maravilham aos próprios indivíduos refratários a esses estudos”.<sup>400</sup> Embora Studart não se “reconheça” historiador, sua escrita era uma maneira de reconstrução do passado reconhecida pelos pares intelectuais como uma maneira de se fazer história.

No prefácio do primeiro volume da trilogia, Studart anuncia uma despretensão ao afirmar “que este humilde tributo à bela terra de meu berço testemunhe mais uma vez os sentimento que ela me merece”.<sup>401</sup> A forma encontrada pelo autor para homenagear o Ceará era o plano de “ir ajuntando materiais para o futuro historiador do Ceará”.<sup>402</sup> O sentido da sua vida, tal como Studart o apresentava, era dar sentido à vida do Ceará, daí o seu gosto pelos aniversários,

---

<sup>398</sup> STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892, p. 502.

<sup>399</sup> Carta de Afonso de Taunay de 26 de março de 1912 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>400</sup> Carta de Afonso Cláudio de 29 de junho de 1924 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>401</sup> STUDART, Guilherme. *Dois Palavras*. In: *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 1. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, s/p.

<sup>402</sup> Idem.

como veremos no próximo tópico.

### 3.3 O DIREITO DE SER BIOGRAFADO

*Mais as origens eram grandes, mais elas nos engrandeciam. Porque venerávamos a nós mesmos através do passado.*<sup>403</sup>

Para Guilherme Studart, aqueles que nasceram no Ceará são os legítimos representantes da terra do berço. Esse foi o elemento a ser considerado para a escolha daqueles que mereciam estar no “magnífico templo da História Cearense”.<sup>404</sup> O nascimento constituiu, portanto, o critério para incluir nomes no seu *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* (DBBC), obra composta de três volumes e publicada em formato de livro entre os anos de 1910 e 1915.

Para Manoel Luiz Salgado Guimarães, o patriotismo é “concebido não apenas como referência a um lugar de nascimento, mas, sobretudo, como sentimento de pertencimento a uma comunidade, que se expressaria territorial, política e culturalmente”.<sup>405</sup> Esse sentimento de pertencimento à pátria<sup>406</sup> fez diversas comunidades se preocuparem com a construção narrativa de sua história, pois a pátria é “a origem de todas as origens, matriz que, se gera, também filia e se impõe como uma herança e como um dever de transmissão, ou melhor, como um destino, ou mesmo como uma vocação”.<sup>407</sup> O amor à terra natal alimenta a coragem dos

---

<sup>403</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, SP – Brasil, 1981, p. 19.

<sup>404</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. III.

<sup>405</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a, p. 105.

<sup>406</sup> A pátria remete à “terra dos pais”, mas também é o local de nascimento, seja país, estado, província ou cidade, ao qual se pertence como cidadão. No livro *Ensaio Respublicano*, Fernando Catroga faz uma reflexão sobre o conceito de pátria, analisando sua historicidade e a evolução semântica do vocábulo desde os poemas homéricos ao uso moderno pelas nações no século XX. Cf. CATROGA, Fernando. *Ensaio Respublicano*. Lisboa: Guide Artes gráficas, 2011. Aqui, compreendemos o uso desse conceito por Guilherme Studart remetendo a sua “terra natal”: o Ceará, mas também ao seu país, o Brasil. O conceito não se restringe ao espaço, oscila entre um e outro. Em alguns textos ele usa pátria para se referir ao Ceará, em outros ao Brasil.

<sup>407</sup> CATROGA, Fernando. *Ensaio Respublicano*. Lisboa: Guide Artes Gráficas, 2011, p. 12.

homens de lutar em defesa do berço de origem a ponto de dotá-los de ousadia, ânimo e bravura em estados de calamidade, guerra, catástrofe, ou em eventos em que a pátria esteja sob alguma ameaça externa. Nem sempre esse sentimento brota em circunstâncias extremas, mas geralmente sua intensidade produz paixões arrebatadoras e instigantes.

Guilherme Studart, por diversas vezes, declarou o amor a sua terra natal. No seu testamento, ele deixa o seguinte conselho aos filhos: “Religião e Pátria, jamais eles esqueçam, deverá ser a sua divisa e o seu norte”.<sup>408</sup> O patriotismo e a religião orientaram as narrativas biográficas escritas para o dicionário de cearenses. Studart ressaltava os serviços prestados à causa da religião e da cidadania por parte dos biografados, como foi o caso de Manoel Elisiário de Castro Menezes:

Possuía as qualidades, que são o apanágio de um magistrado hábil, justo e honrado, e ornavam-o também aquelas que constituem o bom cidadão, por sua moralidade, amor à nossa Santa Religião e adesão a Augusta pessoa de sua Majestade o Imperador, por sua caridade para com os pobres e presos desvalidos, socorrendo a estes todas as vezes que em desempenho de suas funções visitava as prisões públicas e distribuindo com aqueles todas as sobras de sua economia.<sup>409</sup>

A pedagogia civil e moral tinha como objetivo, segundo o autor, apontar para a imitação modelos de conduta para as gerações do futuro, pois a escrita da história também era um ato de civismo. Esse gênero de escrita fazia parte dos ideais do IHGB. “Entre os sócios do IHGB, a biografia era exaltada tanto por sua capacidade de tornar vivos os personagens e as épocas históricas quanto pela força persuasiva de suas lições”.<sup>410</sup> A ideia de fornecer ensinamentos morais para despertar virtudes patrióticas, propagandeada nas obras de Studart, vinha acompanhada também de uma construção de si, como modelo ideal de conduta, quer como homem público, letrado, caridoso, quer como indivíduo empenhado com as causas da religião, da abolição e da instrução pública. Studart estava constantemente construindo sua autopromoção, tendo sua correspondência pessoal

---

<sup>408</sup> Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano 1938 [Grifo do autor] – Arquivo Público do Estado do Ceará.

<sup>409</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. V. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1913, p. 329.

<sup>410</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 59.



um papel fundamental na produção dessa autopropaganda. Em carta endereçada ao redator do jornal *Estandarte*, João Câmara, em 24 de agosto de 1902, Studart responde às críticas feitas ao seu trabalho com a seguinte justificativa:

O Ceará nada me deve; o quase nada que por ele tenho feito e o muito que me esforçarei por fazer é resultado tão somente do intenso amor que voto à terra do berço, cuja história tenho gasto com muito prazer meu dinheiro, tempo e saúde, sem ter recebido, aliás subsídio de qualquer espécie nem recompensas de promessas pecuniárias.<sup>411</sup>

A abnegação e o desprendimento apresentados por Studart na carta não o impediram de aceitar, alguns anos depois, subsídios do então presidente do Estado do Ceará, Antônio Pinto Nogueira Accioly, para a publicação do primeiro volume do livro *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, cuja folha de rosto estampava um oferecimento e uma dedicatória ao político cearense. Isso é mais um indício de que os letrados brasileiros associavam o uso do passado a finalidades políticas no presente.<sup>412</sup> As biografias escritas por Studart tinham a função de servir como modelos de conduta e de apontar “para a imitação exemplos de honradez e civismo”,<sup>413</sup> um procedimento da *historia magistra vitae*.

Uma forma de materializar essa “glorificação do patriotismo” era o empreendimento editorial, como a publicação de obras que despertassem o sentimento pátrio nos leitores. Ou seja, era preciso erigir um “panteão de papel”.<sup>414</sup> Studart era *expert* em erigir monumentos de papel, pois destinava à impressão todos os textos produzidos por ele, materializando seus trabalhos em diversos suportes, como livros, revistas, folhetos, periódicos, cartas-circulares, correspondências, reafirmando sempre a importância do Ceará no contexto nacional.

O papel do impresso é fundamental na construção dos nacionalismos do século XIX e XX, pois, como nos lembra Benedict Anderson, é “por meio do material impresso que a nação se converte numa comunidade sólida, recorrendo

---

<sup>411</sup> Carta de Guilherme Studart de 24 de agosto de 1902 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>412</sup> GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a, p. 109.

<sup>413</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. II.

<sup>414</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 14.

constantemente a uma história previamente selecionada”.<sup>415</sup> Se uma comunidade podia se fortalecer por meio da publicação da sua própria história, Studart formou e solidificou uma comunidade de leitores e pesquisadores com a publicação de estudos sobre o Ceará, pois a circulação de material impresso produzido por ele tornou-se instrumento de visibilidade e dizibilidade.

Um dos dispositivos usados por Studart para fazer o conhecimento sobre o Ceará circular no restante do país era o periódico, como a *Revista do Instituto do Ceará* e a *Revista da Academia Cearense*. Essa última foi escolhida por ele para estampar uma série de artigos denominada *Pequeno Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, entre 1899 e 1907. Nesses artigos, Studart começou a selecionar as vidas:

Ver-se-á por elas, embora traçadas por mãos incompetentes, que o Ceará, cuja vida literária não vem de longe e cujo meio social só de certo tempo a esta parte se tem desenvolvido e avantajado, está habilitado a oferecer ao estudo e admiração cópia não pequena de filhos ilustres, que desafiam o confronto com aqueles de que se orgulham, e justamente, outros Estados da União.<sup>416</sup>

A inserção nos anais nacionais dos heróis cearenses era uma das causas da obra. Trata-se de apresentar aos leitores os destaques cearenses, ausentes da produção nacional, na história militar, eclesiástica, política ou intelectual, como consolidadores da colonização e construtores da civilização, defensores da terra natal, da república e da abolição, temas caros à historiografia brasileira do final do século XIX e início do XX, momento de consolidação do regime republicano implantado no país.

Guilherme Studart erigiu seu “panteão de papel” a partir de determinados grupos sociais como os militares, os religiosos, os homens públicos e os intelectuais, dando destaque aos sujeitos que participaram ativamente dos movimentos republicano e abolicionista. Assim, não faltaram as biografias de personagens que participaram da Revolução de 1817, como Bárbara de Alencar e José Martiniano de Alencar; ou da Confederação do Equador, como Paula Pessoa, Padre Ibiapina,

---

<sup>415</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 13.

<sup>416</sup> STUDART, Guilherme. *Pequeno Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1899, p. 25.

Padre Mororó, Pessoa Anta e outros. No caso da herança abolicionista, Studart enfatizou os serviços prestados à causa nos jornais cearenses por amigos próximos a ele, como Antônio Bezerra de Menezes, Antônio Martins, Monsenhor Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo e Gomes de Mattos, do qual afirmou que “prestou relevantes serviços à causa abolicionista de que era fervoroso adepto sendo Presidente da Sociedade Abolicionista Cearense com sede no Rio de Janeiro”.<sup>417</sup>

Com a publicação dos artigos na *Revista da Academia Cearense* entre os anos de 1899 e 1907, Studart deu início à execução da trilogia do seu *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense* publicado em forma de livro entre os anos de 1910 e 1915. O dicionário pode ser classificado como uma obra de referência, com um esquema classificatório, cujos biografados estão dispostos em ordem alfabética. O relato biográfico segue o modelo adotado nas antigas genealogias e hagiografias, cuja narrativa segue um ciclo de início, meio e fim, composto de nascimento, formação profissional, produção bibliográfica, matrimônio, prole e morte.

O túmulo é “o desfecho desse drama que é a vida”,<sup>418</sup> escreve Studart. Mas a narrativa biográfica não termina apenas com a morte. Depois da morte há, com certa frequência, a indicação ou reprodução de necrológicos. Um fato interessante é a indicação da causa-morte, da hora e do local da sepultura, como, informa a biografia do senador José Martiniano de Alencar, vítima de um acesso pernicioso; do padre José da Cunha Pereira, morto de hérnia estrangulada; ou de Laurênio de Oliveira Cabral, morto de hydro-pericardite na vila de Príncipe Imperial; ou ainda de D<sup>a</sup> Maria de Azevedo Brito, falecida a 13 de agosto de 1874 às 6 ½ da tarde.

A ênfase maior foi dada à participação do biografado nas grandes causas do século XIX, apontadas por Studart como “grandes cruzadas”,<sup>419</sup> pelas quais era necessário lutar e defender para construir um novo projeto político e o futuro da nação. A república e a abolição criam novas experiências e mudam as expectativas, fazendo com que os intelectuais projetem esperanças para o futuro do país. Segundo Reinhart Koselleck, “a expectativa é voltada para o não experimentado,

---

<sup>417</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. 510.

<sup>418</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. V. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1913, p. 202.

<sup>419</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. V. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1913, p. 337.

para o que apenas pode ser previsto”.<sup>420</sup> Dessa forma, surge uma tensão entre previsões positivas e negativas quanto ao futuro incerto da nação.

A tentativa de diferenciar o passado do futuro, já que o presente passava por mudanças, está implícita na confecção desses textos biográficos, pois Studart acreditava que publicar essas histórias pessoais era uma maneira de criar um instrumento de projeção do futuro, que pudesse ser utilizado no presente. O empenho dele em preservar um *corpus* documental diversificado é um indício da ênfase dada ao passado, mas também da preocupação em guardar esses registros para o futuro.

A expectativa de Studart não se resumia apenas ao futuro da nação, mas se desdobrava em expectativas quanto a sua própria consagração e seu reconhecimento pelos pares intelectuais no presente. Studart projetou um futuro que deveria moldar-se pelos exemplos do passado e do presente, selecionados por ele em seu dicionário.

“O futuro dirá se tenho razão”.<sup>421</sup> A frase de Studart é uma forma de responder antecipadamente às críticas dos contemporâneos, mas também constrói uma expectativa do futuro e monumentaliza a obra, lança para o futuro o reconhecimento do *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* como depositário do panteão cearense e símbolo de uma “identidade” cearense. A participação nas lutas em prol da república, nos movimentos da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador (1824), e o pioneirismo na abolição dos escravos (1884) passavam a ser marcos fundadores do novo tempo, transformando o “horizonte de expectativa” de um estado tido em segundo plano na historiografia brasileira, para pioneiro nos movimentos da modernidade.

Em *Estrangeiros e o Ceará*, Studart foi categórico ao justificar a indiferença por parte dos pesquisadores no Brasil:

A História do Brasil é da Bahia para o Sul, cabendo um pouco a Pernambuco e isso por motivo do período Holandês; os mais Estados do Norte não possuem nem história nem mesmo crônica, parece. Ainda agora em compêndio destinado ao ensino secundário

---

<sup>420</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: para uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 310.

<sup>421</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. III.

da lavra de ilustre e acatado historiador Paranaense é citado o nome Ceará apenas uma vez. Ainda sendo, porque o Ceará não é procurado dos estrangeiros por suas próprias condições naturais e porque os que escrevem a história do País ocultam o que tem o Ceará de recomendável, belo e digno de figurar nos anais pátrios.<sup>422</sup>

A crítica era uma forma de valorizar a inserção do Ceará nos “anais pátrios” e justificar o tipo de narrativa histórica elaborada por Studart. Para ele, a participação do Estado na consolidação de uma cultura republicana no país era inconteste, pois a implantação do regime no país foi uma aspiração de dois movimentos cearenses, a Revolução de 1817 e a Confederação do Equador, ocorridos na primeira metade do século XIX.

Studart acreditava na força moralizadora da história. Para concretizá-la era preciso manter uma escola de civismo e fazer florescer o patriotismo na população a partir da transmissão da tradição do passado, do ensinamento dos altos feitos dos maiores da terra e da guarda de datas nacionais. Isso tudo só seria possível com a materialização dessas ideias em um objeto: o impresso. Para Guilherme Studart, o livro:

É o repositório do saber, é a arca da riqueza da ciência, impulsiona o intercâmbio intelectual, fomenta as artes, desenvolve as indústrias, acoroça os surtos do espírito, registra os triunfos pacíficos do trabalho, celebra o reinado da justiça, verbera os delitos do indivíduo e as faltas das nações, conduz os povos as afirmações solenes da fé e do patriotismo.<sup>423</sup>

Essa crença no poder do impresso, como um ícone da modernidade, capaz de acelerar o progresso da civilização, amplia o “espaço de experiência”. Como nos lembra Koselleck, o progresso “não era apenas uma maneira ideológica de se ver o futuro; ele correspondia a uma nova experiência do cotidiano, que se nutria continuamente de diferentes fontes”.<sup>424</sup>

“A publicação das obras implica sempre uma pluralidade de atores

---

<sup>422</sup> STUDART, Guilherme. *Estrangeiros e o Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1983, p. 10-11.

<sup>423</sup> STUDART, *Do jornalismo católico e sua necessidade nos tempos presentes*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1905, p. 14.

<sup>424</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: para uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 81.

sociais, de lugares e dispositivos, de técnicas e gestos”.<sup>425</sup> Se toda obra está carregada dessa multiplicidade de agentes, o dicionário de Studart não seria diferente, principalmente considerando que o livro foi construído com a colaboração direta de parte dos próprios biografados. A grande maioria dos biografados remeteu dados biográficos ao autor. Dentre esses colaboradores, destacamos o poeta João Lopes (Lopes Filho), que enviou suas notas para figurar no *Dicionário*:

Aplaudo a boa ideia do Dicionário biográfico e biblio. Admiro essa firmeza invencível com que V. trabalha sem descanso, num país em que o trabalho não dá estímulo. Agradeço a gentileza com que V. quer distinguir-me honrando o meu nome e só posso atribuí-la a essa boa e velha amizade nunca abalada que o fez ver com olhos tão generosos o humilde jornalista que tem trabalhado sempre, mas que sem tolice ou modéstia, não tem nome para esse pantheon... Finalmente fico embaraçado, mas como o queres, uma vez se te envio algumas notas.<sup>426</sup>

Na carta de 1899, período inicial do projeto de Studart, Lopes Filho se apresenta como indigno para figurar no dicionário. Sua declarada modéstia, talvez, possa tê-lo levado a escrever breves dados sobre sua vida a Studart, porque sua biografia publicada no dicionário tem somente treze linhas, adicionada ainda de uma transcrição do seu necrológico publicado no jornal *A República* de 20 de julho de 1900. Escrever sobre si é uma tarefa arriscada que pode levar a críticas de autopromoção e exibicionismo, por isso enfadava alguns convidados a executá-la.

Um dos incomodados foi João Capistrano de Abreu. Depois de ser solicitado, diversas vezes, por Studart resolveu escrever: “estava lendo um livro de economia política, quando comecei a distrair-me e a não prestar mais atenção ao que dizia o grande Schmoller. Fechei o livro, e, não sei como, veio-me a ideia de escrever estas notas que lhe remeto”.<sup>427</sup> Capistrano afirma que suas notas foram escritas na distração, mas desejava escrevê-las para corrigir informações divulgadas por outros biógrafos. Contudo, na mesma carta, encontramos dois pedidos feitos a Studart: a escrita de notas sobre Varnhagen e a transcrição de documentos da

---

<sup>425</sup> CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, p. 10.

<sup>426</sup> Carta de João Lopes de 12 de agosto de 1899 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>427</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 18 de agosto de 1901. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 152. [Grifo nosso].

*Coleção Studart*. Capistrano, pelo que parece, enviou suas notas biográficas abrindo um espaço para uma troca de “gentilezas”.

Entretanto, Studart não enviou as notas sobre Varnhagen. Em carta de 5 de junho de 1902, Capistrano reiterou o pedido: “há alguns anos fazia-lhe o pedido que agora repito: mande quaisquer retificações e notas, que serão publicadas com seu nome”.<sup>428</sup> Em outro trecho da carta afirma:

Aproveito a ocasião para agradecer também as linhas que me consagrou na *Revista da Academia Cearense*. O ano passado, pouco mais ou menos por este tempo, remeti-lhe copiosas informações sobre minha pouco interessante vida. Seria capaz de jurar que as remeti registradas pelo correio de Porto Novo do Cunha. Como se extraviaram? Nada se perdeu com isso, porque meu fim principal foi conseguido: não fiquem por minha conta umas traduções idiotas, a ela levadas pelo pouco consciencioso Sacramento Blake.<sup>429</sup>

Antes de Capistrano de Abreu enviar suas notas biográficas, Guilherme Studart já havia publicado a biografia do amigo na *Revista da Academia Cearense* na série de artigos do *Pequeno Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*. Diante do fato consumado, ao biografado só restava reescrever sua trajetória para evitar equívocos dos contemporâneos e de seus futuros biógrafos. As notas de Capistrano foram acrescentadas a sua biografia na publicação do primeiro volume do dicionário em 1910, com um trecho que deve ter soado como uma crítica a Guilherme Studart, tão vaidoso em relação à filiação às instituições: “não quis fazer parte da Academia Brasileira, e é avesso a qualquer sociedade, por já achar demais a humana. Por exceção única pertence ao Instituto, do qual pretende demitir-se em tempo se não morrer repentinamente”.<sup>430</sup> Capistrano era sócio correspondente do Instituto do Ceará e da Academia Cearense, mas omite isso na nota que escreveu a Studart, reconhecendo apenas a filiação ao IHGB. Outra correção na biografia do autor de *Capítulos de História Colonial* escrita por Studart foi a ausência da tradução do romance francês *João Fera*, atribuída a Capistrano por Sacramento Blake, uma prova de que o pedido feito na carta dirigida a Studart foi atendido.

<sup>428</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 5 de junho de 1902. Idem, p. 153.

<sup>429</sup> Idem.

<sup>430</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Guilherme Studart de 18 de agosto de 1901. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 152.

Na carta dirigida a Studart em 5 de junho de 1902, Capistrano critica a sua biografia publicada no livro *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (1883-1902), de autoria do médico Augusto Victorino Alves Sacramento Blake. Capistrano garante não serem de autoria dele as traduções mencionadas por Sacramento Blake. Aqui é necessário abriremos um parêntese para comentar que o livro de Sacramento Blake serviu de modelo para Studart. O *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* tem uma estrutura idêntica ao seu congênere cearense, reunindo bibliografia de autores brasileiros do período colonial até o século XIX, junto com a biografia de cada autor e a indicação das obras produzidas por ele. Além disso, Blake adotou a ordem de entrada dos autores pelo prenome, assim como fez Studart em seu *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*.

O dicionário de Sacramento Blake não só serviu de modelo para Studart, como também foi a partir de um pedido dele que Studart começou um estudo sistemático sobre o tema. Assim como ocorreu com o estudo sobre as superstições que foi solicitado por Edmundo Krug, aconteceu com o trabalho de Sacramento Blake que, em carta do dia 14 de julho de 1893, pediu a Studart para enviar notas sobre autores cearenses que pudessem ser usadas nos seus estudos bibliográficos. Logo foi atendido, pois Studart enviou cartas a Blake com apontamentos biográficos sobre Firmino Cândido de Figueiredo e Francisco Alves Lima.

Alguns anos antes de publicar o primeiro artigo do *Pequeno Dicionário bio-Bibliográfico Cearense* na RAC, Guilherme Studart já havia reunido material para figurar no dicionário de Sacramento Blake, incluindo suas próprias notas, já que Studart também foi um dos escolhidos para figurar na obra. A bibliografia de Studart foi publicada em 1895, no terceiro volume da obra, antecedida da seguinte nota biográfica:

Guilherme Studart - Filho de João William Studart e dona Leonisia de Castro Studart, nasceu na cidade da Fortaleza, capital do Ceará, a 5 de janeiro do 1856, é doutor em medicina pela faculdade da Bahia; vice-cônsul da Inglaterra no estado de seu nascimento desde o falecimento de seu pai que exercia este cargo; médico do hospital da Caridade e da colônia orfanológica Christina; membro da associação médica britânica de Londres; da sociedade bibliográfica de França; da sociedade de geografia de Paris, da do Havre, da de Lisboa e da do Rio de Janeiro; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano; do Instituto Histórico do Ceará; do gabinete aracatyense de leitura, etc. Foi sócio



e um dos vice-presidentes da benemérita sociedade protetora dos escravos, denominada Centro Abolicionista Vinte e Cinco de Dezembro e foi quem iniciou a ideia de constituírem-se associações de senhoras para a propaganda em prol da abolição do elemento escravo. Tem feito várias viagens à Europa.<sup>431</sup>

Analisando a estrutura da obra de Sacramento Blake, percebemos que a própria composição do livro, ou seja, a especificação dos caracteres empregados no trabalho tipográfico, serviu de espelho para a obra de Studart. A forma como foi apresentada as bio-bibliografias dos personagens é idêntica nas duas obras, iniciando com o nome do biografado em negrito, seguido de travessão, da nota biográfica e da disposição em lista da bibliografia, com cada obra marcada com um travessão. Além disso, uma tendência do enciclopedismo se sobressai na produção de Studart e Sacramento Blake: o ideal de mapear, delinear, espacializar e inventariar segmentos do conhecimento, construindo uma ordenação de autores e de obras marcou a produção desses dois intelectuais, a ponto do próprio Blake se reconhecer e se denominar “enciclopedista”, afirmando na introdução do seu dicionário de autores brasileiros que o objetivo da publicação era servir “aos estudiosos a conveniência de acharem num só livro o que, a custo, só poderão encontrar esparso”.<sup>432</sup>

Para atingir seu objetivo, Sacramento Blake solicitou junto às instituições de saber e aos próprios homens de letras da época informações dos escritores brasileiros, mas não obteve pronto acolhimento dos pares. Na introdução do livro, reclamou da recusa de parte dos solicitados em ajudar na composição da obra, questionando inclusive a aparente e declarada modéstia deles em tal atitude: “não será menos modesto publicar uma obra assinando-a, e dando após a assinatura, como fazem muitos, uma enumeração de todas as comissões, às vezes efêmeras, ou empregos que foram exercidos; de todas as associações, às vezes extintas, a que se tem pertencido; de condecorações, às vezes compradas, e de títulos iguais?”.<sup>433</sup>

---

<sup>431</sup> SACRAMENTO BLAKE, Antônio Victorino Alves. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. V. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895, p. 201.

<sup>432</sup> SACRAMENTO BLAKE, Antônio Victorino Alves. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. V. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895, p. VI.

<sup>433</sup> SACRAMENTO BLAKE, Antônio Victorino Alves. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. V. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895, p. VII.

A dificuldade apontada por Blake não foi tão sentida por Guilherme Studart, pois o médico cearense obteve a colaboração de muitos dos biografados e de outros colaboradores responsáveis pela anotação de dados de outros personagens que escreviam e enviavam notas biográficas, como nos informa o Padre Antônio Thomaz em carta endereçada a Studart: “satisfazendo o pedido que me fez, remeto na folha melissa, os meus apontamentos biográficos”.<sup>434</sup> Outro colaborador foi Antônio Philadelpho Pessoa, que encaminhou os apontamentos biográficos da sua família, do tio Joaquim d’Andrade Fortuna Pessoa e do pai Antônio de Andrade Pessoa Lima:

Os apontamentos biográficos do Dr. Fortuna, me foram fornecidos, isto é ditados, pelo próprio biografado, conforme os remeti a V. Ex.<sup>a</sup> com minha carta de 26 de fevereiro último; portanto considere os exatos. Faleceu, no dia 25 de fevereiro já citado, meu sempre lembrado pai Te. Antônio de Andrade Pessoa Lima, filho legítimo do Capitão Gonçalo d’Andrade Pessoa (que bateu heroicamente a força de Francisco Xavier Torres, que em 1840 se levantava contra o Presidente da Província, José de Alencar, então em Sobral), e D. Maria de Azevedo Lima. Nasceu a 1<sup>o</sup> de julho de 1823, casou-se a 29 de junho de 1848 com sua prima D. Philadelphia d’Andrade Fortuna Pessoa, filha legítima do Coronel Thomaz Antonio Pessoa d’Andrade e D. Francisca d’Almeida Fortuna Pessoa. O Te. Antônio d’Andrade Pessoa Lima exerceu os cargos de escrivão das coletorias Federal e Estadual, digo coletoria geral e Provincial e o de agente e escriturário da Estrada de Ferro de Camocim, a partir de 15 de janeiro de 1881 até 1901, quando foi aposentado, na idade de 78 anos, pelos arrendatários da mesma estrada de ferro. Deixou, viva, uma prole de 2 filhos e uma filha casada; 7 netos; 5 netas, 3 bisnetos e 3 bisnetas. Sem outro assunto peço a V. Ex.<sup>a</sup> se digneis a desculpar os borrões motivado pela pressa com que fiz a presente.<sup>435</sup>

Os dados enviados seguem o padrão biográfico apresentado no livro de Studart: nascimento, formação profissional, casamento, prole e morte, o mesmo adotado por Sacramento Blake. Aqueles que enviavam apontamentos de outros personagens tinham, às vezes, certa dificuldade em obter dados, como nos informa Luiz Sombra em carta dirigida a Studart: “o Rubens Monte até hoje não me deu os dados biográficos que me prometeu. Os do Angelim já estou cansando de pedir. Vou mandar os do Comandante Tobias Figueira de Mello”.<sup>436</sup> Mesmo com dificuldade,

<sup>434</sup> Carta de Padre Antônio Thomaz de 22 de janeiro de 1907 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>435</sup> Carta de Antônio Philadelpho Pessoa sem data – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>436</sup> Carta de Luiz Sombra de 10 de dezembro de 1913 – Acervo do Instituto do Ceará.

Sombra continuava enviando dados de biografados para Studart, como atestam outras cartas dirigidas ao amigo. Muitas vezes, os dados enviados pelos colaboradores eram apenas reproduzidos na obra, sem acréscimos ou alterações feitas pelo autor, tornando o dicionário uma obra elaborada por um “singular coletivo”.

Como toda obra biográfica escrita sobre personagens vivos, a publicação do dicionário gerou uma série de conflitos entre aqueles que foram biografados, os que ficaram de fora ou foram esquecidos pelo autor. A disputa pela memória gera muitas tensões entre os envolvidos, como nos adverte Lúcia Lippi de Oliveira:

A constituição da memória, é preciso lembrar; envolve diversas batalhas simbólicas pela apropriação de eventos do passado que devem ser lembrados, assim como a demarcação daqueles que devem ser esquecidos. O mesmo acontece em relação aos homens que devem ser considerados extraordinários e que merecem ser incluídos em uma galeria de heróis que compõem o panteão nacional.<sup>437</sup>

A obra foi criticada por diversos cearenses que denunciaram a omissão de certos nomes, que identificaram erros nos dados apresentados ou que viram no trabalho de Studart uma forma de autopromoção e exibicionismo. Antônio Barros Leal foi um dos biografados que pediram correção:

Em dias do ano passado, estando eu na Biblioteca do Estado, um amigo chamou a minha atenção para os dizeres relativos a minha humilde biografia que se lê no vosso trabalho, nesse gênero, dos homens de letras do vosso Estado. Lendo-a para logo verificar haver ali uma grave falha, mormente tratando-se de quem não me conheça; pois, a citada biografia em vez de dar naturalmente a minha filiação, aliás honrosa, permite-me assim expressar-me, diz: “...Irmão do Dr. João Paulino de Barros Leal, médico residente em Baturité”. É preciso notar que conhecestes bem meu Pai com quem mantivestes boas relações sociais. Espero que a retifiqueis oportunamente no trabalho que a respeito pretendeis apresentar no másculo Certame por ocasião dos festejos do Centenário de nossa emancipação nacional.<sup>438</sup>

---

<sup>437</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e de hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatayh (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003, p. 68.

<sup>438</sup> Carta do José Antônio de Barros Leal de 9 de agosto de 1922– Acervo do Instituto do Ceará.

A retificação não foi realizada, já que Studart não publicou o quarto volume do dicionário no ano do centenário da Independência, como previa. Aliás, o quarto volume nunca foi publicado, embora tenha sido anunciado pelo próprio autor nos *Apontamentos Bio-Bibliográficos*.<sup>439</sup> Ao citar o *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* nos *Apontamentos*, Studart acrescenta uma nota explicativa, na qual afirma que o 4º volume está em vias de impressão e inclui a biografia “[d]aquelas pessoas que não sendo cearenses tem o nome ligado à vida cearense”,<sup>440</sup> contudo tal volume não foi publicado, como já foi dito.

Para Cruz Filho, o problema da obra de Studart estava na síntese com relatos objetivos e pouca análise interpretativa. Ao escrever um estudo sobre a ação do Senador Alencar nas revoluções cearenses, Cruz Filho usou como fonte o dicionário, contudo, escreve para o autor: “lastimo que a biografia que V. Ex<sup>a</sup> dele publicou no seu precioso “Dicionário”, seja tão pouco desenvolvida, por isso que muitas facetas da fisionomia moral do Padre poderiam ficar ali fixadas definitivamente”.<sup>441</sup> Para Cruz Filho, autor de livros didáticos sobre o Ceará, o trabalho de Studart precisava de complemento com um estudo mais analítico, como afirma nas cartas enviadas ao amigo.

Outro crítico da obra foi o articulista do *Jornal do Ceará*, publicado pela empresa tipográfica cearense, que na sessão “Potocas”, de 4 de agosto de 1911, ironizou a publicação do primeiro volume: “qual é a maior bio-bibliografia que vem no livro do Barão de Studart? – Ora, qual havia de ser, senão a dele mesmo”.<sup>442</sup> O corpo da redação era composto por Rodolfo Teófilo, Hermenegildo Firmeza, Godofredo Maciel e outros, mas essa sessão aparecia assinada por Babaquara e companhia. A crítica feita pelo jornal é uma forma de denunciar a escrita personalista e autoreferencial de Studart, cuja “autobiografia” é uma das mais longas da obra, escrita em cerca de dez páginas, três vezes mais do que a média das biografias do dicionário.

---

<sup>439</sup> O livro *Apontamentos Bio-Bibliográficos* é um registro dos dados biográficos e bibliográficos de Studart comentados por ele mesmo num formato de “separata”, tirado à parte e distribuído entre os amigos. Cf. STUDART, Guilherme. *Apontamentos Bio-Bibliográficos. Dr. Guilherme Studart (Barão de Studart)*. Fortaleza: Tipografia Gadelha, 1928.

<sup>440</sup> STUDART, Guilherme. *Apontamentos Bio-Bibliográficos. Dr. Guilherme Studart (Barão de Studart)*. Fortaleza: Tipografia Gadelha, 1928, p. 14.

<sup>441</sup> Carta de Cruz Filho de 28 de janeiro de 1924 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>442</sup> *Jornal do Ceará*, 4 de agosto de 1911, p. 2 – Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

Os três volumes do dicionário possuem um forte cunho memorialístico, com comentários sobre as relações de Studart com os biografados: professores que teve no Ateneu Cearense, parentes, figuras públicas e religiosas, ou mesmo os seus amigos de instituições intelectuais, como os sócios do Instituto do Ceará. Ao biografar o amigo Júlio César da Fonseca, procurou mostrar imparcialidade: “a Júlio César prendem-me laços tão íntimos que por tudo que eu dele dissesse poderia ser acoimado de suspeito; a seu respeito limito-me a transcrever uma silhueta feita em 1883 pelo *Jornalzinho*”.<sup>443</sup>

Com uma escrita memorialística, a própria biografia de Studart tornou-se a mais longa com a descrição de todas as associações das quais participou, a indicação de todos os trabalhos publicados até então, no caso sessenta e dois, e a transcrição dos comentários publicados sobre cada um deles em jornais locais e nacionais, além de comentários pessoais sobre algumas obras. Sua biografia só pode ser comparada em número de páginas com a biografia do romancista José de Alencar e do historiador João Capistrano de Abreu, nas quais também teceu comentários sobre cada um dos trabalhos citados. Todavia, as biografias normalmente são compostas por duas ou três páginas em média, destacando-se uma ou outra com seis ou sete páginas, como a do comandante Francisco Xavier Torres e do ministro Manoel Elisiário de Castro Menezes, por conta da descrição de batalhas. Studart procurava relativizar o tempo finito de sua vida, escrevendo sua própria biografia, publicada também em outros suportes como separatas e folhetos distribuídos gratuitamente, como fez no caso dos *Apontamentos Bio-Bibliográficos*.

Outra crítica feita ao trabalho de Studart foi a ausência de personalidades que nasceram em outras searas, mas viveram e se estabeleceram no Ceará, destacando-se no cenário local. Com a publicação do dicionário, uma questão logo foi levantada: quem poderia representar o Ceará? Os cearenses que nasceram aqui, mas construíram trajetórias de sucesso fora do estado, ou aqueles que nascidos em outros estados ligaram suas trajetórias ao Ceará? Para Guilherme Studart, a origem foi o critério adotado para a inclusão dos nomes no seu dicionário, embora tenha dito nos *Apontamentos Bio-Bibliográficos* que publicaria um 4º volume com figuras de renome local que não nasceram no Ceará.

---

<sup>443</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*. V. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1913, p. 210.

Os homens “extraordinários” que deveriam ser imortalizados na escrita de Guilherme Studart são aqueles que nasceram no Ceará e contribuíram de alguma forma para enaltecê-lo. O estabelecimento desse critério deixa de fora do seu trabalho figuras proeminentes no campo letrado, como João Brígido, nascido no Espírito Santo, e Rodolfo Teófilo, nascido na Bahia. Embora esses dois homens de letras tenham vivido no Ceará, passado a maior parte da vida em solo cearense e construído uma produção literária ligada ao Ceará, não figuraram no dicionário.

A opção foi criticada por Rodolfo Teófilo em carta endereçada a Afonso Costa, datada de 24 de abril de 1923:

Ao Ceará, que amo perdidamente, penso que será indiferente ter-me como filho, tanto que o ilustre historiador Barão de Studart, cidadão inglês, me excluiu de seu dicionário biobibliográfico, alegando ser eu baiano, quando a minha certidão de idade, único documento existente para provar a minha naturalidade, nada diz do lugar em que nasci. (...) Estou identificado com esta terra mártir. A ela dei toda a minha mocidade, os melhores dias da minha vida e continuo a dar os dias cansados de minha velhice. Conteí as suas glórias e chorei as suas desventuras... Nos meus livros reflete-se o desmedido amor que lhe voto. Todos falam nela. Quanto mais infeliz mais a amo. Eu podia mentir-lhe optando pela Bahia, o berço adorado de minha mãe, terra opulenta e abandonar o Ceará que é paupérrimo. O meu caso é o do filho que foi separado de sua mãe ao nascer e criado por outra mulher. Adulto, soube que sua verdadeira mãe era opulenta e o chamava. Preferiu ficar com a sua mãe de criação, paupérrima e infeliz. Como arrancar as profundas raízes do amor à terra que o criou? (...) Nasci baiano por acidente; mas de coração sou todo cearense, como nenhum será mais do que eu.<sup>444</sup>

Havia também uma disputa por aqueles que nasceram no Ceará, mas eram aclamados como filhos de outras searas, como foi o caso de Heráclito Graça, que Cândido de Figueiredo afirmou ser maranhense; ou Franklin Távora, que Valentim Magalhães supôs ser piauiense; ou ainda Moura Brasil, que era apontado como potiguar. Todos eles tiveram sua origem reestabelecida por Studart, que buscou comprovar: eles nasceram no Ceará e deveriam ser glorificados pelo seu estado natal.

A naturalidade do afamado médico oftalmologista e símbolo da caridade

---

<sup>444</sup> Carta de Rodolfo Teófilo *apud* SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo, varão benemérito da pátria*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Maracanaú, 1997, p. 20-23.

Moura Brasil era disputada pelo Ceará e o Rio Grande do Norte, cuja querela foi resolvida pelo próprio Moura Brasil, que em carta de 15 de julho de 1901, dirigida a Paulino Nogueira, contou a história do seu nascimento para comprovar sua naturalidade. Segundo Moura Brasil, o pai dele residia no Rio Grande do Norte, e, em visita aos avós do médico para as festas do Natal no lugarejo chamado Caixa-só, hoje Vila de Iracema, sua mãe, que estava grávida, ficou na companhia dos sogros. Por isso, concluiu o médico: “tive a fortuna de respirar o puro ar cearense naquela pequena localidade, onde tantas vezes expandiu-se desatenta a minha infância”.<sup>445</sup> Resolvida essa origem, outras seriam questionadas, como comenta Luiz Sombra em carta a Guilherme Studart de 10 de dezembro de 1913:

O Dr. José Geraldo não é cearense; nasceu em Sergipe. Eu me não lembrava mais que já estava provado que o Camarão não era cearense; e a minha interpelação a esse respeito foi devido a leitura de uma biografia da D. Clara, na Revista da E. Maia, dizendo que ela nascera em Viçosa, conforme já lera também num livro “Curiosidades Brasileiras”, aqui publicado em 1857.<sup>446</sup>

Os questionamentos levavam a algumas retificações feitas por Studart em apêndices destinados a esse fim, no final de cada um dos três volumes da obra. O dicionário de Studart era uma “árvore do conhecimento”, onde era possível podar, enxertar, extirpar e crescer cada vez mais, pois cada novo volume que era publicado recebia acréscimos, correções e alterações, principalmente na sua própria biografia, que era acrescida dos recentes trabalhos publicados por ele, demonstrando uma vez mais sua ânsia em deixar sua produção registrada.

Os escritores do oitocentos buscavam exemplos de vida para lições de patriotismo. Na década de 1860, Tristão de Alencar Araripe e José de Alencar defendiam a cearensidade do índio Antônio Camarão, já que “era uma questão de honra acreditar que o Ceará fora o berço de Camarão, índio que, conforme se imaginava, tornou-se homem civilizado e, além disso, ajudou a expulsar os holandeses do Brasil”.<sup>447</sup>

---

<sup>445</sup> BRASIL, Moura. *apud* STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*. V. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1913, p. 86-87.

<sup>446</sup> Carta de Luiz Sombra de 10 de dezembro de 1913 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>447</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O fato e a fábula: o Ceará na escrita da história*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 19.

Os “exemplos de brasilidade” poderiam estimular também o “povo”, através de orientações e lições cívicas do passado. Para isso, era preciso apresentar narrativas que legitimassem os “heróis cearenses”, com destaque especial para aqueles participantes dos movimentos republicanos e abolicionistas, pois Studart acreditava que “um país, que vive do passado, despede de si a inércia moral, que o vai invadindo fibra a fibra”.<sup>448</sup> Diante dessa crença, escreveu a biografia daqueles que participaram da Guerra do Paraguai e dos movimentos emancipacionistas, como a Revoluções de 1817 e 1824, além de organizar pessoalmente festas cívicas para fixar esses eventos no calendário local, como veremos no próximo tópico.

Studart ressaltava a participação dos cearenses em “campanhas patrióticas” e na divulgação de ideias de liberdade. No caso da Guerra do Paraguai, destaca o heroísmo de alguns personagens, dentre eles o General Sampaio, considerado um herói de guerra, por ter morrido em combate. Segundo o Barão de Studart, a vida do General Sampaio “é uma série ininterrupta de lutas, combates e serviços de campanha desde que sentou praça a 17 de junho de 1830 até cair com três ferimentos mortais no campo de honra, glorificando a pátria com seus companheiros da brava e heróica 3ª divisão”.<sup>449</sup>

Em trechos biográficos de voluntários da pátria, como Francisco Pedro dos Santos, descreve as batalhas. Outras vezes, procura valorizar a atuação dos cearenses, mesmo antes da Guerra do Paraguai, como foi o caso da jovem Jovita Alves Feitosa, que se alistou como “voluntário da pátria” quando tinha 18 anos, mas não chegou a lutar. Mesmo assim, sua atitude é glorificada como exemplo. Muitos outros militares são biografados, como Emiliano Ernesto de Mello Tamborim, exaltado pela sua atuação na batalha de Riachuelo, Gentil da Rocha Moreira, morto em combate; e o tenente-coronel Israel Bezerra de Menezes, 1º cearense a apresentar-se como voluntário da pátria.

Também elogia os militares que participaram de outros eventos, como as expedições contra a rebelião de Pinto Madeira em 1832, exultando figuras do porte de Ivo Francisco Linhares e Francisco Xavier Torres, cuja longa biografia é assim

---

<sup>448</sup> STUDART, Guilherme. *Palavras proferidas na Festa do Centenário de Camões*. Fortaleza: Tipografia do Cearense, 1880, p. 3.

<sup>449</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. 80.



finalizada: “tal foi, em traços largos a vida desse cearense de grandes serviços militares ao país e que se fez também saliente pela parte ativa que tomou nas lutas partidárias da antiga província”.<sup>450</sup> Ao biografar o próprio Pinto Madeira, o autor ressaltou mais os documentos presentes em seu arquivo privado relativos à Revolta de Pinto Madeira do que, propriamente, a figura do monarquista.

Mesmo quando o personagem era um pouco obscuro, como o Capitão Tamborim, Studart destacava a bravura dos cearenses ao lutar contra rebeldes dentro da própria pátria, como no caso das campanhas militares contra o Piauí e o Maranhão em 1840, chefiadas por Tamborim; ou dos militares que participaram da Revolução Farroupilha, como José da Silva Guimarães; ou em conflitos como a “Questão do Acre”, que contou com a participação do cearense José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti.

Quando tratou da biografia de Antônio Conselheiro, Studart elogiou o romance *Os Sertões* de Euclides da Cunha e condenou a ação do Conselheiro e seus adeptos por lutar contra o governo “republicano”, afirmando que não iria detalhar a batalha porque “não convém registrar a bem dos nossos foros de nação civilizada e cristã” tal fato.<sup>451</sup> Preferia destacar a participação dos militares na campanha contra Canudos, exaltando as atuações em campo de vários deles, como o tenente Francisco Normino de Sousa ou de médicos que trabalharam nos hospitais improvisados na época do conflito.

Algumas pessoas são destacadas, sem delongas, pelo seu patriotismo, como foi o caso do farmacêutico João Furtado da Rocha Frota, lembrado por ser um “grande patriota”, ou Carolino Bolívar de Araripe Sucupira, chamado de “patriota cearense” devido a sua coragem no campo de batalha da Guerra do Paraguai; ou ainda o engenheiro João Thomé de Saboya e Silva, cuja “administração patriótica” junto à Estrada de Ferro foi útil aos seus concidadãos. Em contrapartida, condena o despreço dos patrícios pela sua terra, principalmente com a migração para outras regiões e o abandono na terra natal.

Outros cearenses também eram exaltados pelos seus atos patrióticos, como o poeta Álvaro Dias Martins: “alma enamorada das belezas da terra do berço”.

---

<sup>450</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. 332.

<sup>451</sup> Idem, p. 141.

Ou o compositor Alberto Nepomuceno, cujas criações eram “vibrantes de sentimentos genuinamente nossos”, traduzindo “os feitos gloriosos dos nossos vultos históricos, as grandezas naturais da pátria querida, a alma nacional”.<sup>452</sup> O dicionário tinha, portanto, um caráter moral, era orientado por uma pedagogia histórica que formaria cidadãos para o futuro.

O *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* foi concebido para servir para a “imitação [de] exemplos de honradez e civismo”<sup>453</sup> composto por “fatos dignos de registros”,<sup>454</sup> recheado de comentários pessoais sobre si e sobre os biografados.<sup>455</sup> Para Guilherme Studart, publicar o *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* era um forma de materializar a “memória duradora da existência”,<sup>456</sup> construindo um instrumento escolar de civismo, de ensinamentos patrióticos, de educação, de ordem e de fraternidade, que levariam seus leitores a imitar o passado e mudar o futuro. Essa visão de Studart mostra a distância que existe entre a experiência anterior e a expectativa do que há por vir, pois “cresce a diferença entre passado e futuro, de modo que a época em que se vive é experimentada como um tempo de ruptura e transição, em que continuamente aparecem coisas novas e inesperadas”.<sup>457</sup>

A sensação de aceleração do tempo, momento de transição, é causada pela pressão do futuro no presente, pela disseminação da crença no progresso que gerou um novo “horizonte de expectativa”, onde o *topos* da história mestra da vida passou a ser questionado, embora ainda fosse praticado por alguns intelectuais como Guilherme Studart e Sacramento Blake.<sup>458</sup> O dicionário cearense segue o *topos* da história como mestra da vida, principalmente no caráter modelar dos personagens e dos acontecimentos, mas sua crença no progresso relativiza essa

<sup>452</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. 21.

<sup>453</sup> Idem, p. II.

<sup>454</sup> Idem, p. 47.

<sup>455</sup> Carta de Antônio Bezerra de 14 de março de 1912 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>456</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. 151.

<sup>457</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: para uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 294.

<sup>458</sup> Sobre a história *Magistra Vitae* no século XIX no Brasil cf. ARAÚJO, Valdei Lopes. Sobre a permanência da expressão *magistra vitae* no século XIX brasileiro. In: NICOLAZZI, Fernando; MELLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdei Lopes de. *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 131-147.

visão ao inserir um novo elemento: a possibilidade da transformação, ou seja, a crença de que o futuro seria melhor que o passado.

### 3.4 COMEMORAR O CEARÁ

“E não obstante é preciso que o Ceará continue a manter lá por fora o nome de que goza”.<sup>459</sup> Assim escreveu Guilherme Studart ao amigo Capistrano de Abreu acerca da publicação da *Revista do Instituto do Ceará*, indicando a sua inquietação quanto à difusão da história do Ceará no Brasil e no exterior.

No intuito de marcar no tempo os principais fatos históricos do Ceará, Guilherme Studart empreendeu não apenas a difusão de obras, mas também a promoção de diversas festas para estabelecer marcos cívicos comemorativos da história oficial cearense. Segundo Catroga, essas comemorações cívicas são compostas por mitos de origem (ou de refundação), símbolos, heróis (individuais e coletivos) e ritos.<sup>460</sup>

Studart presidiu a comissão, criada pelo governo estadual, para organizar as comemorações do Tricentenário do Ceará em 1903. A comissão foi composta também por Paulino Nogueira, Júlio César da Fonseca e Antônio Bezerra de Menezes, todos membros do Instituto do Ceará.

Um dos símbolos “inventados” foi o *Hino do Ceará*, cujos versos foram assinados por Tomás Lopes e a música composta por Alberto Nepomuceno. O idealizador da festa, Barão de Studart, foi quem solicitou a elaboração do hino. Numa carta, o compositor e maestro Alberto Nepomuceno saúda o médico como a “alma mater da comemoração”.<sup>461</sup> Em artigo publicado no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, o Barão de Studart volta a ser chamado de “alma”:

A estas horas deve ainda regurgitar de alegria o Exmo. Sr. Barão de Studart, iniciador, promotor e alma dessa soberba comemoração que valeu pela mais fecunda lição de patriotismo que um povo, alquebrado pela política desregrada e torturante, calcinado por

---

<sup>459</sup> Carta de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu de 20 de outubro de 1904. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 415.

<sup>460</sup> CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo* (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005, p. 7.

<sup>461</sup> Carta de Alberto Nepomuceno de 17 de agosto de 1903 – Acervo do Instituto do Ceará.

constantes calamidades físicas, poderia dar e deu. Ao erudito historiador e grande patriota a admiração do Ceará agradecido.<sup>462</sup>

Como promotor e organizador de diversas festas cívicas cearenses, como o Tricentenário do Ceará (1903); o Centenário da Revolução de 1817 (1917); o Centenário da Confederação do Equador (1924); o Centenário do Jornalismo Cearense (1924, o Barão de Studart guardou em seu arquivo pessoal cartas, recortes de jornais, fotografias, convites, partituras e alguns registros escritos desses eventos.

“Fazer história da pátria era antes de tudo um exercício de exaltação. Essa lógica comemorativa se efetivou com a produção de monumentos, medalhas, hinos, lemas, símbolos e uniformes”.<sup>463</sup> Esses ritos comemorativos desempenham funções instituintes de sociabilidades intelectuais, como no caso dos centenários organizados pelo Barão de Studart.

As festas cívicas eram lições vivas de memorização e formas ritualísticas de evocar o passado nacional. A onda comemoracionista do período, fim do século XIX e início do XX, mobilizava vários países, como a França, Estados Unidos, Portugal e Brasil. Esses festejos “apelavam explicitamente à mediação da memória, chamando-a a desempenhar a mesma função pedagógica que era atribuída a toda a literatura histórica”.<sup>464</sup>

A festa de maior repercussão, como podemos concluir a partir da correspondência pessoal do Barão de Studart, foi a do Tricentenário do Ceará, realizada em 31 de julho de 1903. No terceiro volume do livro *Datas e Factos para a História do Ceará*,<sup>465</sup> Guilherme Studart descreveu o programa das festividades em Fortaleza, revelando os detalhes do evento com os horários, participantes, repercussão, etc. A comemoração cearense estava longe da dimensão pública alcançada pelas cerimônias nacionais, organizadas pelo governo federal no Rio de Janeiro, que envolviam desfiles e a participação de um público mais amplo. No

---

<sup>462</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 2. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 164.

<sup>463</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 104.

<sup>464</sup> CATROGA, Fernando. Ritualizações da história. In: \_\_\_\_\_; TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Amado. *História da história em Portugal, séculos XIX e XX*. V. 2. Lisboa: Temas & Debates, 1998, p. 224.

<sup>465</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 2. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 160

Ceará, as festas se restringiram ao pequeno círculo de intelectuais e políticos.

No jornal *A República*, o jornalista Graccho Cardoso comentou a programação e teceu elogios ao principal entusiasta da festa:

Mas a nenhuma outra pessoa com mais justiça cabe a glória desta comemoração do que ao ilustre Sr. Barão de Studart. O valoroso trabalhador e o paciente investigador da nossa história foi quem sugeriu a ideia de sagrar-se a data três vezes secular da primeira vinda dos portugueses ao Ceará. À sua iniciativa, organizou-se a Comissão Central, concebeu-se nas grandes linhas o extraordinário programa dos festejos, tomaram vigoroso impulso todos os elementos que colaboraram nessa quase apoteose à tradição histórica e ao desenvolvimento pátrio. Nenhum outro, pois, mais próprio a receber a homenagem de gratidão e afeto, que aqui deixamos como a expressão viva do nosso pensar.<sup>466</sup>

Contudo, antes de entrarmos nessa “apoteose à tradição histórica”, é preciso retornar ao ano de 1902, quando a data do Tricentenário Cearense ainda não estava definida. Havia dúvidas a respeito do dia exato da chegada de Pero Coelho de Souza ao território do Ceará. Em carta ao Barão de Studart de 19 de julho de 1902, Capistrano de Abreu dá o seu parecer depois de ter sido interpelado pelo amigo cearense:

Não vejo motivo para suas dúvidas quanto a Pero Coelho. A fonte única é Fr. Vicente do Salvador. Desde que não dispõe de outro documento, o que Varnhagen e outros dizem dispensa consideração. Em seu caso, na falta do documento preciso, escolheria para data do centenário o dia 15 de agosto. Neste mês Pero Coelho já pisava com certeza em solo cearense, e a festa da Assunção ligaria a primeira à segunda expedição de Martim Soares.<sup>467</sup>

Embora esse conselho de Capistrano pareça plausível, a data escolhida foi 31 de julho. Fundamentado a partir de Bernardo Pereira de Berredo e Castro, autor dos *Annaes Históricos do Estado do Maranhão*, que afirma que Pero Coelho de Souza pôs-se em marcha para o Ceará em junho de 1603, chegando ao fim de julho em solo cearense, o Barão de Studart escolheu exatamente o último dia do

---

<sup>466</sup> Texto do jornal reproduzido na RIC. Cf. CARDOSO, Graccho. O Tricentenário da vinda dos portugueses ao Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1903, p. 241.

<sup>467</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart de 19 de julho de 1902. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 157.

mês para celebrar a festa. Este dia foi então decretado feriado municipal pelo intendente.

Decidida a data, fez-se então necessário organizar a festa e justificá-la, construindo narrativas, símbolos e tradições que legitimassem o evento junto à população da cidade e ao campo intelectual brasileiro. E como nos lembra Mona Ozouf, nesses eventos “sente-se que importa menos a essas festas renovar uma emoção do que fixar uma narrativa”.<sup>468</sup>

Com a finalidade de produzir narrativas sobre a festa, o historiador Guilherme Studart se empenhou, através das instituições das quais participava, como o Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras, para organizar volumes comemorativos. Em carta de 20 de outubro de 1904, um ano após as festividades, admite ao amigo Capistrano que empreendeu todas as suas forças no evento, e afirma que “ninguém calcula como me deixou prostrado o ano do tricentenário”.<sup>469</sup>

Na organização da festa, percebemos a atuação de Studart junto às agremiações científicas e literárias, presidindo a comissão organizadora da festa, convocando reuniões para empreender atividades dirigidas à execução do evento e enviando correspondências solicitando colaborações de diversos intelectuais espalhados pelo país para os volumes que seriam produzidos sobre o evento.

Guilherme Studart ficou responsável até pela distribuição dos convites do concerto e do baile. Em sua correspondência, encontramos referências do desempenho dessa função, como na carta de 27 de junho de 1903 escrita por Bacharios Vieira, solicitando três convites para o baile do Tricentenário no Club Iracema, para Evaristo P., Martiniano Barreto e J. Mac-Donell.<sup>470</sup> O historiador e jornalista João Brígido também escreve a Studart solicitando um convite da festa para F. de Oliveira.<sup>471</sup>

Além da festa, a comissão articulou o intercâmbio e a participação de vários intelectuais para a produção de um empreendimento editorial. A publicação foi

---

<sup>468</sup> OZOUF, Mona. A festa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, p. 219.

<sup>469</sup> Carta de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu de 20 de outubro de 1904. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 414.

<sup>470</sup> Carta de Bacharios Vieira de 27 de junho de 1903 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>471</sup> Carta de João Brígido de 30 de junho de 1903 – Acervo do Instituto do Ceará.

a obra monumental *Comemorando o Tricentenário da vinda dos portugueses ao Ceará (1603-1903)*, considerado o livro do Tricentenário. Foi distribuído para o público que assistiu à programação e enviado a diversas instituições e intelectuais do país. Trazia dezesseis artigos, sendo dois da lavra de Studart e duas transcrições de documentos relativos ao período colonial, além da colaboração de diversos escritores, dentre eles o Barão Homem de Melo, Alfredo de Carvalho, Rodolfo Teófilo, João Brígido e o Barão de Studart.

Em carta de 30 de janeiro de 1903, Belizário Távora escreveu para Guilherme Studart articulando os contatos:

Já falei com o Araripe Jr. e por intermédio deste ao velho para que produzam trabalhos no sentido da sua patriótica ordem. Ambos prometeram escritos para o tricentenário. Eu é que não sei como poder escapar acreditado da tarefa honrosa que V. também me quis dar. Sei lá o que escrever! Vivo noite e dia acorrentado à vida de Polícia, sem tempo e meio para pensar senão na manutenção da ordem pública e particular!<sup>472</sup>

O pedido de artigo dirigido a Belizário Távora não foi atendido, mas outros escritores resolveram colaborar no livro e no tomo XIV da *Revista do Instituto do Ceará* dedicado ao fato histórico comemorado. Dentre eles, destacamos: Jeronymo Thomé, Joaquim José Vieira, D. Xisto Albano, Zacharias Gondim, Rodrigues de Carvalho, Álvaro Martins, Virgílio Barbosa, Álvaro de Alencar, Pedro de Queiroz, além da publicação dos discursos proferidos no dia da festa feitos por Godofredo Maciel, Paulino Nogueira Borges da Fonseca e Thomaz Pompeu de Souza Brasil, reproduzidos na mencionada revista.

Um ano antes da festa, Capistrano de Abreu escreveu: “como pretende celebrar o centenário do Ceará, e quando? Evidentemente estou às suas ordens para tudo quanto mandar. Nunca me ocupei, porém, especialmente, com a história do nosso torrão, e creio que de meu rochedo não sairá mel”.<sup>473</sup>

Capistrano não publicou nenhum artigo no livro organizado por Studart, mas quando recebeu os volumes, agradeceu.<sup>474</sup> Em outra carta de 28 de outubro de

---

<sup>472</sup> Carta de Belizário Távora de 30 de Janeiro de 1903 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>473</sup> Carta de Capistrano de Abreu de junho de 1902. In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 155.

<sup>474</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 19 de setembro de 1903. In: Idem, p. 160.



1903, Capistrano acusa o recebimento de outros trabalhos sobre a festa: “só ontem recebi sua carta de 1 de outubro, acompanhada de folhetos do Tricentenário”.<sup>475</sup>

Como não escreveu um artigo sobre o Ceará, Capistrano resolveu escrever uma crítica sobre os trabalhos que o Barão de Studart publicou na *Revista do Instituto do Ceará* de 1903 e no livro do Tricentenário:

Começam a chegar trabalhos comemorativos do tricentenário do Ceará. Do Barão de Studart, o erudito e incansável investigador, já recebemos dois, um relativo a Martim Soares Moreno, outro aos jesuítas Francisco Pinto e Luiz Figueira. Aquele conta com poucas irrupções, trinta anos quase de história cearense; este narra o triste fadário dos primeiros evangelizadores daquelas regiões. (...) Na publicação e elaboração do material reunido tem consumido mais de vinte anos, e prossegue ainda com o ardor dos primeiros encantamentos. Leva a correção das provas a um apuro verdadeiramente raro. Para ser o ideal editor de papéis velhos falta pouco. Falta declarar sempre o paradeiro dos seus documentos. (...) De um recesso no Limburgo Holandês acaba finalmente de ressuscitar o mais antigo documento existente sobre a história do Ceará, – a informação de Luiz Figueira datada de 26 de março de 608. Como costuma, o barão de Studart precedeu a publicação deste documento de longo e suculto estudo, discutindo com sua competência e profundidade conhecidas questões próximas ou remotamente anexas ao objeto principal.<sup>476</sup>

Além dos artigos e documentos publicados pelo Barão de Studart, a *Revista do Instituto do Ceará* de 1903 apresentou ao público 26 artigos sobre o fato comemorado, dentre eles: *Será discutível a prioridade dos portugueses no descobrimento da América?*, de Carlos Teschauer S. J.; *O Tricentenário retirado d’A República*, de Graccho Cardoso; *O General Pedro Labatut*, de João Brígido; e a letra do Hino do Ceará de Thomaz Lopes, escrita para a festividade daquele ano.

As publicações de obras monumentais sobre datas cívicas eram uma prática reconhecida no campo intelectual da época. Em carta de João Felipe Monteiro a Studart, percebemos essa prática:

Recebi e agradeço penhorado a delicada lembrança de V. Ex.<sup>a</sup>, me enviando um exemplar do “Tricentenário do Ceará”. Realmente não conheço modo melhor de comemorar datas célebres do que esse, – o livro é um monumento que fala e ensina. A *Ilíada* e a *Odisséia*

<sup>475</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 28 de outubro de 1903. In: Idem, p. 161.

<sup>476</sup> ABREU, João Capistrano de. Tricentenário do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1904, p. 57-66.

dizem mais às gerações presentes, do que os grandes monumentos da Grécia.<sup>477</sup>

Ensinar às gerações presentes, “ajuntar documentos para o futuro historiador” e biografar os grandes homens são ações propagadas por Guilherme Studart.<sup>478</sup> Nesse sentido, a preocupação de Studart em suas obras passa a ser o futuro. Personagens do passado são analisados e julgados no presente, pelo presente e para o presente, mas a postura adotada por eles servirá de espelho para as novas gerações, como ele afirma ao biografar as “personalidades” cearenses que “aponto para a imitação exemplos de honradez e civismo”.<sup>479</sup>

A crença na capacidade que o passado glorioso teria para acelerar o progresso e construir a cidadania fez com que a comissão organizadora instaurasse uma nova festividade no calendário cearense com intenções educativas e cívicas. Lendo as publicações distribuídas no Tricentenário, percebemos que as narrativas apresentam a construção e legitimação dos “heróis cearenses”, com destaque especial ao conquistador português Martim Soares Moreno.

A escolha fazia parte de uma polêmica que envolvia uma questão central: quando o Ceará começou e quem são os seus fundadores? Muitos autores se envolveram e continuam a defender sua própria perspectiva. Segundo Régis Lopes, dois autores se destacaram no debate na década de 1860: José de Alencar com o romance *Iracema* e Tristão de Alencar Araripe com a *História da província do Ceará*, que defende que o marco zero estava na figura de Martim Soares Moreno, sem dar muito crédito à participação de Pero Coelho na empresa colonizadora. Outros autores continuaram na arena, como Cruz Filho, Raimundo Girão e João Brígido, que escreveu sobre o pioneirismo de Pero Coelho de Souza. Para Régis Lopes, “Pero Coelho e Soares Moreno passaram a sintetizar as dificuldades da colonização e se tornaram heróis cearenses, apesar da origem lusitana. Não em um caminho linear, pois ficaram oscilando entre o perdão e a condenação”.<sup>480</sup>

Analisando a construção do herói no imaginário brasileiro, Lúcia Lippi

---

<sup>477</sup> Carta de João Felipe Monteiro de 6 de dezembro de 1903 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>478</sup> STUDART, Guilherme. Duas Palavras. In: *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 1. Ed. Facsim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, s/p.

<sup>479</sup> STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. II.

<sup>480</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O fato e a fábula: o Ceará na escrita da história*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 48.

Oliveira nos lembra que o processo de construção da memória nacional envolveu diversas batalhas simbólicas, com a apropriação de determinados eventos do passado e a demarcação daqueles que deveriam ser esquecidos. Para a autora, “o mesmo acontece em relação aos homens que devem ser considerados extraordinários e que merecem ser incluídos em uma galeria de heróis que compõem o panteão Nacional”.<sup>481</sup>

No panteão cearense, a figura que se consolidou como o colonizador do Ceará foi Martim Soares Moreno, considerado pelo Barão de Studart o “fundador do Ceará”. Embora Pero Coelho seja apresentado pelos autores como o pioneiro, Studart faz parte do grupo dos intelectuais que apresentam Soares Moreno como “verdadeiro herói”, como afirma em seu artigo publicado na *Revista do Instituto do Ceará* no ano do tricentenário:

Martim Soares Moreno é o vulto culminante da primitiva história do Ceará; tudo que lhe diz respeito reveste-se de capital interesse, porque, mais afortunado que Pero Coelho e os missionários Pinto e Figueira, é ele o fundador do Ceará, e por longos anos o nascente estabelecimento viveu e prosperou debaixo de sua direção inteligente e vigorosa. (...) Tudo empresta a Martim Soares Moreno as proporções da principal figura entre os nossos colonizadores da primeira leva”.<sup>482</sup>

Escolhido o “herói”, o evento histórico a ser recordado passava por uma disputa em torno na figura de Pero Coelho, já que a data de 1903 era uma data que envolvia as ações de Pero Coelho e não de Martim Soares Moreno. Mas era necessário preparar cuidadosamente o programa da festa para despertar sentimentos patrióticos nos contemporâneos do evento do tricentenário. Pelos jornais e relatos da época, podemos conhecer como a comemoração foi executada e quais as suas repercussões. O programa iniciou-se por uma alvorada com bandas marciais e uma missa matinal na Catedral de Fortaleza, seguida de uma sessão cívica no Paço Estadual com recepção no Palácio da Presidência do Estado, além da queima de fogos de artifício, concerto vocal e baile no *Club Iracema*. Esses três

---

<sup>481</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e de hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003, p. 68.

<sup>482</sup> STUDART, Guilherme. Martim Soares Moreno o fundador do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1903b, 177-178.

eventos representam bem o caráter oficial da festa, visto a participação da Igreja, do Estado e da elite cearense. O jornalista Graccho Cardoso destaca no jornal d'*A República* que

Os festejos organizados em comemoração à data mais tradicional de nossa história tiveram consagração de uma extraordinária solenidade ainda não atingida. (...) Não há ideia de um tão numeroso concurso e de uma tão brilhante homenagem de adesão e afeto a uma festa intelectual.<sup>483</sup>

Destaca-se aqui o caráter da festa apresentada pelo redator do jornal como uma “festa intelectual”, que procurava “reviver por sua conta uma história remanipulada, reajustada, reprimida”.<sup>484</sup> A festa trata a chegada dos portugueses ao solo cearense como o marco de origem desse território, desconsiderando, em certo sentido, a presença indígena na terra alencariana. Dessa forma, manipula as narrativas para evocação de um passado.

O projeto dos organizadores da festa também deixa transparecer, a partir da programação, as ligações entre a Igreja, Estado e os intelectuais na execução desse evento. Para Catroga, “os ritualismos cívicos, promovidos pelo novo poder [a república], não implicavam qualquer separabilidade entre Igreja e Estado. Ao contrário, este tutelava a Igreja, funcionalizando o clero e impondo o catolicismo como religião oficial”.<sup>485</sup> Para reforçar essa ligação, os intelectuais atuavam junto com a Igreja e o Estado. Os detalhes da atuação de Studart são descritos no jornal *A República*:

Após a sessão cívica cuja extraordinária magnitude causou mais viva sensação, houve recepção às 3 horas, no palácio do governo, com a presença de inúmeras pessoas gradas. Ao *Champagne*, o Sr. Barão de Studart, distinto historiógrafo cearense, que foi o feliz iniciador das festas do Tricentenário, saudou o Sr. Dr. Pedro Borges, emérito presidente do Estado, agradecendo em nome da Comissão Central o preciosismo concurso que esta encontrou na ação governamental para maior realce da comemoração. (...) O Consulado Português abriu também as suas portas ao compacto concurso de pessoas que

---

<sup>483</sup> CARDOSO, Graccho. O Tricentenário da vinda dos portugueses ao Ceará. In: *Comemorando o Tricentenário da vinda dos portugueses ao Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1903a, p. 229-233.

<sup>484</sup> OZOUF, Mona. A festa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, p. 230.

<sup>485</sup> CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo* (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005, p. 143.

foram cumprimentar ao representante de S. M. o Rei de Portugal neste Estado. Ao circularem as taças de *champagne* o Sr. Barão de Studart saudou o pendão das quinas e o Rei de Portugal na pessoa do seu cônsul no Ceará. Agradecendo, bebeu à prosperidade do Estado fazendo salientar os esforços da egrégia Comissão Central e principalmente do Sr. Barão de Studart, em frases de eloqüente entusiasmo, o Sr. Joaquim Simões.<sup>486</sup>

Exaltar a nação portuguesa e os feitos dos colonizadores portugueses era uma forma de integrar o Brasil e o Ceará no processo civilizatório. Em 1880, o Gabinete Cearense de Leitura organizou a comemoração do tricentenário de Camões no Ceará, evento que teve a participação de Guilherme Studart na elaboração do discurso oficial da festa, publicado no mesmo ano.<sup>487</sup> Essa festa marcava a tentativa dos intelectuais cearenses de se filiarem a uma tradição portuguesa, cultuando o vulto de Camões, o poeta símbolo daquela nação. Outras cidades também organizaram comemorações. No Rio de Janeiro, o tricentenário de Camões foi comemorado com desfiles, discursos e bailes.<sup>488</sup>

Em Portugal, as comemorações camonianas datam desde 1880 e foram seguidas ainda de outras comemorações nacionais como as festas henriquinas (1894), o Centenário da Índia (1897-1898), o Centenário de Ceuta (1915), a Festa da Pátria (1918), o Centenário de nascimento de Vasco da Gama (1924), a Festa da Refundação de Portugal (1926), entre outras. Para Lúcia Lippi, “cada momento presente e cada crise ou mudança na sociedade permitem que se construa uma nova tradição, definindo que eventos e pessoas devem ser lembrados e quais devem passar ao esquecimento”.<sup>489</sup>

Assim, para os intelectuais brasileiros, era preciso trazer à memória a filiação portuguesa. Com esse intuito organizaram-se as festas em torno do Quarto Centenário do Descobrimento em 1900, que trouxe à tona várias discussões em

---

<sup>486</sup> Artigo reproduzido por STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 2. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 235-236.

<sup>487</sup> STUDART, Guilherme. *Palavras proferidas na Festa do Centenário de Camões*. Fortaleza: Tipografia do Cearense, 1880, p. 4.

<sup>488</sup> Sobre a comemoração do Tricentenário de Camões no Rio de Janeiro Cf. VENÂNCIO, Giselle Martins; NAIME, Khalil Andreozzi. “Das naus as velas côncavas inchando”: navegar em comemoração ao Tricentenário da morte de Camões no Rio de Janeiro (1880). In: RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e (orgs.). *Cultura e Memória: os usos do passado na escrita da História*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 25-36.

<sup>489</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda Guardar. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, V. 2, Nº. 4, 1989, p. 173.

torno da construção da identidade nacional. Era preciso criar legitimidade para a nova nação republicana e estabelecer uma tradição com o passado colonial. Era essencial lembrar, documentar, comemorar e festejar a nação. Para isso, surgem diversas reflexões sobre o passado do país no intuito de projetar expectativas para o futuro.

Três anos depois, os cearenses também celebram a vinda dos primeiros portugueses ao solo cearense, o que gerou repercussão, inclusive em Portugal, com a publicação da correspondência de Estevão G. Rubim relatando o evento no periódico *Portugal Moderno*:

Conforme prometemos no número passado do *Portugal Moderno*, publicamos abaixo a correspondência acerca das imponentes festas que em Fortaleza, capital do Ceará, se realizaram em comemoração à chegada ali dos Portugueses, os primeiros homens civilizados que aportaram, à custa de milhares de sacrifícios e infortúnios, a encantadora terra do sol, a pátria deslumbrante da apaixonada Iracema. O tricentenário do Ceará foi uma homenagem a Portugal e aos Portugueses e cabe-nos, a nós que representamos a opinião e o pensar da colônia portuguesa, o agradecemos aqui, com toda a sinceridade, o carinho com que os nossos patrícios têm sido tratados neste grande país e as provas de estima que eles e a nossa pátria acabam de receber pelas mãos dos cearenses. (...) Comemorando a grandiosa data foi considerado feriado o dia 31 de julho de 1903 em homenagem aos grandes promulgadores da colonização e civilização, (...) Em todos os festejos realizados notou-se o bom gosto e ficaram provocados os esforços empregados pelos seus organizadores os srs. Barão de Studart, Coronel Guilherme Rocha, Intendente Municipal e dr. Pedro Augusto Borges, Presidente do Estado.<sup>490</sup>

Para erigir um templo para a história cearense, como desejava Studart,<sup>491</sup> era necessário ainda acumular outras datas cívicas. Em 1916, Guilherme Studart publicou um artigo intitulado *O Ceará deve preparar-se para a comemoração do movimento de 17*.<sup>492</sup> Tendo um caráter convocatório, o artigo relembra o Tricentenário e apresenta uma proposta para a organização da comemoração do

---

<sup>490</sup> STUDART, Guilherme. *Datas e Factos para a História do Ceará*. V. 2. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p.160-161.

<sup>491</sup> Guilherme Studart afirma no prefácio do seu livro *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* que “creio ter ajuntado alguns subsídios, acumulado pedras selecionadas para o magnífico templo da História Cearense”. STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p II.

<sup>492</sup> STUDART, Guilherme. *O Ceará deve preparar-se para a comemoração do movimento de 17*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1916, p. 308-310.

movimento revolucionário de 1817, elencando a data de 3 de maio para o dia da festividade, visto que foi nessa data que Alencar Alves do Quental, Inácio Tavares e companheiros sublevaram a vila do Crato e proclamaram a República no Ceará. No final do artigo, Guilherme Studart nos dá indícios dos usos políticos dessas festas cívicas:

Transmitir às massas populares, ileso e ininterrupta, a tradição, ensinar-lhes os altos feitos dos nossos maiores, zelar com carinho as datas nacionais quer de guerra quer de paz é manter brilhante e fecunda escola de civismo, é conservar viva e pujante a sementeira do patriotismo e da liberdade.<sup>493</sup>

Ao tentar marcar mais uma data no calendário cívico, Guilherme Studart conclama o povo Cearense para que “ajunte as suas datas de triunfos e desfalecimentos, de epopéias e de lágrimas mais esta, que assinala uma das muitas etapas da estrada, algumas vezes ensanguentada, que teve de percorrer no país a ideia republicana”.<sup>494</sup>

Seu convite parece não ter despertado o interesse de outros intelectuais no Ceará, considerando-se a repercussão desse evento na sua correspondência e a escassa publicação de volumes sobre a comemoração. A participação do Ceará nos festejos do Centenário da Revolução de 1817, organizado pelo Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, teria a participação do Barão de Studart, mas ele não pôde representar o Instituto do Ceará na festa, como explica em carta dirigida a Capistrano de Abreu:

Não foi me possível ir a Pernambuco representar o Estado nas Festas comemorativas da Revolução de 17 apesar da instância do Dr. João Thomé de cujo honrosíssimo (sic.) convite mando-lhe uma cópia; dei por substituto o nosso companheiro Pe. Valdivino Nogueira que se saiu da tarefa como todos esperávamos; em compensação estou a publicar no Correio do Ceará curiosos documentos sobre aquele trecho da nossa história.<sup>495</sup>

Além dos documentos publicados no *Correio do Ceará*, surgiram apenas

---

<sup>493</sup> Idem, p. 310.

<sup>494</sup> STUDART, Guilherme. O Ceará deve preparar-se para a comemoração do movimento de 17. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1916, p. 309.

<sup>495</sup> Carta de Guilherme Studart sem data – Acervo do Instituto do Ceará.

dois artigos e um discurso na *Revista do Instituto do Ceará*: um artigo de autoria do próprio Barão de Studart e outro de Mário Melo, e o discurso lido por Pe. Valdevino Nogueira na ocasião do evento no Instituto de Pernambuco.

Apesar da falta de êxito nas comemorações do centenário da Revolução de 1817, Studart continua investindo em outras comemorações. Em 1922, o Brasil se preparou para celebrar a data magna da nacionalidade brasileira, o 7 de setembro, “momento ímpar não só para a realização de um efetivo balanço das reais condições do país, como para a elaboração de projetos que apontasse soluções para a questão nacional”.<sup>496</sup>

Nesse clima comemoracionista, os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro não poderiam ficar de fora. Resolveram participar dos debates, organizando e publicando um volume especial, o *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, confirmando a prática de publicar obras monumentais em momentos de celebrações cívicas.

As produções em torno da festa nacional se multiplicaram. Foi publicado um livro comemorativo do Centenário da Independência editado pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro em 1922, onde foi reproduzido um estudo de Guilherme Studart intitulado “Geografia do Ceará” que seria transformado em livro e impresso em 1924, ano de outras comemorações no Ceará.

O ano de 1924 trouxe dois marcos para rememorar: o Centenário da adesão do Ceará à Confederação do Equador e o Centenário da Imprensa Cearense. Studart busca apoio de outros intelectuais, como Max Fleiuss:

Comemoraremos no ano p.fo. (sic.) os centenários do Jornalismo (1o de abril, Jornal do Pe. Mororó) e da adesão do Ceará à Confederação do Equador (26 de Agosto); faço questão que colabore para o Vº. especial da nossa Revista, ainda mais: que mande tirar cópia de tudo que houver no Arquivo do Instituto Histórico Brasileiro referente a aqueles dois acontecimentos. Diga-me alguma coisa a este respeito e com urgência.<sup>497</sup>

Fleiuss enviou para Studart documentos sobre os eventos comemorados

---

<sup>496</sup> MOTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, 1992, p. 40.

<sup>497</sup> Carta de Guilherme Studart para Max Fleiuss de 20 de novembro de 1923 – Arquivo Particular de Max Fleiuss depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.



em 1924 que auxiliaram na escrita de estudos sobre o tema. Entretanto, Fleiuss não aceita o convite para escrever no volume especial da *Revista do Instituto do Ceará*:

Aplaudo, sem reservas, a feliz ideia da comemoração do centenário do jornalismo cearense e o da adesão do Ceará à Conferência do Equador, e faço votos para que cearenses [está escrito sobre a palavra cerimônias] comemorativos em tudo correspondam à nobilíssima intenção; não lhe prometo, porém, o meu fraco concurso, pois estou muito sobrecarregado com os trabalhos da nossa “Revista”, que a Imprensa Nacional tem retardado.<sup>498</sup>

Trabalhos escritos em épocas de festividades têm o intuito de enaltecer aqueles fatos históricos festejados, os personagens envolvidos, além dos idealizadores do próprio evento. Assim, a luta contra o despotismo de uma monarquia e a tentativa de instauração de um regime republicano nas províncias do norte, realizada por alguns cearenses, era um fato a ser exaltado para consolidar a “jovem república” brasileira, por isso Studart e os membros do Instituto do Ceará não mediram esforços para celebrar a participação do Ceará nesse evento cem anos depois.

A participação do Barão de Studart no Centenário de adesão do Ceará à Confederação do Equador, em 26 de agosto de 1924, deu-se a partir da publicação de alguns documentos e artigos na *Revista do Instituto do Ceará* daquele ano, e da leitura de um capítulo da sua obra *Os Mártires da Confederação do Equador no Ceará* na sessão comemorativa do centenário. Esses eventos ocorreram em uma sessão solene no Teatro José de Alencar, realizada em homenagem às comemorações dos dois centenários. A referida leitura encerrou as festividades e o folheto do seu artigo foi distribuído aos presentes no teatro.

O jornal *O Nordeste* destacou a importância do discurso lido na festa e teceu elogios ao Barão de Studart que “leu ótima síntese histórica desse movimento, cuidadosamente feita por s. s., que é o nosso infatigável esmerilhador de preciosos documentos históricos, fechando-se, pois, com chave de ouro a notável solenidade do Instituto”.<sup>499</sup>

Não bastava a leitura restrita do público cearense, pois o Barão de

---

<sup>498</sup> Carta de Max Fleiuss para Guilherme Studart de 5 de dezembro de 1923 – Arquivo Particular de Max Fleiuss depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

<sup>499</sup> *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 653.

Studart empenhava-se em difundir sua obra em outras searas com o intuito de fazer o conhecimento produzido por ele, sobre o Ceará, circular no campo intelectual brasileiro e ampliar seu “público-leitor”. Enviava livros de sua autoria aos pares intelectuais, distribuindo “presentes de papel”<sup>500</sup> e espalhando seu nome pelo Brasil e exterior.

Além de escrever artigos e organizar volumes especiais para esses eventos, também cuidava pessoalmente das publicações dessas datas comemorativas e preparava as festas. No ano de 1924, providenciou a reimpressão do segundo e do terceiro volume da obra *Datas e Fatos para a História do Ceará* que trazia na contracapa a seguinte legenda: “comemorando o 1º Centenário do Jornalismo Cearense e da adesão do Ceará à Confederação do Equador”.

No seu arquivo, encontramos diversos correspondentes que receberam essa obra. Dentre eles estão: Capistrano de Abreu, Simoens da Silva, Escragnolle Dória, Teodoro Sampaio, Luiz da Câmara Cascudo, Fabrício de Castro Diniz, Bernardino José de Souza, José Pereira Rego Filho, Mário Melo, Max Fleiuss. Este último, um ano antes da festa, escreve uma carta na qual faz votos para que “as cerimônias comemorativas do 1º centenário do jornalismo cearense e o da adesão do Ceará a Confederação do Equador correspondam às suas expectativas”.<sup>501</sup>

A prática de presentear os amigos ou pares com suas publicações era comum entre os intelectuais no século XIX, como pode ser observada na carta de Mário da Silveira, escrita em 10 de dezembro de 1924. O remetente pede três exemplares da obra *Datas e Fatos* e solicita ao destinatário que “guarde meu nome e endereço para que eu seja contemplado com suas generosas distribuições”.<sup>502</sup> Desse modo, atentamos para a estratégia usada por Studart para difundir sua obra. Ele distribuía seus livros, artigos e monografias para os pares ou para as redações dos jornais da época, como informa um articulista do *Nordeste*: “a todos os presentes foi distribuído um folheto, da lavra do Barão de Studart”.<sup>503</sup>

Contudo, era preciso ressaltar a importância da comemoração no Ceará e para os cearenses. Assim, a imprensa de Fortaleza ocupou-se em dar detalhes dos

---

<sup>500</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, nº 28, 2001, p. 25.

<sup>501</sup> Carta de Max Fleiuss de 5 de dezembro de 1923 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>502</sup> Carta de Mário da Silveira de 10 de dezembro de 1924 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>503</sup> *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 654.

acontecimentos arrolados no episódio da Confederação do Equador, como observamos no jornal *O Nordeste*, procurando despertar sentimentos patrióticos nos conterrâneos:

Eis, em suma, os fatos que se passaram, nestes rincões, há 100 de hoje. Memorando-os, queremos, com isso, celebrar as tradições do Ceará e honrar a memória dos que, embora lutando por uma causa injusta (pois nos parece incontestável que a Confederação visava a independência das províncias nelas incluídas) souberam pugnar, com denodo e desassombro, por ideais que consideravam, sem dúvida, nobres e alevantados.<sup>504</sup>

Para consagrar aos mártires cearenses que aderiram à Confederação do Equador um lugar na tradição cearense, foi decretado feriado estadual o dia 26 de agosto. Além disso, os organizadores da festa prepararam um programa com vários eventos, composto de missa campal celebrada na Praça dos Mártires (lugar onde os confederados foram fuzilados), festa da mocidade com sessão litero-musical, um jogo de futebol entre Guarany Sport Club (São Luís) e América Foot-Ball Club (Fortaleza), para a conquista da taça “Confederação do Equador” e uma sessão solene do Instituto do Ceará, realizada no Teatro José de Alencar, onde houve distribuição de livros, folhetos e fotografias por iniciativa do Barão de Studart, como já foi dito.

Em 27 de agosto de 1924, o *Jornal do Comércio* ressalta a parte da programação dirigida aos estudantes das escolas de Fortaleza:

Às 13 horas, no “José de Alencar”, realizou-se a mais formosa festa cívica de que temos notícia em nossa terra. Aos moços da imprensa fortalezense, um pugilo de denodados batalhadores do civismo e do ideal, aos moços da imprensa, dizíamos, coube a maior parcela do brilho extraordinário das comemorações do dia de ontem. Fica, pois a festa da imprensa como um exemplo magnífico à mocidade indiferente de agora, que não sabe cultivar o amor à Pátria e a veneração por tudo que diz respeito às gloriosas tradições de nossos antepassados.<sup>505</sup>

Havia uma preocupação entre os intelectuais e políticos que atravessaram a transição do regime monárquico para o republicano de despertar o

---

<sup>504</sup> *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 637-638.

<sup>505</sup> *Idem*, p. 645.

sentimento patriótico no culto nacional, como percebemos no artigo publicado no *Diário do Ceará*, em 26 de agosto de 1924: “apesar de terem fracassado os planos regeneradores dos heróis do centenário festejado, não nos deslombremos que os seus feitos foram mais eficientes para a cultura cívica do nosso povo do que a chamada propaganda republicana”.<sup>506</sup>

Nesse mesmo ano, em 1º de abril, o Instituto do Ceará também organizou uma sessão solene para comemorar a data do aparecimento do *Diário do Governo do Ceará*, 1º jornal impresso da Província. O Barão de Studart publicou o livro *Para a história do jornalismo cearense*, no qual o autor arrolou cerca de 1.435 periódicos publicados no Ceará nesses 100 anos de existência da imprensa no Estado, trabalho que já havia sido estampado nas páginas da *Revista do Instituto do Ceará* com o título “Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará” em 1898.

Em 1924, Gilberto Freyre organizava o livro do centenário do *Diário de Pernambuco*, que seria publicado no ano seguinte junto com as comemorações do referido jornal, e escreveu ao Barão de Studart agradecendo o aceite para participar da obra:

Acuso, muito desvanecido, o recebimento da carta em que promete sua honrosa colaboração para o livro comemorativo do centenário deste jornal. Quanto ao trabalho do Dr. Eusébio de Souza, muito estimaria saber a extensão: não sendo demasiado extenso, viria por certo dar interesse e brilho ao livro. Peço-lhe pois o obséquio de dar uma ideia da extensão desse trabalho – de preferência, por palavras (calculado baseado na média por página). Aceite, Exm<sup>o</sup> Senhor, a expressão de meu apreço e respeitosa simpatia.<sup>507</sup>

Empenhado nas publicações dos centenários de 1924, Guilherme Studart não teve tempo de atender ao pedido de Gilberto Freyre para escrever um artigo sobre o Senador Pompeu para o *Livro do Nordeste*,<sup>508</sup> obra organizada pelo pernambucano para comemorar o centenário do Diário de Pernambuco. Gilberto Freyre insistiu no convite, como observamos nas cartas enviadas a Studart em

---

<sup>506</sup> Idem, p. 640.

<sup>507</sup> Carta de Gilberto Freyre de 30 de junho de 1924 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>508</sup> FREYRE, Gilberto. *Livro do Nordeste*. Comemorativo do centenário do Diário de Pernambuco: 1825-1925. Recife: Off. do Diário de Pernambuco, 1925.

30/06/1924, 03/10/1924, 30/10/1924 e 14/03/1925,<sup>509</sup> todas ratificando a encomenda do artigo. O livro tinha como intuito reunir estudos sobre nordestinos representativos.

As trocas culturais estabelecidas no “círculo de convivência” de Guilherme Studart indicam que ele consolidou amizade com intelectuais renomados, que renderam o reconhecimento dos seus pares e uma inserção no campo intelectual de sua época, de tal modo, que diante do seu trabalho em organizar festas cívicas e “inventar” datas comemorativas, contribuiu para “cristalizar” uma representação sobre o Ceará.

---

<sup>509</sup> Cartas de Gilberto Freyre sem data – Acervo do Instituto do Ceará.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Nomear os ausentes da casa e introduzi-los na linguagem escrituraria é liberar o apartamento para os vivos, através de um ato de comunicação, que combina a ausência dos vivos na linguagem com a ausência dos mortos na casa.*<sup>510</sup>

Erudito, abnegado, beneditino, infatigável, incansável, sábio, caridoso, patriota, filantropo, religioso, hospitaleiro, bondoso: adjetivos que ecoavam em sessões solenes do Instituto do Ceará quando Guilherme Studart morreu. Em 1938, os editores da *Revista do Instituto do Ceará* comunicaram: “no momento em que ia correr, a “Revista do Instituto do Ceará” perdeu aquele que desde o primeiro número lhe deu a direção luminosa do seu espírito. Morreu o Barão de Studart!”<sup>511</sup>

Na ocasião, os discursos proferidos por Djacir Meneses, Joaquim Alves e Fernando Leite referiam-se ao Barão de Studart como diretor mental da história do Ceará, consagrado historiador pátrio, historiador na verdadeira acepção filosófica do vocábulo, homem de letras, médico assistencialista, clínico humanitário, homem devoto e caridoso, benfeitor dos necessitados. Assim, os discursos seguiam as diretrizes elaboradas pelo próprio Studart em seus textos autobiográficos. Sua elevação ao panteão cívico deu-se a partir da representação dele como erudito dedicado aos estudos históricos, militante católico e médico comprometido com a saúde pública.

Studart escreveu narrativas sobre sua própria vida em textos (auto)biográficos publicados no *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense* e nos *Apontamentos Bio-Bibliográficos* que produziram uma escrita de si para a construção de um perfil intelectual elaborado ainda em vida pelo próprio Studart. Com sua morte, consolidou-se um culto a sua pessoa, reelaborando os significados da sua trajetória nos espaços em que tinha atuado, com destaque para o empenho no Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), instância de

<sup>510</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006, p. 108.

<sup>511</sup> Barão de Studart (nota). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ramos & Pouchain, 1938, p. 178.

consagração dos intelectuais cearenses. O Barão de Studart emerge como figura responsável pela consolidação dos estudos históricos no Ceará devido às pesquisas realizadas nos arquivos (*Coleção Studart*), a produção bibliográfica (139 trabalhos publicados) e a manutenção da *Revista do Instituto do Ceará* por meio século (1887-1937).

Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, uma das premissas que viria a se tornar condição para a escrita da história no século XIX: a existência de documentação indispensável para o labor historiográfico.<sup>512</sup> Os documentos somente poderiam servir à escrita da história se submetidos à crítica rigorosa dos mesmos. A consulta aos arquivos e acervos, e o estabelecimento da autenticidade dos documentos compunham a primeira etapa para a composição de fatos do passado que possibilitariam a escrita da história. Guilherme Studart foi reconhecido como historiador do Ceará devido, em parte, à posse de documentos, reunidos em uma coleção particular.

Como nos lembra Peter Gay, “coleccionar é uma espécie de autobiografia”.<sup>513</sup> Studart colecionava documentos antigos, como sesmarias e cartas-patentes, portarias, diário de viajantes, relatórios de presidentes de províncias, correspondências de membros da burocracia colonial, enfim, qualquer registro escrito relacionado com a sua terra natal e com o seu país. Formou uma coleção invejada por seus pares e estabeleceu um lugar de prestígio e *status* de autoridade em assuntos relativos ao Ceará. Ele se lançou como porta-voz do Ceará ao publicar documentos que pertenciam a seu arquivo pessoal. Possuir “testemunhas escritas do passado cearense” permitiu-lhe fazer-se autor e autoridade no campo historiográfico brasileiro.

Para Guimarães, o arquivo é “condição indispensável para o trabalho do historiador”.<sup>514</sup> Ao reunir papéis sobre a história do Ceará e sobre sua própria vida em sua residência, Studart trouxe o “arquivo” para sua própria casa, formando um

---

<sup>512</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e Erudição. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeí Lopes de. *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 51.

<sup>513</sup> GAY, Peter. *Guerras do prazer: a experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 163.

<sup>514</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e Erudição. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeí Lopes de. *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 44.

arquivo pessoal constituído de documentação “histórica” e documentos privados, como sua correspondência passiva, que funcionava como fonte para sua escrita e tornou-se condição para seu reconhecimento como historiador. A construção de uma representação de si como proprietário da *Coleção Studart*, compondo uma parafernália escriturária que apresenta seu colecionador como um erudito e um sujeito preocupado com o estabelecimento de uma tradição historiográfica local o elenca como um autor de história do Ceará que contribuiu para prescrever procedimentos normativos sobre as formas de narrar o passado.

No século XIX, o estudo do passado era essencial à construção de um sentido para o Ceará, já que nesse período escrever história era um ato cívico que trazia uma vontade pedagógica, pois os eventos registrados poderiam despertar sentimentos de pertencimento, como acreditavam os políticos e os homens de letras da época. Para legitimar a interpretação sobre o passado do Ceará, era necessário criar uma instância de legitimação desse conhecimento. Studart participou da fundação do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) em 1887. Tornou-se editor, impressor e colaborador da revista da instituição, influenciando os modos de conceber, escrever e ensinar a história do Ceará por mais de meio século (1887-1938), além de presidir a instituição de 1929 a 1938.

O século XIX foi um momento de fundação de diversas instituições legitimadoras da produção sobre o passado, período no qual ocorreu um processo de institucionalização dos historiadores no Brasil com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, e de institutos históricos estaduais, como o Instituto do Ceará, embora a maioria dessas instituições estaduais tenha surgido apenas no século XX com a consolidação do regime republicano no país.<sup>515</sup>

Para Jean-François Sirinelli, “as estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados”,<sup>516</sup> pois os elementos que quadriculam e submetem a intelectualidade mudam de um grupo para outro. Como membro de diversos grupos, Studart teceu uma complexa “rede de

---

<sup>515</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>516</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 249.



sociabilidade<sup>517</sup> em locais de saber e poder, o que lhe seria útil durante sua trajetória direcionada à construção de sua autorrepresentação como erudito. Refletindo acerca da historicidade dessa produção autorreferencial, construímos nossa análise com o objetivo de investigar como Guilherme Studart se fez autor por meio de um projeto arquivístico e editorial.

O receio do esquecimento fazia de Studart um autor inquieto diante da morte e dos mortos. Durante mais de uma década, Studart escreveu uma seção de biografias de sócios falecidos (efetivos, correspondentes e honorários) do Instituto do Ceará nas páginas da revista da instituição, no período de 1907 a 1920. Os textos seguem a forma do elogio fúnebre, exaltando a vida do morto e seu legado bibliográfico, mas também realçam queixas quanto ao silêncio e o esquecimento de algumas figuras “ilustres”, como Francisco de Maria de Mello Oliveira, que segundo o autor era um homem de imenso cabedal científico que serviu à pátria e à humanidade, mas a “imprensa do Ceará nem registrou o lutuoso fato!”<sup>518</sup>

Para Studart, o desaparecimento do mundo dos vivos deveria estar articulado com o aparecimento do morto na escrita. Os textos fúnebres escritos por ele exorcizam a morte ao introduzir os mortos em um itinerário narrativo que estabelece um lugar para os vivos ao honrar e eliminar o morto, impondo uma lição ao leitor: manter viva a presença do morto por meio da lembrança.

O dever de lembrar e de ser lembrado fez Guilherme Studart empreender um projeto de arquivamento de si e do Ceará fazendo uso desse material como lugar de produção de si, uma oportunidade de inscrever a si mesmo e o Ceará na escrita de uma história. No presente trabalho, analisamos a construção desse autor que arquivou sua vida em papéis, manipulando sua existência e controlando a imagem que a posteridade teria dele. Contudo, a construção de si é inseparável da construção da memória de grupos. Studart participava de muitas associações intelectuais, religiosas e culturais e guardava no arquivo registros dessa “rede de sociabilidade” que possibilitou nosso entendimento sobre a forma como essa teia de relações foi fundamental para o reconhecimento de Studart e contribuiu para construir, entre seus pares, uma imagem de seu destinatário como um “intelectual

---

<sup>517</sup> Para o conceito de “rede de sociabilidade” cf. Idem, p. 248.

<sup>518</sup> STUDART, Guilherme. Os mortos do Instituto. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1907, p. 431.

erudito” e “historiador do Ceará”.

Esse trabalho, portanto, não tratou de classificar a produção historiográfica de Guilherme Studart nem procurou inseri-lo numa corrente historiográfica. Nossa análise partiu do seu arquivo privado e dos textos dele para refletir como Studart se fez um autor e, principalmente, um autor de história do Ceará.

Observando as homenagens organizadas pelo Instituto do Ceará, especificamente a partir da publicação de dois tomos especiais da *Revista do Instituto do Ceará* publicados nos anos de 1939 e 1956, percebemos a forma como esse culto garantia a legitimidade para a produção historiográfica elaborada pela instituição. O primeiro tomo especial saiu um ano após a morte de Studart, transcrevendo os discursos pronunciados à beira do túmulo, e lidos na sessão fúnebre de 5 de fevereiro de 1938, 30º dia de sua morte. O segundo tomo especial, publicado em 1956, no ano do 1º Centenário de nascimento do Barão de Studart, oferece uma interpretação da produção intelectual do cearense e do seu legado, uma vez que apresenta outros elementos para refletirmos sobre o modo como foi arquitetada a memória desse sujeito multifacetado e construída sua representação como símbolo do Instituto do Ceará depois da sua morte.

Os artigos são uma tentativa dos membros do Instituto do Ceará de institucionalizar e difundir uma determinada representação de Guilherme Studart como um homem de letras, erudito que consolidou os estudos da História do Ceará. Talvez a estratégia mais produtiva para esse fim fosse a publicação de uma biografia sobre o homenageado, mas não houve uma mobilização por parte dos membros do Instituto, em escrever uma biografia. Na época e depois foram feitos pequenos ensaios biográficos, em diversas coletâneas referentes aos fundadores do Instituto do Ceará, aos fundadores da Academia Cearense de Letras, aos cearenses notáveis, aos pesquisadores de História do Brasil ou ainda aos nomes de rua da capital do Ceará,<sup>519</sup> são breves relatos que destacam algum aspecto da trajetória de

---

<sup>519</sup> Os ensaios biográficos podem ser consultados em SOUZA, Eusébio de. *Meio Século de existência (subsídio para a História do Instituto do Ceará) 1887-1937*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1937; AMORA, Manoel Albano. *A Academia Cearense de Letras: síntese histórica*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957; MONTENEGRO, João Alfredo. *Historiografia do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003; LEITE FILHO, Rogaciano. *A História do Ceará passa por esta rua*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007; OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder – o pensamento social cearense no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) - PUC-SP,

Guilherme Studart.

Uma trajetória multifacetada como mostra seu arquivo. Mas, vale destacar que o material existente no acervo revelou “ausências”: cartas da esposa, fotografia da esposa e dos filhos, dados bancários, registros de passagens, escritura de imóveis, enfim uma série de papéis pessoais que armazenamos no cotidiano de nossas vidas e que não foram encontrados no colecionamento de si feito por Studart.

Obviamente, a diversidade presente no “Arquivo particular do Barão de Studart” e na Coleção Studart possibilitaria inúmeras outras análises: sobre o próprio arquivo ou sobre um “fato histórico”, sendo o arquivo usado como fonte de pesquisa, como fez a historiadora Keile Socorro Leite Félix na sua dissertação, “Espíritos inflamados”: a construção do estado nacional brasileiro e os projetos políticos no Ceará (1817-1840), defendida no programa de pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), na qual utilizou documentos arquivados na Coleção Studart para analisar a revolução de Pinto Madeira (1832).

Além disso, o acervo fotográfico armazenado por Guilherme Studart, depositado no Instituto do Ceará, também é uma fonte abundante que poderia ser investigada. Composta de fotografias de si em várias fases da vida, e fotografias de intelectuais do seu círculo de amizade, como Alberto Nepomuceno, Max Fleiuss, Antônio Bezerra, Carlos Teschauer, Paulino Nogueira, Clóvis Beviláqua, Capistrano de Abreu e outros. As fotografias dos outros no acervo pessoal de Studart podem ser um indício da prática de oferecer e trocar retratos entre correspondentes e amigos no campo letrado do período.

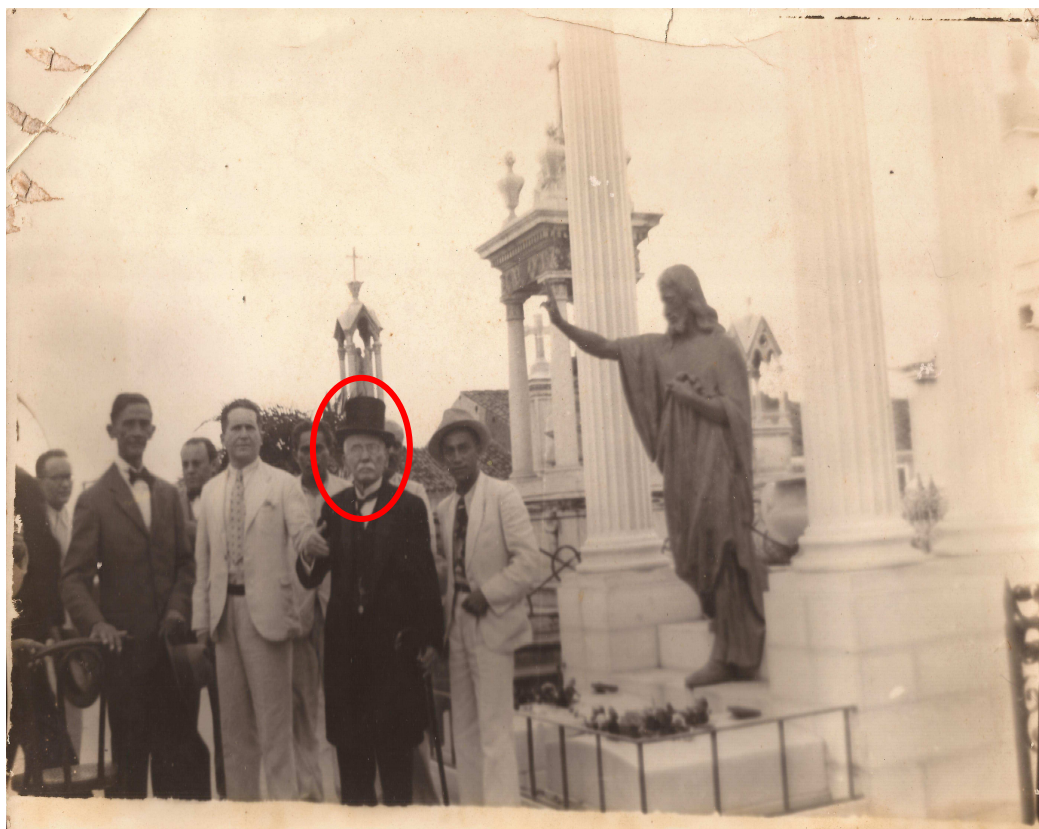
Retratos são uma das formas de representar os vivos, mas também de “imortalizar” os mortos. Quando estava “a contar os passos que o separavam da sepultura”,<sup>520</sup> Studart deixou-se representar em um cemitério (figura 13). Vestido de casaca e cartola, nos anos 1930, ele registrava, mais uma vez, sua autoimagem como um “eterno” erudito que seria reelaborada diversas vezes depois da sua morte. Levando em conta Michel de Certeau, é com essa fotografia que são encerradas as

---

São Paulo, 1998; NOBRE, F. Silva. *1001 Cearenses Notáveis*. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996; AZEVEDO, Rubens. *Os 40 da casa do Barão (Primeiro Centenário do Instituto do Ceará)*. Brasília: Senado Federal, 1993; AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. *Barão de Studart: memória de distinção*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

<sup>520</sup> BARROSO, Euclides. O falecimento do Barão de Studart. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ramos & Pouchain, 1938, p. 44.

considerações finais.



*Figura 13 –Barão de Studart no Cemitério São João Batista– Acervo do Instituto do Ceará*

## FONTES

### 1. FONTES ARQUIVÍSTICAS

#### 1.1 Correspondência passiva de Guilherme Studart (1878-1938)

Localização: Arquivo Barão de Studart – Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

#### 1.2 Documentos da Coleção Studart

Localização: Arquivo Barão de Studart – Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

#### 1.3 Fotografias de Guilherme Studart

Localização: Arquivo Barão de Studart – Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

#### 1.4 Inventário do Barão de Studart

Localização: Cartório de órfãos, Fortaleza, processo nº 154/13, ano de 1938 - Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

#### 1.5 Livro de registro de Consulentes da Biblioteca Provincial do Ceará (1878-1887)

Localização: Livro nº 314. Sem identificação - Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC)

#### 1.6 Correspondência ativa de Guilherme Studart

Localização: Manuscritos - Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

#### 1.7 Correspondência ativa de Guilherme Studart

Localização: Arquivo e Coleção Particular de Max Fleiuss, Rio de Janeiro, ACP 72 – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

### 2. OBRAS DE GUILHERME STUDART

STUDART, Guilherme. Achegas à geografia do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XX. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1906, p. 220-228.

\_\_\_\_\_. A Confederação do Equador no Ceará. Parte cronológica. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo especial, 1924. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 141-188.

\_\_\_\_\_. A Confederação do Equador no Ceará. Parte Histórica. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo especial, 1924. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 189-192.

\_\_\_\_\_. A correspondência de Bernardo Manuel de Vasconcelos e João Carlos Augusto de Oeynhausier com os Ministros D. Rodrigo de Sousa Coutinho e Visconde de Anadia, como subsídio para a história de seus governos. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo III. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1890, p. 5-85.

\_\_\_\_\_. A Diocese do Ceará ou Fortaleza. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1913.

\_\_\_\_\_. Administração Barba Alardo de Meneses. Resumo cronológico e resumo histórico. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1908, p. 327-369.

\_\_\_\_\_. Administração de João Carlos Oeynhausien no Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1925.

\_\_\_\_\_. Administração de João Carlos Oeynhausien no Ceará (continuação). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1926.

\_\_\_\_\_. Administração Manuel Inácio de Sampaio. Parte cronológica. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXX. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1916, p. 201-247.

\_\_\_\_\_. A Exploração das minas de S. José dos Cariris durante o governo de Luis Joseph Correia de Sá, segundo a correspondência do tempo. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo VI. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1892, p. 5-62.

\_\_\_\_\_. A independência do Pará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXVIII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 231-236.

\_\_\_\_\_. Alexandre Humbolt e Bernardo Manuel de Vasconcelos. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo II. Fortaleza: Tipografia econômica, 1891, p. 81-86.

\_\_\_\_\_. *Allocução proferida no círculo Católico de Fortaleza*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1915.

\_\_\_\_\_. Antônio Cardoso de Barros. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXIII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1920, p. 294-299.

\_\_\_\_\_. Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca e seu governo no Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo IV. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1890, p. 189-247.

\_\_\_\_\_. *Apontamentos Bio-Bibliográficos. Dr. Guilherme Studart (Barão de Studart)*. Fortaleza: Tipografia Gadelha, 1928.

\_\_\_\_\_. Apontamentos biográficos do Pe. Chevalier, Iazarista. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XVII. Fortaleza: Tipografia Studart, 1903, p. 251-258.

- \_\_\_\_\_. (org.) *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart “Notas para a História do Ceará”*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896.
- \_\_\_\_\_. Ata da vereação da Vila Nova de Soure. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo V. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1891, p. 236-238.
- \_\_\_\_\_. Autos de criação e divisão do curato de Aracati. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo VI. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1892, p. 63-67.
- \_\_\_\_\_. Auto de criação e levantamento da povoação. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo IV. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1891, p. 300-304.
- \_\_\_\_\_. Auto de vitória feito no local em que foi ferido o Capitão d’Infantaria Carlos Ferreira, governador interino do Ceará (1708). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo VI. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1892, p. 179-180.
- \_\_\_\_\_. Azevedo de Montauray e seu governo no Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo VI. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1892, p. 141-178.
- \_\_\_\_\_. Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XII. Fortaleza: Tipografia Studart, 1898, p. 167-211.
- \_\_\_\_\_. Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará (continuação). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XVIII. Fortaleza: Tipografia Studart, 1899, p. 196-291.
- \_\_\_\_\_. Cearenses elevados ao Sólido episcopal. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1922, p. 416-429.
- \_\_\_\_\_. Cearenses presidentes da Província do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1922, p. 236-241.
- \_\_\_\_\_. *Ciência Médica*. Artigos de propaganda publicado em jornais do Ceará. Lisboa: Tipografia Fênix, 1889.
- \_\_\_\_\_. Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará (memória ao 4º Cong. Médico Latino-Americano reunido no Rio de Janeiro em 1909). In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1909.
- \_\_\_\_\_. *Comemorando o Tricentenário da vinda dos portugueses ao Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1903.
- \_\_\_\_\_. Conselho Geral da Província do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1922, p. 456-494.

\_\_\_\_\_. Conselheiro Tristão de Alencar – Barão de Capanema. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1908, p. 217-220.

\_\_\_\_\_. Dados biográficos do Maestro Alberto Nepomuceno. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXIV. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1920, p. 371-375.

\_\_\_\_\_. *Da Eletroterapia – Tese de doutoramento na Faculdade de Medicina da Bahia*. Bahia: Tipografia de Afonso Ramos & Cia., 1887.

\_\_\_\_\_. Da missão que fizeram o padre Francisco Pinto e o padre Luiz Figueira do Rio ao Maranhão In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XVI. Ano XVI. Fortaleza: Tipografia Studart, 1902, p. 249-254.

\_\_\_\_\_. *Datas e Factos para a História do Ceará*. v. 1, 2, 3. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).

\_\_\_\_\_. Datas e Factos para a história do Ceará o ano antes de sua independência e o ano depois da independência. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXV. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1921, p. 182-230.

\_\_\_\_\_. Datas e Factos para a história do Ceará na primeira metade do século XVIII. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo IX. Fortaleza: Tipografia Studart, 1894, p. 86-138.

\_\_\_\_\_. Datas e Factos para a história do Ceará na primeira metade do século XVIII (continuação). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo IX. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1895, 337-410.

\_\_\_\_\_. Datas e Factos para a história do Ceará. Ultimo quinquênio da Monarquia. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1926, p. 295-353.

\_\_\_\_\_. Descrição do Município de Barbalha. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo II. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1888, p. 9-13.

\_\_\_\_\_. Descrição da comarca de Príncipe Imperial. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1889.

\_\_\_\_\_. Dezenove documentos sobre os Palmares, pertencentes à Coleção Studart. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1906.

\_\_\_\_\_. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. V. 1, 2, 3. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, 1913, 1915.



\_\_\_\_\_. *Do jornalismo católico e sua necessidade nos tempos presentes*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1905.

\_\_\_\_\_. Documentos para a Confederação do Equador no Ceará. Parte cronológica. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo especial, 1924. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924.

\_\_\_\_\_. *Documento para a biografia do fundador do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1895.

\_\_\_\_\_. Documentos para a história de Martim Soares Moreno, coligidos e publicados pelo Barão de Studart. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1905, p. 1-116.

\_\_\_\_\_. *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará*. V. 1. Fortaleza: Tipografia Studart, 1904.

\_\_\_\_\_. *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará*. V. 2, 3 e 4. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1904, 1910, 1921.

\_\_\_\_\_. Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará. 1683-1693. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1922.

\_\_\_\_\_. Documentos relativos ao Mestre de Campo Morais Navarro. Notícias para um capítulo novo da história cearense (Coleção Studart). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXX. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1916, p. 350-364.

\_\_\_\_\_. Documentos relativos ao Mestre de Campo Morais Navarro (continuação). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1917.

\_\_\_\_\_. Dr. Cunha Barbosa. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1907, p. 23-25.

\_\_\_\_\_. Duas memórias do Jesuíta Manuel Pinheiro. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLVI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1932, p. 177-200.

\_\_\_\_\_. Estatística dos principais artigos exportados pelo porto de Fortaleza nos últimos 50 anos. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896.

\_\_\_\_\_. Estrangeiros e o Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1918, p. 191-274.

\_\_\_\_\_. *Estrangeiros e o Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1983. (Coleção Mossoroense).

- \_\_\_\_\_. Faze o bem não cates a quem: uma página da vida do Senador Alencar. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo I. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1887, p. 87-91.
- \_\_\_\_\_. Francisco Alberto Rubim. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XL. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1926, p. 20-25.
- \_\_\_\_\_. Francisco Pinto e Luís Figueira. O mais antigo documento existente sobre a história do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XVII. Fortaleza: Tipografia Studart, 1903, p. 51-96.
- \_\_\_\_\_. *Geografia do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924.
- \_\_\_\_\_. *Geografia do Ceará*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 160-384.
- \_\_\_\_\_. *Gramática inglesa*. Fortaleza: Tipografia de Odorico Colas, 1886.
- \_\_\_\_\_. *História do Ceará*. Família Castro. Apontamentos. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1883.
- \_\_\_\_\_. *História Portuguesa e de Outras Províncias do Ocidente desde o ano de 1610 até o de 1640 da Felice Aclamação d'El-Rei Dom João o 4º*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1903.
- \_\_\_\_\_. Indulto apostólico que por um alvará de S. Ex<sup>a</sup>. que declarou privilegiado o altar das Almas da Igreja Matriz de Russas. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo VI. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1892, p. 182-183.
- \_\_\_\_\_. Inéditos do Padre Antônio Vieira. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*. Tomo XIII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1908, p. 7-31.
- \_\_\_\_\_. Inéditos relativos ao levante ocorrido na Ribeira do Jaguaribe ao tempo de Manuel Francês e Ouvidor Mendes Machado. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo X. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, p. 142-208.
- \_\_\_\_\_. *Jesuítas e Jesuitismo*. Conferência na sede do Círculo Católico de Fortaleza. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1914.
- \_\_\_\_\_. João Baptista de Azevedo Coutinho de Montauray. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo V. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1891, p. 5-81.
- \_\_\_\_\_. João Carlos Augusto Oeynhausén e Manuel Martins Chaves. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXIII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1919, p. 3-21.
- \_\_\_\_\_. João Capistrano de Abreu. Dados bio-bibliográficos. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1927, p. 243-252.

- \_\_\_\_\_. Jornais Cearenses no Quadriênio de 1908-1911. In: *Revista da Academia Cearense*. Tomo XVI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1911, p. 117-120.
- \_\_\_\_\_. José Martiniano de Alencar. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLIII-XLIV. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1929-30, p. 20-28.
- \_\_\_\_\_. Ligeiras notas sobre o café no Estado do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1928, p. 93-102.
- \_\_\_\_\_. Luís da Mota Féo e Torres e seu governo no Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo IV. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1890, p. 5-40.
- \_\_\_\_\_. Mais um centenário. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1908, p. 308-319.
- \_\_\_\_\_. Martim Soares Moreno o fundador do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XVII. Fortaleza: Tipografia Studart, 1903, p. 177-228.
- \_\_\_\_\_. Medicina Popular. In: *Anuário Brasileiro Garnier*. Rio de Janeiro, 1912, p. 409-410.
- \_\_\_\_\_. Moradores do Ceará no Tribunal do Santo Ofício. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XL. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1926, p. 204-212.
- \_\_\_\_\_. *Notas para a História do Ceará*. Segunda metade do século XVII. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre a linguagem e costumes do Ceará. In: *Revista Lusitana*. Porto: Livraria Portuense, 1890, p. 272-273.
- \_\_\_\_\_. O Ceará deve preparar-se para a comemoração do movimento de 17. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXX. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1916, p. 308-310.
- \_\_\_\_\_. O Ceará no tempo de Miranda Henriques e Lobo da Silva e as minas do Cariri. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo VI. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1892, p. 73-114.
- \_\_\_\_\_. O centenário da Independência Maranhense. A participação do Ceará no memorável feito. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1925, p. 203-207.
- \_\_\_\_\_. O jesuíta Antônio Vieira. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1897.
- \_\_\_\_\_. Os jornais do Ceará nos primeiros 40 anos. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo especial, 1924. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 48-118.

- \_\_\_\_\_. *Os Mártires da Confederação do Equador*. Fortaleza: Tipografia Comercial, 1924.
- \_\_\_\_\_. Os mortos do Instituto. Seção de biografias de sócio falecidos (efetivos, correspondentes e honorários). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1907, p. 415-432.
- \_\_\_\_\_. O movimento republicano de 1824 no Ceará. Ligeiros traços biográficos dos mártires de 1824. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo especial, 1924. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, p. 616-618.
- \_\_\_\_\_. O Padre Martim de Nantes e o cel. Dias D'Avila. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLV. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1931, p. 37-52.
- \_\_\_\_\_. O Padre Martim de Nantes e o cel. Dias D'Avila. In: *Revista da Academia Cearense*. Tomo VII. Fortaleza: Tipografia Studart, 1902, p. 41-56.
- \_\_\_\_\_. O Padre Mestre Inácio Rolim. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1918, p. 62-70.
- \_\_\_\_\_. O Rio Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo III. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1889, p. 51-53.
- \_\_\_\_\_. Os sucessores do Governador Borges da Fonseca. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo V. Fortaleza: Tipografia econômica, 1891, p. 232-235.
- \_\_\_\_\_. Ouvidoria e Ouvidores do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1922, p. 60-73.
- \_\_\_\_\_. *Palavras proferidas na Festa do Centenário de Camões*. Fortaleza: Tipografia do Cearense, 1880.
- \_\_\_\_\_. *Para a história do Jornalismo Cearense (1824-1924)*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924.
- \_\_\_\_\_. Para a história do Jornalismo Cearense. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLVII. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1933, p. 143-159.
- \_\_\_\_\_. Para a questão de Grossos – Documentos relativos a Sebastião de Sá. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1916.
- \_\_\_\_\_. Para o litígio sobre os limites entre Ceará e Piauí (Documentos da Coleção Studart). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1921, p. 160-165.

\_\_\_\_\_. Patologia Histórica Brasileira. Documentos para a história da pestilência da bicha ou males. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896b, p. 69.

\_\_\_\_\_. Patologia Histórica Brasileira. Carta ao Dr. Silva. *Gazeta Médica da Bahia*, nº. 1, julho de 1894.

\_\_\_\_\_. *Pathologia histórica brasileira: documentos para a história da pestilência da bicha ou males*. Ed. Fac. Sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

\_\_\_\_\_. Paulistas no Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1927, p. 229-230.

\_\_\_\_\_. Pequeno Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense. In: *Revista da Academia Cearense*. t. 4. Fortaleza: Tipografia Studart, 1899, p. 20-50.

\_\_\_\_\_. Príncipe Imperial. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo III. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1889, p. 198-203.

\_\_\_\_\_. *Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a história do Ceará, que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*. V. 1. Lisboa: Tipografia do Recreio, 1892.

\_\_\_\_\_. *Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a história do Ceará, que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*. V. 2. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896.

\_\_\_\_\_. *Relatório do movimento do Centro literário*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896.

\_\_\_\_\_. Resenha de Cartas, Plantas e Mapas do Ceará no século XX. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1922, p. 374-380.

\_\_\_\_\_. Resenha de Cartas e mapas do Ceará. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1906, p. 65-135.

\_\_\_\_\_. Seiscentas datas para a crônica do Ceará na segunda metade do século XVIII. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo V. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1891, p. 121-231.

\_\_\_\_\_. Sucinta notícia sobre a Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXIX. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1915, p. 354-356.

\_\_\_\_\_. Termo de posse do Governador Francisco da Costa. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo VI. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1892, p. 181-182.

\_\_\_\_\_. Três de maio de 1917. O movimento de 17 no Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXI. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1917, p. 107-160.

\_\_\_\_\_. Um manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1902, p. 172-174.

\_\_\_\_\_. Usos e superstições cearenses. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*. Tomo XV. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910, p. 28-57.

### 3. FONTES IMPRESSAS

#### 3.1 Cartas de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu (5 cartas).

Localização: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 147-154.

#### 3.2 Cartas de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart (39 cartas).

Localização: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 139-188.

#### 3.3 Doações feitas ao Arquivo Público e Museu Histórico do Estado em junho e julho de 1932.

Localização: RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA, Antônio Luís Macêdo e (orgs.). *Museu do Ceará. 75 anos*. Fortaleza: Associação dos Amigos do Museu do Ceará/Secult, 2007.

#### 3.4 *Guia Prático das Conferências de Sociedade de São Vicente de Paulo*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896.

#### 3.5 *Catecismo da Igreja Católica*. 5ª ed. São Paulo: Editora Vozes; Edições Paulinas; Edições Loyola; Editora Ave-Maria, 1993.

#### 3.6 *Estatutos da Sociedade São Vicente de Paulo*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1916.

#### 3.7 Livros e Artigos de Revistas

ABREU, João Capistrano de. Sobre o Visconde de Porto Seguro. In: *Ensaio e Estudos (Crítica e História)*, 1ª série. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1931. Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 23 de novembro de 1882.

\_\_\_\_\_. Sobre uma História do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1899, p. 22-33.

\_\_\_\_\_. Tricentenário do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1904, p. 57-69.

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*: autobiografia literária em forma de carta. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

AMORA, Manoel Albano. *A Academia Cearense de Letras*: síntese histórica. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore nacional*: festas, bailados, mitos e lendas. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Raízes).

AZEVEDO, Otacílio de. *Adágios, mezinhas e superstições*. Fortaleza: Casa Juvenal Galeno, 1966.

AZEVEDO, Rubens. *Os 40 da casa do Barão* (Primeiro Centenário do Instituto do Ceará). Brasília: Senado Federal, 1993.

BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. V. 1. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1948.

\_\_\_\_\_. O Barão de Studart e sua vida intelectual. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, 1956, p. 37-53.

BARROSO, Euclides. O falecimento do Barão de Studart. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ramos & Pouchain, 1938, p. 43-45.

BRÍGIDO, João. *Ephemérides do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1900.

BRITO, Raimundo de Farias. Homens do Ceará: Dr. Guilherme Studart. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1897, p.151-180.

CANTU, Cesar. *História Universal*. V. 1. 2ª ed. Lisboa: Editor-Proprietário Francisco Arthur da Silva, 1875.

CAMPOS, Eduardo. *Medicina popular do Nordeste*: superstições, crendices e mezinhas. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967.

CARDOSO, Graccho. O Tricentenário da vinda dos portugueses ao Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1903, p. 241.

CARVALHO, José. Heroína nacional: Bárbara de Alencar. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1920, p. 199-220.

CASCUDO, Luís Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

FREYRE, Gilberto. *Livro do Nordeste*. Comemorativo do centenário do Diário de Pernambuco: 1825-1925. Recife: Off. do Diário de Pernambuco, 1925.

GOMES, Misael. Discursos na sessão fúnebre. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ramos & Puchain, 1938, p. 20-30.

KRUG, Edmundo. *A superstição paulista*: conferência feita na sociedade científica de S. Paulo. São Paulo: Tipografia Brasil de Rothschild, 1910.

\_\_\_\_\_. Deus e os santos na superstição brasileira. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: IHGSP, 1927, p. 157-208.

\_\_\_\_\_. *Curiosidades da superstição brasileira*. São Paulo: Ed. De autor, 1939.

MAGALHÃES, Josa. *Medicina Folclórica*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

MELO, Mário. Manuscritos sobre a Revolução de 1817. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1917, p. 277-279.

OLIVEIRA, João Perdigão de. O Resumo Cronológico para a História do Ceará pelo Sr. Major João Brígido ligeira apreciação por J. B. Perdigão de Oliveira. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1888, p. 25-79.

PAIVA, J. Barão de Studart – Atleta da Fé e Missionário da Caridade. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 243-251.

POMPEU FILHO, Tomás. *Estado do Ceará na Exposição de Chicago*. Fortaleza: Tipografia de A. República, 1873.

SACRAMENTO BLAKE, Antônio Victorino Alves. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. V. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

SAMPAIO, Pedro. Guilherme Studart, o médico. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 55-60.

SERAINE, Florival. O Barão de Studart e o Folclore. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: E. A. Batista Fontenelle, 1955.

\_\_\_\_\_. *Antologia do Folclore Cearense*. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1968.

SPALDING, Walter. *Tradições e superstições do Brasil Sul (Ensaio de folclore)*. Rio de Janeiro: Edição da “Organização Simões”, 1955.

STUDART, Luís. Apontamentos para a biografia do Barão de Studart. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 67-80.

SUCUPIRA, Luis. O Barão de Studart membro ilustre da Sociedade de S. Vicente de Paulo. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 109-120.

TESCHAUER, Carlos. A lenda do ouro (Estudo ethonológico-histórico). In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1911, p. 3-49.



#### 4. REVISTAS E PERÍODICOS

4.1 Revista do Instituto do Ceará, 1887-1956.

Localização: Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

4.2 Revista da Academia Cearense, 1896-1914.

Localização: Acervo da Academia Cearense de Letras.

4.3 Norte Médico, 1913-1915.

Localização: Acervo da Academia Cearense de Medicina.

4.4 Ceará Médico, 1917-1918.

Localização: Acervo da Academia Cearense de Medicina.

4.5 Revista do Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo, 1888-1938.

Localização: Acervo da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará, Fortaleza-CE.

4.6 Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, 1887-1938.

Localização: Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

#### 5. ALMANAQUES

5.1 *Almanaque do Ceará*, 1895 - 1936.

Localização: Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

#### 6. JORNAIS

6.1 Sitiá

Localização: Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

6.2 A República

Localização: Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

6.3 A verdade

Localização: Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

6.4 Jornal do Ceará

Localização: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/231894/per231894\\_1911\\_01381.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/231894/per231894_1911_01381.pdf)>.

Consultado em 9 de outubro de 2013.

## BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Aracy. *Correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. São Paulo: EDUSP, 2001.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. *Barão de Studart: memória de distinção*. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

\_\_\_\_\_. *Correspondência cordial: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2003.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Karina Anhezini. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. V. 1, nº 32, p. 51-70, 2003.

ARAÚJO, Valdei Lopes de; MEDEIROS, Bruno Franco. A história de Minas como história do Brasil: o papel do APM no confronto entre as perspectivas universalista e corográfica em que se dividiu a historiografia brasileira clássica. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Dossiê História e Arquivística. Ano XLIII, nº 1 (janeiro-julho de 2007). Belo Horizonte: Rona Editora, 2007, p. 22-37.

\_\_\_\_\_. Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdei Lopes de. *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 131-147.

AZEVEDO, Sânzio de. Grêmios literários do Ceará. In: SOUZA, Simone de (Coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 185-197.

BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: RECORD, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

CATROGA, Fernando. Ritualizações da história. In: \_\_\_\_\_; TORRAL, Luís Reis e MENDES, José Amado. *História da história em Portugal, séculos XIX e XX*. V. 2. Lisboa: Temas & Debates, 1998, p. 221-361.

\_\_\_\_\_. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

\_\_\_\_\_. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC/ Museu do Ceará, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ensaio Republicano*. Lisboa: Guide Artes gráficas, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006.  
\_\_\_\_\_. *A Beleza do Morto*. In:\_\_\_\_. *Cultura no Plural*. Campinas, SP: Papyrus, 1995, p. 55-86.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 173-208.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHARTIER, Roger. O homem de Letras. In: VOVELLE, Michel de. *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Editora Presença, 1997, p. 119-153.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília (UNB), 1999.

\_\_\_\_\_. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

\_\_\_\_\_. *Autoria e história cultural da ciência*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 149-164.

CUNHA, Maria Tereza Santos; PHILIPPI, Carolina Cechella. Uma biblioteca sem ordem. Figurações em torno do acervo de livros de um intelectual do século XX. In: RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e (orgs.). *Cultura e Memória: os usos do passado na escrita da História*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/ Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 302-315.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). *Destinos das letras: história e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 75-87.

ECO, Umberto. *A vertigem das listas*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FÉLIX, Keile Socorro Leite. “*Espíritos inflamados*”: a construção do estado nacional brasileiro e os projetos políticos no Ceará (1817-1840). 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil*. O imaginário popular. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. As origens da resenha no Brasil: as experiências de O Patriota. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 325-346.
- FRAIZ, Priscila. Arquivos Pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 73-102.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GARCIA, Ana Karine Martins. O Centro Médico Cearense: organização e atuação dos médicos em Fortaleza entre os anos de 1913 e 1935. In: RIOS, Kênia de Sousa; MEDEIROS, Aline da Silva; LUCAS, Meize Regina de Lucena (orgs.). *Imaginário e Cultura*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 46-60.
- GAY, Peter. *Guerras do prazer: a experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GIRÃO, Raimundo. O Barão de Studart e a Historiografia Cearense. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, 1956, p. 17-35.  
\_\_\_\_\_; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. Ed. Fac.-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.  
\_\_\_\_\_. *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 9-24.

\_\_\_\_\_. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a, p. 93-122.

\_\_\_\_\_. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca. *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, FAPERJ, 2007b, p. 25-41.

\_\_\_\_\_. História, Memória e Patrimônio. In: OLIVEIRA, Antônio Barbosa. *Universidade e lugares de memória*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: Fórum de Ciência e Cultura, 2008, p. 17-40.

\_\_\_\_\_. História e erudição. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeci Lopes (orgs.). *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011a, p. 43-57.

\_\_\_\_\_. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011b. Edições Anpuh.

HARTOG, François. Tempos do Mundo, História, Escrita da História. In: GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013 (Coleção História e Historiografia).

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: para uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEITE FILHO, Rogaciano. *A História do Ceará passa por esta rua*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

LUCA, Tânia Regina de. Periodismo Cultural: a trajetória da Revista do Brasil. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp, 2005, p. 293-312. (Coleção História da Leitura).

MARTIUS, Karl Friederich Phillip von. Como se deve escrever a história do Brasil. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de fontes de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 61-91.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MONTENEGRO, João Alfredo. *Historiografia do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

MOTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Política, Nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e América nos Séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 135-152.

NOBRE, F. Silva. *1001 Cearenses Notáveis*. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, SP – Brasil, 1981, p. 7-28.

OBELKEVICH, James. Provérbios e História Social. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy (org.). *História Social da Linguagem*. São Paulo: UNESP, p. 43-81.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder – o pensamento social cearense no final do século XIX*. 1998. Dissertação (Mestrado em História) - PUC-SP, São Paulo, 1998.  
\_\_\_\_\_. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. 2001. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda Guardar. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº. 4, p. 172-189, 1989.  
\_\_\_\_\_. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e de hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003, p. 65-81.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2011.

OZOUF, Mona. A festa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. *Ordenar para ler: mudanças na Biblioteca Provincial do Ceará em 1878*. 2004. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2004.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. 1 Memória – História. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 51- 86.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPQ, 2005, p. 151-162.

PROPP, Vladimir. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. O limite da letra: a escrita epistolar e a invenção da literatura cearense. In: LUCAS, Meize Regina de Lucena; RAMOS, Francisco Régis Lopes (orgs.). *Correio literário: cartas de intelectuais no Brasil durante o século XX*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2013, p. 175-195.

\_\_\_\_\_. *O fato e a fábula: o Ceará na escrita da história*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. *Papel Passado: cartas entre os devotos e o Padre Cícero*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011 (Coleção Ao Portador, V.2).

\_\_\_\_\_. Rodolho Theóplilo no Museu do Ceará. In: THEÓPLHILO, Rodolpho. *O Caixeiro: reminiscências*. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p. 7-12.

RODRIGUES, José Honório. Introdução. In: *Índice anotado da revista do Instituto do Ceará – do tomo I ao LXVIII*. Fortaleza: ABC Editora, 2002, p. 15-54.

\_\_\_\_\_. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

SABINO, Ana Carla. “Cumpra-se e Registre-se!” Livros de Registro e Acumulação Documentária na Secretaria do Governo da Província do Ceará. In: RIOS, Kênia de Sousa; MEDEIROS, Aline da Silva; LUCAS, Meize Regina de Lucena (orgs.). *Imaginário e Cultura*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/ Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 259-271.

SALES, Tibério Campos. *Medicina, associativismo e repressão: o Centro Médico Cearense e a formação do campo profissional em Fortaleza (1928-1938)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: 2010.

SANTOS, Jovelina. *Círculos Operários no Ceará: “Instruindo, educando, orientando, moralizando” (1915-1963)*. Fortaleza: Edições NUDOC/Expressão Gráfica e Editora, 2007 (Coleção Mundos do Trabalho).

SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos Tipógrafos. In: *SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL*. 1., 2004, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa/UFF, 2004, p. 1-15.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ozângela Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e; GONÇALVES, Adelaide. Apresentação. In: *Álbum de vistas do Estado do Ceará*. Fac-símile da edição de 1908. Fortaleza: Edições Nudoc/Expressão Gráfica, 2006, p. 7-9.

SILVA, Rogério Forastieri da. *Colônia e Nativismo: a História como "Biografia da nação"*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 231-269.

SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo, varão benemérito da pátria*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Maracanaú, 1997.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Eusébio de. *Meio Século de existência* (subsídio para a História do Instituto do Ceará) 1887-1937. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1937.

THOMAS, Keith. *Religião e declínio da magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. \_\_\_\_\_ . Folclore, Antropologia e História Social. In: \_\_\_\_ . *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 227-268.

TREBICH, Michel. *Correspondances d'intellectuels: le cas des lettrés d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947)*. Disponível em: <[www.cnrs.fr/Trebtsch/cahiers\\_20.html](http://www.cnrs.fr/Trebtsch/cahiers_20.html)>. Acessado em 20 out. 2006.

VALE NETO, Isac Ferreira do. *Batalhas da Memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 28, p. 23-47, 2001.



\_\_\_\_\_. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Viana (1883-1951)*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. *As Flores raras do jardim do poeta: o catálogo da coleção Eurico Facó*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006 (Coleção Outras Histórias).

\_\_\_\_\_. NAIME, Khalil Andreozzi. “Das naus as velas côncavas inchando”: navegar em comemoração ao Tricentenário da morte de Camões no Rio de Janeiro (1880). In: RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e (orgs.). *Cultura e Memória: os usos do passado na escrita da História*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 25-36.

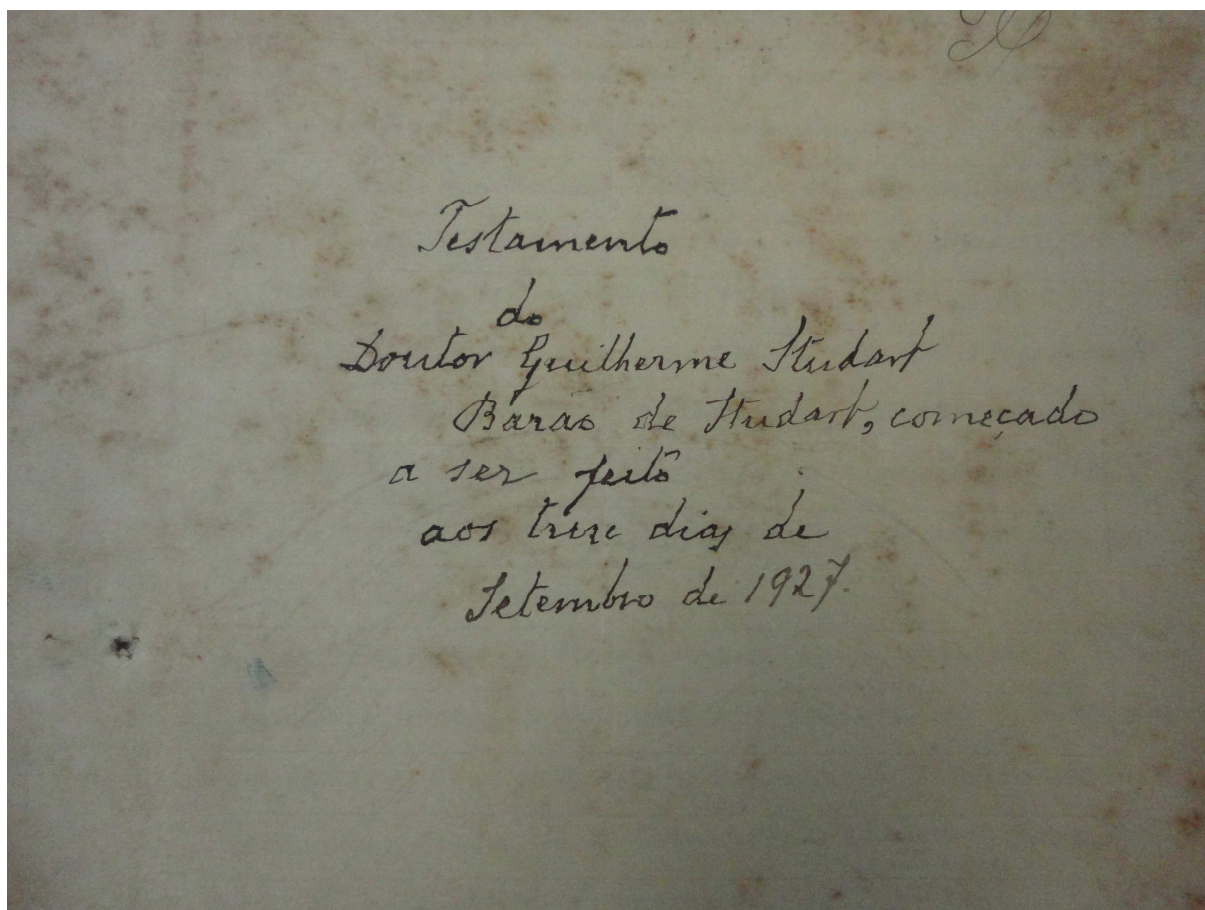
VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Estratégias populares de sobrevivência: o mutualismo no Rio de Janeiro republicano. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V. 29, nº. 58, p. 291-315, 2009.

\_\_\_\_\_. Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880). *Topoi*, Rio de Janeiro, nº.16, V. 9, jan-jun. p. 117-136, 2008.

ZUMTHOR, Paul. A escritura. In: \_\_\_\_\_. *A letra e a voz. A “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 96-116.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART



## ANEXO A – TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.  
 É este o meu Testamento, feito no pleno uso  
 das minhas faculdades mentaes  
 Fui sempre Catholico Apostolico Romano sem duvidas  
 nem tergiversações, e nas doutrinas e praticas de Religião  
 tão sublime e eduquei os meus filhos e encontrei a  
 inspiração para os meus actos e o consolo para todas  
 as minhas magoas e desillusões. Bonto que meus filhos  
 jamais se affastarem de seus ensinamentos. Religião  
 e Patria, jamais elles esqueçam, devesa ser sua  
 divisa e seu norte.

Outra recommendação que tenho muito a peito  
 fazer -lhes, meus queridos e estremecidos filhos, é que  
 vivam na mais estreita e duradoura harmonia e com-  
 pleta união entre si e com seys irmãos José, Severiano  
 e Dolores, que creci e eduquei com amor, zelo e irgi-  
 lancia de pae. A todos, filhos e enteados, abencoo de fundo  
 de minha alma.

Sou viuvo, tendo tido do meu felicissimo consorcio com  
 Luisa da Cunha Studart, filha legitima dos Viscondes  
 de Cambuhy, cinco filhos, dos quaes são vivos Renato, Gui-  
 lherme, Leonisia e Luiz de Gonzaga, aos quaes peço que  
 por minha morte façam ajuntar na mesma sepultura  
 no mausoleu, que fiz construir no cemiterio S. João  
 Baptista, aos meus restos mortaes os restos da nossa miude.

## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

amada e nunca esquecida Luiza, minha mulher e  
mãe delles

Depois de satisfeitos os legados e deixas adiante enumerados,  
serão partilhados os meus bens seguintes, nenhum dos quaes  
está gravado de onus de qualquer natureza:

- 1º Um sobrado de quatro portas de frente, sito à Rua Barão  
do Rio Branco, antiga Formosa N° 82, com meia cacimba,  
avaliada, avaliada com os moveis nelle existentes em  
vinte e cinco contos de reis. 25.000 \$000
- 2º Parte que tinha Sr. Augusta Barbosa, minha tia e madrinha,  
na casa N° 125 da dita Rua Barão do Rio Branco e que  
lhe comprei por 2200 \$000. As outras partes della ja pertencem  
a Luiz de Souza segundo o inventario procedido por morte  
de minha mulher. E' justo que se lhe adjudique esta minha parte.
- 3º Casa N° 3 à Praça Baixo Prado ou da Sé, lado direito,  
travessa para a Rua S. José, comprada aos herdeiros da  
familia Torre, no valor de oito contos - 8000 \$000
- 4º Casa N° 5 à dita Praça Baixo Prado e terreno anexo  
entre ella e a ponta da rua comprehendendo a mercearia  
lha pouco construida por mim e as casinhas que são  
sublocadas pelo verdureiro Antonio Vieira. Telheiros.  
casas de zinco e mais benfeitorias feitas por Francisco  
Hildebrando, Jacauna e Antonio Vieira me pertencem.  
Esse terreno limita-se pela Rua Lampais, hoje Dona  
Barbara, com um terreno de minha entrada Dolores,  
o qual tem 71 palmos. Tudo o que está comprehendido  
sob esse N° 4º é avaliada em dezesseis contos 1600 \$000

Tras casas

## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

- 5.º Tres casas juntas, sendo duas de porta e janella e uma de uma porta N.ºs 74, 76 e 78 à Rua S. José compradas a José Kobiague no valor de tres (3) contos de reis - 3000\$000
- 6.º Uma casa à Rua Tristão Gonçalves N.º 414 e terreno anexo dentro de gradil, que foram do Tabelião Uguel Severo e depois dos meus cunhados, tudo no valor de sete contos de reis.
- 7.º Casa à Rua General José Blarindo, antiga Travessa do Livramento, fazendo esquina com a casa da Rua Tristão Gonçalves (o N.º 6) no valor de cinco contos 5000\$
- 8.º Duas casas de porta e janella na dita Rua José Blarindo N.ºs 422 e 426, tendo ao lado direito dois quintinhos tudo no valor de tres contos de reis - 3000\$000
- 9.º Duas casas de porta e janella, à Rua 25 de Marco N.ºs 487 e 489 compradas à viuva Andre Maia no valor de oitocentos mil reis 800\$000
- 10.º Uma casa de tres portas na dita Rua 25 de Marco N.º 523 comprada à D.ª Raymunda, filha e unica herdeira de Rosa Ferreira d'Assumpção no valor de seiscentos mil reis
- 11.º Tres casas N.ºs 521, 523 (estas duas estão agora reunidas em uma 16) e 525 no Boulevard Visconde do Rio Branco e mais tres casinhas baixas de porta e janella. As 3 casas numeradas foram construidas em terrenos onde estavam casinhas de taipa, que comprei à mulher de José Antonio e a Borrea Javarez tudo no valor de oito contos

## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

contos e quinhentos mil reis. Devem ficar pertencendo a Renato e Guilherme aos quaes ja pertence a chacara junta.

12.º Uma casinha, porta e janella, Nº 823 no ditº Boulevard Visconde do Rio Branco, com 85 palmos de terreno nos fundos a Rua Leopoldina, comprados, casa e terreno, por intermedio do meu compadre Motta, empregado do Correio, a Antonio Baptista de Moraes, tudo no valor de oitocentos mil reis 800.000.

13.º Uma casinha de taipa encravada em 200 palmos de terreno no Boulevard Dom Manoel dando para o Boulevard Duque de Caxias tudo no valor de um conto e quinhentos mil reis.

Por ter eu cedido gratuitamente a Camara Municipal todo o terreno necessario para a abertura do Boulevard Duque de Caxias, ella obrigou-se por Leis de 18 de Junho de 1915 e 28 de Dezembro de 1927 a fazer os respectivos muros e calçadas de ambos os lados do Boulevard Duque de Caxias ficando assim aproveitando os muros e as calçadas tambem a chacara de Renato e Guilherme.

14.º Quatro casas de taipa, com fente de tijollos, juntas, de porta e janella, sitas nas arcias a Rua Barão do Rio Branco, lado par, contiguas a chacara, que pertenceu a viuva Guatter no valor de um conto de reis 1000.000. Devem ficar para Luiz de Gonzaga.

15.º Uma casinha encravada no terreno que Luiz de Gonzaga possui junto a chacara que foi da viuva Guatter, sita nos limites

## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

- nos limites da cerca na Rua Senador Pompeu, no valor de cinquenta mil reis. Deve ficar para Luiz de Gonzaga.
- 16.º Três casas de taipa, porta e janella, nas arcadas, Rua Senador Pompeu entre a dita chacara Guatter e as duas casinhas que fiz construir para Luiz de Gonzaga em substituição às suas duas na Rua da Bachorra Magra, constantes do inventario por morte de minha mulher e que tive de ceder ao Sr Thomé Motta por se ter provado que o terreno da Bachorra Magra, comprada a outrem por mim, era delle Thomé Motta. Valor das minhas tres casas seiscentos mil reis. Devem ficar para Luiz de Gonzaga.
- 17.º Uma casa de taipa, porta e janella, à Rua Santa Isabel, lado impar, junto a uma pertencente ao Sr Thomas Pompeu, perto da Linha de Bonde do Matadouro e na qual mora gratuitamente ha muitos annos uma pobre soccorrida da Sociedade de S. Vicente de Paulo, e comprada a Maria Fran<sup>ca</sup> da Conceição no valor de cem mil reis 100\$000
- 18.º Uma casa e sitio (320 palmos) a Rua Barão do Rio Branco, arcadas, lado par, com fundos de quarteirão inteiro, comprados em hasta publica aos herdeiros do Padre Teixeira. No valor de tres contos de reis.
- 19.º Três casas, frente de tijollo, porta e janella, à Rua da Trindade, arcadas, lado par, junto às 10 casas do meu enteado Dr José Tombra, no valor de trescentos mil reis cada uma. 900\$
- 20.º Quatro casas, frente de tijollo, porta e janella, à Rua da Assumpção, arcadas, lado impar, junto às 10 casas do meu enteado



## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

- enteado Dr. José Lombrá, no valor de trezentos mil reis cada uma
- 21°. Uma casa de tijolo, de 3 portas, à Rua do Lago, hoje Barão de Aratânia, areias, lado ímpar, junto a duas casinhas pertencentes a Leonizia no valor de seiscientos mil reis. Deve ficar pertencendo a Leonizia. 600 000
- 22°. Uma casa de taipa na villa de Loure, que me coube no inventario por morte de minha mulher por sua avaliação de cincuenta mil reis
- 23°. Duas posses de terra no lugar Vacca Gorda, uma posse no lugar Borrego de Roveador e uma posse nos Patos, todas no Municipio de Tapipoca, recebidas em pagamento do espólio de José Antonio Fernandez e que me couberam no inventario por morte de minha mulher por sua avaliação de trezentos mil reis 300 000.
- 24°. Vinte e cinco palmos de terreno à Rua do Lago ou Barão de Aratânia, areias, lado ímpar tendo ao Norte Gabriel Leonidas e ao Sul a Conferencia Vicentina Sagrado Coração de Jesus comprados a Francisca Fernandez de Lima no valor de cincuenta mil reis. 50 000
- 25°. Bem palmos de terreno da dita Rua do Lago, areias, lado ímpar, tendo ao Norte Vicente Alexandre Ferreira e ao Sul Abreu e Irmao, comprados a Manoel Raymundo no valor de duzentos e cincuenta mil reis 250 000.
- 26°. Vinte palmos de terreno na dita Rua do Lago, areias lado ímpar, em que consenti que Antonia Rodriguez de Lima construisse uma casinha sob expressa condição de abandonar o terreno quando eu o exigir. O respectivo documento está no meu cofre. Paga de aluguel oito mil reis por anno. No valor de oitenta mil reis.
- 27°. Vinte palmos de terreno à Rua da Trindade, areias, lado ímpar

## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

lado impar, tendo ao Norte Francisco Hollanda Cavalcante e ao Sul Boris Freres no valor de quarenta mil reis. 76 40

28º. Sessenta palmos de terreno na dita Rua da Trindade, areias, lado impar, tendo ao Norte Antonio Jacyntho de Oliveira e ao Sul Sabino José de Lima no valor de cento e cinquenta mil reis 150H 000

29º. Setenta e sessenta palmos de terreno na dita Rua da Trindade, areias, lado impar, tendo ao Norte Luiz José de Oliveira e ao Sul a Travessa Caminho do Povo no valor de 350H trescentos e cinquenta mil reis.

30º. Duzentos e setenta palmos de terreno na dita Rua da Trindade, lado impar, areias, limitados ao Norte pela Travessa Caminho do Povo e ao Sul com José Antonio de Moura no valor de 500H quinhentos mil reis.

Todos esses terrenos (27 a 30) da Rua da Trindade pagam de foro oitenta reis por palmo segundo contracto celebrado com o Sr Francisco Bezerra, procurador dos Srs Boris.

31º. Setenta e oitenta palmos de terreno a Rua Barão do Rio Branco com fundos correspondentes na Rua Senador Pompeu, areias, comprados a 15 de Maio de 1894 a Bento Manoel Bourca e sua mulher Maria Alves. No valor de quinhentos mil reis.

32º. Duzentos e dez palmos de terreno (30 comprados a Joaquim do Carmo e 180 a Raymundo Rosa) na Rua Barão do Rio Branco, areias, com fundos correspondentes na Rua Senador Pompeu, limitados ao Norte com Venancio José de Moura e ao Sul com Francisco Felix da Silva, no valor de 450H quatrocentos e cinquenta mil reis.

33º. Cinquenta e dois palmos de terreno a Rua Tristão Gonçalves tendo ao Norte Manoel Alexandre da Costa e ao Sul Porphirio Alves Maia com fundos correspondentes na Rua 24 de Maio, tendo ao Norte Maria Avelaques e ao Sul Porphirio Alves Maia no valor de duzentos mil reis.

Bonsenti

## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

- Consenti que um pobre homem (Antonio Coelho) e sua mulher fizessem à Rua 24 de Maio uma casinha sob expressas condições contidas no Livro do Cartorio de Correia Lima. Pagam 3<sup>as</sup> mensaes 34<sup>o</sup> setenta e dois palmos de terreno à Rua do Paquetao ao lado direito do Collegio da Immaculada Conceição comprados a Carlos Braulio Garcia no valor de quinhentos mil reis.
- 35<sup>o</sup> Vinte palmos de terreno na dita Rua do Paquetao também ao lado do Collegio da Immaculada Conceição comprados a Francisco Cardoso da Silva, no valor de duzentos mil reis. A actual Irma Superiora do Collegio, dona do terreno junto a esse meu, fez murar em conjunto ambos os terrenos mas ainda não me apresentou a conta da parte das despesas que me cabe.
- 36<sup>o</sup> Oitenta e sete palmos de tres terrenos no Boulevard Visconde do Rio Branco, todos do lado impar. O que confina pelo Norte com Leopoldo Costa Araujo e pelo Sul com Miguel G. da Frota está servindo de estrada publica mas até agora não recebi a indenização promettida pela Intendencia Municipal. Tudo no valor de seiscentos mil reis 600.000
- 37<sup>o</sup> Accões do Banco baixeiral no valor total de um conto de reis
- 38<sup>o</sup> Cadernetas dos Bancos do Brazil, London e S. José.
- 39<sup>o</sup> Accões (2000 francos) do Empréstimo Francez da Guerra que aceitei a pedido do Sr. Achilles Boris.
- 40<sup>o</sup> Cincoenta e duas Accões do Banco S. José no valor de dois contos e seiscentos mil reis 2600.000
- 41<sup>o</sup> Cincoenta e nove Apolices da Divida Publica, sendo 57 do valor de um conto de reis N<sup>os</sup> 340923 a 340933, 340937 a 340974, 340991 a 341019, 375196, 375197, 341399, 341400, 341408 a 341492, 000077 a 000080, e duas no valor de quinhentos mil reis cada N<sup>os</sup> 1807 e 1810.
- 42<sup>o</sup> Uma Caderneta da baixa Economica N<sup>o</sup> 14717 sob meu nome, que está servindo de fiança ao Agente do Comio de Pacatuba

## ANEXO A – TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

Pacatuba meu confrade Sr. Manoel Affonso P. Mourão na  
 importância de seiscentos mil reis

43° Duas Letras Promissórias de responsabilidade do Dr.  
 Elyzer Studart da Fonseca.

44° Uma Letra Promissória de responsabilidade do Coronel  
 João da Fonseca Barbosa.

45° Um documento do Pharmaceutico Sr. Arthur Borges  
 na importância de dois contos e dezentos mil reis agora  
 os juros até hoje, importância do terreno em que fez o jardim  
 do seu chalet à Rua General Sampaio que ainda não me  
 foi paga apesar das reiteradas promessas delle e do filho Sr.  
 Dr. Edgardo Borges.

46° Duas Letras de responsabilidade do Sr. Arthur Mattos, hoje  
 residente no Rio de Janeiro, na importância de quatrocentos  
 mil reis 400.000.

47° Uma Letra da responsabilidade de Pedro Accioly Gomes  
 de Mattos, do Brato, na importância de um conto de reis.  
 Veja-se a Declaração adiante.

48° Um relógio de ouro do fabricante Rokell e corrente  
 de ouro e platina, um alfinete de gravata com um  
 brilhante grande, um botão de brilhante para camisa,  
 um alfinete de gravata com uma cobra e um broche-passada  
 de gravata também com uma cobra (symbolo da medicina).  
 Tudo no valor de 200.000. Ficam para meu filho Renato.

49° Um relógio de ouro Hornby, corrente de ouro e platina,  
 um botão de brilhante para camisa igual ao de Renato, um  
 alfinete de gravata com 3 brilhantes pequenos, outro alfi-  
 nete de gravata com um pequeno brilhante e uma perola  
 Tudo no valor de 200\$. Ficam para meu filho Guilherme.

50° Um relógio de ouro Bennet, uma cadeira de cabellos  
 para relógio, um alfinete de gravata com um rubim,  
 outro alfinete

## ANEXO A – TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

outro alfinete de gravata com uma perola cercada de pequenos brilhantes, outro alfinete de gravata com cabelo com uma perola no meio, um par de botões de punho feitos dos meus cabellos com uma esmeralda no centro, e um botão (uma perola) para camisa. Tudo no valor de duzentos mil reis. Ficam para meu filho Luiz.

## Declarações.

- 1.<sup>a</sup> Declaro que todos os dinheiros pertencentes à Sociedade de São Vicente de Paulo, Cruz Vermelha e Centro Medico estão depositados no London Bank, no Banco S. José e Casa Frola e Smith.
- 2.<sup>a</sup> Declaro mais que as Apolices do Instituto Pasteur estão guardadas no meu cofre
- 3.<sup>a</sup> Declaro mais que sou membro de varias corporações religiosas, e a todas ellas peço a caridade de suas orações e suffragios.
- 4.<sup>a</sup> Declaro mais que sou socio remido da Protectora Vicentina. A quantia a que tenho direito por morte será applicada em missas pelas almas dos confrades Vicentinos fallecidos.
- 5.<sup>a</sup> Declaro mais que é minha absoluta vontade que o meu enteiro seja muito modesto e sobre o meu caixão não se ponham cosas.
- 6.<sup>a</sup> Declaro mais que é minha vontade que a minha muito amada irmã Leonizia (yayá) retire do meu santuario para si como uma lembrança o Crucifixo contendo Reliquias, objecto para mim de especial recordação, e os Santos (menos o Sulto do 1.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Lourdes, que reserve para Guilherme) que ella desejar, sendo os demais santos repartidos entre meus quatro filhos e ficando para o mais religioso o Crucifixo grande. Tambem se entregará a ella como uma lembrança a redoma contendo os cabellos de Luiza.
- 7.<sup>a</sup> Declaro mais que as Accões da Companhia do Paes do Beara nos 2770 a 2774 inventariadas por morte de minha mulher, apeser de todos os meus esforços ainda não tiveram a devida transferencia nem foram pagos os respectivos juros de de a morte do Coronel Machado, o primitivo possuidor.

8.<sup>a</sup> Declaro

## ANEXO A – TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

8.º Declaro mais que tendo ficado por fiador de uma letra de um conto de reis de responsabilidade do meu conprade Pedro Accioly Gomey de Mattos, do brato, tive de pagar -a para honrar minha firma. O dono da Letra era o Sur Manoel Monteiro. Meus herdeiros tratarão de receber a dita quantia, despendendo, todavia os juros vencidos. Bajo a familia estaja em condições precarias fica perdoada toda a dívida, como ora dou por perdoada as dividas em que estavam para commigo os meus compadres Jeronimo Bernardes e Motta do Correio e o conprade Francisco Hildebrando

9.º Declaro mais que fiz entrega aos meus filhos Renato, Genisnia e Luiz das Apolices da Divida Publica que ficaram lhes pertencendo por morte de sua mae. As Apolices de Guilherme Nos 340979 a 340984 estão dentro do meu cofre.

10.º Declaro mais que é de minha vontade que os meus filhos tenham apenas o uso fructo do sobrado da minha residencia à Rua Barão do Rio Branco No 82 não podendo vendel-o, hypothecal-o, permutal-o, dal-o por caução, alienal-o, enfim por qualquer forma ou feitis que seja. Esse onus, que so consulta vantagens delley proprio, cessará decorrido quinze (15) annos apòs minha morte. Rendimentos que o predio for produzindo durante os quinze annos irão sendo irmanente partilhados com os meus quatro filhos.

11.º Declaro mais que havendo eu consentido na abertura do Boulevard Duque de Caxias nos terrenos das minhas casas do Boulevard Rio Branco gratuitamente, a Camara Municipal de Fortaleza comprometter-se a fazer os muros e as calçadas de ambos os lados do Boulevard Duque de Caxias (Leis de 18 de Junho de 1915 e 28 de Dezembro de 1917).

## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

## Legados e Deixas

- Para celebração de Missas por mim, minha mulher, meus paes e meu enteado Oscarzinho deixo a quantia de quinhentos mil reis (500R) e pelas Almas do Purgatorio duzentos mil reis (200R).
- Para distribuição a trinta (30) familias pobres no 30º dia do meu fallecimento deixo a quantia de trezentos mil reis (300R000).
- A minha filha Leonisia alem do que lhe cabe por lei deixo, mas em uso-functo, a casa N.º 414 a Rua Tristão Gonçalves e o terreno anexo. É a casa N.º 6 do presente Testamento. Por morte della passarão para os filhos ainda sob a mesma clausula, cessando esse onus depois de decorridos quinze annos apoz minha morte.
- As minhas netas e netos, filhos do casamento da minha filha Leonisia com o meu sobrinho Dr. Arthur Studart e do casamento de meu filho Luiz de Gonzaga com D.ª Diná deixo a cada um quatro Apolices da Divida Publica (total trinta e duas Apolices de conto de reis) que lhes serão entregues com os respectivos juros quando attingirem a maioridade. No caso de morte de algum dellas, a parte que lhe devia pertencer será distribuida em partes iguaes pelos irmãos sobreviventes.
- A minha irmã Georgina deixo a quantia de quatro (4) contos de reis. Ella ja recebeu uma Caderneta da Caixa Economica, N.º 4515 no valor de quatro contos e trezentos mil reis.
- As minhas sobrinhas Leonisia e Alzira, filhas de yaya, deixo uma (1) Apolice da Divida Publica de conto de reis a cada uma.
- As minhas sobrinhas Adalgisa de João Guilherme, Edith de Gualdo, Laura de Jorge, Emilinha filha de Glosis e de Laura Walter-Fernando e suas cinco irmãos filhos de Guilherme Fonseca e de Dolores deixo quinhentos mil reis a cada um (500R000).
- A meu irmão Eduardo deixo as seis estatuas de bronze e as effigies de Henrique IV e mulher que estão na sala de visitas.
- Ao meu irmão Alberto e uma filha de Guilherme deixo doze (12) contos (2) a cada um. Ao meu enteado.

## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

Ao meu enteado Sr. José Lomba deixo o retrato a óleo de seu pai, o relógio de ouro que uso e foi presente do pai e minha baixela de mesa (20 peças) guardada no guardalouças da aquia; ao meu enteado Severiano deixo o retrato do seu avô Sr. Joaquim Lomba e os dois bellos quadros de sigalo que estão no meu escriptorio; a minha enteada Dolores deixo os retratos do seu padrinho Fernando da Cunha e seu tio Manoel e a estante de vidro existente na saleta de entrada do meu escriptorio e os livros della, que quizer escolher. Essa estante era a do uso de Luiz.

Os retratos do Sr. Gomes e do meu muito querido Oscarinho ficam pertencendo a Renato, o meu retrato aos seis meses de idade a Guilherme e o meu retrato aos 28 annos a Luiz.

Ao meu genro e sobrinho Sr. Arthur Studart deixo minha colleccão de moedas e medalhas, os dois quadros de Gustavo Doré 1.<sup>a</sup> edição e o meu tinteiro de prata contido na caixa preta. O meu tinteiro de prata e mais pertences contidos na caixa amarello-Terra ficam pertencendo a meu filho Guilherme.

A' minha Sobrinha Larva, mulher de Blois, deixo os tres quadros a óleo existentes na alcova junto à sala de visitas.

A' Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza deixo a quantia de tres contos de reis (3.000.000); a Sociedade de S. Vicente de Paulo, do Ceará, a quantia de dois contos de reis (2.000.000) e a estante N.º 6 da minha bibliotheca e os livros nella contidos



## ANEXO A - TESTAMENTO DO BARÃO DE STUDART

nella contidos os quaes se referem a assumptos religiosos; á Obra da Adoração Nocturna ao S. S. Sacramento em Fortaleza, que foi estabelecida por minha mulher e de que esta encarregada a Sociedade de S. Vicente de Paula, a quantia de um conto de reis (1.000\$000).

- A Alexandrina, ama de leite de meu filho Guilherme, deixo em lembrança de seus bons e constantes servicos a quantia de quatrocentos mil reis (400\$) e peço que acompanhe sempre a meus filhos

- A todos os creados da casa assistentes nella no dia de minha morte deixo cinquenta mil reis a cada um.

- Deixo ao Instituto do Ceará meus livros contidos nas Estantes N<sup>os</sup> 11, 12, 13 e 14; á Bibliotheca Publica de Fortaleza os contidos na Estante N<sup>o</sup> 10; ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Rio de Janeiro, os volumes do meu Archivo Particular guardados na Estante N<sup>o</sup> 1 e os meus Diplomas, cartas e Mapas Geographicos etc que estão sobre as estantes N<sup>o</sup> 4 e a Estante envidracada que fica entre as duas portas do meu escriptorio; e ao Instituto Archeologico Pernambucano os quatro volumes da Nobiliarchia por Borges da Fonseca, obra hoje unica e pela qual recusei a offerta de dois contos de reis

Conclusão. Constituo meus Testamentarios e Procuradores na ordem em que vão aqui enumerados meus filhos Dr. Renato Studart, Dr. Guilherme Studart, Luiz de Gonzaga Studart, meu genro Dr. Arthur Studart, meu enteado Dr. José Sombra e meu sobrinho Dr. Guilherme Fonseca, aos quaes confio a inteira e fiel execucao das disposicoes e vontades exaradas neste documento por mim feito e assignado.

Ceará 4 de Outubro de 1927

Dr. Guilherme Studart

Barão de Studart. Bai.

Deixo quanto este instrumento de auto de reconhecimento de testamento no seu, que, no termo do alto -

## ANEXO B – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO DOCUMENTOS

---

### **Caderno 01. (1519)**

O caderno é dividido em três partes:

1ª parte: Livro de cópias de obras dos autores: N.P. Malsuet; “As mulheres árabes”, de Ch. Lenormant; “Os prisioneiros da Ilha de Cabrera”, de Mr. Duperray; “As mulheres americanas”, de Ferdinand Diniz; e “Atenas em 1829”, de Edgar Guinet.

Obs: O livro encontra-se incompleto.

2ª parte: Terceira parte dos “falsos doutrinários, péssimas conseqüências”, do livro “Reminiscências (apontamentos da história nacional contemporânea), enviado ao Instituto Histórico do Ceará e dedicado ao Barão de Studart, por José Pereira Rego Filho. Onde ocupa-se do Barão de Studart às páginas 38,39 e 41. Fala também ligeiramente de Franklin Távora, do Barão de Studart e de Rocha Lima (pág. 55); de Luis Miranda (pág. 56); de Caio Prado (pág. 63) e de Pedro II (pág. 103). Discorre sobre casamento e divórcio (pág. 125 e segs.) e sobre educação da consciência (pág. 158). Comenta os processos correcionais na França (quadro). Fala em Antônio Bezerra (pág. 192), nos Mourões e Feitosas (pág. 196) e descreve a morte de um redator cearense no Amazonas (pág. 208). Faz considerações ligeiras sobre açudes e irrigação. (pág. 214) e sobre o baile aos chilenos (pág. 273). Cita, como pessoas notáveis do Ceará, o Barão de Studart. Araripe (pai e filho), Moura Brasil, Henrique Samico, Jaguaribe Filho, Tomás Pompeu, Eduardo Salgado, João da Rocha Moreira, Capistrano de Abreu, Paulino Nogueira, Farias Brito, Araújo Lima, Candido Jucá e Antônia Bezerra (pág. 290).

3ª parte: Um capítulo de história médica de um livro inédito oferecido à Academia de ciências físicas e naturais de Havana, falando sobre as epidemias do Brasil no período colonial, oferecido ao Barão de Studart por José Pereira rego Filho, em 13 maio 1909.

---

### **Caderno 02. (1614)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade, insetos e fungos, que produziram manchas, perfurações e odor no caderno de documentos.

Referência: Documentos raros do século XVII (1614 – 1698)

---

### **Caderno 03. (1620)**

Esse caderno resume-se a ofícios, pareceres, cartas régias e pronúncias da coroa portuguesa e do governo geral do Brasil, relativos a administração da capitania do Ceará, notadamente tratando-se de nomeações para cargos administrativos no Ceará (1620 – 1757).

## ANEXO B – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO DOCUMENTOS

---

### **Caderno 04. (1656)**

Composto de 189 documentos que foram organizados com diversos subtítulos, de 118. O teor desses documentos é formado, sobretudo por cartas régias, decretos, ofícios e provisões reais relacionados a Capitania do Ceará. Além de muitas cartas e bilhetes enviados ao Barão de Studart, programações de eventos, índices pluviométricos, história de vida e de produção acadêmica de figuras importantes, numerosos impressos como periódicos, artigos e outros.

---

### **Caderno 05. (1675)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por tinta, que produziram manchas, perfurações no caderno de documentos.

Referência: 1675 – 1796.

---

### **Caderno 06. (1682)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por rasgos, água e fungos, que produziram manchas, grandes perfurações e odor no caderno de documentos.

Referência: 1682 – 1777.

---

### **Caderno 07. (1684)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por escurecimento causado pela corrosão da tinta que produziram manchas, perfurações e odor no caderno de documentos.

Referência: 1684 – 1762, contendo índice ao final do volume.

---

### **Caderno 08. (1701)**

Índice publicado na revista do Instituto do Ceará no tomo LXXXIII, do ano de 1969, página: 207. O caderno tem 42 documentos, dispostos em 332 páginas, referentes ao período de 1701 a 1917.

Obs: Alguns documentos encontram-se em péssimo estado de conservação, posto que fossem danificados por insetos.

## ANEXO B – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO DOCUMENTOS

---

### **Caderno 09. (1718)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade, insetos e fungos, que produziram manchas, rasgos, perfurações e odor no caderno de documentos. O caderno contém ainda desaparecimento da escrita em algumas páginas e desprendimento da encadernação.

Referência: Documentos que tratam das sesmarias da Ibiapaba (1718 – 1739)

---

### **Caderno 10. (1724)**

Índice publicado na revista do Instituto do Ceará no tomo LXXIV, do ano de 1960, página: 376. O caderno tem 94 documentos, dispostos em 732 páginas, referentes ao período de 1724 a 1804.

---

### **Caderno 11. (1756)**

Caderno oferecido por Capistrano de Abreu a Guilherme Studart, adquirido da Biblioteca de Eduardo Prado. Contém vários documentos do Séc. XVIII, incluindo cartas e relatos da Missão dos Capuchinhos no Rio São Francisco.

---

### **Caderno 12. (1759)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade, água, e fungos, que produziram manchas e perfurações no caderno de documentos.

Referência: Ofícios, traslados e outros documentos, originais e cópias (1759 – 1796).

---

### **Caderno 13. (1784)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade, insetos e fungos, que produziram manchas, perfurações e odor no caderno de documentos.

Referência: Livro de traslado de autos (1784 – 1823).

---

### **Caderno 14. (1789)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade, insetos e fungos, que produziram manchas, perfurações e odor no caderno de documentos.

Referência: Volume intitulado “Sobral”, referente aos anos de 1789, 1808, 1813, 1814, 1816 e 1819.

---

## ANEXO B – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO DOCUMENTOS

---

### **Caderno 15. (1795)**

Índice do caderno publicado na revista do Instituto do Ceará no tomo LXXV, do ano de 1961, página 298. O caderno tem 182 documentos, referentes ao período de 1795 a 1926.

Obs: O documento 79 tem como data 6/2/1924, a data se mantém no índice publicado na revista, porém a data que aparece no índice do caderno é 6/1/1924.

---

### **Caderno 16. (1799)**

O Caderno é composto por 80 documentos que foram organizados com diversos subtítulos. Os assuntos são dos mais variados como provisões e portaria da Junta da Fazenda, ofícios, mapas e Cartas Régias, além de documentos referentes ao Governo de Luís Barba Alardo de Menezes. A cronologia dos documentos deste caderno vai de 1799-1811.

---

### **Caderno 17. (1799)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada pela umidade e por tinta, que produziram perfurações e manchas.

Referência: Documentos relativos a Junta da Real Fazenda da Capitania do Ceará e referentes ao Governo interino de João Oeynhausen (1799 – 1811).

---

### **Caderno 18. (1810)**

O Caderno é composto de 413 documentos que foram organizados com diversos subtítulos. Este caderno refere-se a documentos do tempo do Governador Sampaio, constituído de diversos ofícios, requerimentos e autos de querela. (1810-1815)

---

### **Caderno 19. (1811)**

O Caderno é composto de 262 documentos. Este caderno refere-se a documentos do tempo do Governador Sampaio e do Ouvidor Galvão. (1811-1815) – Catalogação em andamento.

---

### **Caderno 20. (1812)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade e insetos, que produziram manchas e perfurações.

Referência: Ofício e correspondências dos capitães-mores (1812)

## ANEXO B – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO DOCUMENTOS

---

### **Caderno 21. (1813)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada pela umidade e por tinta, que produziram perfurações, manchas e clareamento de algumas páginas.

Referência: Ofícios dos capitães-mores (1813).

---

### **Caderno 22. (1815)**

Este volume necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade, insetos e fungos, que produziram manchas, perfurações e odor no caderno de documentos.

Referência: Traslados, relatórios, requerimentos e outros documentos (1815 – 1817)

---

### **Caderno 23. (1815)**

Este volume tem um índice, no entanto necessita passar por um processo de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade, insetos e fungos, que produziram manchas, perfurações e odor no caderno de documentos.

Referência: Traslados, relatórios, requerimentos e outros documentos (1815 – 1817).

---

### **Caderno 24. (1816)**

Índice do caderno publicado na revista do Instituto do Ceará no tomo LXXXII, do ano de 1968, página: 258. O caderno tem 254 documentos, dispostos em 677 páginas, referentes ao período de 1816 a 1825.

Obs: A numeração aqui descrita está de acordo com a do índice publicado na revista do Instituto do Ceará. Vale ressaltar, que sete documentos não seguem a mesma numeração do índice que está no caderno a partir do documento nº 44.

---

### **Caderno 25. (1817)**

O Caderno é composto de 171 documentos que foram organizados com diversos subtítulos. A maior parte dos documentos são referentes à Revolução de 1817, a Confederação do Equador e a Sedição de Pinto Madeira, sendo a tipologia intercalada entre ofícios e proclamações, além de promoções, eleições e lutas de poder nos cargos oficiais do Governo da Província do Ceará.

## ANEXO B – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO DOCUMENTOS

---

### **Caderno 26. (1817)**

Índice do caderno publicado na revista do Instituto do Ceará no tomo LXXIV, do ano de 1960, página: 373. O caderno foi organizado em duas partes. A primeira contém 112 documentos que são referentes à revolução de 1817. A segunda contém 42 documentos, dispostos em 277 páginas, referentes ao período de 1821 a 1888.

Obs: O documento nº 29 tem como data, no índice do caderno, 1840/44, já no índice da revista do Instituto do Ceará está com a data: 1880/4. A data encontrada no documento é 1884.

---

### **Caderno 27. (1817)**

Índice do caderno publicado na revista do Instituto do Ceará no tomo LXXVI, do ano de 1962, página 124. O caderno contém 204 documentos, dispostos em 582 páginas, referentes ao período de 1817 a 1818.

Obs: Grande parte dos documentos sofre corrosão por tinta e por umidade. Recomenda-se restauração.

---

### **Caderno 28. (1825)**

Índice do caderno publicado na revista do Instituto do Ceará no tomo LXXIV, do ano de 1960, página: 382. O caderno tem 2 documentos, dispostos em 384 páginas, referentes ao período de 1825 a 1848.

Obs: Grande parte dos documentos encontrados neste caderno está danificada devida exposição à água. Recomenda-se restauração.

---

### **Caderno 29. (1830)**

O Caderno é composto de 94 documentos que foram organizados com diversos subtítulos. A maior parte desses documentos tratam da sedição de Pinto Madeira. A cronologia aproximada refere-se a década de 1830.

---

### **Caderno 30. (1830)**

O caderno é composto de 263 documentos que foram organizados com diversos subtítulos. A maior parte é constituída de impressos e com alguns documentos em latim, tendo concentrado o período da década de 1830 apesar de não seguir uma ordem cronológica.

## ANEXO B – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO DOCUMENTOS

---

### **Caderno 31. (1831)**

Este volume contém documentos variados, que são em sua maioria cartas enviadas a Guilherme Studart, relatos de viajantes, artigos, impressos, boletins, autos de querela e traslados. Destacando-se a luta pela posse do terreno de Maracanaú e processo movido pelo Padre Cícero Romão Batista (1831 – 1918).

---

### **Caderno 32. (1833)**

Índice do caderno publicado na revista do Instituto do Ceará no tomo LXXVIII, do ano de 1964, página 83. O caderno tem 115 documentos, referentes ao período de 1833 a 1921.

---

### **Caderno 33. (1842)**

Índice do caderno publicado na revista do Instituto do Ceará no tomo LXXI, do ano de 1967, página: 312. O caderno tem 97 documentos, dispostos em 487 páginas, referentes ao período de 1842 a 1854.

Obs1: No índice do caderno, as partes do processo-crime estão separadas detalhadamente, já no índice publicado na revista do Instituto do Ceará, os autos do processo estão agrupados como um único documento que vai da página 1 a 438.

Obs2: Os documentos do caderno estão com a tinta quase ilegível.

---

### **Caderno 34. (1850)**

O Caderno é composto de 128 documentos que foram organizados com diversos subtítulos. Os assuntos são dos mais variados como ofícios, cartas patentes, decreto, além de correspondências endereçadas ao Barão de Studart. A cronologia dos documentos deste caderno é abrangente indo de 1850 até 1892.

---

### **Caderno 35. (1850)**

Documentos relativos ao processo de responsabilidade do Supremo Tribunal de Justiça, movido contra o Ex-presidente da Província do Ceará Joaquim Mendes da Cruz Guimarães (1861 e 1862).

---

### **Caderno 36. (1878)**

O Caderno é um “Livro de óbito” da cidade de Fortaleza dos meses de maio, julho e agosto de 1878 assinado pelo Cônego Hippolyto Gomes Brazil e dirigido ao Cura da Sé José Gurgel do Amaral Barbosa – 6 Set 1878 (O livro contém 246 páginas).



**ANEXO B – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART  
ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO DOCUMENTOS**

---

**Caderno 37. (1892)**

Cópia datilografada da obra: STUDART, Guilherme. **Notas para a História do Ceará**. Lisboa: 1892.

---

**Caderno 38. (Final do século XIX)**

Este volume necessita de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade e insetos, além de possuir rasuras advindas do envelhecimento da tinta e do processo de decomposição de algumas páginas.

Referência: Livro de registro de leis, ordens e cartas da vila de Fortaleza (Final do século XIX).

---

**Caderno 39. (Final do século XIX)**

Este volume necessita de restauração, tendo em vista que apresenta corrosão provocada por umidade e insetos, que produziram perfurações e manchas no caderno de documentos.

Referência: Cópia de documentos jurídicos do final do século XIX.

## **ANEXO C – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO CORRESPONDÊNCIA**

---

### **Caderno 1 (1824-1928 - Cartas avulsas)**

Este conjunto de cartas avulsas não constitui um caderno uniforme, posto que reúne cartas que estavam fora da ordem dos cadernos. Totalizam 64 documentos, cujas temáticas mais recorrentes são: agradecimento por textos publicados na Revista do Instituto, troca de livros e outros. Apresentam-se nesse conjunto os seguintes remetentes: Barão de Vasconcelos, Thomaz Lopes e outros.

---

### **Caderno 2 (1878-1908)**

O Caderno é composto de 396 cartas, cujas temáticas mais recorrentes são: nomeações do Barão de Studart a diversas instituições acadêmicas, além de troca de livros, revistas e dados biográficos para dicionário de autoria do Barão de Studart. Apresenta-se nesse conjunto diversos remetentes, não havendo nenhum mais recorrente.

---

### **Caderno 3 (1890 – 1895)**

O Caderno é composto por 176 documentos, cujas cartas tratavam de assuntos relativos a Sociedade São Vicente de Paula. Destaca-se nesse caderno um bloco contendo 26 correspondências ativas do Barão de Studart.

---

### **Caderno 4 (1896 – 1899)**

O Caderno é composto por 210 documentos, nele os assuntos mais marcantes são a troca de revistas entre Institutos, pedidos de livros, jornais e catálogos; pedidos de empréstimos de dinheiro e assuntos médicos.

---

### **Caderno 5 (1900-1903)**

O caderno 1900-1903 que contém 286 cartas. As temáticas mais recorrentes do caderno 1900-1903 são: nomeação de pessoas como sócio correspondente do Instituto Histórico Antropológico e Geográfico do Ceará; cartas de agradecimento e de pedidos de livros, revistas do Instituto e da Academia Cearense; e principalmente, cartas felicitando o Guilherme Studart pelo Título de “Barão” recebido do Papa. Entre os remetentes mais presentes na correspondência do caderno, podemos citar: Acunha Barbosa, padre Afonso Antero, Belizário, Cônego Ulysses de Pennafort, Armindo Guaraná, Francisco de Moraes Correi, Orville Duby, Joaquim Sombra, P. R. M. Galanti, e outros mais em menor quantidade.

## **ANEXO C – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO CORRESPONDÊNCIA**

---

### **Caderno 6 (1904 – 1907)**

O Caderno é composto de 287 documentos, incluindo nesse número total as fotografias e os bilhetes postais. As temáticas mais recorrentes do caderno são: nomeação de pessoas como sócio correspondente do Instituto Histórico Antropológico e Geográfico do Ceará; cartas de agradecimento ao Guilherme Studart pelo recebimento de livros e revistas; dados biográficos de pessoas que possivelmente entrariam para o Dicionário biobibliográfico de Guilherme Studart; pedidos de publicação de livros e artigos ao Guilherme Studart; notícias de morte; e troca de revistas entre os Institutos Históricos existentes em vários Estados brasileiros com Instituto Histórico Antropológico e Geográfico do Ceará. Entre os remetentes mais presentes na correspondência do caderno podemos citar: Clovis Beviláqua, Belizário e R.B.M. Galanti, mas outros remetentes também se apresentam certa regularidade, falta-nos ainda um número mais preciso.

---

### **Caderno 7 (1908 – 1911)**

O Caderno é composto por 249 documentos, cujas temáticas mais recorrentes são as cartas enviadas por membros de comissões de congressos médicos, solicitação das obras do Barão para Bibliotecas Públicas e Particulares, tratando de prática de agiotagem, além de correspondência institucional que se destina à pessoa do Barão de Studart pelo seu trabalho nas variadas sociedades que o destinatário era membro.

---

### **Caderno 8 (1908 – 1914)**

O Caderno é composto por 249 documentos, cujas temáticas mais recorrentes são a nomeação de pessoas como sócio correspondente do Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico do Ceará; cartas de agradecimento ao Barão de Studart pelo recebimento de livros, revistas do referido Instituto e da Academia Cearense de Letras; dados biográficos dos remetentes; notícias de morte; além de informações sobre viagens pelo Brasil e Europa. Entre os remetentes mais presentes na correspondência do caderno, podemos citar: Vasconcelos, Max Fleiuss, José Pereira do Rego Filho, Carlos Teschauer, Belizário, Rocha Pombo, Afonso d'E Taunay e outros.

---

### **Caderno 9 (1911 – 1913)**

O Caderno é composto de 333 documentos, cujos assuntos mais marcantes são a troca de revistas entre os institutos, os pedidos de livros, jornais e catálogos, pedidos de empréstimos de dinheiro e assuntos médicos. Além disso, encontramos uma troca muito marcante de apontamentos biográficos.

---

## ANEXO C – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO CORRESPONDÊNCIA

---

### **Caderno 10 (1914 – 1915)**

O Caderno é composto de mais de 225 documentos, cujas temáticas mais recorrentes são troca de livros, revistas e dados biográficos para a escrita do *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* do Barão de Studart.

---

### **Caderno 11 (1915 – 1916)**

O Caderno é composto de 325 documentos, cujas temáticas mais recorrentes são a seca de 1915 e as ajudas financeiras recebidas pelo Barão de Studart na assistência aos flagelados da referida seca. Além da nomeação de pessoas como sócios correspondentes do instituto do Ceará, cartas de agradecimentos de livros e revistas. Os remetentes são muito variados e não se pode definir bem aquele mais recorrente.

---

### **Caderno 12 (1917)**

O Caderno é composto de 316 cartas, cujas temáticas mais recorrentes são: nomeação de pessoas como sócio correspondente do Instituto do Ceará, cartas de agradecimento ao Guilherme Studart pelo recebimento de revistas e do Dicionário biobibliográfico, pedido de auxílios, comemoração pela publicação da Revista de 1917, além de convites e comentários sobre conferências da Sociedade São Vicente de Paula. Entre os remetentes mais presentes na correspondência do caderno podemos citar: Domingos Jaguaribe, J. Saboya e Silva, J. Saboya de Albuquerque, Mario Mello, Smith Vasconcelos, Carlyle Martins e Affonso de Taunay.

---

### **Caderno 13 (1918)**

O Caderno é composto de 267 documentos, no qual o remetente que mais se destaca é Vanderillo Hespierre que relata sobre o paradeiro de sua mãe que mora na Europa e há tempo não manda notícia, outra temática que muito se destaca são as nomeações para sócio correspondente do Instituto do Ceará.

---

### **Caderno 14 (1919)**

O Caderno é composto de 283 documentos, sendo o número de passivas maior do que o de ativas. Predominam as cartas enviadas por instituições, principalmente do IHGB. Os remetentes mais recorrentes são Cruz Abreu, Mário Mello e Max Fleiuss, os quais sempre escrevem em nome das instituições a qual pertencem.

---

## **ANEXO C – INVENTÁRIO DA COLEÇÃO STUDART ÍNDICE GERAL DO SUBFUNDO CORRESPONDÊNCIA**

---

### **Caderno 15 (1920 – 1921)**

O Caderno é composto de 500 documentos, cujas temáticas mais recorrentes são agradecimento pelo envio de livros, eleição de sócios correspondentes, negociação de dívidas e empréstimos, além de agradecimentos pelo recebimento da obra do Barão de Studart intitulado “Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará”. Os principais remetentes são: Eusébio de Souza e Tobias Íris da Frota.

---

### **Caderno 16 (1922 – 1924)**

O Caderno é composto de 407 documentos, tendo diversos assuntos entre eles pedidos de empréstimos, perdão de aluguéis atrasados, pedidos e confirmação de envio e recebimentos de livros, jornais, documentos, vale postal, além de convites para conferências da Sociedade São Vicente de Paulo e encontros médicos. Os remetentes mais recorrentes são Carlyle Martins, Clóvis Beviláqua, Eusébio de Souza e Flávio Maroja.

---

### **Caderno 17 (1923-1925)**

O caderno é composto de 247 documentos, cujas temáticas mais recorrentes são troca de livros e revistas, agradecimentos de envio das Revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, já os remetentes mais presentes são: José Amaral, Afonso de Taunay e José Carvalho.

---

### **Caderno 18 (1925-1926)**

O caderno é composto de 292 documentos constituído de variados assuntos, dentre eles troca de revistas entre os institutos, agradecimentos de livros recebidos e pedidos de livros. Os remetentes mais recorrentes são Carlos Teschauer, Max Fleiuss, Afonso de Taunay e outros.

---